

FABIANA CRISTINA DE LIMA

DO VERDÃO À ARENA PANTANAL:

OCORRÊNCIAS CULTURAIS E ARQUITETÔNICAS DO
FUTEBOL MATO-GROSSENSE



**DO VERDÃO À ARENA PANTANAL:
TRAMAS IDENTITÁRIAS NAS OCORRÊNCIAS CULTURAIS
E ARQUITETÔNICAS DO FUTEBOL MATO-GROSSENSE**



UFMT

**Ministério da Educação
Universidade Federal de Mato Grosso**

Reitor

Evandro Aparecido Soares da Silva

Vice-Reitora

Rosaline Rocha Lunardi

Coordenador da Editora Universitária

Francisco Xavier Freire Rodrigues

Supervisão Técnica

Ana Cláudia Pereira Rubio

Conselho Editorial



Membros

Francisco Xavier Freire Rodrigues (Presidente - EdUFMT)
Ana Cláudia Pereira Rubio (Supervisora - EdUFMT)
Ana Carrilho Romero Grunennvaldt (FEF)
Ana Cláudia Dantas da Costa (FAGEO)
Carla Reita Faria Leal (FD)
Divanize Carbonieri (IL)
Elisete Maria Carvalho Silva Hurtado (SINTUF)
Elizabeth Madureira Siqueira (IHGMT)
Evaldo Martins Pires (CUS - Sinop)
Gabriel Costa Correia (FCA)
Gustavo Sanches Cardinal (DCE)
Ivana Aparecida Ferrer Silva (FACC)
Joel Martins Luz (CUR – Rondonópolis)
Josiel Maimone de Figueiredo (IC)
Karyna de Andrade Carvalho Rosetti (FAET)
Léia de Souza Oliveira (SINTUF/NDIHR)
Lenir Vaz Guimarães (ISC)
Luciane Yuri Yoshiara (FANUT)
Mamadou Lamarana Bari (FE)
Maria Corette Pasa (IB)
Maria Cristina Guimaro Abegao (FAEN)
Mauro Lúcio Naves Oliveira (IENG - Várzea Grande)
Moisés Alessandro de Souza Lopes (ICHS)
Neudson Johnson Martinho (FM)
Nilce Vieira Campos Ferreira (IE)
Odorico Ferreira Cardoso Neto (CUA - Araguaia)
Oswaldo Rodrigues Junior (IGHD)
Pedro Hurtado de Mendoza Borges (FAAZ)
Regina Célia Rodrigues da Paz (FAVET)
Rodolfo Sebastião Estupiñán Allan (ICET)
Sérgio Roberto de Paulo (IF)
Zenesio Finger (FENF)

FABIANA CRISTINA DE LIMA

**DO VERDÃO À ARENA PANTANAL:
TRAMAS IDENTITÁRIAS NAS OCORRÊNCIAS CULTURAIS
E ARQUITETÔNICAS DO FUTEBOL MATO-GROSSENSE**

1ª Edição



Cuiabá, MT
2021

Copyright (c) Fabiana Cristina de Lima, 2021.

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº9.610/98.

A EdUFMT segue o acordo ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil, desde 2009.

A aceitação das alterações textuais e de normalização bibliográfica sugeridas pelo revisor é uma decisão do autor/organizador.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L732v

Lima, Fabiana Cristina de.

Do Verdão à Arena Pantanal [recurso eletrônico] : tramas identitárias nas ocorrências culturais e arquitetônicas do futebol mato-grossense / Fabiana Cristina de Lima. - 1. ed. - Cuiabá: EdUFMT digital, 2021.

290 p.: il. color.

Formato da obra: E-book.

Modo de acesso: Word Wide Web

ISBN 9786555880885

1. Estádio de futebol – Cuiabá (MT) - História. 2. Estádio Governador José Fragelli (Verdão) - História. 3. Arena Pantanal - História. 4. Futebol mato-grossense. I. Título.

CDU: 725.8:796.332(817.2)

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFMT.

Bibliotecária: Suelen Neves – CRB1: 2562.

Coordenação da EdUFMT: Francisco Xavier Freire Rodrigues

Supervisão Técnica: Ana Claudia Pereira Rubio

Revisão Textual: Juliana Aparecida da Silva

Diagramação: Kenny Kendy Kawaguchi



Editora da Universidade Federal de Mato Grosso
Av. Fernando Corrêa da Costa, 2.367
Boa Esperança. CEP: 78.060 - 900 - Cuiabá, MT.
Contato: www.edufmt.com.br
Fone: (65) 3313-7155



A partir de sua existência, tudo em mim e
por mim é dedicado a você, **Heitor**.

Mãe, eu te amo.

Jú, você é uma irmã incrível.

Professor **Xavier**, gratidão e admiração por ti.

Sumário

APRESENTAÇÃO	9
CAPÍTULO 1	11
A SUBSTITUIÇÃO DO ESTÁDIO VERDÃO PELA ARENA PANTANAL: TRAÇOS INICIAIS À COMPREENSÃO DA TEMÁTICA	
CAPÍTULO 2	20
A MODERNIZAÇÃO DOS ESPAÇOS ESPORTIVOS DE FUTEBOL COMO PRERROGATIVA AOS NÃO LUGARES: A TRANSFORMAÇÃO DOS GRANDES ESTÁDIOS BRASILEIROS EM ARENAS MULTIUSO	
2.1 Do tradicional ao moderno: o aceleração e a superabundância dos aspectos sociais da atualidade	24
2.2 Do lugar ao não lugar: as influências modernizadoras dos espaços esportivos de futebol no Brasil pró-Copa do Mundo 2014	32
CAPÍTULO 3	73
HISTÓRIA E MEMÓRIA DO ESTÁDIO GOVERNADOR JOSÉ FRAGELLI – VERDÃO E SUA RELAÇÃO COM UMA DEMANDA LOCAL ESPONTÂNEA	
3.1 Algumas tessituras dos estádios de futebol de Cuiabá existentes na década de 1960	75
3.2 De estádio a estádio – Segue a demanda por um espaço de jogo em Cuiabá condizente com o futebol mato-grossense da década de 1970	89
3.3 “‘Verdão’ do sonho à realidade”	95
3.4 Adeus Verão	110

CAPÍTULO 4	113
ARENA PANTANAL: A MODERNIZAÇÃO DO ESPAÇO DE JOGO DE CUIABÁ COMO UM IMPERATIVO PARA COPA DO MUNDO DE 2014	
4.1 Em maio de 2007 a Copa de 2014 começa a ser gestada no coração dos cuiabanos	116
4.2 Aos trancos e barrancos: a trajetória da edificação e o uso da Arena Pantanal em Cuiabá	123
CAPÍTULO 5	145
DO VERDÃO À ARENA PANTANAL: TRAMAS IDENTITÁRIAS NAS OCORRÊNCIAS CULTURAIS E ARQUITETÔNICAS DO FUTEBOL MATO-GROSSENSE	
5.1 Do futebol mato-grossense em franco crescimento nasce o Verdão	148
5.2 Dos tempos de glória à decadência: a trajetória do futebol mato-grossense entre a década de 1970 e o ano de 2018	163
5.3 A Copa do Mundo é nossa! De uma motivação sazonal surge a Arena Pantanal	202
5.4 A estrutura arquitetônica e a relação de familiaridade com o espaço de jogo: o Verdão e a Arena Pantanal constituídos no cenário futebolístico mato-grossense	224
CONCLUSÕES	262
REFERÊNCIAS	269

APRESENTAÇÃO

A presente obra que hoje nos chega às mãos é fruto de uma tese de doutoramento defendida no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal do Mato Grosso. Nela, a autora nos brinda com seu brilhantismo acadêmico, rigor científico e, principalmente, sua inspiração investigativa.

Todas essas qualidades e méritos da autora, seguramente, serão identificados no deleite da leitura das páginas que seguem nessa obra. Aparentemente, e até mesmo apontados por alguns intelectuais como uma exigência lógica de um texto acadêmico, esses destaques poderiam ser considerados comuns e, por que não dizer, obrigatórios. Contudo, para além disso, o trabalho desenvolvido e exposto na presente forma nos mostra, em essência, o que é ser um pesquisador comprometido, com uma escrita refinada e produzir um trabalho com inserção social.

Partindo desses apontamentos iniciais, não posso deixar de manifestar meu contentamento e orgulho pela oportunidade de ser um dos membros examinadores da banca de avaliação da tese e, como se não bastasse, ainda ser convidado para redigir essas palavras iniciais.

Falando especificamente do conteúdo da obra, os estimados leitores irão se deparar com uma narrativa histórica, que transcende a construção de um patrimônio esportivo do Mato Grosso, no qual constituições identitárias foram se moldando a partir de aproximações, envolvimento, distanciamentos, emoções e realizações.

Numa sequência muito bem estruturada e articulada entre os capítulos, encontramos um equilíbrio teórico e empírico que nos salta aos olhos. Inicialmente há uma nítida preocupação da autora em nos situar diante de um contexto de modernização dos espaços esportivos de futebol no Brasil, tendo como pano de fundo a discussão a respeito do

“não lugar”. E, numa extrema competência histórica e analítica, traz em seguida toda conjuntura na qual ocorre o surgimento do Estádio Governador José Fragelli, carinhosamente alcunhado de “Verdão”, e sua subsequente apropriação para transformação do espaço, em nome de um megaevento esportivo, a Copa do Mundo de Futebol FIFA-2014, na Arena Pantanal.

Com base nesse itinerário, os capítulos são repletos de talento e excelência. Ao percorrermos as páginas do texto, nos encantamos com cada detalhe e minúcia apresentada, com extremo cuidado e zelo. Fruto de entrevistas com doze personagens que viveram diretamente as delícias e os dissabores dessa história, somadas ao intenso trabalho de consultas às fontes primárias e secundárias referentes à constituição do seu objeto de estudo, temos o percurso que nos insere nos primórdios do futebol mato-grossense, suas demandas e desejos, nos permitindo transitar nas mais inusitadas, interessantes e relevantes passagens desse universo futebolístico regional. Dessa trajetória são constituídas quatro possíveis categorias sociológicas analíticas, que nos dão a devida dimensão do que, efetivamente, se constituiu esse “trânsito arquetônico” e a definição de identidades e representações sociais esportivas na ótica dos seus entrevistados.

Em suma, temos um presente que se consubstancia no formato de um livro, e, o que é mais relevante ainda, um presente que não fica restrito ao querido povo mato-grossense, mas sim a todo brasileiro amante do futebol e, principalmente, ao apreciador de um estudo rigoroso, de qualidade e comprometido com a causa social.

Ficam aqui o meu registro e indicação de uma grata leitura.

WANDERLEY MARCHI JÚNIOR

Piraquara/PR, outono de 2020.

CAPÍTULO 1

A SUBSTITUIÇÃO DO ESTÁDIO VERDÃO PELA ARENA PANTANAL: TRAÇOS INICIAIS À COMPREENSÃO DA TEMÁTICA

Construído na década de 1970, o Estádio Governador José Fragelli, o Verdão, durante um pouco mais de três décadas representou o principal palco do futebol mato-grossense. Estabelecido a partir da necessidade de ampliar a capacidade de acolhimento de público, visto que, antes de sua construção, na cidade havia somente o Estádio Eurico Gaspar Dutra, o Dutrinha, que abrigava os jogos e, não obstante, sua capacidade em arquibancada não comportava mais o número de torcedores que buscavam o estádio para assisti-los.

Em 1973 é dado início às obras do Estádio Governador José Fragelli, que recebeu o nome do governador do estado em exercício no início de sua construção¹, sendo oficialmente inaugurado em 1976, com capacidade para receber cerca de cinquenta mil pessoas, o que correspondia, à época, a um terço da população total da cidade de Cuiabá.

Passados trinta e quatro anos de sua inauguração, o estádio de futebol, conhecido popularmente por Estádio Verdão², foi totalmente demolido, para dar lugar a um espaço de jogo maior e com arquitetura e tecnologia consideradas atualmente mais modernas. Em 2010, “sai

1 As obras do Estádio Governador José Fragelli foram iniciadas no governo de José Manoel Fontanillas Fragelli (1971-1975), filiado ao Partido Movimento Democrático Brasileiro – PMDB, rebatizado em 2017 de Movimento Democrático Brasileiro – MDB e foram finalizadas na administração do governador José Garcia Neto (1975-1978), filiado ao partido político Aliança Renovada Nacional – ARENA.

2 No decorrer do texto, será utilizado com maior frequência o nome Estádio Verdão, quando o aparelho esportivo que foi demolido para a construção da Arena Pantanal for referido.

de jogo” o Estádio Governador José Fragelli e, em 2014, “entra em jogo” a Arena Pantanal. “Gol contra” ou motivação para o crescimento do futebol no estado?

Apresentando-se como candidato único³ na disputa em sediar o Campeonato Mundial de Futebol⁴, o Brasil é oficializado pela Fédération Internationale de Football Association⁵ – FIFA, por meio de seu presidente Joseph Blatter (1998-2018), como país-sede da Copa do Mundo de 2014, em cerimônia ocorrida no dia 30 de outubro de 2007, na sede da entidade, em Zurique, na Suíça, com a presença do então presidente brasileiro, o senhor Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010)⁶, filiado ao Partido dos Trabalhadores – PT.

Após dezenove meses do anúncio do país a organizar o Mundial de Futebol de 2014, as doze cidades-sedes são eleitas e Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso, consagra-se como uma delas. A partir desse momento foram iniciados os preparativos para receber a Copa do Mundo no Brasil e, dentre as providências que foram tomadas, estão os significativos

3 “Em agosto de 2000, a FIFA iniciou o processo de ‘rodízio’ entre os continentes para determinar os países que sediarão a principal competição do futebol internacional.” (LOPES; MARQUES, 2009, p. 2). Para a edição de 2014, o continente escolhido foi o da América do Sul e o Brasil foi o único país desse continente a submeter uma candidatura. LOPES, Mayra Cristina; MARQUES, José Carlos. A Copa do Mundo é nossa: a organização do Mundial de Futebol no Brasil em 2014, retratada pela imprensa nacional e europeia. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Curitiba, PR – 04 a 07/9/2009.

4 Mundial de Futebol é o nome como também é conhecida a Copa do Mundo de Futebol da FIFA.

5 Descrição da instituição de acordo com o seu idioma de origem. Deste ponto em diante, será utilizada a descrição da instituição traduzida em língua portuguesa do Brasil.

6 Período em que exerceu o referido cargo. Neste formato, também serão informados os períodos de ocupação de cada cargo apresentado em todo o corpo do texto desta obra.

ajustes dos estádios para deixá-los de acordo com os padrões de segurança e conforto estabelecidos pela entidade organizadora FIFA.

A necessidade das adequações dos equipamentos esportivos foi declarada desde a ocasião em que o Brasil sinalizou seu interesse em sediar o Mundial de Futebol e essas adequações representaram uma das principais exigências da FIFA⁷. Assim, de amplas reformas estruturais à construção de novos equipamentos esportivos, todas as cidades-sedes ajustaram seus estádios de futebol aos padrões exigidos.

Em nome desses padrões foi anunciado o fim do Estádio Verdão que, mesmo com determinados apelos por sua preservação, foi posto abaixo em maio de 2010 e, desse feito, foi dado início a construção do novo aparelho esportivo mato-grossense, que passou a ser chamado de Arena Pantanal.

Construída entre os anos de 2010 a 2014, a Arena Pantanal foi edificada em uma versão multiuso, com a finalidade de constituir-se como o maior e mais moderno equipamento esportivo do estado de Mato Grosso e dar condição a Cuiabá de se efetivar como umas das subsedes oficiais da Copa do Mundo de 2014. Desta transição arquitetônica, em que um estádio teve que ser apagado da paisagem urbana da cidade de Cuiabá para que outro surgisse, nasceu o interesse em desenvolver um estudo que demonstrasse a influência do espaço de jogo, estádio, na

⁷ “A FIFA exigia o cumprimento de vinte e seis requisitos mínimos para a apresentação de propostas das cidades que pretendiam sediar os jogos. Os requisitos foram: estádio, entorno, transporte público, centros de treinamento, parque de eventos FIFA, infraestrutura de suporte, tecnologia de informação, acomodações, turismo, marketing, embelezamento, saúde pública, gerenciamento de riscos, eventos FIFA, segurança, legislação, voluntariado, sustentabilidade, gerenciamento de custos, eventos de negócios, portos e aeroportos, suprimentos, cultura, legados, coordenação local e financiamento. O foco para o desenvolvimento dos projetos de arquitetura passava pela adequação do estádio e do entorno, definição dos meios de transporte público a serem adotados ou desenvolvidos, a escolha de 03 campos oficiais de treinamento [...]” (CERETO, 2014, não p.).

concepção da modalidade esportiva futebol para determinados grupos, a ponto de influenciar a identidade futebolística de uma região.

No intuito de encaminhar os procedimentos necessários para o desenvolvimento deste estudo, objetivou-se verificar a significação atribuída ao antigo Estádio Verdão, e à atual Arena Pantanal, por torcedores/líderes de torcida organizada, ex-jogadores, ex-técnicos, técnicos, ex-dirigentes, dirigentes⁸, ex-comentarista, ex-árbitro e jornalistas, atuantes na modalidade esportiva futebol, que acompanharam essa transição arquitetônica. Buscou-se, também constatar a transcurso e as demandas da/para a construção do Estádio Verdão e da Arena Pantanal; compreender a relação estabelecida entre a condição do futebol mato-grossense e o espaço de jogo local; compreender se as manifestações dos torcedores são as mesmas no Estádio Verdão e na Arena Pantanal e verificar se as reconfigurações do maior estádio de futebol mato-grossense influenciaram na produção de uma nova identidade futebolística local.

Para o alcance da compreensão sobre a influência do estádio na concepção da modalidade esportiva futebol, este estudo foi desenvolvido sob a hipótese de que a substituição do Estádio Verdão pela Arena Pantanal, justificada pela necessidade de um espaço de jogo mais moderno, seguro e confortável para a realização de partidas da Copa do Mundo de 2014, interferiu no sentimento de pertencimento dos frequentadores desse espaço de jogo de futebol mato-grossense, opondo-se aos elementos identitários, históricos e relacionais já estabelecidos com o aparelho esportivo de outrora.

A necessidade da investigação ocorreu a partir do reconhecimento de que o local onde o jogo de futebol acontece exerce um papel importante tanto para os jogadores quanto para os frequentadores do estádio, pois ele é parte

⁸ Todos os sujeitos participantes desta investigação que desempenharam alguma função relacionada oficialmente à gestão de uma equipe de futebol de Mato Grosso foram enquadrados no termo dirigente ou ex-dirigente.

constitutiva da história social, cultural, simbólica e afetiva de um povo. Os estádios de futebol representam “um dos mais antigos lugares-comuns” da sociedade. São nas experiências ocorridas nos estádios que se formulam “pontos de referência do espaço urbano, lugares onde a sociedade preserva e conta sua história.” (ASSUMPCÃO, 2004, p. 143, 151).

Para Damo (2014, p. 26), existe um vínculo muito profundo entre a questão da identidade e o futebol, uma vez que esta questão é fundamental para a “compreensão de qualquer dinâmica de grupo.” Além disso, o espaço de ocorrência desse esporte, principalmente aquele voltado para o espetáculo, “se oferece como uma fonte generosa de questões a serem investigadas, pois nele são extensos e multifacetados os arranjos em termos de identidade e alteridade.”

Neste ponto, diversas perspectivas de análise que englobam as atribuições de sentidos e que legitimam a construção e/ou a demolição de estádios, tornam-se oportunas. Pois, enquanto “na construção dos estádios cristalizam-se elementos simbólicos de afirmação de valores a serem compartilhados identitariamente” (*Ibid.*, p. 144), na sua reformulação estrutural, busca-se ajustar a instalação esportiva ao “momento experimentado pela vida social e anseios da população do contexto.” (ROCCO JÚNIOR; MAZZEI; OLIVEIRA, 2015, p. 4).

Considerou-se aqui que pesquisar o local onde o esporte que mais atrai público em todo o Brasil é praticado, incide na possibilidade de desvelar um dos processos de construção de identidade no/do futebol, pois entendeu-se, assim como Leite (2012, p. 5), que estudar o lugar “constitui-se alternativa concreta de compreensão da realidade; de identificação; de reafirmação, ou não, das identidades individual e coletiva; de construção do self, e do desenvolvimento humano.”

Estudar o lugar permite, antes de tudo, conhecê-lo, possibilitando o seu desvelamento, o qual consiste em um processo contínuo, dinamizado

pela estrutura da interação cotidiana do indivíduo com o seu ambiente e das marcas que esse ambiente imprime no indivíduo. E é considerado como desvelamento porque, segundo Leite (2012, p. 5), “o lugar é percebido de distintos modos, ângulos, perspectivas de vida – individuais e coletivas em consonância com os interesses e propósitos de diferentes momentos, de determinada conjuntura, de específico contexto.”

Também por essas orientações, e juntamente aos significados atribuídos de maneira mais geral, considera-se na investigação do sentido atribuído à demolição do Estádio Verdão e à construção da Arena Pantanal, um importante mecanismo de compreensão sobre como as relações com o futebol podem ser afetadas a partir do sentimento de perda ou de ganho de alguns agentes esportivos, com relação ao espaço de realização do jogo, que, por consequência, pode gerar mais aproximação ou distanciamento popular deste esporte.

Posto isso, considerando que, ao conhecer o lugar, há a possibilidade “de amadurecimento; de desenvolvimento do sentido de identidade, de pertencimento a algum grupo, a um dado espaço, a um território, a uma cultura, a referências simbólicas; à identificação de simpatias/antipatias, inclusão/exclusão.” (LEITE, 2012, p. 5).

Neste processo de integração e/ou desintegração social, que pode ser deflagrado com a construção e/ou com a demolição de determinados monumentos urbanos de identificação e mobilização social, como, de certa forma, foi sugerido por Assunção (2004), que este estudo foi concebido e estruturado, também, pela consideração de que, assim como proposto por Augé (1994, p. 110), “não há mais análise social que possa fazer economia dos indivíduos, nem análise dos indivíduos que possa ignorar os espaços por onde eles transitam.”

Diante disso, considera-se como relevante a realização de investigações que discorram sobre os significados atribuídos por determinados grupos aos

espaços urbanos com potencial de reunir um numeroso público, de agregar emoções e, fundamentalmente, representar um dos mais significativos espaços de sociabilidade dos brasileiros, assim como é entendido aqui, sobre os estádios de futebol.

Com a realização desta investigação, não houve a intenção de responder a todas as questões a respeito da formação de identidade, que caracteriza o perfil de um sujeito afeto ao esporte futebol, mas colocar à disposição informações que contribuam para a compreensão de como determinados acontecimentos podem influenciar na condição, mudança, posicionamentos de determinados modos de agir/estar destes sujeitos nos estádios.

Isso, também, na consideração de que o futebol contribuiu para o desenvolvimento da noção de identidade nacional dos brasileiros, fundamentalmente a partir da década de 1930, quando ocorreu a redefinição das concepções de nacional pelo setor político e cultural e, com a ampliação do acesso aos meios de comunicação de massa, o futebol ganhou popularidade e impulsionou a integração e o desenvolvimento social das camadas mais pobres. Neste momento, esse esporte tornou-se um elemento exponencial na caracterização da identidade nacional brasileira. (FRANZINI, 1997).

Por esta razão, foram aqui reunidas informações tangentes à antiga e à nova “grande casa” do futebol local, prestadas por doze agentes esportivos conhecedores do Estádio Verdão e da Arena Pantanal.

Os agentes esportivos da modalidade de futebol que cederam informações fundamentais para a constituição deste estudo são do sexo masculino, no momento dos contatos estabelecidos apresentavam a faixa etária média de cinquenta e cinco anos e foram convidados para participar da investigação atendendo a dois critérios de seleção: ter participado expressivamente em atividades esportivas de futebol realizadas no Estádio

Verdão e na Arena Pantanal e terem acompanhado a transição arquitetônica entre esses dois aparelhos esportivos.

Quanto à relação dos participantes com os espaços de jogo de Cuiabá abordados por esta investigação, quatro entre os doze entrevistados declaram ter participado da festividade de inauguração do Estádio Verdão, dois deles jogaram no quadrangular da inauguração e todos os doze sujeitos informam ter participado das atividades esportivas iniciais da Arena Pantanal.

Os sujeitos participantes atenderam prontamente uma das demandas do estudo, que foi a participação na entrevista semiestruturada, instrumento de coleta de dados eleito como uma forma de apreender informações pertinentes à questão central que motivou a realização da pesquisa, desenvolvida entre os meses de junho a novembro de 2018, sob a perspectiva qualitativa de investigação.

Para melhor explorar as informações particulares a cada sujeito entrevistado, tangentes ao objeto de interesse desta investigação, foram preparadas quinze questões abertas – cinco relacionadas ao Estádio Verdão, quatro voltadas à Arena Pantanal e outras seis situando uma relação entre esses dois maiores espaços de jogos de futebol do estado de Mato Grosso. As questões norteadoras foram organizadas em um roteiro de entrevista de maneira que pudessem produzir uma sequência de apresentação de informações, obedecendo ao tempo cronológico em que cada um desses aparelhos esportivos encenou e encena sua presença na paisagem urbana da cidade de Cuiabá.

Desse modo, essa pesquisa, que teve como enfoque principal apreender o significado atribuído pelos agentes esportivos da modalidade de futebol ao maior estádio de outrora e ao atual maior estádio mato-grossense, como uma possibilidade para compreender a influência do espaço de jogo na formulação da identidade futebolística de uma região, estruturou-se de maneira a apresentar os processos de modernização que

ocasionaram modificações, das mais diversas ordens, no contexto social que, no que lhe concerne, determina a relação identitária do sujeito com os seus espaços de vivências, considerando, mais especificamente, às questões inerentes aos impactos decorrentes das tensões geradas pela modernização dos estádios brasileiros pró-Mundial de Futebol de 2014, com o potencial de transformá-los de lugar a um não lugar, na perspectiva de dar suporte à análise das atuais relações do sujeito frequentador dos equipamentos esportivos de interesse desta investigação.

Neste estudo também é abordada a história da edificação do Estádio Governador José Fragelli, o Verdão, pertinente às informações sobre as demandas locais por um espaço de jogo equivalente à importância da modalidade esportiva futebol no estado de Mato Grosso na década de 1970, que fizeram surgir o equipamento esportivo que esteve a serviço dos maiores eventos futebolístico no estado durante um período de trinta e quatro anos. No decorrer desta obra, também está descrito o percurso da edificação da Arena Pantanal, dos fatores que motivou o surgimento do novo equipamento esportivo para os mato-grossenses, em substituição ao Estádio Verdão e a forma atual de utilização do espaço de jogo, construído de acordo com os padrões estabelecidos pela FIFA.

CAPÍTULO 2

A MODERNIZAÇÃO DOS ESPAÇOS ESPORTIVOS DE FUTEBOL COMO PRERROGATIVA AOS NÃO LUGARES: A TRANSFORMAÇÃO DOS GRANDES ESTÁDIOS BRASILEIROS EM ARENAS MULTIUSO

A modernização é um processo contínuo que promove modificações das mais diversas ordens. No contexto social, seja na paisagem urbana, nas diferentes formas de linguagens e interações entre sujeitos, no meio de produção, nas estruturas econômicas e políticas, esse processo interfere diretamente na estrutura cultural, no que lhe concerne identitária, de uma localidade. A relação tempo-espaço na sociedade contemporânea tem sido marcada pela velocidade com que as transformações acontecem e, em razão disso, as configurações sociais e institucionais ficam cada vez mais insólitas, voláteis, transitórias.

Nesta dinâmica, raros são os elementos que conseguem se fixar por um longo período e a modernização segue desfigurando o tradicional que, envolvido em um movimento cíclico, com pouco tempo para se reorganizar em conjunturas novas, antes mesmo de configurar-se como habitual, novamente é tomado por mudanças.

A tradição requer continuidade, resiste à modificação drástica, ela é particular e dinamizada dentro da comunidade, pois integra a ação humana numa organização tempo-espacial em que cada grupo encontra a maneira de lidar com o tempo e o espaço e “insere qualquer atividade ou experiência particular dentro da continuidade do passado, presente e futuro, sendo estes por sua vez estruturados por práticas sociais recorrentes.” (GIDDENS, 1991, p. 38).

É das possibilidades de transmissão dos aspectos do comportamento, dos costumes, do ritual ou do uso de artefatos das gerações passadas para as contemporâneas, que surgem os exemplos mais distintos de tradição, “comumente entendida como um segmento relativamente inerte de uma estrutura social, uma ‘sobrevivência do passado’”, o que causa, muitas vezes, a impressão de que a tradição seja “como uma dimensão cristalizada, imóvel, da cultura.” (CASTRIOTA, 2014, p. 3).

Contudo, essa compreensão, segundo Castriota (2014, p. 2-3), pode ser abrangida como uma dimensão conservadora da tradição, em que o presente seria uma repetição fiel do passado “através daquilo que dele herdou.” Diferente disso, para o referido autor, a tradição, considerada em um sistema cultural que não é estático, passa por um contínuo processo de modificação ocorrido “pelas inevitáveis variações trazidas pelo tempo.” Contudo, o que poderia definir uma determinada permanência de aspectos relativos a costumes, comportamentos, ritos que são herdados e que poderia significar a presença de uma tradição, do passado no presente, são as mudanças que resultam da própria dinâmica do grupo, que ocorrem gradativamente pelas necessidades internas ou pelo contato com outras culturas. E o rompimento com a tradição seria as mudanças bruscas ocorridas pela influência drástica de um sistema cultural do outro.

Um ponto que também é considerado sobre a perspectiva de tradição, é a inserção temporal dos costumes, do ritual ou do uso de artefatos existindo no presente (*Id. loc. cit.*), que não precisa ser, necessariamente, muito extensa. Certa flexibilização sobre um tempo de permanência muito longo de um “saber fazer”, contribui, também, para compreender o sentido de “tradição inventada” proposto por Hobsbawm (2008, p. 9), que é abrangente às tradições de fato “inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira

mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez.”

Assim, segundo Hobsbawm (2008, p. 9):

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.

Entretanto, segundo o mesmo autor, a tradição não precisa pertencer a um passado histórico remoto. É possível que, de certa maneira, ela se desvincilhe do passado e comece a representar uma nova tradição. Isso, pois, o contato com as referências de um passado histórico atribui às “tradições inventadas” o estabelecimento de uma continuidade sobremaneira afetada. Desse modo, pode-se definir que “tradições inventadas” são as formas de agir sobre uma nova demanda com referência nas vivências anteriores. “É o contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno e a tentativa de estruturar de maneira imutável e invariável ao menos alguns aspectos da vida social [...]” (*Ibid.*, p. 10).

Já a modernidade, esta produz uma total descontinuidade, gera modos de vidas diferentes “de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não têm precedentes.” As alterações por ela proporcionadas são mais profundas, diferentes das ocorridas nos períodos anteriores. Como causa de identificação entre diferentes populações/regiões, as transformações determinadas pela modernidade “serviram para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo” e como agente de influência interna, social/regional, “elas vieram a alterar algumas das mais íntimas e pessoais características de nossa existência cotidiana.” (*Ibid.*, p. 10-11).

A contemporaneidade exprime velocidade, requer novidades, é insaciável. Nela, tudo se processa em abundância e as condições de vida são impactadas nas mais diversas ordens: nos relacionamentos interpessoais, na relação sujeito-trabalho, na percepção espaço-tempo, na autopercepção e autodefinição do sujeito, nos parâmetros com que percebe e define o outro, dentre tantas afetações.

Os aspectos da vida na sociedade contemporânea apontam indícios de um comportamento social fluído, causado pela volatilidade e a instabilidade das relações atuais. Uma das características do tempo presente, apontadas por Augé (1994), é a realidade excessiva em que vivemos, onde tudo passa pelo sujeito e o sujeito transita por muitos espaços sem que haja tempo suficiente para que ocorra a consolidação dos hábitos e antes que a forma de agir vire rotina. Desse fato, a relação tempo-espaço é alterada e as produções de significados tornam-se ínfimas.

Aproximando as reflexões sobre alguns aspectos da contemporaneidade aos espaços esportivos onde se realizam partidas de futebol, especificamente aqueles que foram recentemente alterados e/ou construídos na função de sediar jogos da Copa do Mundo de Futebol de 2014, realizada no Brasil, sentiu-se, neste estudo, a necessidade de considerar determinados processos modernizadores que transformaram alguns dos grandes estádios brasileiros em arenas multiuso.

Considerou-se, também, que uma veleidade social é estabelecida pela indústria do progresso e, no caso dos aparelhos esportivos brasileiros, essa indústria se encarregou de difundir as informações vindas de ruídos sobre segurança ou conforto.

É preciso levar a ponto os impactos decorrentes das tensões geradas pela modernização dos estádios brasileiros pró-Mundial de Futebol de 2014, na perspectiva de analisar as atuais relações do sujeito frequentador desses aparelhos esportivos, sendo o que tentou-se a seguir.

2.1 Do tradicional ao moderno: o aceleração e a superabundância dos aspectos sociais da atualidade

Encetada a partir da derrocada do enunciado, “quando se tinha certeza quanto ao locutor (‘Deus fala no mundo’)” e pela concentração sobre o ato de enunciar (CERTEAU, 1998, p. 229), que o processo de modernidade tem seu marco inicial reconhecido a partir do período referente ao século XVII e a Europa como local em que emergiram os estilos, costumes de vida ou organização social que, em menor ou maior intensidade, influenciaram outros lugares do mundo. Desde então, a ideia de modernidade tem sido um contraste inerente à tradição. (GIDDENS, 1991).

Foi somente a partir do século XVIII que os conceitos de modernidade e modernização foram difundidos, sob a contribuição da Revolução Industrial, ocorrida na Britânia, e da Revolução Francesa.

No Brasil, alocações referentes ao processo de modernização se destacaram após a crise de 1929 e da Revolução de 1930, que ocasionaram uma breve alteração no cenário político nacional. Esse discurso modernizante, na época, entonou-se com um forte sentido nacionalista e ensejava “a construção de uma nação civilizada – algo que passava pela urbanização e pela incorporação de padrões culturais europeus à vida nacional.” Essa perspectiva foi redimensionada quando passou a compor o “projeto de desenvolvimento nacional encabeçado pelo Estado e o esporte tornou-se um dos componentes desse projeto, uma vez que se pretendia constituir uma juventude forte e disciplinada para o trabalho.” (PRONI, 1998, p. 14).

Empenhado em estabelecer uma significação terminológica à modernidade e modernização, Castilho (2011) primeiramente recorreu ao dicionário da língua portuguesa em busca da acepção da palavra “modernização” e observou que “é o ato ou efeito de modernizar [...], é tornar(se) moderno, acompanhando a evolução e as tendências do

mundo atual” e “moderno é um período histórico que se iniciou com o fim da Idade Média.” (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 1941 *apud* CASTILHO, 2011, p. 127).

No entanto, apesar de serem termos que possuem significados adjuntos, Lechner (1990) indica que modernidade e modernização apresentam diferenças sintéticas e, para responder à questão central de sua explanação: se modernidade e modernização são compatíveis, o autor refere que no mesmo período em que a relação estabelecida entre modernidade e a modernização adquiriram nova força, impelida pela “dialética do capitalismo”, definida por Osvaldo Sunkel, em 1971, como “integração transnacional e desintegração nacional.” (OSVALDO, 1971 *apud* LECHNER, 1990, p. 74), um novo dualismo se instala, visto que, enquanto as esferas da modernização representam a estrutura da “integração transnacional, por outro lado, as instituições próprias da modernidade, como o Estado democrático, ficam restritas a uma esfera nacional. Quer dizer, a modernidade sofre um *déficit* institucional para enfrentar a dinâmica da modernização.” (*Ibid.*, p.74-75).

Para Castilho (2011, p. 127), numa perspectiva de definição, a modernização está relacionada “a um conjunto de transformações que se processam nos meios de produção, mas também na estrutura econômica, política e cultural de um território.” Sendo assim, é um conceito abrangente, com consistente representação ideológica oriunda de valores específicos de uma determinada classe social. O referido autor posiciona-se contra a abordagem do tema modernização a partir de uma interpretação via “pares opostos e separados – tradicional/moderno, antigo/novo, modernidade/pós-modernidade etc., como se a complexa dinâmica da modernização pudesse ser enquadrada em interpretações dualistas.”

Em um posicionamento a respeito de adotar as definições terminológicas de modernidade e/ou modernização, as quais, acredita-

se neste estudo, que ora se sustentam em razão de continuidade e/ou substantivação, ora se diferenciam de acordo com as tradições regionais, entende-se nesta dinâmica contemporânea, assim como Musse (2012, p. 7), que “a própria palavra modernização é prescindível”, já que neste mundo “tudo é por definição ‘moderno’.”

Vale considerar que “‘Modernização’ é um dos termos mais frequentes no discurso dos governantes e nos noticiários da imprensa escrita, falada e televisiva. [...]” Quando esse termo é referenciado junto aos elementos esportivos, corrobora a compreensão e o incentivo ao ciclo de intensas mudanças ocorridas no esporte brasileiro, particularmente no futebol (PRONI, 1998, p. 7).

Sendo o futebol um “fenômeno cultural total”, que no Brasil sempre contou com ampla adesão, mesmo quando se apresentou como um esporte da elite “caracterizado por gigantesca desigualdade social, esporte de brancos em uma sociedade com marcas ainda expostas do escravismo, esporte associado a ícones do progresso e da industrialização numa economia ainda essencialmente agrária”, o futebol não pode ser dissociado da história da “modernização e da constituição da identidade nacional.” (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 13, 61), pois ele contribui para a compreensão da sociedade contemporânea.

Seguindo nesta tarefa conceitual, agora na função de definir, ainda que sucintamente, a relação estabelecida neste texto entre modernidade e tradição, numa tentativa de situar uma perspectiva de modernização dos espaços esportivos de futebol, intenção principal desse encaminhamento teórico inicial, referencia-se às menções de Sant’Ana Júnior (2005) que, ao constituir uma discussão abrangente aos conceitos de tradicional e moderno, ou tradição e modernidade, infere que esses pares conceituais, cuja herança iluminista incorreu na formulação profundamente dicotômica do entendimento destes conceitos, comumente são verificados e compreendidos

nas perspectivas conceituais, fenomenológicas ou de momentos históricos, como sendo, estes, opostos, incompatíveis e excludentes. “Isto pode ser percebido em boa parte da produção sociológica que tem como pressuposto que a plena instalação do moderno implica na eliminação do tradicional.” (*Ibid.*, p. 35).

Entretanto, essa concepção não é unânime na Sociologia, pois algumas posições teóricas e metodológicas consideram uma relação de “continuidade e/ou complementaridade entre tradicional e moderno ou, pelo menos” uma “convivência mais ou menos permanente entre os dois.” (SANT’ANA JÚNIOR, 2005, p. 35). Posto isso, visto que, nesta linha de pensamento não se considera possível a eliminação total da tradição, mas sim a incorporação de novos arranjos societários que passam a compor o mundo moderno.

É nessa composição que Jeam Satrobinski (*apud* AUGÉ, 1994, p. 71) compreende a essência da modernidade pela “presença do passado no presente que o ultrapassa e o reivindica”, que nunca ou definitivamente deixa-o para trás, mas atua por reminiscências. E, pela expressão “Marcha de baixo”, Satrobinski procede com a evocação dos lugares e dos ritmos antigos, pois considera que eles sobrevivem ao tempo e não são apagados pela modernidade, mas, sim, colocados em segundo plano por ela.

Atrelada a tal perspectiva, as tradições específicas não são totalmente eliminadas, elas seguem renovando-se enquanto tradições localizadas em um novo momento, mesmo diante de uma “invasão modernizadora” avassaladora e revolucionária. “Além disso, o mundo moderno cria suas próprias tradições, que passam a ser instrumentos na manutenção da nova ordem que se estabelece.” (SANT’ANA JÚNIOR, 2005, p. 35-36).

Vale considerar que uma “invasão modernizadora” abala, desestabiliza e altera os mecanismos tradicionais. Para que se consiga preservar alguns dos elementos habituais dos costumes locais, é preciso

que haja força das tradições de cada povo e região invadida, calhando em sobrevivência ou resistência para que as tradições específicas continuem atuando. E disso depende, também, do tempo e da intensidade que essa invasão acontece.

Ocorrendo determinada resistência à “invasão modernizadora”, que, por vezes, acontece com uma força muito alta sobre os mais variados arranjos societários, é possível que seja gerada uma tensão dialética, mesmo nas dinâmicas habituais que tenham menor grau de solidez e/ou poder e vontade de resistência. Contudo, não existe um resultado que seja final, mas uma constante construção do arranjo societário, que, no que lhe concerne, “fica longe de ser a imagem especular dos núcleos geradores do mundo moderno.” É esta dinâmica e permanente relação com o atual, com as constantes “constituição da modernidade que faz em parte estes mesmos arranjos, ou melhor, constituem outras modernidades.” (SANT’ANA JÚNIOR, 2005, p. 37).

Neste ponto e também por essa dinâmica, além da compreensão de que o moderno aboliu com o tradicional ou de que alguns elementos do tradicional resistem ao processo de modernização e/ou são constituidores de outras modernidades, chama-nos atenção, também, o aceleração das dinâmicas sociais, que, para muitos teóricos, é considerado como a transição e superação entre períodos que ditam e naturalizam as novas ordens sociais.

Na espreita das ocorrências tendenciais que compilam novas ordens sociais, e que as dinamizam e as naturalizam, Giddens (1991, p. 8) indica o aparecimento de “uma estonteante variedade de termos” sugeridos “para esta transição, alguns dos quais se referem positivamente à emergência de um novo tipo de sistema social [...] mas cuja maioria sugere que, mais que um estado de coisas precedente, está chegando a um encerramento [...]” Neste mote, termos como pós-modernidade, pós-modernismo, supermodernidade,

são disparados na intenção de caracterizar e/ou enquadrar as dinâmicas sociais dentro de uma nova ordem.

Contudo, antes mesmo de tentar abarcar outro termo para nominar aquilo que, a partir do final do século XX, foi considerado por muitos estudiosos o limiar de uma nova era, que estava conduzindo a todos para além da própria modernidade, Giddens (1991, p. 9) alerta para, ao invés disso, voltar a olhar “a natureza da própria modernidade a qual, por certas razões bem específicas, tem sido insuficientemente abrangida, até agora, pelas ciências sociais.” Essa necessidade de retornar o olhar à natureza da própria modernidade é também justificada pelo autor na “interpretação ‘descontinuista’ do desenvolvimento social moderno”, que denota para a sociedade moderna, em alguns aspectos, a condição de instituição única, diferente “em forma de todos os tipos de ordem tradicional.”

É pelo desacordo com a determinação de ruptura e da limitada perspectiva descritiva da pluralidade humana, que Augé (1994) adota o termo ‘supermodernidade’ para classificar o tempo presente, ao que considera a continuidade da modernidade, que se apresenta velozmente dinamizada pelos aspectos sociais da atualidade. Desse modo, em síntese, o referido autor assume o termo supermodernidade por reconhecer na contemporaneidade os fatores de aceleração da modernidade.

Neste contexto, a supermodernidade é caracterizada por Augé (1994, p. 32-33), em consideração de três figuras de excesso da contemporaneidade – superabundância factual, superabundância espacial e individualização das referências, com implicação nas categorias tempo, espaço e indivíduo e, dela, “poder-se-ia dizer que é o lado ‘cara’ de uma moeda da qual a pós-modernidade só nos apresenta o lado ‘coroa’ – o positivo e o negativo.”

É perceptível na superabundância factual a aceleração da história, a dificuldade de pensar o tempo em face ao excesso de episódios e informações que coincidem em compulsão, por dar sentido imediato ao mundo. O depois não pode mais ser explicado pelo antes, é no presente em que tudo se processa e nele somos desafiados a significar os acontecimentos do mundo contemporâneo. “Essa necessidade de dar um sentido ao presente, senão ao passado, é o resgate da superabundância fatual que corresponde a uma situação que poderíamos dizer de contemporaneidade para dar conta de sua modalidade essencial: o excesso.” (*Ibid.*, p. 32).

Dessa maneira, a primeira categoria de excesso é pensada por Augé (1994) pela atual percepção e pelo uso que se faz do tempo que, para alguns estudiosos do tema, atualmente não significa mais um princípio de inteligibilidade.

Na superabundância espacial, é sugerido que o excesso de espaço estabelece, paradoxalmente, o encolhimento do mundo. O encolhimento do mundo decorre das grandes ocupações populacionais dos espaços urbanos, oriundas de migrações, com a efetiva produção de não lugares, que se caracterizam como espaços urbanos com grande circulação de pessoas que seguem “invisíveis” umas às outras. “Os não lugares são tanto as instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e bens [...] quanto os próprios meios de transportes [...]” (AUGÉ, 1994, p. 36). Assim como ocorre, por exemplo, em aeroportos, em shopping centers, em estações de metrô e, também, nos modernos estádios de futebol, como pretende-se confirmar pela hipótese deste estudo, de que a substituição do Estádio Verdão pela Arena Pantanal interferiu no sentimento de pertencimento dos frequentadores do espaço de ocorrência de jogos de futebol mato-grossense, opondo-se aos elementos identitários, históricos e relacionais já estabelecidos com o aparelho esportivo de outrora.

Nesta compreensão, a segunda figura do excesso proposta por Augé (1994), referente ao espaço, é correlativa ao encolhimento do planeta em que, ao mesmo tempo, proporciona a abertura do mundo a nós.

Em oposição ao não lugar, para Augé (1994, p. 53), “o lugar é necessariamente histórico a partir do momento em que, conjugando identidade e relação, ele se define por uma estabilidade mínima.” A indicação de estabilidade também é referida por Certeau (1998, p. 201), para a definição de lugar enquanto “uma configuração instantânea de posições” que, quando praticado no cotidiano, torna-se um espaço.

Tuan (1983, p. 6), ao analisar a experiência do sujeito com o espaço, define a sua concepção de lugar a partir da atribuição de valor a um determinado local e da sensação de segurança possível de ser experimentada ali. É um lugar quando for possível sentir uma identificação e quando se atribui significado ao espaço, por abrigar as particularidades culturais. Assim, “o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor.”

Outra posição de ambiência é indicada por Augé (1994, p. 51) para definir a condição de vínculo com o local de estada, o “lugar antropológico”, em que, segundo o autor, é nominado dessa maneira na tentativa de referenciar um local que represente as vicissitudes e contradições da vida social. “[...] o lugar antropológico, é simultaneamente princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa.”

A terceira categoria de excesso, relativa à supermodernidade e analisada por Augé (1994, p. 38), apresenta a individualização das referências, em que cada sujeito se coloca como centro essencial para as interpretações das coisas. “Ele pretende interpretar por e para si mesmo as informações que lhe são entregues.” Por esse processo de individualização, característico da supermodernidade, que a terceira figura do excesso é

apresentada como a figura do ego, do indivíduo. Muito embora, pelo viés da pesquisa antropológica, é possível apreender uma alteridade complementar considerando aspectos como “a hereditariedade, a herança, a filiação, a semelhança, a influência” e, por isso, “a individualidade absoluta é impensável.” (*Ibid.* p. 23-24).

É nesta relação, em que a supermodernidade sugere uma produção individual de sentido, mas que, ao mesmo tempo, é explicitamente referida pela história coletiva, ainda que os pontos de identificação coletiva também nunca tenham sido tão flutuantes como na contemporaneidade, em que são produzidas as ideias de lugares, aquele local em que é possível criar laços de pertencimento, constituídos por um universo de reconhecimento, como, também, perceber a produção dos não lugares que, em seu vocabulário, “[...] tecem a trama dos hábitos, educa o olhar, informa a paisagem.” Nesse ponto, “[...] os lugares e os não lugares misturam-se, interpenetram-se. A possibilidade do não lugar nunca está ausente de qualquer lugar que seja.” (AUGÉ, 1994, p. 98).

2.2 Do lugar ao não lugar: as influências modernizadoras dos espaços esportivos de futebol no Brasil pró-Copa do Mundo 2014

Como marca da contemporaneidade, que tem como um dos seus produtos mais emblemáticos a produção de um espaço que é de todos e, ao mesmo tempo, é de ninguém, partindo desse ponto para aproximar as ideias propostas como definição de não lugar, baseadas em Augé (1994), com a impressão que se tem neste estudo sobre a modernização dos espaços esportivos de futebol, isso considerado pela via da transformação dos grandes estádios brasileiros em arenas multiuso,

estruturadas de acordo com os prescritos do caderno de encargos⁹ divulgado pela Federação Internacional de Futebol – FIFA¹⁰, sob a prerrogativa de padrões internacionais de segurança e qualidade do espaço ou, como foi popularmente conhecido, por “padrão FIFA”, para a realização da Copa do Mundo de Futebol FIFA™, que ocorreu no Brasil em 2014.

Essa associação decorre, também, da ideia de que as influências “modernizadoras” dos espaços esportivos de futebol no Brasil, pró-Copa do Mundo 2014, por ter calhado de uma imposição vinda do estrangeiro às localidades eleitas subdesdes, assemelha-se com a consequência da nominação de ordem pessoal indicada por Certeau (1998, p.186), atribuída à imposição vinda do outro que “[...] alteram a identidade funcionalista afastando-se dela, criam no próprio lugar essa erosão ou não lugar aí cavado pela lei do outro.”

Desse modo, pela adaptação do sujeito e pela relação estabelecida com o espaço, que pelos usos e experiências tornam-no inteiramente familiar (TUAN, 1983), considerar-se neste estudo os estádios de futebol de antes da reforma/reestruturação pró-Copa de 2014 – onde se manifestavam culturas e identidades e que representavam um símbolo de participação popular, como lugar e os novos aparelhos esportivos – contemporaneamente representantes da modernização do futebol nacional e que foram estruturados pela lógica alheia aos costumes do torcedor de futebol brasileiro, como não lugar.

Esse posicionamento também se sustenta devido à ideia de que, quando o sujeito estabelece uma familiaridade com o local e um domínio sobre ele, ocorre a apropriação do espaço que, segundo as menções de Raffestin (1993), incide na territorialização, que é o resultado da construção

9 Caderno “que explica, nos detalhes, como deve ser a infraestrutura para a Copa, em especial os estádios – ou a supervisão das obras.” (DAMO, 2012, p. 66).

10 Desse ponto em diante, será utilizada a sigla FIFA todas as vezes que Federação Internacional de Futebol for referida.

de valores e atitudes, importantes no estabelecimento da relação de pertencimento e da constituição de identidade do sujeito com o lugar.

A discussão proposta sobre a relação de identidade futebolística local a partir do lugar de ocorrências de jogos de futebol é inquietante para esta investigação, até mesmo pela substituição do nome de estádio por arena¹¹, como aconteceu com oito dos doze aparelhos esportivos construídos ou reformados para a Copa de 2014 – Arena Amazônia, Arena da Baixada, Arena Castelão, Arena Corinthians, Arena das Dunas, Arena Fonte Nova, Arena Pantanal e Arena Pernambuco, pois é possível que isso signifique, inclusive, a alteração da identidade futebolística provocada pelo processo de modernização dos aparelhos esportivos. O que, segundo Mascarenhas (2013, p. 147), ocorreu na constituição recente dos “superestádios”, cuja radicalidade das intensas transformações físicas e normativas, afetou até mesmo o “campo lexical do futebol” que “passam a se chamar ‘arenas’.”

Kachani (2014, não p.), ao escrever sobre o que poderia diferenciar os estádios das arenas, no aspecto terminológico, apresentou a posição referida por uma das empresas que administrou obras envolvendo três dos doze complexos esportivos utilizados na Copa do Mundo de 2014 e de um professor de literatura brasileira, atuante em uma das mais importantes universidades do país. Em nota, a empresa consultada informou que a utilização do nome estádio ou arena é uma “questão que envolve *marketing* e tradição.” Nos espaços em que o conceito de utilização não ficou centrado unicamente no futebol, mas, também, na possibilidade de realização de outros tipos de eventos, empregou-se o termo arena. E nos espaços esportivos em que foi possível preservar parte de sua tradição e entendeu-se que o termo estádio fazia parte da história daquele complexo esportivo, manteve-se o nome estádio.

11 Alguns dos aparelhos esportivos trocaram sua nomenclatura de estádio para arena somente na faixa da fachada do prédio. Não alteraram seu nome oficial.

Contudo, o professor de literatura brasileira atribuiu outra interpretação para o uso terminológico de estádio ou arena. E essa interpretação está diretamente relacionada às possibilidades de uso do espaço. Na concepção do professor, “os estádios de futebol eram caldeirões sociais onde fervia a sociedade inteira. As arenas e estádios da Copa são teatros voltados para o consumo de espetáculos obedecendo às prioridades do poder aquisitivo.” Complementando a sua concepção sobre as novas praças esportivas surgidas para o Mundial de 2014, o professor ainda infere que, “no limite, a arena é um estúdio com plateia onde se televisionam jogos de futebol, entre outros espetáculos.” (KACHANI, 2014, não p.).

É importante reforçar, no entanto, que as reformulações dos espaços esportivos utilizados na Copa do Mundo de 2014 obedeceram às normas técnicas indicadas pela FIFA (2011, p. 45) que, dentre os seus requisitos, indicavam um espaço multifuncional que possibilitasse outras atividades “não relacionada à função esportiva primária.” Mas é válido informar que algumas adequações foram sugeridas e outras impostas.

Apesar disso, mesmo que algumas adequações tenham sido sugeridas, também é válido considerar que todas as articulações que são feitas para envolver os países sede deste evento esportivo visam, principalmente, um comprometimento governamental, afiançada pela busca de firmar parceria com os Estados-nações e, daí, a FIFA se aproveita para barganhar “compromissos que vão desde a isenção de impostos, passando por segurança, infraestrutura – em transporte de pessoas e de informações – e, sobretudo, disponibilização de estádios compatíveis com padrões que ela idealiza.” (DAMO, 2012, p. 60).

E desse comprometimento, na prática, o que aconteceu com os estádios brasileiros que “hospedaram” a Copa do Mundo de Futebol em seu gramado, sugere que a “lei” da FIFA determinou adequações,

os interesses de determinados grupos hegemônicos, e bem prenotados, determinaram as circunstâncias.

A busca por respostas sobre a quem interessou cada tipo de ocorrência procedida com os doze estádios brasileiros utilizados na Copa de 2014, não será o caminho explorado por esta investigação. O que é possível apresentar, sem desviar a pretensão desta investigação, é que, de acordo com Damo (2012, p. 42), ocorreram muitas críticas¹², “veiculadas até mesmo em grandes redes midiáticas” envolvendo principalmente “o caso da construção e/ou reforma de alguns estádios.” Essas críticas também partiram de boa parte da população brasileira, sobre muitos dos casos relacionados à Copa do Mundo de 2014, principalmente devido ao grande emprego de dinheiro público nas obras para este Mundial de Futebol.

Desse caso, ainda segundo Damo (2012, p. 42), não se pode alegar uma falta de projeção sobre os gastos, tão pouco a falta de conhecimento da real necessidade das obras realizadas. Para o autor, o mais importante seria esclarecer os motivos que levaram os governantes locais a insistirem neste volumoso empreendimento, mesmo sabendo de todo esse contexto. “Dizer que foram obra de governantes inconsequentes é óbvio demais, pois isso seria desconsiderar um cenário muito mais complexo, que não se restringe ao mero cálculo de custos e benefícios.”

Contudo, não sendo objeto desta investigação apresentar os interesses do poder público e os demais envolvidos, sobre as obras dos aparelhos esportivos utilizados na Copa do Mundo de 2014, então, nesta incursão teórica, abarca-se os impactos da modernização dos espaços esportivos de futebol na relação do sujeito com o local de jogo, na função de reconhecer as figurações que passam a ser estabelecidas com o novo espaço. Neste curso,

12 Segundo Damo (2012, p. 42), as críticas mais graves, à época, recaíram sobre a “utilização de recursos públicos, indícios de superfaturamento ou direcionamento das licitações e inadequação às demandas do futebol local”.

cabe propor a seguinte questão: a transformação dos estádios de futebol em arenas multiuso, no caso do Brasil, teve o potencial de fortalecer ou fragilizar os vínculos com o local de jogo?

É possível que esta questão indique um ato de precipitação, devido ao pouco tempo em que as arenas foram instaladas no cenário das cidades. Visto que determinados vínculos são construídos em um contexto sócio-histórico e, afinal, trata-se de pouco mais de cinco anos dessa nova configuração dos doze espaços de jogo de futebol, no Brasil. É intencionada, então, com esse capítulo, a contribuição para a reflexão sobre as ocorrências recaídas ao espaço de jogo da modalidade esportiva de futebol quando este é dinamizado pela lógica de uma modernização que seja impertinente à memória arquitetônica e afetiva de uma localidade e, também, pretende-se, nesta construção teórica, auxiliar na confirmação ou refutação da hipótese desta pesquisa, de que a substituição do Estádio Verdão pela Arena Pantanal interferiu na constituição identitária, histórica e relacional já estabelecida com o antigo aparelho esportivo cuiabano, que foi demolido.

Durante a apreciação desses escritos, pode até ocorrer o questionamento, por parte do leitor, sobre a ausência do reconhecimento das melhorias das estruturas dos estádios, possibilitadas pela transformação em arenas, o que poderia colocar em xeque a validade deste material. Dessa possibilidade, pode-se esclarecer que ocorreram melhorias sim, significativas, inclusive. Contudo, acredita-se que é preciso considerar as discussões sobre os impactos que as profundas alterações das estruturas arquitetônicas dos espaços de jogo causam.

Neste sentido, as menções de Galvão (2015, não p.) contribuem para ressaltar que não se trata de um saudosismo gratuito. Mas, sim, de considerar que “[...] a memória afetiva do torcedor é repleta de elementos que acabaram extintos ou radicalmente modificados nesse recente processo

de adequação do estádio aos padrões modernos e internacionais.” E, ainda, para Mascarenhas (2018, não p.), “O fato é que muita gente [...] usufruiu daqueles gigantes de concreto e hoje tem saudade daquelas tardes memoráveis.”

Para Vieira (2016, p. 14), valorizar os estádios brasileiros é, também, valorizar parte da cultura dessa nação, visto que estes espaços compõem a “vida cotidiana de milhões de pessoas [...] na medida em que possibilitam a inserção do torcedor em práticas que se constituem e consolidam apenas nestes locais.”

Neste ponto, ousa-se afirmar que as experiências emocionais obtidas neste espaço esportivo fazem parte e dão significado a um contexto e período histórico que são fundamentais na composição da memória coletiva associada ao jogo de futebol.

É importante acrescentar e esclarecer que a Copa do Mundo de 2014 não foi responsável pela instauração do processo de modernização do futebol brasileiro. Muito antes disso, transformações dos locais de jogo, não só no Brasil, mas por todo o mundo, serviram, também, à incorporação de aspectos tidos como modernos e acompanham o futebol desde as décadas de 1920 e 1930, em que “‘modernidade’ já era uma expressão muito utilizada” e, no Brasil, a modernização do futebol representou “uma ruptura com o modelo baseado no ‘amadorismo de fachada’.” Isso devido às mudanças que, naquela época, já vinham acontecendo com o futebol internacional e ocasionaram uma “eclosão do profissionalismo, depois que a contratação disfarçada de jogadores e o crescimento do público nos estádios, ainda nos anos vinte, prepararam o terreno para a mudança.” (PRONI, 1998, p. 14).

Para melhor abranger parte desse processo de modernização do futebol no Brasil, faz-se uma breve incursão na história desse esporte em nossa nação, com o “olhar” mais atento à incorporação de aspectos modernos na organização futebolística.

No Brasil, antes da década de 1940 não havia uma legislação esportiva e os assuntos de modernização estavam restritos aos clubes e ligas esportivas. “Desde o início dos quarenta, o governo federal passou a normatizar e intervir, de tempos em tempos, com a finalidade de moralizar e regular as atividades dos times profissionais, das federações e da própria confederação.” Desse período em diante, quando o futebol tornou-se um elemento reconhecidamente importante da cultura local, o Estado assumiu a tarefa de modernizá-lo e, a partir de 1988, essa tarefa saiu da esfera do executivo e foi assumida pelo legislativo, visto que qualquer alteração importante passou a ser discutida no Congresso. (PRONI, 1998, p. 14).

Porém, o esporte com fins de lazer, de característica amadora e para a diversão do público, foi convertido em um negócio lucrativo. Os mecanismos de uma economia globalizada de vocação capitalista não poderiam deixar de fora uma forma de entretenimento das massas, como o futebol.

Proni (1998), ao se referir às profundas transformações ocorridas no futebol nas últimas décadas, mais especificamente atento ao processo de inflexão e reestruturação desse esporte no Brasil, a partir da adoção de métodos empresariais para a gestão do futebol profissional, indicou que as transformações dos elementos esportivos na contemporaneidade ajustou o esporte a um produto de entretenimento, seguindo os princípios da indústria e da globalização. O discurso modernizante foi enriquecido com a advertência sobre a necessidade de adotar um modelo de futebol-empresa similar ao já implantado na Europa, sob pena de, ao contrário disso, o futebol brasileiro ficar aquém do restante do mundo.

Mas somente ao final da década de 1990, esse procedimento modernizante ganhou força no cenário nacional, acompanhando as mais variadas áreas da sociedade brasileira. Em consequência da constante

empreitada modernizante, dinamizada no Brasil, a Lei Zico (Lei número 8.672/93), de caráter sugestivo, sancionada em 1993 e analisada como incapaz de promover as transformações inerentes ao processo de alterações fluentes à época, foi substituída em 1998 pela Lei Pelé (Lei número 9.615/98), de caráter mandatório. Essa substituição de lei decorreu de uma maior modernização induzida e sob a promessa de “provocar mudanças profundas na configuração do futebol brasileiro.” (PRONI, 2008, p. 13).

Se for considerado o início da modernização do futebol em outras localidades do mundo, é possível entender como tardio o período em que as ações modernizadoras do futebol efetivamente se iniciaram no Brasil. E as mais importantes iniciativas de modernização do futebol, como um todo, receberam, e ainda recebem, estímulos vindos da Europa que, por meio do profissionalismo do futebol, incutiu processos de gestão, modelos de estrutura e de funcionamento desse esporte em países da América do Sul. (*Id. loc. cit.*).

Outro fator que também foi determinante para a modernização do futebol, de abrangência global, foi a realização da primeira Copa do Mundo, ocorrida em 1930, no Uruguai, o que fez com que o futebol ganhasse maior reconhecimento e notoriedade.

O evento Copa do Mundo de Futebol inaugurou “a segunda¹³ competição esportiva realizada em nível mundial. Desta forma, começavam

13 A primeira competição esportiva com abrangência mundial foi a Olimpíada. Principiada na cidade grega chamada Olímpia, no ano de 776 antes de Cristo. Este evento multiesportivo foi realizado durante um período de quarenta e quatro anos com a inscrição restrita aos atletas gregos. Somente a partir do ano de 732 antes de Cristo, que cidadãos de outras regiões puderam participar nas competições. Em 393 depois de Cristo, os jogos olímpicos – conhecidos na atualidade como Olimpíadas da Antiguidade, foram abolidos sob o pretexto de extinguir a adoração de outros deuses. Somente em 1896, na cidade grega Atenas, os jogos olímpicos voltaram a ser realizados, ficando conhecidos como Olimpíadas da Era Moderna. Dentre as características mais marcantes que diferenciaram a olimpíada do mundial de futebol, encontra-se a particularidade da abrangência territorial do país-sede país-sede destes

as grandes disputas entre os países para decidir qual seria a próxima sede das competições¹⁴.” (CERETO, 2003a, p. 27).

Notoriamente, o Mundial de Futebol contribuiu para que esse esporte se tornasse o mais popular no mundo. Outro fator também relevante que levou a popularização do futebol, tornando-o mais acessível do que os demais esportes, foi “a fácil assimilação das regras além do baixo custo de seus equipamentos (apenas uma bola para vários participantes) [...]” (*Id. loc. cit.*). Com isso, o futebol tornou-se um esporte de massa e fez surgir a demanda por espaços de jogo capazes de abrigar grandes públicos.

Deste ponto, pode-se dizer que o processo de modernização do futebol foi imperativo a todos os países com essa modalidade como prática esportiva principal, com grande adesão de público e que, também, demonstraram interesse em sediar grandes eventos desse esporte.

No Brasil não foi diferente. Com a realização de duas edições da Copa do Mundo, uma em 1950 e outra em 2014, a modernização dos estádios foi imposta como critério principal para que o país sediasse esse evento esportivo. Em 1950, após doze anos de interrupção causada pela ocorrência da Segunda Guerra Mundial, o Brasil sediou a Copa do Mundo de Futebol – primeira Copa pós-guerra, tendo sido escolhido país-sede em 1946, por não ter sofrido avarias em consequência da guerra. Para

eventos. “Enquanto a olimpíada era realizada na cidade, a copa do mundo poderia ser realizada em várias cidades do mesmo país.” (CERETO, 2003a, p. 27).

¹⁴ Quem detém os *royalties* da Copa do Mundo de Futebol é a FIFA – instituição criada em Paris na data de 21 de maio de 1904, “[...] Ela detém a patente tecnológica e prospecta globalmente. Mas precisa de um lugar para realizar o evento e parece ser bastante persuasiva, pois até o presente não tem faltado interessados.” Isso, pois, a Copa é considerada um evento planetário, que garante ao país-sede importante projeção internacional. Para isso, a FIFA mobiliza, por meio da Copa do Mundo, sentimentos nacionais com a finalidade de acrescentar a esta competição um sentido que vai muito além dos seus sessenta e seis jogos distribuídos em quarenta dias de duração total da competição. (DAMO, 2012, p. 56).

isso, precisou construir o Estádio Municipal do Maracanã¹⁵, popularmente conhecido como Maracanã, que na época foi considerado o maior estádio de futebol do mundo e, também, reformar os cinco outros estádios que igualmente serviram de campo para a realização da competição. Sendo eles: Estádio Municipal Pacaembu (São Paulo/SP); Estádio Raimundo Sampaio – conhecido como Estádio Independência (Belo Horizonte/MG); Estádio Ildo Meneghetti – que até o ano de 1944 tinha o nome de Estádio Eucaliptos (Porto Alegre/RS); Estádio Durival de Brito e Silva – conhecido como Vila Capanema (Curitiba/PR) e Estádio Ademar da Costa Carvalho – conhecido como Ilha do Retiro (Recife/PE).

Pesa-se que, para a realização da Copa do Mundo de Futebol no Brasil, no ano de 1950, nenhum estádio de futebol necessitou ser completamente demolido sob a justificativa de construir um novo espaço de jogo adequado às exigências da Federação Internacional de Futebol, instituição que tem o domínio desta competição mundial, assim como aconteceu para a realização da Copa de 2014. Isso, pois, segundo Damo (2012, p. 57) as referências para a FIFA, à época, eram “menos constantes do que no presente.” Na ocorrência da Copa do Mundo de 1950, no Brasil, a FIFA não “fez exigências estapafúrdias em relação aos estádios. O único estádio novo construído para a Copa foi o Maracanã, menos por exigência da FIFA e mais pelo desejo de exibição internacional dos brasileiros [...]”

De lá pra cá, devido ao seu potencial de atrair parceiros e/ou investidores comerciais, a Copa do Mundo, tutelada pela FIFA, tem se

15 Dezesesseis anos depois de sua inauguração e após um mês de falecimento do seu maior idealizador, o Estádio Municipal do Maracanã passa a ser nominado de Estádio Jornalista Mário Filho. Mário Filho entrou para a história esportiva por ser “um dos grandes responsáveis por transformar o futebol num verdadeiro esporte de massas e por elevá-lo à categoria de paixão nacional do brasileiro.” (CARVALHO, 2008, p. 8). CARVALHO, Priscila Alves Mendes de. **Mário Filho, Futebol e Maracanã**. 2008. 51 f. (Monografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Comunicação, Rio de Janeiro, 2008.

mostrado uma competição dinamizada pela lógica do mercado, que é responsável, também, pela evolução dos padrões que são obrigatórios e impostos ao país-sede do Mundial de Futebol.

Dentre esses padrões, as condições das instalações esportivas apresentam-se como a mais rigorosa. O que imputou ao Brasil, no ano de 2007, a avaliação de que “o país não possuía nenhum estádio que atendesse às exigências da entidade para sediar jogos oficiais.” Isso, após as análises feitas pela FIFA depois que o Brasil se apresentou oficialmente como país candidato a sediar a Copa do Mundo de Futebol de 2014. (GAFFNEY, 2015, p.186).

Para Gaffney (2015), a precariedade em que se encontravam os estádios brasileiros vistoriados pela FIFA, no período que antecedeu as intervenções estruturais nas praças esportivas que receberam partidas do Mundial, deveu-se, principalmente, ao fato de que, até então, nenhuma melhoria havia sido realizada na infraestrutura dos estádios brasileiros desde o período da ditadura. À exceção do Estádio Maracanã que, no momento da avaliação, havia recentemente passado por reformas com a finalidade de receber os XV Jogos Pan-Americanos de 2007. No entanto, até mesmo o Maracanã não apresentou condições satisfatórias nas análises feitas pela FIFA.

Como parte do comprometimento firmado pelo poder público junto à entidade maior do futebol mundial, ficou afiançado a adequação e até a construção de equipamentos esportivos adaptados às demandas do futebol contemporâneo e com total atendimento às exigências da FIFA. Para que o comprometido fosse cumprido, dos doze espaços brasileiros utilizados na Copa do Mundo de 2014, cinco foram construídos a partir da total demolição dos estádios que ocupavam o espaço onde, atualmente, estão construídas as arenas, outros cinco foram completamente reformados com intensas remodelações e dois deles foram construídos

exclusivamente para o Mundial. E todos eles com adequações justificadas no atendimento dos padrões internacionais de estrutura do espaço de jogo, que foram estipulados pela FIFA.

Na tentativa de tornar mais visual o processo de alterações em vias de modernização dos aparelhos esportivos brasileiros da modalidade de futebol, na sequência deste texto, serão apresentadas algumas informações referentes aos estádios utilizados na Copa do Mundo de 2014, seguidas de imagens que demonstram o antes e o depois dos estádios, para ilustrar a estrutura pré e pró-Copa no Brasil. Essas informações estão apresentadas de forma muito sucinta, devido à dificuldade encontrada em levantar integralmente dados a respeito de todas as alterações realizadas nos estádios para causar os aspectos de arena multiuso, principalmente nas buscas realizadas sobre os estádios reformados, de acordo com as determinações exigidas pela FIFA, no quesito conforto e segurança.

Desse modo, num primeiro momento, serão apresentadas algumas descrições dos estádios que foram completamente demolidos para dar lugar às arenas esportivas multiuso, após, serão apresentados os estádios que passaram por remodelações drásticas para atender aos padrões FIFA e, finalmente, serão apresentadas as arenas que foram construídas exclusivamente para sediar alguns dos jogos da Copa do Mundo de 2014.

A posição numérica de apresentação dos estádios seguiu o critério de ordem alfabética, assim, em cada uma das categorias: demolido, remodelado ou construído, adotou-se as numerações que possibilitam identificar a quantidade de aparelho esportivo de futebol que sofreu uma determinada ocorrência, de acordo com as categorias acima mencionadas, em prol da realização dos jogos do Mundial de Futebol, ocorrido no Brasil em 2014.

Os cinco estádios que foram demolidos para dar lugar às arenas multiuso em consideração à Copa do Mundo de 2014 são:

1 – Estádio Governador José Fragelli, conhecido popularmente como Estádio Verdão. Oficialmente inaugurado no dia 8 de abril de 1976, na cidade de Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso e com capacidade para acolher aproximadamente cinquenta mil pessoas, o estádio permaneceu na paisagem da capital mato-grossense por um período de trinta e quatro anos. Foi interditado após o dia 9 de dezembro de 2009 e, no dia 5 maio de 2010, iniciaram-se os trabalhos de demolição do referido estádio para dar início à construção da Arena Pantanal naquele terreno. O novo equipamento esportivo, que recebeu quatro jogos da primeira fase do Mundial de Futebol de 2014, foi construído com a capacidade aproximada para receber quarenta e quatro mil torcedores e apresenta, como grande diferencial do antigo estádio, toda arquibancada equipada com cadeiras, com quase absoluta cobertura delas, sendo posicionadas mais próximas do gramado e, também, elevadores que possibilitam acessibilidade entre os pavimentos de arquibancadas da arena, praça de alimentação, auditórios, salas de reunião, gabinetes e estacionamento no subsolo, onde estão instalados espelhos d'água sombreados, que foram ali colocados com propósito de umidificar os outros quatro pavimentos superiores a esta área. Logo abaixo estão apresentadas as imagens com vista aérea da praça esportiva que antecedeu e da praça esportiva que sucedeu a Copa do Mundo de 2014, ocorrida no Brasil.

Figura 1 – Estádio Governador José Fragelli pré-demolição



Fonte: Plataforma Show do Esporte (7 mar. 2017).

Figura 2 – Arena Pantanal pró-Copa 2014



Fonte: Revista Única (07 mar. 2017).

2 – Estádio João Cláudio de Vasconcelos Machado, popularmente conhecido como Machadão. Inaugurado no dia 4 de julho de 1972, na cidade de Natal, estado do Rio Grande do Norte, a praça esportiva potiguar inicialmente recebeu o nome de Estádio Humberto de Alencar Castelo Branco e era popularmente conhecido por Castelão. Passados dezessete anos da sua inauguração, em 1989 o estádio é rebatizado e passa a responder pelo nome de Estádio João Cláudio de Vasconcelos Machado, como forma de homenagear o ex-presidente da Federação Norte-rio-grandense de

Desportos. O referido estádio, com capacidade para cinquenta e três mil pessoas, foi demolido no dia 21 de outubro de 2011 e, em seu lugar, foi construída a Arena das Dunas, com disposição para receber quarenta e cinco mil torcedores. Essa praça esportiva, que recebeu quatro jogos da Copa do Mundo de 2014, trouxe como grande diferencial do antigo Estádio Machadão quatro pavimentos de arquibancadas cobertas totalmente equipadas com cadeiras, além de sua aproximação do campo de jogo, instalação de quiosques para venda de alimentos e bebidas e elevadores que possibilitam o acesso direto do estacionamento coberto aos camarotes. Abaixo estão apresentadas imagens aéreas das duas praças esportivas de Natal, a de antes da Copa de 2014 e a sua sucessora.

Figura 3 – Estádio João Cláudio de Vasconcelos Machado pré-demolição



Fonte: Jornal Tribuna do Norte (12 fev. 2018).

Figura 4 – Arena das Dunas pró-Copa 2014



Fonte: Jornal Tribuna do Norte (12 fev. 2018).

3 – Estádio Mané Garrincha. Inaugurado em meio a obras, em 10 de março de 1974, na cidade de Brasília, Distrito Federal, esse aparelho esportivo inicialmente recebeu o nome de Estádio Governador Hélio Prates da Silveira e tinha a capacidade física estruturada para receber um público em torno de quarenta e cinco mil pessoas. No ano de 1980 o estádio foi rebatizado e, como forma de homenagear um dos grandes jogadores brasileiros de futebol, à época, ele passou a ser chamado de Estádio Mané Garrincha. Eleito um dos espaços de jogo a receber sete partidas da Copa do Mundo de 2014, dentre elas uma partida da fase quartas de final e a disputa pelo terceiro lugar na competição, este aparelho esportivo foi totalmente demolido para dar espaço a uma nova praça de esporte, de acordo com os padrões exigidos pela FIFA. Para essa finalidade, no dia 15 de maio de 2011, após duas tentativas frustradas de implosão por dinamite do referido estádio, máquinas são utilizadas para dar início a todo o processo de demolição e reconstrução da praça esportiva brasiliense que, do antigo estádio, preserva somente o nome. Também projetado nas especificações de arena multiuso, o novo espaço de jogo, Arena Nacional de Brasília – Mané Garrincha tem a capacidade de público ampliada e, em suas estruturas, é possível receber um público estimado em setenta e um mil torcedores. Dentre as principais diferenças apresentadas entre o antigo e o novo espaço de jogo, encontram-se a instalação de cadeiras em todas as arquibancadas e sua aproximação do campo de jogo, cobertura quase total do estádio, instalação de elevadores e escadas rolantes e a estruturação de diversos pontos para alimentação. Seguem, logo abaixo, as imagens aéreas do antigo e do novo estádio de futebol.

Figura 5 – Estádio Mané Garrincha pré-demolição



Fonte: Revista Época (07 mar. 2017).

Figura 6 – Arena Nacional de Brasília – Mané Garrincha pró-Copa 2014



Fonte: Jornal Folha de Brasília (07 mar. 2017).

4 – Estádio Octávio Mangabeira, conhecido popularmente como Estádio Fonte Nova. Este aparelho esportivo foi inaugurado no dia 28 de janeiro de 1951, na cidade de Salvador, estado da Bahia e, na época de sua estreia, o Estádio Octávio Mangabeira tinha a capacidade para receber um público em torno de cinquenta mil pessoas. No ano de 1971, o estádio foi ampliado com a construção do anel superior e a sua capacidade foi expandida para cento e dez mil lugares. No ano de 2007 este estádio foi fechado por conta do desabamento de parte da arquibancada, localizada no anel superior e, desde então, já estava definido que o Estádio Octávio Mangabeira seria implodido. Com o advento da Copa do Mundo de 2014 no Brasil e Salvador tendo sido eleita subsede do Mundial de Futebol daquele ano, no dia 29 de agosto de 2010 o referido aparelho esportivo foi totalmente demolido, na intenção de dar lugar à Arena Fonte

Nova, oficialmente nominada de Complexo Esportivo Cultural Octávio Mangabeira, com capacidade de público em torno de cinquenta e cinco mil espectadores. Essa Arena, que recebeu seis jogos da Copa de 2014, sendo quatro jogos da primeira fase, um jogo da fase oitavas de final e um jogo da fase quartas de final, apresenta como aspecto diferente do antigo estádio, três níveis de assentos totalmente cobertos, maior proximidade entre o campo de jogo e as arquibancadas, elevadores que dão acesso a todos os pavimentos da arena, diversos pontos para alimentação e salão de eventos. Abaixo encontram-se as imagens aéreas das duas praças esportivas nas figurações pré e pró-Copa do Mundo de 2014.

Figura 7 – Estádio Octávio Mangabeira pré-demolição



Fonte: Ludopédio (28 ago. de 2018).

Figura 8 – Arena Fonte Nova pró-Copa 2014



Fonte: Pleno News (28 maio 2018).

5 – Estádio Vivaldo Lima, popularmente conhecido como Vivaldão. Esse estádio foi inaugurado no dia 5 de abril de 1970, na cidade de Manaus, estado do Amazonas e recebeu o nome de um de seus idealizadores, falecido antes mesmo da inauguração. O referido estádio, que inicialmente tinha a capacidade para cinquenta e sete mil torcedores, foi interditado no dia 19 de março de 2010 e demolido entre os meses de julho a setembro do mesmo ano, sob a justificativa de não atender os padrões estabelecidos para os jogos do Mundial de 2014. No lugar em que ficava o Vivaldão, foi edificada a Arena da Amazônia, construída com a capacidade de acomodação de público reduzida para aproximadamente quarenta e cinco mil lugares, em comparação a antiga praça esportiva manauense. A Arena Amazônia, que recebeu quatro jogos da primeira fase da Copa do Mundo de 2014, apresenta, dentre os aspectos diferenciados do antigo estádio, “a adoção do platô elevado com uma praça que funciona como um foyer aberto recebendo os espectadores” (CERETO, 2014, p. 18), cadeiras fixadas por toda a arquibancada, arquibancadas cobertas e diversos pontos para alimentação. Abaixo, estão as imagens aéreas do espaço de jogo de futebol de antes e o de agora, em Manaus.

Figura 9 – Estádio Vivaldo Lima pré-demolição



Fonte: Vitruvius (12 fev. 2018).

Figura 10 – Arena Amazônia Pró-Copa 2014



Fonte: Autossustentável (12 fev. 2018).

Os cinco estádios brasileiros que foram remodelados na função de configurarem-se nos padrões de arenas esportivas multiuso, pró-Copa do Mundo de 2014, são:

1 – Estádio Governador Magalhães Pinto, popularmente conhecido como Estádio Mineirão. Essa praça esportiva foi inaugurada no dia 5 de setembro de 1965, na cidade de Belo Horizonte, estado de Minas Gerais. Sua capacidade inicial era de aproximadamente cento e trinta mil lugares e durante mais de quatro décadas esteve entre os maiores estádios de futebol do Brasil. Tombado como Patrimônio Cultural do Município de Belo Horizonte na data de 12 de agosto de 2003, junto a todo o Complexo Arquitetônico da Pampulha – local em que o estádio está situado, o Mineirão, eleito como uma das praças esportiva a receber jogos do Mundial de 2014, funcionou com a sua estrutura predial similar a inaugural até o ano de 2004, quando sofreu as primeiras alterações por exigência da FIFA, para receber o jogo entre Brasil e Argentina, que representou uma das partidas da Fase Eliminatória para a Copa do Mundo de 2006. Nesta reforma, foram instaladas cadeiras em todas as arquibancadas do anel superior. No ano de 2008, novas alterações por exigência da FIFA foram feitas. Dessa vez, por conta das Eliminatórias da Copa do Mundo de 2010, já com cadeiras instaladas nas arquibancadas do setor superior e inferior,

nesta ocasião foram instalados dois telões de setenta e cinco metros quadrados e, também, o placar eletrônico foi trocado. No mês de junho de 2010, o Estádio Mineirão foi interdito para dar início às profundas reformas em atendimento aos padrões estipulados pela FIFA para a Copa do Mundo de 2014. Dentre as reconfigurações, pode-se destacar a demolição “das gerais¹⁶” e a aproximação entre as arquibancadas e o gramado. A sua capacidade de público também foi reduzida, o novo espaço de jogo belo-horizontino passou a comportar um público estimado em sessenta e dois mil espectadores. O Estádio Mineirão, que recebeu seis jogos da Copa do Mundo de 2014, sendo quatro jogos da primeira fase, um jogo da fase oitavas de final e um jogo da fase semifinal, após a sua reforma, apresentou significativas diferenças do Mineirão antigo, dentre elas, pode-se citar a retirada das gerais, com a anexação de cadeiras por todas as arquibancadas, diminuição da distância entre arquibancadas e o campo de jogo, placas de vidro temperado em substituição das grades nas arquibancadas e cobertura total delas. A seguir encontram-se as ilustrações das vistas aéreas da antiga e da nova praça esportiva de Belo Horizonte.

Figura 11 – Estádio Governador Magalhães Pinto pré-reforma Copa 2014



Fonte: Bet365 (12 fev. 2018).

16 Nome atribuído aos locais mais baratos da arquibancada que geralmente não têm cadeiras anexadas e permitem o deslocamento livre dos espectadores. Esse tipo de arquibancada não é permitido pela FIFA, assim como indicado no seu caderno de recomendações e requisitos técnicos para os estádios de futebol. (FIFA, 2011).

Figura 12 – Estádio Governador Magalhães Pinto pós-reforma Copa 2014



Fonte: Ambiente Energia (12 fev. 2018).

2 – Estádio Joaquim Américo Guimarães, de propriedade do Club Athletico Paranaense¹⁷, sua primeira estrutura foi inaugurada no ano de 1914, na cidade de Curitiba, estado do Paraná, denominado na época Campo da Buenos Aires. Já em 1934, o espaço de jogo da modalidade esportiva de futebol é rebatizado para receber o nome daquele que foi o seu principal idealizador, Joaquim Américo Guimarães. A primeira reforma a que foi submetido atribuiu ao estádio arquibancadas de concreto em substituição as de madeira, isso no ano de 1937. Em 1967, essa praça esportiva recebeu melhorias estruturais mais abrangentes, o gramado foi totalmente substituído, o espaço de arquibancada foi ampliado e o estádio ganhou vestiários. Novas benfeitorias foram realizadas no ano de 1980, com a instalação de cobertura e assentos em parte da arquibancada e a capacidade de acolhimento de público ficou estimada em vinte e um mil lugares. Essa estrutura foi mantida durante dezessete anos até que, no ano de 1997, todo o estádio é posto abaixo para que uma estrutura entendida como mais moderna e influenciada por padrões europeus fosse erguida naquele solo. Aproximadamente dois anos após a demolição, um novo

¹⁷ Clube de futebol fundado no ano de 1924, na cidade de Curitiba, estado do Paraná.

Estádio Joaquim Américo Guimarães é apresentado à sociedade curitibana, com capacidade de acolhimento de público estimada em trinta e dois mil lugares, já nos moldes de arena multiuso e denominado informalmente de Arena da Baixada. Deste feito, em 1999 é inaugurada a primeira arena esportiva no Brasil que, tempos depois, foi referência nas elocuições midiáticas que debatiam as condições das praças esportivas de futebol brasileiras e, também, serviu de modelo de estádio na campanha para a realização da Copa do Mundo de 2014, propagado pela Confederação Brasileira de Futebol. (CAPRARO, 2004). Em 2012, o Estádio Joaquim Américo Guimarães novamente é submetido a uma remodelação drástica. Mesmo que, dessa vez, o referido estádio não tenha sido totalmente demolido, intensas mudanças foram realizadas para contemplar os aspectos exigidos pela FIFA, que determinou adequações em todos os estádios brasileiros que estavam eleitos para receber jogos da Copa do Mundo de 2014, inclusive, de ampliação de sua capacidade de recebimento de público que, de trinta e dois mil passa para quase quarenta e três mil lugares. Dessa maneira, a Arena da Baixada, que recebeu quatro jogos da primeira fase da Copa do Mundo de 2014, após a sua reforma, apresentou como principal diferencial de sua estrutura antiga, a cobertura retrátil que abrange toda a arquibancada. A seguir estão apresentadas algumas imagens aéreas que ilustram essas transições arquitetônicas das estruturas do Estádio Joaquim Américo Guimarães. Na ocasião, são apresentadas quatro imagens de épocas diferentes, por ser entendido que, dos estádios que receberam jogos da Copa do Mundo de 2014, este foi o que mais passou por remodelações drásticas ao longo de sua história, num processo de constantes modernizações do espaço de jogo.

Figura 13 – Estádio Joaquim Américo Guimarães ano 1930



Fonte: Wikimedia Commons (12 fev. 2018).

Figura 14 – Estádio Joaquim Américo Guimarães ano 1967 A 1990



Fonte: Futebol Nacional (12 fev. 2018).

Figura 15 – Estádio Joaquim Américo Guimarães/Arena da Baixada pré-reforma Copa 2014



Fonte: Do Rico ao Pobre (12 fev. 2018).

Figura 16 – Estádio Joaquim Américo Guimarães/Arena Da Baixada pós-reforma Copa 2014



Fonte: World Cup Guide 2014 (12 fev. 2018).

3 – Estádio Jornalista Mário Filho, popularmente conhecido como Estádio Maracanã. Essa praça esportiva foi construída com o propósito de sediar os jogos da Copa do Mundo de 1950, que ocorreu no Brasil, e foi apresentada ao público na data de 16 de junho de 1950, na cidade do Rio de Janeiro, capital do estado homônimo a ela. A capacidade de público deste estádio era de aproximadamente duzentas mil pessoas, o que fez do Maracanã, à época de sua inauguração, o maior estádio de futebol do mundo. Palco dos principais torneios nacionais, o Estádio Maracanã foi escolhido para sediar, também, os principais jogos da Copa do Mundo de 2014, sendo quatro jogos da primeira fase, um jogo da fase oitavas de final, um jogo da fase quartas de final e o jogo da final desta competição. Para tanto, esse estádio passou por uma profunda reestruturação e teve sua capacidade de público reduzida para cerca de oitenta mil lugares. Outro aspecto de mudança do velho para o novo Maracanã foi a cobertura total e a instalação de cadeiras por todas as arquibancadas e a sua aproximação do campo de jogo. Abaixo estão as imagens aéreas de antes e de depois

da reforma no Estádio Maracanã, em função do recebimento de jogos do Mundial de Futebol no Brasil no ano de 2014.

Figura 17 – Estádio Jornalista Mário Filho pré-reforma Copa 2014



Fonte: Portal do SUDERJ (27 maio 2018).

Figura 18 – Estádio Jornalista Mário Filho pós-reforma Copa 2014



Fonte: Votorantim (27 maio 2018).

4 – Estádio José Pinheiro Borda, popularmente conhecido como Estádio Beira-Rio. Localizado em Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul e de

propriedade do Sport Club Internacional¹⁸, esse aparelho esportivo foi inaugurado no dia 6 de abril de 1969, com capacidade de recebimento de público estimada em cinquenta e seis mil lugares. Eleito um dos estádios da Copa do Mundo de 2014, o Estádio Beira-Rio passou por uma considerável reforma, abrangente a todas as áreas dessa praça esportiva. Dentre as alterações realizadas estão: a demolição da arquibancada inferior que era sustentada por aterro e, em seu lugar, foi construída uma nova estrutura de arquibancada com possibilidade de utilização do espaço embaixo dela, a aproximação do espaço de arquibancada ao gramado, cobertura quase total das arquibancadas e troca do gramado. O novo aparelho esportivo, que recebeu cinco jogos da Copa, entre eles um jogo da fase das oitavas de final, teve sua capacidade de público reduzida para, aproximadamente, cinquenta e uma mil pessoas. Na sequência estão apresentadas imagens aéreas de antes e depois da reforma pró-Mundial de 2014 no Estádio Beira-Rio.

Figura 19 – Estádio José Pinheiro Borda – Beira-Rio pré-reforma Copa 2014



Fonte: Uol Esporte (27 maio 2018a).

18 O time de futebol Sport Club Internacional foi fundado no ano de 1909, na cidade de Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul.

Figura 20 – Estádio José Pinheiro Borda – Beira-Rio pós-reforma Copa 2014



Fonte: Perspectiva Online (27 maio 2018).

5 – Estádio Olímpico Governador Plácido Aderaldo Castelo, popularmente conhecido como Estádio Castelão. Inaugurado no dia 11 de novembro de 1973 na cidade de Fortaleza, estado do Ceará, esse aparelho esportivo inicialmente tinha uma estrutura de recebimento de público restrita a dois lances de arquibancadas com, aproximadamente, cinquenta e oito mil lugares. Em 1980, devido à hospedagem de um grande evento religioso no referido estádio, novamente ele foi submetido a reformas e a sua capacidade de público foi ampliada com as obras das arquibancadas inferiores e o estádio passou a ter possibilidade de receber cerca de sessenta mil espectadores. Em 2002, outra reforma é realizada e coberturas são instaladas sobre as arquibancadas superiores. Devido à condição de receber jogos do Mundial de 2014, dentre eles uma partida da fase oitavas de final e uma partida da fase quartas de final, em 2011 uma parte significativa de sua arquibancada é posta abaixo, o campo de jogo é rebaixado e em 2012 o “Castelão” é totalmente remodelado para receber a Copa do Mundo de 2014. Com essa remodelação, o estádio passa a ter a capacidade de receber um público em torno de sessenta e sete mil pessoas, toda a arquibancada recebe a anexação de cadeiras e cobertura, o campo de jogo fica mais próximo

da arquibancada e o estádio passa a ser nominado extraoficialmente de Arena Castelão. Abaixo estão dispostas as imagens aéreas das estruturas pré-Copa e pró-Copa de 2014.

Figura 21 – Estádio Olímpico Governador Plácido Aderaldo Castelo pré-reforma Copa 2014



Fonte: Uol Esporte (27 maio 2018b).

Figura 22 – Estádio Olímpico Governador Plácido Aderaldo Castelo – Arena Castelão pós-reforma Copa 2014



Fonte: Governo Brasileiro Sobre a Copa do Mundo (27 maio 2018).

As duas arenas multiuso que foram construídas como uma demanda para a Copa do Mundo de 2014 são:

1 – Arena Corinthians, popularmente conhecida como Itaquerão, inaugurada em 10 de maio de 2014, na cidade de São Paulo, capital do estado homônimo à referida cidade. Essa arena esportiva foi construída com o propósito inicial de receber seis jogos da Copa do Mundo de 2014, sendo quatro jogos da fase inicial, um jogo da fase oitavas de final e um jogo da fase semifinal e, também, a cerimônia de abertura dessa competição. Construída sob influência do caderno de encargos da FIFA, essa praça esportiva, de propriedade do Sport Club Corinthians Paulista¹⁹, apresenta os padrões atuais de modernidades vigentes nos mais conceituados espaços esportivos do mundo. Equipada com átrio, salas de reuniões, camarotes, teatro, sala de imprensa, salas comerciais, quatro setores de arquibancadas cobertas, sala de aquecimento pré-jogo, espaços de alimentação, dentre outros. A praça esportiva corinthiana apresenta capacidade de recebimento de público estimada em quarenta e nove mil lugares. A seguir, está a imagem aérea da Arena Corinthians.

Figura 23 – Arena Corinthians



Fonte: Folha de São Paulo (12 jun. 2018).

¹⁹ Clube esportivo fundado em 1910, na cidade de São Paulo, capital do estado homônimo à referida cidade.

2 – Arena Pernambuco, inaugurada em 14 de abril de 2013, no município de São Lourenço da Mata – região metropolitana de Recife²⁰, capital do estado de Pernambuco, conta com capacidade de público estimada em quarenta e quatro mil pessoas. Essa praça esportiva recebeu cinco jogos da Copa do Mundo de 2014, dentre eles, um jogo da fase oitavas de final. O que mais chamou a atenção na estrutura física desse aparelho esportivo foi a usina solar ali construída propiciando condições de autossustentação de energia a este espaço. Na sequência, está apresentada a imagem aérea da Arena Pernambuco construída com o propósito inicial de receber jogos do Mundial de 2014, ocorrido no Brasil.

Figura 24 – Arena Pernambuco



Fonte: Ludopédio (12 jun. 2018).

Do processo mais comum de adequação dos estádios brasileiros, em atendimento ao caderno de encargos da FIFA, percebe-se a diminuição da capacidade de recebimento de público, ocorrida em sete dos dez espaços de jogos de futebol que já existiam na paisagem da cidade. Dos cinco estádios demolidos para dar lugar às arenas esportivas multiuso, quatro deles foram reconstruídos com a capacidade de recebimento de público diminuída e em um deles foi ampliada. Dos outros cinco estádios,

²⁰ Todas as vezes que forem feitas referências à Arena Pernambuco ou à localização do referido aparelho esportivo, será indicada a cidade de Recife.

totalmente remodelados para a Copa de 2014, três tiveram sua capacidade de público diminuída e dois deles ampliada.

Essa ocorrência, que segundo Mascarenhas (2018, não p.) conduziu “à redução brutal da capacidade de nossos principais estádios”, é justificada pelo “processo de ‘arenização’ e as reformas realizadas para atender os rígidos parâmetros da Copa do Mundo.”

Além da redução da capacidade de público nos aparelhos esportivos, antes com expectativa de atendimento específico ao esporte, mais especificamente o futebol, a transformação dos estádios em arenas multiuso também foi justificada pela possibilidade de atendimento de outras atividades, não só as esportivas. Grandes eventos artísticos e culturais também foram e são cogitados para acontecerem nesses espaços.

Pretendeu-se a transformação dos estádios em estruturas funcionais que pudessem ser frequentemente usadas, não somente no período de realização de competições de futebol. E, com isso, os espaços de jogos de futebol tornaram-se pertinentes a um não lugar, com a exacerbação de circulação de pessoas e a potencialização do consumo, o que, de acordo com o conceito desenvolvido por Augé (1994), estaria em contraste com os elementos identitários, históricos e relacionais, que caracterizam os lugares antropológicos.

A criação desses tipos de espaço, característicos da supermodernidade, corrobora para o aumento de não lugares que, segundo Sá (2014, p. 214) “são espaços multifuncionais, cujo objetivo é possibilitar a cada um fazer cada vez mais coisas em um mesmo espaço. São espaços para consumir, e para criar ‘novas necessidades’ (publicidade, informação).”

Ricardo Pittella, diretor da empresa de engenharia responsável pela reforma do Maracanã para a Copa do Mundo de 2014, em entrevista cedida à revista Business Chief proferiu que as arenas multiuso também

teriam o potencial de mudar o comportamento do torcedor, visto que, a disposição das cadeiras induziria a assistir aos jogos sentados. (ESTÁDIOS de futebol..., 2014).

Projetava-se então outro estilo de torcer, outra forma de estar e permanecer no espaço de jogo. Contudo, cogita-se que até o momento em que esse novo gesto, esse novo comportamento torne-se familiar ao torcedor, as arenas seguirão em seu aspecto de não lugar. Posto isso, acreditando que, se não for produzida uma identificação com o espaço de jogo, conseqüentemente não ocorrerá o estabelecimento de uma relação de pertencimento e, dificilmente, esse espaço se tornará um local relacional e identitário aos que por ali passarem.

Sobre os aspectos que já se pode observar, que tem afetado significativamente a relação do torcedor com os espaços de jogo, especificamente os espaços de jogo submetidos às recentes reformulações em atendimento aos modelos de estádios conceituados contemporaneamente como modernos, é a exclusão das camadas sociais de menor poder econômico dos estádios que estão servindo de mecanismo de elitização do futebol brasileiro, conforme anunciado pelo documentário “Adeus, Geral” (2016) que, ao final de sua elaboração, foi dedicado “a todos os esquecidos pelo novo futebol brasileiro.”

Neste documentário, produzido a partir de entrevistas cedidas por pessoas ligadas diretamente ao futebol – dentre elas personagens com forte expressão no cenário futebolístico, o processo de elitização do futebol está investigado a partir da eliminação das gerais nos estádios brasileiros recém-construídos ou reformados. E, como consequência das novas propostas de acomodações nestas praças esportivas, os autores do documentário sugerem a implicação do estabelecimento de “muros sociais”, concludente na segregação entre classes econômicas e como principal responsável pela exclusão de uma parcela da população.

Em entrevista para o “Adeus, Geral” (2016, não p.), o jornalista esportivo Juca Kfourri, ao ser questionado se há muro social no futebol, afirma que “existe no Brasil a partir do momento em que construíram as chamadas arenas.” Para o mesmo questionamento, o também jornalista esportivo Mauro Cesar Pereira responde, “eu acho que esse muro não está sendo construído, ele já existe e as arenas aceleraram esse processo. Até porque são estádios caros.” Na concepção de um torcedor do time Sport Club Corinthians Paulista, de nome não identificado no documentário, os espaços populares nas arenas ficaram muito restritos e “[...] Isso não só calou o estádio como ficou também outro tipo de público [...].”

Sobre a exclusão promovida pelo novo custo de ingresso, Juca Kfourri assegura que tem muitos torcedores “fanáticos” dos grandes times de futebol no Brasil que ainda não conseguiram acesso aos jogos nas novas arenas. E isso tem sido uma das formas seletivas de público que, pela “lei de oferta e da procura [...] tem que selecionar é cobrando mais.” (*Id. loc. cit.*). Em outro trecho do documentário, utilizando, inicialmente, uma forma indireta de expressão, simulando ouvir uma justificativa ao novo modelo de estádio, para depois posicionar a sua compreensão, Juca Kfourri acrescenta:

Poxa vida, mas o cara numa geral no Maracanã ele viu muito mal o jogo porque ele ficava ali perto do fosso, ele via mais terra do que outra coisa, e agora ele tem lugar, o torcedor tem lugar muito mais adequado para ver o jogo. Isso é verdade. Mas ninguém perguntou pro cara da geral se ele não queria continuar ver o jogo ali. Até porque, quando se fez a reforma, sabia-se que ele não ia mais para o estádio. Então não há como, você pode dizer que não tem outro jeito, que o capitalismo triunfou de tal ordem que não tem mais lugar pra esse cara, mas que isso é uma exclusão, é. Que isso é uma elitização, é. Não tem outro termo. (ADEUS, GERAL, 2016, não p.).

Em outra fala, proferida para exemplificar como esse novo custo impactou as famílias mais carentes, Denis Almeida, presidente da Torcida Jovem de Santos, à época, declarou para a entrevista de “Adeus, Geral” que “a essência total do futebol era a geral.” Isso, pois, no antigo formato dos estádios, em que era possível praticar preços mais baixos, o torcedor conseguia levar seus filhos “para assistir uma partida de futebol. Hoje se a pessoa não for da classe média pra cima, quem tem condição pra fazer isso? Levar três ou quatro filhos para assistir uma partida? Então aquele setor era um setor da família.” (*Id. loc. cit.*).

Na matéria intitulada “A elitização do futebol: ingresso brasileiro é o mais inacessível do mundo”, publicada no site da Revista Época, em 28 de agosto de 2015, são anunciados dados de um estudo realizado pelo professor Oliver Seitz, em que é demonstrado que o torcedor brasileiro “que ganha salário mínimo precisa trabalhar 11 horas para entrar no estádio.” A verificação levou em conta os valores de ingresso mais baixo, disponível para jogos que envolvem os campeões da última temporada, à época. Na análise, que utilizou a divisão do “salário mínimo pela carga horária de trabalho de cada país, depois pelo preço do ingresso mais baixo disponível”, concluiu-se que, no Brasil, “futebol está caro demais.” Então, os autores da matéria ponderam: “É isso, torcedor. Conforme-se em ver teu time pela televisão aberta.” (CAPELO; TARAKDJIAN, 2015, não p.).

O encarecimento do preço dos ingressos está justificado na equivalência dos serviços prestados, diz Paulo de Almeida Nobre, então presidente (2013-2016) do clube Sociedade Esportiva Palmeiras²¹, em entrevista ao documentário “Adeus, Geral” (2016). Para Nobre, os valores praticados aumentam a receita e dão maior “poder de fogo” ao clube de futebol. As referências feitas por Nobre fazem menção a nova “casa” do

21 O Sociedade Esportiva Palmeiras é um clube poliesportivo fundado em 1914 na cidade de São Paulo, capital do estado homônimo à referida cidade.

Palmeiras que, mesmo que o Estádio Palestra Itália não tenha sido um dos estádios da Copa do Mundo, no ano de 2010 ele foi totalmente demolido para a construção do Estádio Allianz Parque, conhecido como Arena Palmeiras, inaugurado em 19 de novembro de 2014, na cidade de São Paulo.

Outra praça esportiva que não esteve entre os doze estádios da Copa de 2014, mas que também foi construída no período dos preparativos para o Mundial, foi a Arena do Grêmio, nova “casa” do clube Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense²², com início de sua obra no ano de 2010 e inauguração no dia 8 de dezembro de 2012, na cidade de Porto Alegre. Essa arena substituiu o Estádio Olímpico Monumental, com demolição iniciada no ano de 2014 e, até o momento da escrita deste texto, por ocasião de determinação judicial não concluída. Boa parte do estádio continua “em pé”, mas em situação de total abandono.

Essas novas instalações significaram, também, maior custo para o torcedor estar no estádio, seja pelo serviço atualmente prestado ou pelas contas assumidas na construção desses novos aparelhos. O encarecimento do valor do ingresso para assistir jogos de futebol nos aparelhos esportivos que foram adequados aos padrões internacionais de estrutura de estádios, tem afugentado boa parte da população da camada econômica social menos abastada.

Nas palavras do jornalista esportivo Mauro Cesar Pereira, também entrevistado no documentário “Adeus, Geral” (2016, não p.), as novas arenas “padrão FIFA ou não”, àquelas construídas para a Copa do Mundo de 2014 e “as que não participaram do Mundial, elas são estádios mais confortáveis, mas mais caros e muitas vezes de forma desnecessária”. E, como consequência, “[...] um estádio mais caro tem uma manutenção

²² Time de futebol fundado no ano de 1903, na cidade de Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul.

mais cara. Aí acaba forçando a um ingresso muitas vezes mais caro. Isso afasta parte da torcida e inviabiliza o futebol para a camada mais pobres da população.”

Envolvido nessa dinâmica, o torcedor, de alguma forma, se sente desprestigiado em sua essência principal, de sujeito apaixonado pelo seu time, que quer estar próximo, que acompanha, vibra, impulsiona, atribui significado a essa prática esportiva.

Neste novo contexto, de acordo com a fala de um torcedor do Clube de Regatas do Flamengo²³, também entrevistado no documentário “Adeus, Geral” (2016, não p.), “[...] o futebol, ele está, a partir do momento em que as pessoas pensam no torcedor, como uma fonte de receita, o futebol fica totalmente em segundo plano, todas as prerrogativas do torcedor romântico fica em segundo plano. Só se pensa no dinheiro.” (*Id. loc. cit.*).

Mas o que se tem visto nestes últimos tempos, na sua maioria, são estádios brasileiros com arquibancadas quase esvaziadas. Os preços dos ingressos afastaram os torcedores. Em uma perspectiva viável, entrar no estádio deveria ter um preço “alto suficiente para que o mandante consiga dinheiro para investir em atletas, mas baixo suficiente para que o estádio esteja totalmente ocupado.” (CAPELO; TARAKDJIAN, 2015, não p.).

Segundo Capelo e Tarakdjian (2015, não p.), essa conta se estabelece na observação de que cerca de 60% das cadeiras ficam vazias. Pensando em uma relação de custo justo e ampliar as receitas com a bilheteria, os espaços vazios poderiam ser ocupados “pela camada mais pobre da população. Aquela que, antes da modernização dos estádios forçada pela Copa do Mundo, normalmente comparecia toda quarta e domingo para apoiar o time.” (*Id. loc. cit.*).

23 O Clube de Regatas do Flamengo foi fundado em 1895, na capital do estado do Rio de Janeiro.

Outra questão que sugere alterações significativas devido à instalação de um novo conceito de estádio de futebol, recentemente posto ao Brasil, além dos atuais padrões econômicos exigidos, é o modelo de comportamento que deverá atualizar o perfil do torcedor brasileiro. O que, segundo Nascimento e Barreto (2013, p. 15), poderá incorrer na sensível transformação da cultura social que está atrelada ao futebol nacional. Visto que, sendo os torcedores impactados pelas novas padronizações do modo de assistir aos jogos de futebol nos estádios/arenas recentemente estruturados no Brasil, “Corre-se o risco de se ter um público mais contemplativo que participativo. Esta tendência, já verificada em jogos de seleções – principalmente nas Copas do Mundo – podem se repetir nas partidas dos clubes locais.”

É de se prever, portanto, um novo estilo de torcer. Sobre este aspecto, o jornalista esportivo Mauro Cezar Pereira, em entrevista cedida ao documentário “Adeus, Geral” (2016, não p.), indaga e deduz que essas novas condições podem incorrer, no Brasil, em “[...] um cenário como os melancólicos estádios da Premier League em sua maioria, são organizados, bonitos, modernos, mas onde as torcidas são frias, [...] estádios como do Arsenal, moderníssimo, sessenta mil lugares, sempre lotado, mas com uma torcida de teatro [...]”

Pode-se dizer que a nova relação do torcedor com o estádio, traduzida, talvez, por um comportamento mais contido, apático, seja o que se espera para ele e não por ele. Partindo do pressuposto de que existe uma afinidade entre torcedor e estádio, construída ao longo da história, é possível afirmar que, a partir daí, é consolidado um “*habitus*²⁴ *espacia-*

24 Nas menções de Bourdieu (1983, p. 65), *habitus* é definido como “[...] um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas [...]”

lizado” que é “típico a cada estádio e a cada torcida.” (NASCIMENTO; BARRETO, 2013, p. 2).

Uma vez que o espaço é alterado, o hábito de torcer pode ficar “deslocado”. E das alterações já ocorridas nos estádios brasileiros, o que já pode ser considerado é que a relação do torcedor com o futebol brasileiro já não é mais a mesma. E, usando a expressão²⁵ de Campos e Toledo (2013, p. 126), “[...] Que ‘país do futebol’ sairá desse processo ainda não sabemos.”

Porém, pode-se considerar que as atuais expectativas da forma de torcer nos novos estádios brasileiros, assemelham-se à ideia de Augé (1994, p. 23), sobre a produção do “outro social”, em termos político e econômico, que definem “os respectivos lugares de uns e de outros.” Isso, pois, a representação do indivíduo é estabelecida a partir de suas vivências sociais e, no estereótipo delineado para as novas práticas torcedoras, que podem alterar a identificação do sujeito com o local de jogo, os não lugares vão sendo produzidos pela instabilidade da relação entre vivência, tempo e espaço que representa, contemporaneamente, uma cisão do vínculo do clássico torcedor com os novos estádios brasileiros de futebol.

Novas fronteiras são criadas a partir das atuais exigências de comportamento nos estádios. Os repertórios são outros, pretendem-se ímpetos contidos, ainda estranhos para muitos. São novos sentidos que poderão produzir uma nova identidade. Mas o não lugar está aí, absoluto, esperando uma nova localização cultural no espaço.

Apresentar as informações nos parágrafos anteriores está justificada no entendimento de que a modernização do futebol brasileiro é um

25 Essa expressão foi utilizada por Campos e Toledo (2013) para representar outra ideia. Foi utilizada no contexto deste texto por entender que ela expressa exatamente a cautela que deve-se ter ao tratar da produção de sentido atribuído ao futebol a partir das influências do processo de modernização dos estádios brasileiros.

processo contínuo e abrangente. E a estrutura do espaço de ocorrência do jogo é uma das esferas alcançadas por esse processo, que se manifestou e se manifesta no esporte brasileiro há muitas décadas. Avalia-se neste estudo, também, assim como Proni (1998, p. 15), que as alterações do futebol, no Brasil, foram impostas por agentes internos e externos e “se expressam internamente em disputas de natureza econômica, política e social, compondo um quadro de tensões que geralmente resultam numa nova configuração de forças e num novo ordenamento esportivo.”

Tratando especificamente do que pode ocorrer em um novo ordenamento esportivo, a partir das novas estruturas arquitetônicas para os jogos de futebol, que requer outros hábitos culturais dos torcedores e isso, considerando que os hábitos são determinados pela apropriação de esquemas integrados às experiências passadas (BOURDIEU, 1983, p. 65) e que cultura é “o processo pelo qual o ser humano acumula as experiências que vai sendo capaz de realizar, discerne entre elas, fixa as de efeito favorável e, como resultado da ação exercida, converte em ideias as imagens e lembranças, [...]” (VIEIRA PINTO, 1985, p. 123), em outras palavras, as recentes transformações dos estádios brasileiros em arena multiuso moldam outros torcedores, o que pode implicar, também, em outra maneira de se identificar com a referida modalidade esportiva, gerando, assim, uma transição da identidade futebolística de uma localidade, a partir de uma demanda externa aos interesses das populações diretamente envolvidas e, dessa maneira, afetadas. E é esse fator que compõe a razão central da verificação intencionada neste estudo.

CAPÍTULO 3

HISTÓRIA E MEMÓRIA DO ESTÁDIO GOVERNADOR JOSÉ FRAGELLI – VERDÃO E SUA RELAÇÃO COM UMA DEMANDA LOCAL ESPONTÂNEA

Trazer à cena informações sobre um determinado local, que durante muito tempo esteve a serviço de grandes eventos esportivos ligados ao futebol, no trajeto de sua passagem pelo tempo de trinta e quatro anos na paisagem da cidade de Cuiabá/MT, incide na tentativa de ultrapassar o campo de registro e adentrar no campo de pesquisa relacionada ao lugar como um elemento constituidor de identidade, de maneira que possa acender a formação da consciência histórica, a partir de um espaço que representa uma marca expressiva no desenvolvimento do esporte local. Considerando como aporte teórico a ideia de lugar estabelecida por Marc Augé (1994, p. 73), em que a experiência com o espaço impulsiona as relações e afeições que se constituem nele e a partir dele. E este espaço pode ser considerado um lugar por “se definir como identitário, relacional e histórico.”

É com essa perspectiva que esse capítulo se apresenta, sob o pressuposto de delinear as aproximações entre o torcedor cuiabano e o cenário futebolístico local, partindo do objetivo de retratar a história decorrente da edificação do Estádio Governador José Fragelli – Verdão até a sua total demolição e, também, estabelecer seus traços de relação com a identidade esportiva da população cuiabana.

Idealizado a partir de uma demanda local espontânea²⁶, já no ano de 1970, o Estádio Verdão – assim chamado inicialmente, apresentou-se

26 O termo “demanda espontânea” é utilizado para indicar o surgimento de um espaço/local a partir da necessidade dos desportistas regionais da época. No caso deste

bastante discutido pelo poder público estadual e municipal e, desde então, foi ganhando força nas intenções da população cuiabana, que se mostrava com esperança e ansiosa para que, muito brevemente, o estádio se tornasse uma realidade²⁷.

Na data de 8 de julho de 1970, foi anunciado em um dos principais jornais de circulação da capital, à época, que os estudos para a construção do estádio, já conhecido popularmente pelo nome Verdão, se encontravam bem adiantados. Na matéria, foi informado que no dia 7 de julho de 1970, ocorreu uma reunião entre o presidente da Federação Mato-grossense de Desportos – FMD²⁸, o economista Agripino Bonilha Filho (1970-1975)²⁹ e o então governador do estado, o engenheiro Pedro Pedrossian (1966-1971), filiado à época ao Partido Social Democrático – PSD, em que foi sinalizada a anuência para os preparativos dos procedimentos de empréstimo a ser feito na Caixa Econômica Federal e reafirmado o suporte para a edificação do novo estádio, que seria prestado pela Confederação Brasileira de Desportos – CBD³⁰, como foi comprometido pelo seu presidente à época, o senhor João Havelange³¹. (1958-1975).

texto, por um espaço de jogo maior, mais estruturado ou adequado para a realização de competições esportivas da modalidade de futebol.

27 A primeira notícia que se teve contato para esta investigação, encontrada na Superintendência do Arquivo Público de Mato Grosso, traz como enunciado: “‘Verdão’ foi discutido em Assembleia”. Essa publicação consta no extinto jornal Equipe, publicanda na edição de número quatrocentos e trinta, do dia 8 de maio de 1970.

28 Desse ponto em diante, a sigla FMD será utilizada todas as vezes que a Federação Mato-grossense de Desportos for referida.

29 Formato em que será informado no texto o período de ocupação das referidas funções.

30 Desse ponto em diante, a sigla CBD será utilizada todas as vezes que a Confederação Brasileira de Desportos for referida.

31 Jean-Marie Faustin Goedefroid Havelange, conhecido como João Havelange, também foi presidente da FIFA entre os anos de 1974 a 1998.

Então é anunciado: “Vem aí o ‘Verdão’”³², nesse ponto, a construção da nova praça esportiva de Cuiabá não podia mais esperar. Amplo era o anseio da população por um maior e mais moderno estádio. E isso repercutia em constantes matérias jornalísticas publicadas nos principais jornais da época, com notícias que acompanharam o período de articulação e de início das obras, percorreram o período da edificação até a inauguração do Verdão e, incisivamente, demonstraram o interesse e a necessidade da capital mato-grossense por uma nova “casa” do futebol local.

Parte dessa premissa o que é apresentado nesse texto por surgimento do Estádio Verdão a partir de uma demanda local espontânea e, para melhor esclarecimento da ideia, entendeu-se como necessário discorrer sobre os espaços que, antes do Verdão, eram destinados às ocorrências dos jogos da modalidade esportiva futebol, na cidade de Cuiabá. Considerando nos principais jornais de circulação interna, vigentes na época, a fundamental fonte de informações que subsidiaram a construção dessa explanação.

3.1 Algumas tessituras dos estádios de futebol de Cuiabá existentes na década de 1960

Do registro histórico sobre o primeiro contato da população cuiabana com o futebol, foi possível extrair o ano de 1905 como o marco inicial dessa modalidade esportiva na capital mato-grossense, principiada pelo padre Antônio Maria Malan, que no retorno de uma de suas viagens a São Paulo, trouxe consigo duas bolas de futebol e informações sobre as condições para a realização do jogo. Integrante da expedição missionária

32 Título da matéria que anuncia a reunião entre as autoridades estaduais responsáveis pelas primeiras articulações do Estádio Verdão, publicada no Jornal Equipe de 8 de julho de 1970. Depositado na Superintendência de Arquivo Público de Mato Grosso.

de Mato Grosso e atuante no Colégio Salesiano São Gonçalo, padre Malan disseminou o futebol entre os estudantes salesianos da época e possibilitou a essa instituição educacional ser o primeiro local em que ocorreram as manifestações desse jogo. (PÓVOAS, 1983).

Neste contexto, surgiu para os mato-grossenses outra atração contemplativa e de prática coletiva. O futebol se popularizou e, inicialmente, dividiu espaço com as touradas, que ocorriam no Campo D’Ourique – popularmente conhecido como Largo da Forca, situado na Rua Barão de Melgaço que, em seu primórdio, era onde se castigavam os escravos e enforcavam os condenados pela justiça. “Para mudar a proposição de local de tortura e mortes em consequência de punições, em seguida o local passou a acolher as ‘Cavalhadas e Touradas Cuiabanas’ como, também, abrigou em seu gramado o ‘futebol da gurizada’.” (LIMA; BENITEZ; RODRIGUES, 2017, p. 155-156). Nesse local, atualmente, está sediada a Câmara Municipal de Cuiabá, que foi inaugurada no dia 15 de agosto de 1972.

Quanto à data e local de ocorrência do primeiro confronto oficial entre duas equipes de futebol na cidade – Cuiabá Foot-ball Club *versus* Internacional Foot-ball Club, verificou-se o dia 15 de novembro de 1913 como a data do evento e o Campo D’Ourique como o lugar em que ocorreu essa disputa. (FOOT-BALL, 1913, p. 2).

O primeiro “match de football”³³ na capital mato-grossense ocorreu em comemoração à data da Proclamação da República e foi acompanhado por um numeroso grupo de pessoas, pelo então presidente³⁴ de Mato Grosso Joaquim Augusto da Costa Marques (1911-1915) e demais autoridades do estado. O jogo ocorreu numa tarde de sábado, com início às 17 horas e 05 minutos e teve como vencedor da disputa o time Cuiabá Foot-ball Clube por 03 gols a 0. Esse placar foi considerado razoável na opinião

33 Denominação utilizada à época para se referir ao jogo de futebol.

34 Atualmente é utilizada a denominação de governador para o cargo.

da imprensa escrita reconhecendo-se o valor positivo da iniciativa dos jogadores da primeira equipe desse gênero esportivo, o Cuiabá Foot-Ball Clube, fundado entre agosto e setembro de 1913, de ter introduzido de maneira organizada em disputa oficial o esporte futebol em Cuiabá.

Devido à restrita estrutura do local onde aconteceu o primeiro jogo oficial da história de Cuiabá, ficou a cargo dos interessados em assistir a disputa que estava para acontecer, providenciar suas acomodações para que pudessem assentar-se e prestigiar a partida. Essa demanda foi anunciada pelo jornal *O Debate*, edição de 15 de novembro de 1913, que informou a necessidade de o público encaminhar cadeiras para o local uma hora antes do início do jogo e a diretoria do Cuiabá Foot-ball Club organizou uma comissão para receber essas cadeiras e marcar os lugares. (ENTRE os dois clubes de foot-ball, 1913, p.1).

Do chamamento da população para prestigiar o primeiro confronto, já se admitia uma boa organização das equipes, porém, também já se lamentava a precariedade do local para a realização desse evento.

Outros espaços também compuseram o cenário de ocorrências de jogos antes que a capital mato-grossense tivesse um estádio de futebol. Como, por exemplo, o campo da Praça General Mallet – local onde, posteriormente, foi construído o primeiro estádio de futebol de Cuiabá e o campo do largo do Arsenal de Guerra – onde mais tarde foi construído o segundo estádio de futebol cuiabano.

Das verificações sobre as primeiras condições em que as práticas do esporte futebol ocorreram na capital mato-grossense, foi possível constatar que esse gênero esportivo surgiu das “peladas” em campos de várzeas, despertou grande interesse na população local e desenvolveu-se ao ponto da organização em clubes.

Contudo, a trajetória do futebol em Cuiabá seguia “sem rumo e sem apoio”. E, mesmo com a melhoria da organização dos times em clubes, o futebol da capital carecia de “suporte financeiro e a estrutura indispensável à sua sobrevivência.” (CAMPOS, 1983, p. 16). Trata-se aqui por estrutura exatamente o local para a realização de jogos de futebol. Disso dependia o futuro desse gênero esportivo em todo o estado de Mato Grosso. Neste ponto, surgiu a primeira demanda local espontânea por um estádio que acompanhasse e viabilizasse o crescimento do esporte futebol na cidade de Cuiabá.

É assim que, dos campos de várzeas ao Estádio do Comércio, o jogo de futebol foi deslocado para outro ponto da cidade como possibilidade de ampliar a difusão do esporte via realização de campeonatos oficiais como, por exemplo, o primeiro Campeonato Mato-grossense de Futebol, disputado na categoria amador, realizado em 31 de janeiro de 1943. Esse campeonato ocorreu já vinculado a FMD, fundada em 26 de maio de 1942 e presidida em seu princípio pelo senhor Alexandre Addor Filho³⁵ (1942-1946), responsável por legalizar a entidade, por meio de seu registro no Cartório de 1º Ofício de Cuiabá, na data de 11 de janeiro de 1943 e de criar seu primeiro Estatuto Oficial, registrado no DO/MT/ 29/12/1943.

Antes disso, até o ano de 1942, as competições de futebol ocorridas no estado de Mato Grosso eram organizadas por ligas esportivas de cada cidade que, por se simpatizarem com essa modalidade esportiva e devido

35 A primeira diretoria da Federação Mato-grossense de Desporto foi eleita no dia 11 de agosto de 1942 e foi composta pelos seguintes membros: Presidente Alexandre Addor Filho, Vice-presidente José Monteiro de Figueiredo, Conselho Diretor: Gervasio Leite Pereira, Danglars Canavarros, José Anibal Bouret Filho, Alvaro Migueis, Carlos Emilio Bianchi, Salim Moisés Nadaf, José de Carvalho. (ELEITA a diretoria..., 1942). ELEITA a diretoria da Federação Mato-grossense de Desportos. **O Estado de Mato Grosso**. Cuiabá, 12 de agosto de 1942, p. 4. Arquivo da Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=Alexandre%20Addor%20Filho&pasta=ano%20194>>. Acesso em: 2 jul. 2019.

à ausência de uma entidade oficial no estado, se propunham a promover competições entre os clubes de futebol já fundados na época.

Na capital mato-grossense, devido à proximidade da finalização das obras do primeiro estádio da cidade, os diretores esportivos da época, interessados em criar “um órgão que dirigisse e orientasse o esporte em Cuiabá”, promoveram duas reuniões e fundaram no dia 11 de junho de 1936 a Liga Esportiva Cuiabana – LEC, que foi presidida pelo desembargador José Vieira do Amaral³⁶, eleito por unanimidade pelos membros das entidades esportivas que se constituíram como sócias fundadoras da LEC, sendo elas: Americano Futebol Clube³⁷; Associação Atlética Tipográfica³⁸; Esporte Clube Destemido³⁹; Clube Esportivo Dom Bosco⁴⁰; Clube Esportivo Feminino⁴¹;

36 Não foram encontrados registros sobre o período de presidência de José Vieira do Amaral na da LEC.

37 O Americano Futebol Clube foi fundado no ano de 1928, na cidade de Cuiabá. Esta agremiação já está extinta.

38 Não foram localizadas informação sobre esse clube esportivo. Esta agremiação esportiva já está extinta.

39 Não foram localizadas informação sobre esse clube esportivo. Esta agremiação esportiva já está extinta.

40 O Clube Esportivo Dom Bosco foi fundado no ano de 1925, no Colégio Salesiano São Gonçalo, situado na cidade de Cuiabá.

41 O Clube Esportivo Feminino foi fundado no ano de 1928, com a liderança de Zulmira D’Andrade Canavarros (seis anos depois participou da fundação do Mixto Esporte Clube), acompanhada por Anna Luiza de Matos, Balbina Garcia, Francisca Bastos Cuiabano, Hercília da Costa Marques e Maria Alzira Alderet. Esta agremiação esportiva já está extinta.

Comércio Esporte Clube⁴²; Esporte Clube Formoso⁴³; Esporte Clube Paulistano⁴⁴; Esporte Clube Pelote⁴⁵ e Mixto Esporte Clube⁴⁶. (CAMPOS, 1983, p. 20).

Os registros que tratam da edificação do primeiro estádio de futebol de Cuiabá, o Estádio do Comércio, com endereço na Avenida Getúlio Vargas, são quase inexistentes. Neste caso, foi preciso recorrer a uma única fonte, disposta no formato de livro que se encontra depositado na Superintendência de Arquivo Público do Estado de Mato Grosso. Trata-se da obra intitulada de “Reminiscência do futebol cuiabano – Comércio Esporte Clube suas realizações e participação nas decisões pelo engrandecimento do esporte em Cuiabá”, produzida pelo autor Manoel Soares de Campos, no ano de 1983, cujo principal teor é o percurso do futebol cuiabano entre os anos de 1935 e 1941.

Do que está documentado na obra “Reminiscência do futebol cuiabano...”, a data do dia 7 de setembro de 1936 é apresentada como o

42 O Comércio Esporte Clube foi fundado no ano de 1931 por comerciantes da cidade de Cuiabá e teve como seu primeiro presidente o senhor Altair Cavalcanti de Mattos, um de seus fundadores. Esta agremiação já está extinta.

43 Não foram localizadas informação sobre esse clube esportivo. Esta agremiação esportiva já está extinta.

44 O Esporte Clube Paulistano foi fundado no ano de 1928, na cidade de Cuiabá. Esta agremiação já está extinta.

45 Único dado encontrado sobre o Esporte Clube Pelote, referente à sua identificação, informa que essa agremiação esportiva caracterizava-se como uma equipe da modalidade esportiva voleibol. Nenhum outro dado foi encontrado nesta pesquisa. Essa agremiação esportiva já está extinta.

46 O Mixto Esporte Clube foi fundado no ano de 1934, sob influência do Clube Esportivo Feminino e do Esporte Clube Pelote, com a expectativa de reunir homens e mulheres em igualdade de condição de participação nas atividades culturais e esportivas. Fundado por Avelino Huguene de Siqueira, Delfino Nonato de Faria, Gastão de Mattos, Maria Malhado, Naly Huguene de Siqueira e Zulmira D’Andrade Canavarros (primeira presidente do Mixto), essa agremiação esportiva foi idealizada, inicialmente, para organizar um time de voleibol composto por homens e mulheres, visto que na época, em Cuiabá, era muito difícil formar um time com o quantitativo somente de homens. Por essa questão, é dado ao referido clube esportivo o nome de Mixto, com x, respeitando a grafia da época. Somente em 1937 é fundado o time de futebol do Mixto, já com a participação de Ranulpho Paes de Barros.

dia da inauguração do Estádio do Comércio, cujo maior empenho para a sua construção partiu do então presidente do time de futebol Comércio Esporte Clube, senhor Manoel Soares de Campos⁴⁷ – também autor do livro supracitado.

Figura 25 – Campo do Estádio do Comércio/Campo do Bosque Municipal



Fonte: Futebol no Estádio (14 maio 2018).

Figura 26 – Arquibancada do Estádio do Comércio/Campo do Bosque Municipal



Fonte: Futebol no Estádio (14 maio 2018).

⁴⁷ Não conseguimos encontrar registros que informam o período de permanência do senhor Manoel Soares de Campos na presidência do Comércio Esporte Clube.

Sabe-se, a partir das informações encontradas, que o primeiro estádio de Cuiabá pertencia ao Comércio Esporte Clube, que recebeu em doação o local onde foi edificado o Estádio do Comércio, feita pelo então governador Mário Corrêa da Costa (1926-1930, 1935-1936), em seu segundo mandato, via Decreto nº 42, oficializado no dia 23 de dezembro de 1935, que trata, em seu artigo de número 01, da cedência gratuita do terreno localizado na Praça General Mallet, antes de propriedade do estado de Mato Grosso, para construção de um campo de futebol que atenderia a sociedade local como uma praça de esportes. (CAMPOS, 1983).

Em 1939, quatro anos após a cedência do terreno ao clube de futebol local, o Presidente da República, senhor Getúlio Vargas (1930-1945), decidiu revogar a doação e retornar ao domínio do estado a área onde foi construído o Estádio do Comércio, via Decreto de lei número 314, de 16 de novembro de 1939. Por conta dessa decisão, Mato Grosso fica por dois anos sem realizar o Campeonato Estadual de Futebol quando, em 1941 as competições ressurgiram com a inauguração do Estádio do Bosque Municipal, no mesmo espaço antes denominado de Estádio do Comércio. (CAMPOS, 1983).

As ocorrências de atividades relacionadas às competições de futebol no Estádio do Bosque Municipal ficaram bastante restritas a partir do ano de 1944, quando, anexo àquele local, foi inaugurado o Liceu Cuiabano, denominado atualmente como Escola Estadual Liceu Cuiabano Maria de Arruda Muller, por meio do Decreto de número 1.826 de 11 de outubro de 2000.

Figura 27 – Imagem aérea do antigo Estádio do Comércio e atual campo da Escola Liceu Cuiabano



Fonte: Google Maps (8 ago. 2019a).

A construção da referida escola junto ao Estádio do Bosque Municipal impactou na realização de campeonatos no local, tornando-os inviáveis devido às dificuldades de acesso dos jogadores e dos espectadores/torcedores ao estádio que ficou vinculado à escola. Assim, as competições de futebol passaram a ser disputadas, também, no campo do largo do Arsenal de Guerra, um campo de futebol com estrutura física limitada ao próprio gramado que, tempos depois, cedeu espaço para a construção daquele que se tornou o segundo estádio de futebol cuiabano.

Dessa ocorrência, surgiu a segunda demanda local espontânea para construir um novo estádio para a comunidade cuiabana. Foi neste contexto que iniciaram-se as conjecturas para construção do segundo estádio de futebol localizado em Cuiabá, que no ano de 1952 foi apresentado aos cidadãos como Estádio Presidente Eurico Gaspar Dutra e, ao longo de sua história, ficou popularizado como Estádio Dutrinha.

A trajetória para a sua construção foi efetivamente iniciada na data de 2 de fevereiro de 1950, quando o então prefeito de Cuiabá, senhor Leonel

Hugueneu (1947-1951)⁴⁸, procede com a doação do terreno para a FMD, presidida na época pelo senhor José Monteiro de Figueiredo (1950-1954). O terreno de medidas aferidas em vinte e cinco mil e seiscentos e cinquenta metros quadrados, localizado na Rua Joaquim Murtinho, bairro Porto, onde estava localizado o antigo largo do Arsenal de Guerra de Cuiabá, foi doado com o propósito de viabilizar a construção de um novo estádio para a cidade.

De posse do terreno, a FMD precisava, então, captar recursos para a edificação do estádio. Para isso, José Monteiro de Figueiredo, conseguiu subsídios do General Eurico Gaspar Dutra, Presidente da República na época (1946-1951), filiado ao Partido Social Democrático - PSD, graças ao intermédio do então deputado federal de Mato Grosso, senhor João Ponce de Arruda (1945-1967), que foi filiado ao Partido Social Democrático - PSD, à Aliança Democrática Social Trabalhista – ADST e à Aliança Renovada Nacional – ARENA.

Com a doação do terreno feita pela Prefeitura Municipal de Cuiabá e o subsídio de Cr\$ 1.000.000,00 (um milhão de cruzeiros) para a conclusão das obras do novo estádio da região, cedido pelo Presidente da República General Eurico Gaspar Dutra – cuiabano de nascimento, que foi homenageado com a atribuição de seu nome ao estádio, deu-se início ao delineamento da estrutura do novo espaço de jogo da cidade, sob a projeção de se tornar uma réplica do estádio Maracanã⁴⁹ em Cuiabá, em atenção às solicitações do senhor Presidente da República. (OLIVEIRA JUNIOR, 2007).

Isso, pois, o Presidente Dutra era um aficionado por futebol e, durante a sua gestão, trouxe para o Brasil a Copa do Mundo da FIFA de 1950

48 Não foi possível identificar a filiação partidária política do senhor Leonel Hugueneu.

49 A primeira referência do Estádio Presidente Gaspar Dutra como o Maracanã cuiabano, foi encontrada na seguinte referência: QUASE concluídas as obras do Estádio Presidente Dutra. **O Estado de Mato Grosso**. 1 de janeiro de 1952, p. 2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=est%20C3%A1dio%20presidente%20dutra&pasta=ano%20195>>. Acesso em: 31 jul. 2019.

e construiu o maior estádio de futebol do Brasil, na época considerado o maior estádio do mundo, o Estádio Jornalista Mário Filho – Maracanã, inaugurado em 16 de junho de 1950, na cidade do Rio de Janeiro, que serviu de modelo inspirador para o projeto arquitetônico do Dutrinha.

No entanto, mesmo com o montante de dinheiro enviado do governo federal, o desejo de construir um estádio com características similares as do Maracanã não tomou forma concreta. Relatos indicam que o Presidente Dutra demonstrou seu desapontamento com o produto final da obra, quando em 1952 esteve em Cuiabá para a inauguração da nova praça esportiva e constatou que a sua estrutura não fazia qualquer referência ao projeto inicial – o Estádio Eurico Gaspar Dutra não se assemelhava em nada ao Maracanã. Então, o Presidente recusou-se a participar da cerimônia oficial de inauguração do Dutrinha. (*Id. loc. cit.*).

Mesmo com estrutura inferior ao projetado, com capacidade de comportar no máximo quatro mil e quinhentas pessoas em suas instalações, o segundo estádio de futebol da cidade de Cuiabá, por muitos anos atendeu como o principal palco do futebol mato-grossense.

Naquela praça esportiva, ocorreram jogos memoráveis, como, por exemplo, a partida entre as equipes Santos Futebol Clube⁵⁰ e Mixto Esporte Clube, com placar de 05 gols a 01 para o Santos, disputada no dia 8 de abril de 1969, em comemoração ao aniversário de duzentos e cinquenta anos da capital mato-grossense, sendo essa a terceira atuação da equipe de futebol do Santos nos gramados do Dutrinha. As duas outras estadas em Cuiabá, em jogos disputados com o Clube Esportivo Dom Bosco no Estádio Presidente Eurico Gaspar Dutra, são datadas do dia 8 de maio de 1965 e 13 de junho de 1966, nas quais esteve presente uma das figuras ilustres do cenário futebolístico, o jogador Edson Arantes

50 O Santos Futebol Clube foi fundado no ano de 1912, sediado na cidade de Santos, estado de São Paulo.

do Nascimento, na época já conhecido como o Rei Pelé. Pelé foi um dos jogadores de importância internacional que marcou presença e deu “vida” ao gramado do Estádio Dutrinha. Foram anos de glória, até que em 1976 foi inaugurado na cidade um novo estádio de futebol, maior e mais moderno.

Figura 28 – Imagem aérea do Estádio Presidente Eurico Gaspar Dutra – Dutrinha



Fonte: Google Maps (8 ago. 2019b).

Figura 29 – Vista do campo pela arquibancada principal



Mixtonet.com (14 maio 2018).

Figura 30 – Arquibancada do Dutrinha em dia de jogo



Fonte: Mixtonet.com (14 maio 2018).

Vítima da ação do tempo, o Estádio Dutrinha permaneceu por um longo período sem receber as manutenções necessárias e, apresentando quase total deterioração, por diversas vezes foi interditado.

Sob a justificativa de preservá-lo, o então vereador do parlamento cuiabano, senhor Emanuel Pinheiro (1988-1994)⁵¹, filiado ao Partido da Frente Liberal – PFL, cria a Lei Municipal de número 2.761, de 25 de maio de 1990, que declara o Estádio Presidente Eurico Gaspar Dutra tombado como Patrimônio Histórico Municipal de Cuiabá, Mato Grosso. Ainda sob essa aspiração, no dia 12 de julho de 2011 é assinado o Decreto de desapropriação do Estádio Presidente Eurico Gaspar Dutra – o Dutrinha, condicionando-o à administração municipal, pelo prefeito em exercício, o senhor Júlio Pinheiro – na época presidente da Câmara

51 No site de registro das Leis Municipais, disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/mt/c/cuiaba/lei-ordinaria/1990/227/2761/lei-ordinaria-n-2761-1990-declara-tombado-pelo-departamento-de-cultura-do-municipio-de-cuiaba-como-patrimonio-historico-da-cidade-de-cuiaba-o-estadio-presidente-eurico-gaspar-dutra>> e no site Jusbrasil, disponível em: <<https://cm-cuiaba-mt.jusbrasil.com.br/legislacao/590485/lei-2761-90>> acesso em: 2 maio 2018, a autoria da Lei Municipal de número 2.761, de 25 de maio de 1990 é atribuída ao vereador Luiz Estevão Torquato (1983-1987).

de Cuiabá (2010-2016), filiado ao Partido Democrático Trabalhista – PDT, que ficou a frente da prefeitura deste município por um período de quinze dias (30/06/2011-15/07/2011), durante uma licença tirada pelo então prefeito da cidade, o senhor Francisco Galindo (2010-2012), filiado ao Partido Trabalhista Brasileiro – PTB. (JORDÃO; OLIVEIRA, 2011).

Até a data da desapropriação, o estádio estava de posse da Federação Mato-grossense de Futebol – FMF⁵², Antiga Federação Mato-grossense de Desportos⁵³ (1942-1975) e esse ato foi justificado pela preocupação dos governantes municipais de que o Estádio Dutrinha deixasse de existir devido às dívidas que foram contraídas e acumuladas durante os anos, que poderiam levá-lo a leilão. (*Id. loc. cit.*).

Com esse ato, a gestão da época tinha a pretensão de tornar lucrativas as atividades ocorridas no estádio, de maneira que o Dutrinha se tornasse autossustentável. Mas na realidade, o Dutrinha segue interdito e com estrutura precária devido à falta de manutenção e demais investimentos dos setores públicos responsáveis.

52 Desse ponto em diante, será utilizada a sigla FMF todas as vezes que a Federação Mato-grossense de Futebol for referida.

53 No dia 24 de maio de 1975 foi anunciado que no dia 25 do mesmo mês e ano a Federação Mato-grossense de Desportos passaria a ser nominada de Federação Mato-Grossense de Futebol. FMF tomará lugar da FMD amanhã. (**O Estado de Mato Grosso**. Cuiabá 24 de maio de 1975, p. 7. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pasta=ano%20197&Pesq=FMF%20tomar%20a%20lugar%20da%20FMD%20amanha%20a3>>. Acesso em: 23 fev. 2018. Contudo, somente em 24 de março de 1979 houve o desmembramento das modalidades esportivas, a federação deixa de ser eclética e 21 de abril de 1979 oficialmente passa a ser denominada de Federação Mato-grossense de Futebol – FMF. FMD vai mudar de sigla a partir deste 21 de abril. **O Estado de Mato Grosso**. Cuiabá 21 de abril de 1979, p. 8. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pasta=ano%20197&Pesq=FMD%20vai%20mudar%20de%20sigla%20a%20partir%20deste%2021%20de%20abril>>. Acesso em: 7 jun. 2019).

3.2 De estádio a estádio – Segue a demanda por um espaço de jogo em Cuiabá condizente com o futebol mato-grossense da década de 1970

Preza-se que o Dutrinha “viu” ascender os mais notáveis clubes do estado, deu suporte na realização de grandes jogos dos principais campeonatos locais, mesmo quando já existia o Estádio Governador José Fragelli – Verdão, dividiu a atenção do público, contribuiu para o desenvolvimento do esporte no estado, “assinou” seu nome na história do futebol mato-grossense.

Mas já não atendia às demandas de um futebol em crescimento e nem aos projetos de modernização da capital mato-grossense. As ocorrências advindas da estrutura precária do Dutrinha provocaram insatisfações e uma série de advertências sobre a ausência de um espaço de jogo de futebol compatível com a importância de uma capital e, ainda mais, sendo este o celeiro do futebol do estado. Assim, apareceu a terceira demanda local espontânea por um novo estádio na capital de Mato Grosso.

Tamanha era a aspiração pelo novo estádio que a demora em iniciar as obras e os anúncios de reforma do Dutrinha ecoavam em tons de decepção. A imprensa escrita da época noticiava com acidez tais ocorrências e colocava em dúvida as intenções do governador do estado.

O Jornal Equipe, publicado em 7 de fevereiro de 1973, atualmente depositado na Superintendência de Arquivo Público de Mato Grosso, na matéria intitulada “A farsa do Verdão”, usou meios metafóricos para manifestar a sua posição frente à promessa do governador do estado, senhor José Manoel Fontanillas Fragelli (1971-1975), filiado ao Partido Movimento Democrático Brasileiro – PMDB, rebatizado em 2017 de Movimento Democrático Brasileiro – MDB⁵⁴, de entregar o Estádio Verdão em seis meses,

⁵⁴ Em votação ocorrida na Convenção Nacional Extraordinária do Partido do Movimento Democrático Brasileiro, no dia 19 de dezembro de 2017, em Brasília, os delegados do referido partido político aprovaram a troca de nome da sigla de PMDB

que foi tratada por esse meio de comunicação da época como ludibriosa devido ao anúncio do então presidente da FMD, senhor Agripino Bonilha Filho, a respeito da ampliação do “estádio do Porto”. Com uma boa dose de ironia, o senhor governador do estado e o senhor presidente da FMD são congratulados pelas “benéncias” ao futebol mato-grossense nos seguintes trechos da matéria: “Obrigado, governador, pela sua dedicação. Pela sua promessa. Pelo seu amor a Cuiabá.” E, ao senhor Bonilha, em consideração ao seu anúncio de ampliação do Estádio Dutrinha: “Deus te abençoe pela grande solução para o nosso futebol... Deus te abençoe, pela construção de mais um lance nas arquibancadas...” (A FARSA do Verdão, 1973, p. 3).

Entretanto, a estrutura sinalizando problemas não era o único motivo do anseio sentido pelos cidadãos, em função de um novo espaço de jogo. Antes mesmo deste período, em que houve recorrentes necessidades de manutenção no Dutrinha, a população já se pronunciava em solicitação da construção de outro estádio em solos cuiabanos.

Havia, também, uma questão de vaidade movendo algumas reivindicações para a construção de um novo estádio em Cuiabá. Isso porque em 7 de março de 1971 foi inaugurado, na cidade de Campo Grande, o Estádio Universitário⁵⁵ Pedro Pedrossian, conhecido popularmente como Morenã, com capacidade de acolhimento de público estimada em quarenta e cinco mil, cujo nome foi atribuído em deferência ao então governador de Mato Grosso – ainda uno, que o idealizou. Legando à região sul do estado a sede do futebol mato-grossense, à época.

para MDB. A partir desse momento, a sigla MDB será utilizada quando ocorrer referência a este partido político, no sentido de acompanhar a sua denominação atual.

55 O Estádio Universitário Pedro Pedrossian foi construído no *campus* da Universidade Estadual de Mato Grosso – instituição criada em 1962 que, depois da divisão do estado, ficando denominado um Mato Grosso e o outro Mato Grosso do Sul, a instituição foi federalizada, passando a denominar-se Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, assegurada pela Lei Federal número 6.674, homologada em 5 de julho de 1979.

Não bastava a restrita e frágil estrutura do Estádio Dutrinha, cujas arquibancadas não comportavam o número de torcedores que compareciam aos jogos e grande quantidade deles acabava ficando do lado de fora, havia também a disputa entre as cidades Cuiabá e Campo Grande – esta última já com estrutura urbana maior do que a da capital do estado. “Afim de contas, Cuiabá não poderia ficar atrás em modernidade, e faltava um estádio de futebol à altura. O velho ‘Estádio Presidente Dutra’, o ‘Dutrinha’, já não comportava mais uma cidade em pleno crescimento. O ‘inha’ precisava ser ‘ão.’” (PORTELA, 2008 *apud* PEREIRA, 2013, p. 151).

Nesse contexto, a reivindicação por um novo estádio tornou-se mais incisiva após a inauguração do Moreirão, que deixou mais acalorada a disputa entre as duas cidades e a construção de uma nova praça esportiva em Cuiabá passa a ser considerada uma questão de honra.

A construção do Estádio Governador José Fragelli representa este desejo de se modernizar e de mostrar a Campo Grande seu poderio; [...] Respectivamente, era “Verdão” contra “Moreirão”; o sufixo “ão” de imponência foi associado às perífrases pelas quais eram conhecidas as duas cidades: “Cidade Verde”, Cuiabá e “Cidade Morena”, Campo Grande, como forma de marcar a rivalidade, seja no campo da política, seja no campo desportivo. (PORTELA, 2008 *apud* PEREIRA, 2013, p. 150-151).

Pesava-se, também, o fato do esporte futebol apresentar-se, à época, como um elemento social de grande prestígio entre os cidadãos de Cuiabá e muitas formas de manifestação popular se organizavam a partir desse jogo. Exemplo disso é a ocorrência do clássico entre as equipes do Mixto Esporte Clube de Cuiabá e o Asas Esporte Clube de Campo Grande, realizado pela FMD, que homenageou o ex-governador Pedro Pedrossian e o então Governador José Fragelli, em ato de transição de governo, em que duas taças foram entregues por ocasião do intermunicipal, a Taça do Adeus, em

homenagem a Pedrossian e a Taça de Boas Vindas, em homenagem a Fragelli. Ficando, as duas taças, de posse da equipe vencedora do amistoso. Da disputa, o Mixto Esporte Clube consagrou-se vencedor, com um placar de 03 gols a 0.

A população cuiabana precisava de um estádio maior, que comportasse seu amor pelo futebol e, também, legitimar-se social, esportiva e politicamente frente aos campo-grandenses. E, na defesa e insistência pela construção imediata do novo estádio na capital, o jornal O Estado de Mato Grosso, em sua edição de 18 de junho de 1972, na matéria intitulada “‘Verdão’ uma questão de honra” (1972, p. 4) destaca que a construção do “nosso estádio’, o ‘Verdão’” é uma “questão de consciência, de lógica, de razão.” Visto que “em Cuiabá se encontra o único futebol profissional do Estado. [...] teríamos ainda o fato de ser o cuiabano o mais entusiasmado desportista de Mato Grosso, tendo no futebol uma vibração tal que chega até a surpreender a aqueles que acompanham a evolução dos esportes no País e no mundo.”

Desse modo, a identidade esportiva local passa por uma ressignificação, a construção do Verdão torna-se necessária vista por diferentes aspectos, excedendo à necessidade de um estádio que abrigasse um maior número de pessoas.

Do ponto de vista social, Cuiabá carecia de um espaço que agregasse diferentes possibilidades de lazer e possibilitasse o acesso da população nas mais diversas atividades artísticas, esportivas e culturais, de acordo com o interesse manifestado pelos cuiabanos e população adjacente. E o Verdão foi intencionado para atender, também, a esses interesses, visto que, quando da sua projeção, esperava-se que na estrutura do estádio fosse construído um teatro ao ar livre, com capacidade para receber três mil pessoas. (“VERDÃO” será..., 1976, p. 1).

Do ponto de vista político, o estado de Mato Grosso enfrentava algumas manifestações que expressavam o desejo pela sua divisão e Campo Grande já se destacava em crescimento urbano, o que fortaleceu a frente separatista do sul do estado. O despontamento de Campo Grande frente a Cuiabá,

causou um grande incomodo à cidade capital “[...] que buscava, a qualquer custo, incrementar sua população, seja com obras de modernização e infraestrutura, seja com a expansão das fronteiras agrícolas.” (PORTELA, 2008 *apud* PEREIRA, 2013, p. 150).

Na contramão dos desejos dos cuiabanos de se estabelecer em estrutura urbana e sobrepor à cidade rival, o governo de Pedro Pedrossian inaugurou uma vultosa praça esportiva em Campo Grande – o Morenã. Essa obra aqueceu o campo de disputa entre as duas cidades e potencializou as cobranças da população cuiabana por um novo estádio de futebol, com pressões populares mais abrangentes ocorridas no governo de José Fragelli que teve, por diversas vezes, sua competência administrativa questionada e precisava atender este requerimento dos moradores da capital.

Nas considerações da imprensa escrita, nenhum motivo seria forte o suficiente para adiar a construção do Estádio Verdão, ainda mais pelo fato das rendas obtidas por meio dos jogos ocorridos no Dutrinha serem superiores às aquelas arrecadadas em qualquer outra cidade de Mato Grosso, pelo fato de Cuiabá contar com maior torcida e tradição no futebol e, ainda, ter um precedente arquitetônico, que foi a construção do Morenã, em uma cidade que apresentava uma situação muito diferente destas.

[...] as rendas do Estádio Presidente Dutra somente foram superadas pelas apresentadas no “Morenã” na sua solenidade inaugural e assim mesmo somente um pouco a mais [...]. Mesmo que Cuiabá não apresentasse rendas recordes em Mato Grosso, o governo encontraria justificativas no fato de aqui se encontrar a Capital do Estado e a mais vibrante torcida [...]. O “Verdão” não pode ser mais adiado. A sua construção precisa vir o quanto antes. (“VERDÃO” uma questão de honra, 1972, p. 4).

Contudo, pesava-se contra a construção de um novo equipamento esportivo, o panorama econômico do estado. Na década de 1970, Mato

Grosso enfrentou um difícil período de diminuição da atividade econômica. Ao assumir o governo do estado, José Fragelli arcou, também, com um montante de dívidas deixado pelo seu antecessor. Frente aos recursos que precisavam ser levantados para a construção de um estádio maior, o governador Fragelli foi criticado por muitos agentes do meio político, que desaprovaram “a construção de uma obra desta dimensão física e financeira erguida em meio ao cerrado de Cuiabá.” (VERDÃO 30 anos, 2006). Do ponto de vista esportivo, com a existência de pelo menos dez times de futebol na baixada cuiabana⁵⁶, que dinamizavam a ocorrência de jogos/competições e atraíam um número considerável de público para o estádio, que diversas vezes superaram a capacidade total de quatro mil e quinhentos lugares, principalmente nos jogos com atuação do Mixto Esporte Clube, Clube Esportivo Dom Bosco e Clube Esportivo Operário Várzea-Grandense⁵⁷, e com a intenção de projetar os times locais às competições nacionais e atrair grandes jogos entre times de fora do estado para acontecerem em Cuiabá, a construção de um local de jogo maior e melhor estruturado se tornava extremamente necessária e urgente.

Junto com a potencialização do futebol local, a construção do novo estádio prometia, também, alavancar outras modalidades esportivas. Pois, no anúncio de seu projeto, foi propagado que o futebol não seria o único beneficiado. Na projeção do Estádio Verdão, outros tipos de atividades foram considerados na possibilidade da estruturação de “[...] quadras para disputas simultâneas de 08 modalidades esportivas, sem contar os locais, no fundo de cada gol, destinados a esportes que exigem menores espaços, como

56 Entende-se por baixada cuiabana o perfil territorial composto por 14 municípios do estado de Mato Grosso, adjacentes a Cuiabá. Sendo eles: Acorizal, Barão de Melgaço, Campo Verde, Chapada dos Guimarães, Cuiabá, Jangada, Nobres, Nossa Senhora do Livramento, Nova Brasilândia, Planalto da Serra, Poconé, Rosário Oeste, Santo Antônio do Leverger e Várzea Grande.

57 O Clube Esportivo Operário Várzea-Grandense é um clube de futebol que foi fundado no ano de 1949, na cidade de Várzea Grande, estado de Mato Grosso.

lançamento de disco, dardos, martelos, arremessos de peso e assim por diante.” (“VERDÃO” será ..., 1976, p. 1).

De todas as formas e em todos os argumentos, o Verdão sempre era requerido e defendido sob a alegação do suprimento de uma necessidade local. Já se fazia perceber as relações afetivas estabelecidas com a ideia de se ter um novo espaço de jogo na cidade. Um novo estádio não era mais uma solicitação popular, o Verdão já ocupava espaço no imaginário coletivo e se tornara uma exigência dos mais diferentes grupos da sociedade cuiabana. Então, mãos à obra.

3.3 “Verdão’ do sonho à realidade”⁵⁸

Palácio Alencastro, Cuiabá, 29 de fevereiro de 1972. O então governador do estado de Mato Grosso, o senhor José Manoel Fontanillas Fragelli, assinou o Decreto número 379, que desapropriou a área onde, logo depois, foi construído o maior estádio da capital mato-grossense, em um ato solene que contou com a presença de autoridades estaduais e municipais, o presidente da FMD e a primeira dama de Mato Grosso, a senhora Maria de Lourdes Ribeiro Fragelli, já escolhida como madrinha do Verdão pelos desportistas locais, por ser uma das maiores incentivadoras do novo estádio.

Sob a perspectiva de manter o nome de “Presidente Dutra” no estádio vindouro, “numa homenagem ao único cuiabano que chegou à chefia da nação”, o endereço do centro esportivo de Cuiabá ficou definido na manhã de 29 de fevereiro de 1972, como sendo no bairro Cidade Alta, envolvendo parte do loteamento Jardim Oliveira e Jardim Primavera, com extensão abrangente a margem direita do córrego Manoel Pinto, até a Avenida Doutor

58 Título da matéria que anunciava a proximidade da inauguração e descrevia toda a estrutura do Estádio Governador José Fragelli – Verdão, publicada no jornal O Estado de Mato Grosso na data de 28 de março de 1976, p. 1.

Agrícola Paes de Barros, região oeste da capital. (ESTÁDIO de Cuiabá: Fragelli desapropria área, 1972, p. 1, 6).

Passados cerca de três meses da cerimônia em que o Decreto de desapropriação do terreno foi assinado pelo governador do estado, com o propósito de ceder aquela área para a construção de um centro esportivo em Cuiabá, suscitaram algumas cobranças pelo início das obras. Havia muita expectativa em torno do estádio e a preocupação de que, com o passar do tempo, a sua construção ficasse mais onerosa. As obras precisavam começar, “o ‘Verdão’ precisa partir para a fase concreta.” A população lembrava a confiança que foi atribuída na palavra e no empenho do governador José Fragelli e, por isso, cobravam “do chefe do Executivo mato-grossense o início das obras o mais depressa possível.” (“VERDÃO” uma questão de honra, 1972, p. 4).

Os apelos apresentados, delineados também pela ansiedade sentida, demonstravam que a população tinha pressa e depositavam na nova praça esportiva a possibilidade de potencializar o futebol de Cuiabá, tão estimado pelos cidadãos.

E o governador de Mato Grosso respondia com algumas ações como, por exemplo, o anúncio do início das obras, proferido no dia 7 de setembro de 1972, quando o senhor Fragelli apresentou ao público a maquete do “famoso e esperado Verdão.”

Segundo anunciado no jornal O Estado de Mato Grosso, edição de 9 de setembro de 1972, na matéria intitulada “Hoje o ‘chute inicial’ das obras do Verdão”, aquela tarde de 7 de setembro do corrente ano, ficaria registrada na “história do futebol mato-grossense como o ‘Dia do Júbilo’”, pois nunca houve tanta festa no Estádio Presidente Dutra como aquela oportunidade. Naquela tarde de quinta-feira, o então governador de Mato Grosso recebeu da população um ato de reconhecimento. “O povo, em pé, [...], ovacionou o governador José Fragelli e a primeira dama do estado, senhora Maria de Lourdes Fragelli, apontada por todos como a ‘Madrinha

do estádio’. Quando o chefe do Executivo mato-grossense apresentou a maquete do novo estádio, o delírio foi geral.” (HOJE o “chute inicial” das obras do Verdão, 1972, p. 1).

No dia 9 de setembro de 1972 o senhor José Fragelli procedeu com uma solenidade no lugar que, posteriormente, iniciaram as obras de construção do centro esportivo de Cuiabá, prometendo ser aquele o maior estádio de futebol do Centro-Oeste brasileiro, que seria capaz de causar uma “verdadeira renovação no gênero”. E contou com uma grande concentração popular no local. Na ocasião, a imprensa escrita mencionou que aquele ato não representava “apenas o início das obras de um estádio qualquer: era o ‘Verdão’ que surgia. Este ‘Verdão’, representando a reivindicação maior do povo cuiabano [...]” (SURGE o “Verdão”: tratores em ação, 1972, p. 1).

O projeto do Verdão previa sua construção pelo sistema de módulos, que proporcionaria uma ampliação gradativa do estádio, com perspectiva de oferecer até setenta mil lugares, mas com previsão de entrega inicial de aproximadamente cinquenta mil ainda na gestão de José Fragelli. A propósito disso, todas as informações circuladas na época indicavam a promessa de entrega do estádio, pronto ainda da gestão do referido governador.

Para o ano de 1973 foi prevista no orçamento do estado a importância de Cr\$ 4.000.000,00 (quatro milhões de cruzeiros) para a construção das primeiras etapas da obra de edificação do estádio. E ficou comprometido, também, o provimento de mais recursos nos exercícios posteriores, para “transformar em realidade o grande sonho dos desportistas cuiabanos.” O que permitiria, “sem a menor dúvida, a inauguração ainda na atual administração.” (FRAGELLI e esposa serão homenageados: estádio, 1972, p. 7).

Em todos os atos de demonstração do empenho para a concretização do estádio e do andamento dos procedimentos da obra de edificação do

Verdão, havia participação popular em número considerável. O que demonstrava o grande interesse dos cuiabanos pelo estádio.

E, aos poucos, vão aparecendo sinais dos encaminhamentos para a edificação do Estádio Verdão. No dia 22 de fevereiro 1973 é firmado contrato entre a Companhia de Desenvolvimento de Mato Grosso – a contratante e a Firma Engenharia e Pesquisa Tecnológica – EPT – a contratada para prestar consultoria técnica na construção do Verdão. E no dia 28 de junho de 1973, chegaram mais máquinas para dar suporte aos serviços de terraplanagem e resolver os problemas técnicos que estavam atrapalhando as obras da nova praça esportiva. Com esse suporte, a ordem dada era para se intensificar os serviços, “e os operários, técnicos e engenheiros se desdobram no mister de superar o tempo perdido.” As obras deveriam seguir em ritmo acelerado, até porque o primeiro jogo no Verdão estava previsto “para julho de 1974 e até o fim da administração José Fragelli, a obra” deveria estar “concluída e pronta para ser inaugurada.” (O VERDÃO e o CPA, 1973, p. 2).

No entanto, seis meses depois da chegada de mais máquinas para dar reforço no serviço de terraplanagem, o trabalho ainda não tinha sido concluído. Novamente ocorre uma repercussão negativa, devido ao atraso para a entrega do estádio, ansiosamente aguardado pela população cuiabana. Principalmente após o conhecimento geral de que dois times campo-grandenses participariam do Campeonato Nacional de Clubes.

[...] É certo de que nenhum cuiabano se opõe a que os times do Sul sejam incluídos no maior certame de futebol do mundo [...]. O que os cuiabanos lamentam é a falta de um estádio à altura do certame brasileiro e, por isso, depositam na administração atual suas maiores esperanças de que o “Verdão” seja construído em tempo hábil para que possa sair de Cuiabá o representante (ou representantes) mato-grossense para disputar o torneio da CBD. (ALTA prioridade, 1974, p. 2).

Isso expressado, pois era de conhecimento de todos que a inclusão de um time da capital do estado no Campeonato Nacional prendia-se ao fato de Cuiabá não dispor de um estádio com capacidade mínima de receber quarenta mil torcedores, à época, como era exigido pela CBD.

E essa repercussão leva o então Secretário de Viação e Obras Públicas de Mato Grosso, o senhor Ernesto Vargas Batista (1971-1975), a se pronunciar em chamamento para a observação do cronograma das obras que, segundo o secretário, considerava o período de chuvas. Em seu pronunciamento aos jornalistas locais, foi informado que as obras do centro esportivo de Cuiabá estavam seguindo o seu curso normal, apesar do mau tempo, e que o Estádio Verdão estaria pronto para ser entregue ao público em janeiro de 1975, “possibilitando a inclusão de time local no Campeonato Nacional.” (ERNESTO Vargas confirma: Verdão em janeiro, 1974, p. 10).

Segundo anunciado pelo senhor Ernesto Vargas, seis empresas contratadas por intermédio da Companhia de Desenvolvimento de Mato Grosso, trabalhavam na execução do projeto global de construção do Verdão, sendo administradas pelo Departamento de Obras Públicas. Visto que, no conjunto, toda a construção “compreendem terraplanagem, drenagem do campo, sondagem para fundação de suportes, obras civis, estrutura e cobertura, campo de futebol, quadras esportivas, teatro, cinema ao ar livre e paisagismo.” (*Id. loc. cit.*).

Mesmo com as afirmações de que as obras ocorriam dentro do previsto em cronograma, no mês de julho de 1974 e o primeiro jogo que estava programado para acontecer no Estádio Verdão, precisou ser adiado. Tudo que se sabia a respeito era que as obras deveriam ser aceleradas o máximo possível para que o primeiro jogo de futebol no Verdão pudesse ser realizado ainda no governo Fragelli. Porém, até a data do dia 5 de setembro de 1974, tudo o que se tinha era parte da estrutura para arquibancadas, parte do campo de futebol e o isolamento entre o campo e os locais reservados à plateia.

Àquela altura, somente era noticiado que as obras de construção do centro esportivo de Cuiabá seguiam em ritmo acelerado, que todo esforço possível estava sendo desempenhado para cumprir minimamente os prazos e que se tratava do mais belo estádio de futebol do Centro-Oeste brasileiro. Mas já era possível reconhecer que boa parte da obra só seria concluída pelo próximo gestor do estado.

A tentativa era transmitir à população local que o empreendimento do povo e para o povo cuiabano estava sendo tratado como prioridade pelo Governo do Estado. E, também, tentava-se inculcir a ideia de que estava para ser entregue aos cuiabanos, uma suntuosa estrutura com dimensões e aparatos similares ou até superiores aos padrões nacionais e internacionais. Todos os representantes do governo e até mesmo alguns dos jornais da época eram contundentes em afirmar que José Fragelli estava realizando o principal sonho dos cuiabanos e dos desportistas locais. Aquele trabalho não estava sendo tratado como mais uma edificação para a cidade, tratava-se de um trabalho em prol do esporte com o potencial de incorrer em uma grandiosa evolução do futebol mato-grossense.

Com as obras em andamento, a população foi convidada a comparecer maciçamente à primeira inauguração – ou pré-inauguração do Verdão, como também foi anunciada, que aconteceu na tarde do dia 12 de março de 1975. O chamamento geral se deu sob a justificativa de “casa” cheia como resultante de bons rendimentos e, com boas rendas, haveria argumento favorável para que um clube cuiabano fosse incluso no Campeonato Nacional de 1975 – “Brasileirão-75” ou Copa do Brasil 1975, como também era chamada⁵⁹ a competição de futebol que envolvia equipes oriundas de diferentes estados da nação.

59 No ano de 2010, a CBF reconheceu a Taça Brasil e a Taça de Prata como as primeiras competições nacionais. Assim, os nomes que já foram atribuídos ao maior campeonato de futebol do Brasil, ao longo de sua história, são: De 1959 a 1968 – Taça Brasil; de 1967 a 1970 – Torneio Roberto Gomes Pedrosa (Robertão) ou Taça de Prata; de 1971 a 1974 – Campeonato Nacional de Clubes; de 1975 a 1979 – Copa Brasil; de

O primeiro confronto aconteceu entre a equipe carioca Fluminense Football Club⁶⁰ e uma equipe de selecionados entre os times de futebol da cidade de Cuiabá. Apesar de ter apenas 40%, aproximadamente, das obras concluídas, o Estádio Verdão recebeu um grande número de torcedores. Segundo a imprensa escrita da época, “O desportista cuiabano demonstrou ontem, quando da inauguração do ‘Verdão’, claramente, que Cuiabá deve participar do ‘Brasileirão-75’.” Essa afirmação se sustentou nas rendas obtidas na ocasião, que foram comparadas às arrecadadas no Campeonato Nacional.

Até mesmo as mais otimistas previsões foram ultrapassadas, pois a primeira partida de ingressos esgotou-se com uma rapidez espantosa. Houve a necessidade de colocar maior quantidade de ingressos à disposição do povo de Cuiabá, pois os primeiros 20 mil desapareceram tão logo estiveram à disposição dos torcedores. [...] sabe-se que a renda ascende à casa dos 500 mil cruzeiros, para mais. É importante notar que este recorde estadual foi obtido num estádio que ainda não está completo. Com apenas um time de fora. (INAUGURAÇÃO do “Verdão” com renda Record, 1975, p. 1).

Em ato solene, o então governador José Fragelli proferiu algumas mensagens aos desportistas locais e oficializou a entrega da praça esportiva à população cuiabana e, na sequência, o então futuro governador José Garcia Neto (1975-1978), filiado ao partido político Aliança Renovada Nacional – ARENA e governador indicado pelo presidente militar Ernesto Geisel (1974-1979), empenhou a sua palavra para garantir a conclusão das obras do Estádio Verdão. Em ato simbólico para iniciar o jogo de inauguração do

1980 a 1986 – Taça de Ouro e Copa Brasil; de 1987 a 1988 – Copa União; de 1989 a 1999 – Campeonato Brasileiro; em 2000 – Copa João Havelange; de 2001 até os dias atuais – Campeonato Brasileiro. Informamos que na escrita deste texto, quando essa competição for mencionada, serão utilizados somente os nomes Campeonato Nacional e/ou Campeonato Brasileiro.

60 O Fluminense Football Club foi fundado no ano de 1902, na capital do estado do Rio de Janeiro.

novo estádio de Cuiabá, no centro do campo de futebol, o governador José Fragelli usou o pé esquerdo para passar a bola ao seu sucessor, Garcia Neto que, na sua vez, a mandou para o centro do campo. Assim foi dado início ao tão esperado primeiro jogo na nova praça esportiva, ainda por ser concluída.

O jogador Gil do Fluminense foi o primeiro a fazer “balançar a rede”, marcando o precedente gol da história do estádio do Verdão. O final do jogo não foi positivo à Seleção de Cuiabá, pois a vitória foi comemorada pela equipe Fluminense, com placar de 02 gols a 0.

Obras em ritmo acelerado, jogo inaugural realizado, público recorde, significativa arrecadação com as vendas de ingresso. Mas nada disso foi suficiente para garantir uma vaga no “Brasileirão-75” e, com muita indignação e decepção, a imprensa noticiou, à época, que Cuiabá não merecia “uma situação, inacreditável, como esta.” (A INEXPLICÁVEL..., 1975, p. 3).

Dias depois da negativa, chegou a notícia de que a recessão de uma vaga teve relação direta com o estágio em que as obras do Estádio Verdão se encontravam. A não inclusão de Cuiabá no Campeonato Nacional foi justificada por Heleno Nunes pela prudência em não comprometer a qualidade da construção daquela que poderia ser a mais importante praça esportiva de Mato Grosso. O presidente da CBD alegou que a inclusão de Cuiabá no “Brasileirão-75” exigiria do Governo do Estado o término das obras em tempo muito exíguo. A vaga novamente tinha ficado com a região sul do estado, o Esporte Clube Comercial⁶¹ representou Mato Grosso no Campeonato Nacional daquele ano. (DECIDIDA a participação de MT no “Brasileirão”, 1975, p. 7).

Passado o jogo realizado na primeira estreia do Verdão, que ainda estava em construção e, depois do recebimento da negativa de uma vaga para a participação de um dos times de Cuiabá no Campeonato Nacional de 1975, o ritmo das obras de edificação do novo estádio, que já estavam

61 Clube de futebol fundado no ano de 1943, na cidade de Campo Grande a qual, após 1979, tornou-se capital do então denominado estado Mato Grosso do Sul.

sob a responsabilidade de Garcia Neto, diminuiu sensivelmente. O que causou muitas preocupações em todos aqueles que nutriam relação direta com o futebol e nos adeptos desse esporte, pois já era possível ver escapar a possibilidade de Cuiabá obter uma vaga para a participação de um de seus times até mesmo no “Brasileirão-76”. Então o clima de desânimo tomou conta de boa parte dos desportistas locais, as rendas obtidas com os jogos caíram significativamente e a imprensa interna deu o seu ultimato.

[...] O público, desiludido que foi em sua esperança, artificialmente mantida, desencantou-se e afastou-se do estádio. As rendas desapareceram, os prejuízos avultam-se e há, em todos setores, a certeza de que a única possibilidade de impedir a falência total e completa do futebol na região norte de Mato Grosso é a pronta inauguração do “Verdão”.

O “Verdão” deixou de ser um pedido para transformar-se numa necessidade inadiável ao futebol do norte de Mato Grosso. A comparação das rendas, pouco mais de cinco mil no “Dutrinha”, contra 397 mil no “Moreirão” domingo último, são um atestado claro e irretorquível da necessidade de serem as obras do “Verdão” atacadas com decisão e concluídas ainda este ano, a menos que se pretenda ver desaparecer o futebol profissional no norte de Mato Grosso. É uma questão de sobrevivência, tendo, por conseguinte, ultrapassado os limites de um pedido, da reivindicação popular.

Os fatos vêm sendo analisados com justificado temor da FMF que observam as obras em ritmo de “espera de verba”, enquanto o tempo passa e, a prosseguir assim, nem mesmo para o início do Campeonato-76, em fevereiro, não haverá possibilidade de o “Verdão” ser utilizado, acabando assim com as possibilidades de Cuiabá candidatar-se à participação na Copa do Brasil-76. (VERDÃO: sérias preocupações na FMF, 1975, p. 9).

O estágio em que se encontrava a construção culminou em maior apreensão devido à possível visita a Cuiabá do então presidente da CBD, senhor Heleno Nunes, com a exclusiva função de verificar as obras do Verdão. Como já sabido, o que se tinha da estrutura do estádio ainda não atendia às mínimas exigências para receber um grande número de pessoas e, possivelmente, o estádio seria reprovado na vistoria de Nunes.

Nesse ponto, os apelos pela retomada em ritmo acelerado das obras do Verdão se intensificaram, justificadas pela possibilidade de ocorrer uma frustração ainda maior nos torcedores locais, incidindo no seu distanciamento definitivo dos estádios de Cuiabá e na transferência de seu apoio a times de outras localidades. A solução apontada para o caso foi a “conclusão imediata, a curtíssimo prazo, do Verdão”. O contrário disso, a capital mato-grossense dificilmente teria a possibilidade de participar do “Brasileirão-76”, o que, na ocasião, redundaria “num verdadeiro morticínio do futebol profissional da região da Grande Cuiabá, uma vez que, sem estádio não há ‘Brasileirão’ e sem ‘Brasileirão’ o torcedor não mais prestigiará os clubes da região.” (*Id. loc. cit.*).

Propositivos à resolutividade, novos contatos são estabelecidos com a CBD, novo prazo para entrega do estádio é prometido em Cuiabá, nova garantia de um time da capital no Campeonato Nacional é anunciada. Ascendia à animação da população em torno da vaga, o estádio promessa precisava o quanto antes virar o estádio realidade.

Enquanto o grande dia não chega, “Garcia Neto oficializa: ‘Verdão’ é Fragelli”⁶².

Palácio Paiaguás, Cuiabá, 10 de março de 1976. O então governador do estado de Mato Grosso, senhor José Garcia Neto, assinou o Decreto número 465, que deu denominação de Governador José Fragelli ao estádio

62 Título da matéria que anunciava a assinatura do decreto que oficializou o nome de Governador José Fragelli ao estádio do Centro Esportivo de Cuiabá, publicada no jornal O Estado de Mato Grosso na data de 13 de março de 1976.

até então conhecido popularmente por Verdão e que, até o ano de 2010, integrou o Centro Esportivo de Cuiabá.

Esse não foi o único nome apontado para denominar o estádio de Cuiabá. Outros nomes foram indicados, inclusive o de Maria de Lourdes Fragelli, durante a cerimônia ocorrida no dia 9 de setembro de 1972, em que a população presente no ato, empolgados com o pleno funcionamento dos tratores e sensibilizados com o envolvimento e todo o empenho da então primeira dama do estado para a construção do Verdão, chegaram a apontar o seu nome para o estádio. (SURGE o “Verdão”: tratores em ação, 1972, p. 1).

O próprio governador José Fragelli chegou a anunciar o desejo de atribuir novamente o nome de Presidente Dutra ao novo estádio de Cuiabá. O que se sabe, também, é que outro nome foi cogitado para o Verdão. O historiador Rubens de Mendonça e o poeta Lidio Modesto “iniciaram uma campanha pretendendo dar o nome de Ranulpho Paes de Barros ao Verdão.” (COMOVIDAMENTE Cuiabá ..., 1975, p. 8). A homenagem pretendida a Ranulpho Paes de Barros poderia, de certo modo, demonstrar o reconhecimento aos seus feitos ao futebol mato-grossense, aos seus esforços para a construção do Estádio Verdão, além de remeter à história daquele que atuou no esporte de maneira tão expressiva, que incitou o desejo de que o maior aparelho esportivo de Mato Grosso, que foi erguido na década de 1970, recebesse o seu nome⁶³.

63 Em abril de 1976, a Câmara Municipal de Cuiabá, em ato de homenagem, aprova a Lei Número 1.451, sancionada pelo prefeito Manoel Antônio Rodrigues Palma (1975-1979), filiado ao Partido da República – PR, “que dá a denominação de Professor Ranulpho Paes de Barros à antiga rua da Seleção Brasileira, que vai da Avenida Dr. Agrícola Paes de Barros até a Avenida Senador Metelo”. A rua com “o nome do Ranulpho Paes de Barros é exatamente uma das vias que dá acesso ao Estádio Verdão, cuja construção foi um batalhador incansável.” (MATO Grosso, 1976, p. 6). MATO Grosso. **O Estado de Mato Grosso.** Cuiabá 20 de abril de 1976, p. 6. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pasta=ano%201977&Pesq=antiga%20rua%20da%20Sele%C3%A7%C3%A3o%20Brasileira>>. Acesso em: 3 jul.

Nascido na cidade de Campo Grande, no dia 17 de março de 1913 e “trazido pelos pais ainda jovem para Cuiabá” (DORILEU, 2018, p. 272), Ranulpho Paes de Barros, em sua atuação pelo/no esporte, foi um dos fundadores e presidente⁶⁴ do Mixto Esporte Clube, foi presidente da FMD (1959-1963) e criou em 20 de maio de 1959 o Tribunal de Justiça Esportiva em Mato Grosso. (TRIBUNAL de Justiça Esportiva, 1959).

No entanto, o próprio homenageado, em carta, manifestou-se contra a indicação de seu nome ao estádio e expressou que, “por uma questão de justiça e coerência, o nome tem que ser mesmo Governador José Fragelli.” (COMOVIDAMENTE Cuiabá ..., 1975, p. 8).

Ah Ranulpho, onde está o estádio ou ginásio com o seu nome? Sabe-se que você pediu ao seu filho Antero, depois senador, que fosse à Câmara Municipal sustar proposta em torno do seu nome para o Verdão – ótimo estádio estupidamente demolido. Mas você apoiou o nome do governador José Fragelli, companheiro da juventude. Você declinou, era a humildade só possível no sábio. (DORILEU, 2018, p. 272).

E assim foi feito. O novo estádio de Cuiabá foi então oficialmente registrado com o nome daquele que mais trabalhou em prol de sua edificação.

Então, chegou o dia. Quinta-feira, 8 de abril de 1976, o estádio de Cuiabá, conhecido como Verdão, patentado pelo nome de Governador José Fragelli estava pronto a um custo de aproximadamente Cr\$ 80.000.000,00 (oitenta milhões de cruzeiros) e comportava um pouco mais de cinquenta

2019. Também como forma de homenagem póstuma ao senhor Ranulpho Paes de Barros, em 1980, uma escola da Rede Municipal de Ensino de Cuiabá é inaugurada e recebe o seu nome. Desse modo, pelo Decreto número 232/80 de 12 de maio de 1980, fica autorizado o funcionamento da Escola Municipal de Educação Básica Professor Ranulpho Paes de Barros.

⁶⁴ Na tentativa de referenciar o período em que o professor ocupou a presidência do Mixto Esporte Clube, encontramos nos jornais da época somente as datas referentes aos anos de 1952, 1953, 1963, 1964, 1965, 1966, 1968 e 1972.

mil pessoas comodamente sentadas em que, na arquibancada descoberta podiam assentar-se quarenta e uma mil pessoas, na parte coberta sete mil pessoas, nas cadeiras era possível receber duas mil e nas cadeiras cativas quinhentas pessoas. (HOJE, a esperada ..., 1976, p. 9).

Ocupando uma área de trinta e um hectares, o Verdão foi construído em ponto estratégico da cidade, devido o seu potencial de crescimento urbano e, para época, foi considerado um moderno centro esportivo cuja estrutura se descrevia pelos seguintes aspectos:

O Estádio de Cuiabá não possui gerais e sim arquibancadas descobertas. O sistema de acesso ao Centro Esportivo é dos mais modernos não implicando na demora de trânsito. O sistema de iluminação cujos cento e sessenta holofotes foram importados da Holanda é considerado o segundo do mundo. Sistema de som pelas características do Estádio que foge aos demais existentes no Brasil, é considerado perfeito o mesmo acontecendo com o setor de gramado. O Estádio “Verdão” possui quatro vestiários e mais um especial para árbitros. Possui ainda salas coletivas para aquecimento de atletas, além disso salas para médicos setor de massagem e enfermaria. 532 cadeiras numeradas e 500 simples, divisões especiais com tribuna de honra e camarote para autoridade, 12 gabinetes para rádio e TV. (“VERDÃO” do sonho à realidade, 1976, p. 1).

Figura 31 – Vista aérea do Estádio Governador José Fragelli – Verdão



Fonte: Mixtonet.com (08 mar. 2018).

Figura 32 – Fachada do Estádio Governador José Fragelli – Verdão



Fonte: Mixtonet.com. (8 mar. 2018).

Um público superior a cinquenta mil pessoas compareceu para ver de perto o tão sonhado estádio de Cuiabá, que se comparado ao número de habitantes da cidade, na época aferido em cento e vinte e sete mil novecentas e treze pessoas (IBGE, 1976), representou um pouco mais de um terço da população cuiabana. Compareceu, também para o evento, o então Presidente da República, senhor Ernesto Geisel (1974-1979), filiado à Aliança Renovada Nacional – ARENA, convidado de honra para a solenidade oficial⁶⁵ de inauguração do Verdão. Outras autoridades também estavam presentes: o

⁶⁵ Visto que no dia 15 de março de 1975 uma primeira inauguração já havia sido realizada.

então governador de Mato Grosso, Garcia Neto; o então prefeito da capital, Manoel Antônio Rodrigues Palma (1975-1979), filiado ao Partido da República - PR; o então presidente da CBD, senhor Heleno Nunes, o ex-governador José Fragelli, dentre outras personalidades públicas. De todo público presente, mais de quarenta e cinco mil eram pagantes, o que fez render, no dia da inauguração, uma quantia de Cr\$ 400.000,00 (quatrocentos mil cruzeiros), considerada como recorde em comparação a outros estádios de Mato Grosso. (“VERDÃO” lotado..., 1976, p.12).

A tão esperada inauguração do Verdão foi transmitida para todo o país, por várias emissoras de rádio e televisão. Dois jogos aconteceram naquele evento de inauguração. O jogo entre o Mixto Esporte Clube e o Clube Esportivo Dom Bosco antecedeu a cerimônia de abertura e teve o placar de 02 gols a 0 em favor do time do Mixto. O jogo principal da cerimônia inaugural foi disputado entre o Clube Esportivo Operário Várzea-grandense e o Clube de Regatas do Flamengo do Rio de Janeiro. Da disputa que fez parte da partida principal, o time carioca saiu vitorioso com um placar de 03 gols a 01.

Os dois jogos ocorridos na cerimônia de inauguração fizeram parte de um quadrangular que foi encerrado no domingo, 11 de abril de 1976, três dias após a inauguração. Dom Bosco e Operário, por terem saído derrotados da primeira rodada do quadrangular, disputaram no domingo o terceiro lugar e Mixto e Flamengo disputaram a primeira colocação. Para abrilhantar esse segundo dia de comemorações pela inauguração do Verdão, o time do Flamengo foi reforçado pelos seus jogadores Geraldo Cleofas Dias Alves e Arthur Antunes Coimbra – conhecido por Zico e, também, por ser um dos jogadores de melhor desempenho no Brasil, à época. Do confronto final, o time do Flamengo obteve vitória, consagrando-se campeão do quadrangular com um placar de 01 gol a 0, obtido por meio de um pênalti marcado pelo jogador Zico. (*Id. loc. cit.*).

Cuiabá estava se firmando em crescimento e modernização e o Verdão representava, também, um símbolo de progresso para a capital de Mato Grosso. E o futebol local pôde se beneficiar desse espaço de jogo, alcançando a projeção de três clubes da baixada cuiabana no Campeonato Nacional. O primeiro clube a obter uma vaga no Brasileirão foi o Mixto Esporte Clube, no ano de 1976. No ano seguinte foi a vez do Clube Esportivo Dom Bosco a estreiar no referido campeonato e, somente no ano de 1979, fez a sua estreia o Clube Esportivo Operário Várzea-Grandense, ainda que oriundo da cidade de Várzea Grande – mas que também se valeu do Estádio Verdão como um de seus grandes palcos de atuação esportiva.

3.4 Adeus Verdão

Durante os seus trinta e quatro anos de figuração na paisagem urbana da cidade, o estádio proporcionou entretenimento à população local. Na sua fase de “ouro” participava uma média de quarenta mil torcedores pagantes das atrações esportivas ocorridas no Verdão em dias de jogos considerados clássicos do futebol mato-grossense, ou seja, em partidas envolvendo as principais equipes do estado. Dentre as atrações, ocorreram jogos locais – Campeonatos Estaduais, jogos interestaduais – Campeonatos Nacionais e jogos internacionais – Amistosos da Seleção Brasileira contra seleções de outros países.

Com o novo espaço esportivo de capacidade para abrigar numeroso público, a população de Cuiabá pôde receber “em casa” jogos de futebol de grande importância. Dentre eles, destacam-se os cinco confrontos em que se fez presente a Seleção Brasileira de Futebol, que trouxe muita alegria aos desportistas local e fez lotar as arquibancadas do Verdão.

Pelo potencial de constante formação e transformação identitária, dinamizadas pela representação que os diversos sistemas culturais produzem (HALL, 2006), a relação dos desportistas cuiabanos com o futebol –

dirigentes, jogadores e torcedores, acompanhou as significações atribuídas aos espaços de jogo. Na medida em que ocorreram os progressos da arquitetura esportiva na função de promover o desenvolvimento do esporte local, os moradores da capital mato-grossense se reafirmavam socialmente em um campo de disputa de poder entre norte e sul do estado de Mato Grosso. Nesse processo de identificação do sujeito com o local de jogo, é possível considerar, também, o favorecimento do Estádio Verdão no fortalecimento dos laços de identidade dos cidadãos com a cidade de Cuiabá.

E, também pela condição de transitoriedade, da não fixação da identidade (HALL, 2006), em pouco mais de três décadas de sua inauguração, o Verdão foi totalmente demolido para dar lugar a outro espaço de jogo, sob a mesma alegação que sucedeu a sua construção: perspectiva de progresso, de desenvolvimento do esporte local e da conquista de uma estrutura do espaço de jogo compatível com “a Cuiabá de hoje”. E essa radical substituição de espaço decorreu de um novo campo de disputa estabelecido entre as cidades de Cuiabá e Campo Grande – ambas agora na condição de cidade capital devido à divisão do estado, ocorrida no ano de 1979, resultando em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul⁶⁶, que competiram para sediar alguns jogos da Copa do Mundo de 2014, realizada no Brasil.

Em 30 de outubro de 2007, o Brasil foi anunciado país-sede da Copa do Mundo de 2014. Mas um ano antes desse anúncio, as cidades interessadas em sediar algumas das partidas do Mundial, iniciaram os trabalhos em prol de uma campanha persuasória sobre os méritos de receber o maior evento esportivo de futebol do mundo “em casa”. E, em maio de 2007, último prazo para a submissão da candidatura das cidades,

⁶⁶ Em 1979 o grandioso território de Mato Grosso foi dividido em dois, passando a ser redimensionado em o estado de Mato Grosso e o estado de Mato Grosso do Sul, em que Cuiabá permaneceu na condição de capital do estado de Mato Grosso e Campo Grande conquistou o nível de capital de Mato Grosso do Sul.

Cuiabá foi apresentada como uma das dezoito concorrentes à cidade-sede. Começando assim uma intensa mobilização, com várias ações tomadas pelo estado para convencer a Federação Internacional de Futebol – FIFA sobre o potencial da capital mato-grossense para receber um evento como a Copa do Mundo.

No dia 31 de maio de 2009, em Nassau, nas Bahamas, o presidente da FIFA Joseph Blatter anunciou as doze cidades-sedes da Copa de 2014, estando, entre elas, a cidade de Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso. A partir do anúncio do Brasil como país-sede da Copa do Mundo e das doze cidades-sedes, foi dada a largada aos preparativos para receber/realizar o maior evento esportivo da modalidade de futebol do mundo.

Dentre as providências a serem tomadas, estavam os ajustes dos estádios de acordo com os padrões de segurança e conforto estabelecidos pela FIFA. E, em uma análise estrutural realizada por uma equipe de inspeção da própria entidade, já se sabia que todos os estádios das cidades eleitas deveriam passar por reforma ou até, em alguns casos, deveria ser construído um novo estádio oficial, de acordo com os padrões exigidos.

E, em atenção a estes padrões, foi anunciado o fim do estádio que marcou uma parte da história esportiva do estado de Mato Grosso. O Estádio Governador José Fragelli – o Verdão, mesmo com o apelo de determinados sujeitos por sua preservação, foi posto abaixo em maio de 2010 e, no mesmo período, foi dado início a algumas ações para a construção do novo estádio, que passou a ser chamado de Arena Pantanal.

Assim, ocorreu o desfecho de um dos maiores símbolos arquitetônico urbano do estado de Mato Grosso, tão representativo ao futebol local, com apenas trinta e quatro anos de atuação no cenário esportivo. Adeus Verdão, guardado “no coração” de muitos como patrimônio arquitetônico do estado, agora é somente registro na biografia esportiva de Mato Grosso.

CAPÍTULO 4

ARENA PANTANAL: A MODERNIZAÇÃO DO ESPAÇO DE JOGO DE CUIABÁ COMO UM IMPERATIVO PARA COPA DO MUNDO DE 2014

O esporte pode ser veiculado a diferentes elementos, contextos, contingências, esferas. O seu emprego pode ser articulado de acordo com o interesse individual ou de grupos. E, quando se trata de um esporte cuja aceitação é espontânea e massiva, como no caso do futebol, as formas de apropriação desse esporte podem sugerir a ocorrência de formação e/ou direcionamento de opiniões sobre um determinado acontecimento, evento, condução política, estrutura social, condição de pertencimento na sociedade, enfim, pode sugerir uma forma de se cooptar indivíduos a um determinado sistema de pensamento sustentado por um grupo.

O potencial que o esporte futebol tem e como ele pode ser utilizado para influenciar um indivíduo ou um coletivo sobre uma determinada questão, pode ser percebido, por exemplo, na falta de um posicionamento crítico massivo, coerente com a demanda esportiva, cultural e/ou social espontânea, real, de uma localidade, a respeito de estrutura/espaço físico de jogo, como ocorreu na Copa do Mundo de 2014, realizada no Brasil.

Algumas cidades eleitas como subsedes do Mundial de 2014 não possuem, e não possuíam na época das estruturações das arenas “expectativa de uso constante para tais equipamentos.” (FORTES, 2015, p. 43). Isso, pois, naquele período, as cidades não possuíam times com significativo desempenho futebolísticos, como no caso de Manaus – capital do estado do Amazonas e Brasília – capital do Distrito Federal e, por isso, não terem representantes locais nas três primeiras divisões do Campeonato Brasileiro e Cuiabá – capital do estado de Mato Grosso,

ter somente um time representando essa localidade na terceira divisão da referida competição. Além de, também, essas cidades não terem número de público que demande o tamanho do novo espaço de jogo e, tampouco, recebem shows nacionais e internacionais que geralmente acontecem em estádios de futebol. O que, se assim fosse, poderia justificar o elevado gasto com a estruturação das arenas de futebol nestas localidades.

Ignorados relevantes fatos, esses espaços foram construídos e eles custaram aos cofres públicos um montante de dinheiro significativo. Sem essa necessidade/demanda, os maiores legados esportivos que ficam para essas cidades, são as dívidas da construção e os altos custos de manutenção desses espaços, a necessidade de constante criação de atividades ou de sua utilização com pouca ou nenhuma relação com sua real função.

A respeito disso, é possível citar as ocorrências na Arena Pantanal, sediada em Cuiabá/MT que, após os jogos do Mundial de 2014, têm desenvolvido eventos culturais: feiras gastronômicas e o projeto “Vem pra Arena” – com shows regionais e nacionais, na função de atrair a população para frequentar a área externa da Arena e, recentemente, a implantação da Escola Estadual Governador José Fragelli, a “Arena da Educação”, considerado o primeiro estádio-escola do Brasil. Sobre essa disposição, o então governador em exercício Pedro Taques (2015-2018), filiado ao Partido da Social Democracia Brasileira – PSDB, proferiu em uma coletiva à imprensa: “Nós não estamos fazendo uma escola de R\$⁶⁷ 600 milhões, estamos dando utilidade à Arena Pantanal.” (FERNANDES, 2017, não p.).

67 Do ano de 1942 a 1967, a moeda brasileira utilizada era nominada de Cruzeiro (Cr\$). De fevereiro do ano de 1967 até o ano de 1970, a moeda passou a ser nominada de Cruzeiro Novo (NCr\$). Em maio do mesmo ano até fevereiro de 1986, a moeda voltou a ser chamada de Cruzeiro (Cr\$). Em fevereiro do ano de 1986 até janeiro de 1989, a moeda brasileira passou a ser chamada de Cruzado (CZ\$). A partir de então e até o ano de 1990, a moeda nacional foi nominada de Cruzado Novo (NCZ\$), até que em março de 1990 ela voltou a se chamar Cruzeiro (Cr\$). No mês de agosto de 1993,

O custo final da construção da Arena Pantanal foi de R\$ 596.400.000,00 (quinhentos e noventa e seis milhões, quatrocentos mil reais), declarado pelo Governo Federal em 2015, financiado totalmente com dinheiro público e R\$ 700,000,00 (setecentos mil reais) o custo mensal de sua manutenção, subsidiado pelo estado. (MARQUES; ANDRADE, 2015).

Que os custos monetários para fazer toda a estruturação para receber a Copa do Mundo de 2014 seriam altos, isso já era previsto. No entanto, os valores superaram o orçamento inicial em números consideráveis e, em 2019, ainda estavam aumentando. Não se sabe ainda o custo final das obras que foram projetadas para receber o Mundial de Futebol⁶⁸ de 2014 em Cuiabá, mesmo que já tendo se passado mais de cinco anos de sua realização.

Mesmo que fosse considerado o valor inicial, que foi de R\$ 395.000.000,00 (trezentos e noventa e cinco milhões de reais) para a construção, analisando todo o contexto histórico futebolístico da cidade – potencial das equipes e número de torcedores no estádio, já serviriam para disparar uma reação racional dos governantes e da população local, em reflexão lógica do custo-benefício de se ter e manter um espaço com essas proporções.

Contudo, a população mato-grossense teve um de seus patrimônios arquitetônicos demolido na função de abrir espaço para a construção de um novo equipamento esportivo, um novo cenário, uma nova estrutura do espaço de jogo, edificada em atenção a padrões estruturais alheios à cultura local. Teoricamente, o gatilho foi disparado no momento em

o nome da moeda brasileira foi alterado para Cruzeiro de Real (CR\$). De julho de 1994 até os dias atuais, a moeda do Brasil é chamada de Real (R\$).

68 Nome pelo qual também é chamada e conhecida a Copa do Mundo da FIFA.

que se tornou oficial a capital Cuiabá cidade-sede para a Copa do Mundo de 2014 no Brasil.

4.1 Em maio de 2007 a Copa de 2014 começa a ser gestada no coração dos cuiabanos

Com o propósito de evitar que países de um mesmo continente consecutivamente sediassem a Copa do Mundo de Futebol, no ano de 2000 o Comitê Executivo da FIFA implantou a política de sistema de rodízio entre continentes, o que deu maior condição ao Brasil de se tornar o país-sede dessa competição internacional.

Favorecido como candidato único após a desistência dos países Argentina e Colômbia, já no ano de 2003 a Confederação Sul-americana de Futebol – CONMEBOL, anunciou o Brasil como certo a ser a sede do Mundial. A partir daí, esperava-se somente a FIFA cancelar essa decisão para que todas as ações necessárias para receber com eficiência esse evento esportivo de porções mundiais fossem executadas.

Com a condição “quase certa” do Brasil se tornar a sede da Copa do Mundo de 2014, tendo somente que cumprir as muitas exigências da Federação Internacional de Futebol, já em 2006 as cidades interessadas em sediar algumas das partidas desta competição, iniciaram os trabalhos para demonstrar o potencial de cada uma. No mês de maio do ano de 2007, último prazo para a submissão da candidatura das cidades, Cuiabá é apresentada como concorrente a subsedes. Assim, começou uma intensa mobilização do estado para convencer a FIFA sobre o potencial da capital mato-grossense para receber o evento Copa do Mundo de Futebol.

No dia 30 de outubro de 2007, o presidente da FIFA, Joseph Blatter, anunciou que a vigésima edição da Copa do Mundo de Futebol de 2014 seria realizada no Brasil. Essa decisão, ainda que já fosse esperada,

pois o Brasil era o único candidato pleiteando a realização do evento, foi recebida pela população brasileira com muito entusiasmo.

Confirmado como país-sede da Copa do Mundo de 2014, o Brasil passa a assistir às disputas internas entre dezoito de suas cidades para receber alguns dos jogos do Mundial de Futebol. Candidataram-se como subsede dezoito cidades brasileiras e somente doze delas foram escolhidas para receber partidas da Copa. Da candidatura: Belém, Belo Horizonte, Brasília, Campo Grande, Cuiabá, Curitiba, Fortaleza, Florianópolis, Goiânia, Maceió, Manaus, Natal, Porto Alegre, Recife, Rio Branco, Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo. As escolhidas e o número de partida que receberam foram: **Belo Horizonte** – seis jogos, **Brasília** – sete jogos, **Cuiabá** – quatro jogos, **Curitiba** – quatro jogos, **Fortaleza** – seis jogos, **Manaus** – quatro jogos, **Natal** – quatro jogos, **Porto Alegre** – cinco jogos, **Recife** – cinco jogos, **Rio de Janeiro** – sete jogos, **Salvador** – seis jogos e **São Paulo** – seis jogos.

O quantitativo de doze subse-des foi decidido e apresentado à FIFA pela Confederação Brasileira de Futebol – CBF⁶⁹, que considerou a dimensão territorial do país e, também, atendeu aos interesses políticos de determinadas unidades federativas desta nação. Assim, a CBF “projetou a realização do evento em 12 sedes, 12 cidades escolhidas para terem estádios e arenas com o objetivo de acolher o evento mais importante do futebol mundial [...]” (ROCCO JÚNIOR; MAZZEI; OLIVEIRA 2015, p. 2). “A cobertura midiática promoveu, na ocasião, intensa mobilização de vários setores das cidades que, ao serem escolhidas para receber etapas da Copa do Mundo, consideraram-se ‘premiadas’ em vista das expectativas que tal situação gera.” (GP LABOMIDIA/UFSC, 2011, p. 15).

69 Desse ponto em diante, a sigla CBF será utilizada todas as vezes que nos referirmos à Confederação Brasileira de Futebol.

Nos anos que antecederam o anúncio da tomada de decisão pelas subsedes que receberiam as partidas da Copa no Brasil, feita pela FIFA, os estados e cidades se dedicaram em termos de planejamento, divulgação e articulação de um projeto que fosse atraente à entidade promotora e consagrasse a sua localidade como uma das cidades-sede.

Desse modo também agiu o estado de Mato Grosso, cuja capital estava entre as dezoito candidatas, e teve como maiores concorrentes as cidades de Goiânia e Campo Grande. Com grande empenho no processo de articulação para que Cuiabá fosse uma das doze subsedes, os governantes locais formaram o Comitê Pró-Copa Cuiabá 2014. Entre as funções do comitê, estavam “mostrar as condições e vantagens de Cuiabá e seu entorno para sediar o Mundial; apresentar possíveis projetos a serem realizados; e ainda, conquistar o apoio popular para a realização do megaevento em Cuiabá.” (BRANCO, 2015, p. 4-5).

Com o slogan “A Copa do Pantanal”, Cuiabá articulou sua campanha valendo-se de seus patrimônios culturais e de sua biodiversidade para tornar-se atrativa aos olhos da FIFA e conquistar a condição de subsele do Mundial de Futebol de 2014. E, quatro dias antes do anúncio oficial das cidades eleitas, ao declarar que todo o possível foi realizado pelo Governo do Estado – capitaneado por Blairo Maggi (2003-2010), filiado ao Partido da República – PR, o secretário de Estado de Turismo, Yuri Bastos Jorge (2008-2010), aproveitou para convocar toda a população cuiabana e mato-grossense para se unir e emanar uma força positiva que pudesse contribuir para a conquista de Cuiabá para receber jogos da Copa do Mundo de 2014.

Também no anúncio do convite à população cuiabana e a todos os demais mato-grossenses, para comparecer no dia 31 de maio de 2009 aos locais em que estariam montadas estruturas para transmissão da decisão pelas cidades-sedes de jogos da Copa de 2014, o secretário Yuri aproveitou para enfatizar a importância, de abrangência estadual, de Cuiabá ser uma das

subsedes desse que é considerado o maior evento do esporte futebol, pois isso, segundo ele, deixaria a toda população legados nas esferas estruturais, na economia, sendo importante para a geração de empregos, para o fomento da cultura e do turismo. Assim, a população poderia usufruir de “estradas pavimentadas, complexos esportivos, culturais, turísticos e comerciais não só na capital, mas também em Barão de Melgaço, Várzea Grande, na região de Manso e em Chapada dos Guimarães.” (GOVERNO..., 2009, não p.).

O secretário de Estado de Turismo de Mato Grosso tentou sensibilizar a população para desejar que a Copa do Mundo de 2014 ocorresse nesta localidade. E foi adiante, elencando que se Mato Grosso conseguisse receber o Mundial de futebol, o estado se consolidaria mundialmente como “O Estado do Pantanal”, com benefícios para a economia e o turismo. Dentre os pontos citados, o secretário Yuri elencou “como um dos mais importantes o resgate da autoestima do povo mato-grossense, o orgulho de bater no peito e dizer que o ‘meu Estado’ foi escolhido como subsele da Copa do Mundo.” (*Id. loc. cit.*).

Para tornar mais acessível e atrair um número considerável de pessoas, das mais diferentes condições econômicas, nesse projeto de aceitação e envolvimento da população no acolhimento do Mundial em Cuiabá, pontos estratégicos da capital e da cidade vizinha Várzea Grande, foram organizados para transmitir, ao vivo, o anúncio das cidades subsele.

Em clima de festa, no dia 31 de maio de 2009, quando o presidente da FIFA anunciou as cidades brasileiras eleitas para sediar partidas da Copa de 2014 e, dentre elas, estava Cuiabá, “foi uma explosão de alegria.” Mas a alegria eufórica da população local não ficou por conta unicamente da possibilidade de ver de perto um jogo do Mundial de Futebol ou do orgulho de ter sua localidade dentre as cidades-sedes da Copa de 2014. “Mas uma razão especial parecia embalar as comemorações do cuiabano:

a vitória sobre Campo Grande/MS, cidade candidata a sede e adversária secular de Cuiabá.” (MACEDO, 2016, p. 14).

Teve também essa questão emblemática. Durante a campanha para a conquista da vaga à cidade-sede da Copa de 2014, as duas cidades coirmãs contracenaram em um contexto de peleja política e publicitária, pois essa disputa significava, também, a possibilidade de representar o ecossistema do Pantanal e, considerando o que isso poderia agregar ao setor turístico, a cidade eleita seria exposta mundialmente como a capital do Pantanal. Desse modo, a conquista da condição de subsede, na época, para as duas capitais – Cuiabá/MT e Campo Grande/MS significou muito mais a vitória/derrota na contenda Mato Grosso *versus* Mato Grosso do Sul, do que apenas receber partidas da Copa do Mundo de Futebol.

Com o anúncio da decisão pelas doze cidades a sediarem jogos do Mundial de 2014, um clima de alegria e revigoramento instalou-se em Cuiabá. E, depois da divulgação das cidades-sedes, que ocorreu na tarde do dia 31 de maio de 2009, enquanto o prefeito de Cuiabá, Wilson Pereira dos Santos (2006-2010), filiado ao Partido da Social Democracia Brasileira – PSDB, utilizou uma pronúncia do linguajar cuiabano para ser provocativo aos sul-mato-grossenses, dizendo que o governador daquele estado teria que “Tchupar esta manga” e, ainda, pedindo: “mais animação, pessoal, isso aqui não é Campo Grande, não”, aos quase cinco mil espectadores que estavam na Praça 08 de Abril (PALANQUE..., 2009), em Campo Grande, André Puccinelli (2007-2014), à época governador do estado, filiado ao até então partido do Movimento Democrático Brasileiro – MDB, cedeu entrevista à emissora de televisão TV Morena, uma das afiliadas da emissora Rede Globo de Televisões, e expressou sua indignação com a derrota proferindo que “a capital mato-grossense ganhou no tapetão e por causa de politicagem.” (FOI TAPETÃO..., 2009).

Puccinelli afirmou, também, que Campo Grande teria muito mais potencial para receber partidas da Copa e, pouco antes de concluir a entrevista, “[...] o governador chorou e disse que estava com a honra ferida e concluiu: ‘fica o desafio: Campo Grande já ultrapassou Cuiabá’”. As declarações de Puccinelli reativaram a rivalidade entre os dois Estados da época da divisão territorial [...]” (*Ibid.*, não p.).

Essa vitória foi amplamente divulgada na imprensa local. Algumas das matérias publicadas fizeram menção à mudança de comportamento da população cuiabana, com aumento da autoestima, ocasionada pela escolha da cidade como subsede da Copa de 2014, resultando na eliminação de Campo Grande. Exemplo disso pode ser verificado no artigo de José Antônio Lemos, publicado no jornal Diário de Cuiabá, que circulou no dia 2 de junho de 2009, “Cuiabá ganhou a Copa de 2014, pois por ela recuperou a autoestima, a visão positiva e a unanimidade por um interesse comum, situação só vista quase meio século atrás na vitoriosa luta pela Universidade Federal [...]” (SANTOS, 2013, p. 25 *apud* MACEDO, 2016, p. 15).

Outra matéria que também fez menção à vitória de Cuiabá/MT sobre Campo Grande/MS, mencionou que a disputa por ser a representante do Pantanal foi acirrada, “já que a capital sul-mato-grossense ‘investiu’ pesado para tentar ser escolhida como cidade anfitriã, utilizando para isso uma campanha difamatória contra Cuiabá e o estado de Mato Grosso.” (CERIMÔNIA..., 2009, não p.).

De fato, nesta peleja entre Cuiabá e Campo Grande, os anúncios midiáticos e os discursos políticos, não só tentavam melhor vender o seu produto – a cidade como a melhor subsede do Centro-Oeste, mas, também, tentaram desmerecer uma a outra para essa função.

E a população cuiabana, embalada por essa rivalidade, também não deixou de fazer algumas provocações durante a comemoração na tarde

de domingo do dia 31 de maio de 2009, quando, finalmente, puderam celebrar a vitória sobre Campo Grande, pronunciando e empunhando frases que declaravam a conquista sobre a capital sul-mato-grossense. Esse momento de comemoração mostrou-se também oportuno para que uma capital se declarasse melhor que a outra, o que explicitou determinada competitividade ainda presente entre as duas cidades que outrora faziam parte de um único estado.

A comemoração tomou conta de algumas praças e ruas da cidade. Além da “queima de fogos”, houve também a participação de blocos carnavalescos, grupos de danças típicas e humorísticos. A Polícia Militar estimou o comparecimento de cerca de dez mil pessoas nos quatro pontos em que foram posicionados telões para a transmissão ao vivo do anúncio das cidades-sedes eleitas. Na Praça 08 de Abril, região central e um dos pontos da cidade com telão, estavam presentes, acompanhando a transmissão feita das Bahamas, o governador do estado Blairo Maggi, o prefeito de Cuiabá, Wilson Santos, além de outros representantes da classe política do estado e milhares de cidadãos cuiabanos.

Desse momento em diante, a população cuiabana passou a nutrir esperança por tempos melhores, com a expectativa de que as inúmeras ações preparatórias para receber o maior evento esportivo de futebol do mundo poderiam resolver problemas estruturais antigos, por meio de obras consideradas importantes para hospedar a Copa do Mundo e fundamentais para “a Cuiabá de hoje.” “[...] a população imaginava o futuro sendo liberado pelos vultosos investimentos públicos destinados a equipar Cuiabá com uma infraestrutura ‘padrão FIFA.’” (SANTOS 2013, p. 43 *apud* MACEDO, 2016, p. 28).

4.2 Aos trancos e barrancos: a trajetória da edificação e o uso da Arena Pantanal em Cuiabá

Concebida para dar o tom de modernidade, substituir e se tornar o maior aparelho esportivo do estado de Mato Grosso, em uma concepção de sustentabilidade e de espaço multiuso, a Arena Pantanal começou a ser projetada no segundo semestre do ano de 2009, já com a previsão de finalização das obras no ano de 2012.

Com prazo datado do dia 31 de agosto de 2009 para entrega do projeto básico de engenharia à FIFA, dos licenciamentos necessários para início das obras, do estudo de viabilidade econômica e financeira para o investimento no novo estádio e das necessidades de financiamento e da identificação de fontes de recursos, os departamentos do estado, responsáveis por viabilizar essas ações, convocaram uma Audiência Pública que aconteceu no dia 4 de agosto de 2009, que tratou da apresentação dos processos para a construção da arena multiuso e de seu em torno, em consideração à Copa do Mundo de 2014.

No dia 28 de agosto de 2009, a Secretaria de Estado de Infraestrutura publicou no Diário Oficial do Estado de Mato Grosso, o Aviso de Licitação Para Concorrência – Edital nº 017/2009, com objetivo de selecionar as empresas de engenharia que manifestassem interesse para a execução das obras da arena multiuso, chamada, à época, de Arena Multiuso – O Novo Verdão. Na mesma publicação, anunciou-se que o texto completo do edital e o Projeto Básico estariam à disposição dos interessados a partir do dia 24 de setembro de 2009.

Dos interessados à empreitada, seis consórcios entregaram proposta até o dia 20 de janeiro de 2010 à Secretaria de Estado e Infraestrutura, com a intenção de participar da concorrência pública ao processo licitatório da construção do novo aparelho esportivo para a Copa do Mundo de

2014. Das empresas de engenharia civil que pleitearam as obras do estádio, somente uma era do estado de Mato Grosso (SEIS CONSÓRCIOS..., 2010) e a vencedora foi o Consórcio Santa Bárbara – Mendes Júnior, formado pelas empresas Santa Bárbara Engenharia S/A e Mendes Júnior Trading e Engenharia S/A, do estado de Minas Gerais (RESULTADO do julgamento..., 2010, p. 35).

Dessa data, “foi dada a largada” para a edificação da arena multiuso e isso dependia, inicialmente, da demolição do Estádio Verdão, iniciada no dia 4 de maio de 2010. Foram quase noventa dias para que toda a estrutura do antigo Verdão desaparecesse do terreno onde foi edificado, nenhum vestígio desse estádio restou na paisagem de Cuiabá. Desse momento em diante, a população cuiabana começou a assistir todos os arranjos da edificação do novo espaço de jogo de futebol local. Daí nascia o aparelho esportivo pensado para o Mundial de 2014, ainda divulgado com o nome de Arena Multiuso – O Novo Verdão.

Mesmo que a demolição do Verdão tenha iniciado no primeiro semestre de 2010, somente em maio de 2011 foi possível perceber alguns sinais do início da edificação do novo estádio de futebol. Neste período e pela primeira vez, o governador do estado admitiu que as obras estivessem atrasadas e indicou como causa as questões climáticas – muita chuva no período. Porém, para o secretário da Agência Estadual de Execução dos Projetos da Copa do Mundo do Pantanal - FIFA 2014 – AGE COPA⁷⁰, à época o senhor Eder Moraes Dias (2011-2012), os atrasos ocorriam pelo excesso de burocracia e de fiscalização, o que estavam ocasionando entraves nos repasses financeiros para a empresa responsável pela construção.

Em 11 de maio de 2011, o senhor Leonardo Fonseca Marra, Analista de Infraestrutura do Ministério do Esporte (2010-2018), juntamente com

⁷⁰ Órgão oficial criado no ano de 2009 para gerenciar a Copa do Mundo na cidade de Cuiabá.

o senhor Fernando Vasconcelos, coordenador à época de Projetos Copa do Mundo da Fundação Getúlio Vargas – FGV compareceram às obras da Arena Pantanal e avaliaram que elas não comprometiam o cronograma de entrega, vez que o ritmo dos trabalhos no então considerado “novo Verdão” estava satisfatório. (MINISTÉRIO..., 2011, não p.).

Já em 29 de maio, dezoito dias após os senhores Marra e Vasconcelos avaliarem como satisfatório o ritmo das obras da Arena Pantanal – que desse período em diante já passou a ser identificada e apresentada por esse nome, notícias avessas a essa avaliação eram anunciadas e, inclusive, noticiou-se que a população local temia a exclusão de Cuiabá como subsede da Copa de 2014, por conta de, naquele período, não haver “avanços nas providências necessárias para realização do evento esportivo.” (OBRAS estão..., 2011, não p.).

Em 14 de setembro de 2011, durante uma reunião que aconteceu em Brasília, como parte do encontro “Balanço das Ações do Brasil para a Copa do Mundo FIFA 2014”, o senhor Eder Moraes apresentou, a pedido do governador de Mato Grosso à época, senhor Silval da Cunha Barbosa (2011-2015), um relatório sobre o estágio das obras prioritárias para a realização do Mundial de Futebol. Nesse evento, a situação das doze subsedes foi debatida e o senhor Eder garantiu que até o mês de dezembro do ano de 2012 a Arena Pantanal seria entregue, com suas obras concluídas. (EDER fala ..., 2011).

Ora considerada com andamento satisfatório e ora considerada com andamento atrasado, a edificação da Arena Pantanal seguiu chamando a atenção pelas turbulências que giravam em torno de sua edificação. As obras atrasadas e os conflitos internos entre o grupo gestor, ocasionou, no ano de 2011, a extinção da AGECOPA e a criação da Secretaria Extraordinária da Copa do Mundo – SECOPA. A crise interna também

gerou, já no ano de 2012, a exoneração do então secretário Eder Moraes e, no mesmo ano, o senhor Maurício Guimarães assumiu o cargo (2012-2014).

Novos atrasos são verificados, cerca de seiscentos trabalhadores entram em estado de paralisação dos trabalhos na Arena, no período referente ao segundo semestre de 2011, em reivindicação de reajuste salarial. A população local, que demonstrou satisfação e muita empolgação no momento do anúncio de Cuiabá como uma das subsedes da Copa do Mundo de 2014, começou a acompanhar com muita preocupação os poucos progressos dos estágios das obras para o referido evento esportivo.

O ano de 2012 foi marcado por pouca produção, as obras avançavam em somente 15% e mais um turno de trabalho para a construção da Arena foi implantado. Assim, da divulgação de 35% de obras concluídas no final de 2011, em dezembro de 2012 foi divulgado um balanço geral das obras para a Copa e a Arena Pantanal foi apresentada com o percentual de 50% do total das obras já efetivado. E, para acelerar os trabalhos e garantir a conclusão das obras em tempo, o senhor Maurício Guimarães anunciou que o terceiro tempo – período noturno de trabalho que percorreu das 20 horas às 05 horas da manhã do outro dia, garantiria o cumprimento do cronograma, graças ao reforço do trabalho no terceiro turno, que foi suplementado por mais noventa operários (EM CUIABÁ..., 2013).

A baixa evolução das obras exigiu do governador Silval Barbosa o anúncio de um novo adiamento para a conclusão da Arena Pantanal – de dezembro de 2012, a entrega passou a ser considerada para outubro de 2013.

Ainda no ano de 2012, a empresa Santa Bárbara Engenharia declarou falência e saiu das obras do estádio, e isso ocasionou muitas dúvidas sobre a capacidade da finalização da edificação da Arena Pantanal em tempo hábil para o Mundial de Futebol de 2014. Com a retirada dessa empresa, a construtora Mendes Júnior assume sozinha a condução da construção do novo aparelho esportivo do estado de Mato Grosso e o ritmo parece acelerar.

Já o ano de 2013 foi marcado por protestos em todo o país e em junho desse ano, a Copa do Mundo de 2014 começa a ser rejeitada pelos mato-grossenses.

São Paulo, 3 de junho de 2013, foi disparada a onda de protestos que tomou conta de muitos locais do país. A princípio, o aumento do valor da passagem de ônibus e metrô, que já havia ocorrido em diferentes cidades brasileiras, ocasionou algumas manifestações da população em determinados pontos da nação, mas não forte o suficiente como o movimento de São Paulo, que desencadeou outros protestos pelo Brasil.

O Movimento Passe Livre – MPL ocupou as ruas da maior cidade do país e da América do Sul para protestar e reivindicar a anulação do aumento da passagem dos transportes públicos e sofreu repressão da polícia militar e dos meios de comunicação local.

Menções na ordem de “jovens predispostos à violência por uma ideologia pseudorrevolucionária’, ‘grupelho’, ‘condição marginal e sectária’, ‘os poucos manifestantes que parecem ter algo na cabeça além de capuzes...’, ‘oportunismo corporativista’”, deram o tom editorial da Folha de São Paulo, que circulou no dia 13 de junho de 2013. E esta não foi a única imprensa que se mostrou em oposição às manifestações. (ROMÃO, 2014, p. 157).

Essa oposição se deu até a ocorrência da quarta manifestação, no dia 13 de junho de 2013, quando o excesso de violência por parte da polícia colocou as manifestações e os grandes meios de comunicação, do mesmo lado.

O apoio aos manifestantes paulistas e o repúdio à repressão praticada pelo Estado, “formaram o mote para a ampliação das manifestações em todo o país. O direito ao exercício da cidadania, da voz e da opinião pública a partir do povo propriamente dito era o que estava em jogo.”

Do sentimento de solidariedade surgiram outros movimentos pelo Brasil. “O resultado foi o aumento exponencial do número de participantes e a multiplicação, em vários territórios urbanos, de manifestações autônomas”, que trouxeram, também, a marca da disputa partidária, de diferentes posicionamentos políticos. (SCHERER-WARREN, 2014, p. 419).

Não demorou muito para que as manifestações entonassem para outras necessidades sociais e fizessem dessas demandas uma oposição ao evento que estava por acontecer no país.

Más condições dos sistemas de saúde, de educação, de segurança, de transportes públicos, gastos exorbitantes com os preparativos para a Copa do Mundo de 2014, contra a PEC 37, e a mais vultosa expressão contra a corrupção. Estes foram problemas sociais vociferados nas ruas brasileiras que, inclusive, questionavam os gastos com a construção e reforma dos estádios de futebol brasileiros.

Em Cuiabá, as manifestações ganharam as ruas no dia 16 de junho de 2013, com convocação via redes sociais dispostas na internet, informando dia, local e trajeto oportunos ao evento “Caminhada no Clima da Copa”, que foi realizado pela Secretaria Extraordinária da Copa do Mundo – SECOPA, com o objetivo de simbolizar o início da contagem regressiva para o dia da abertura do Mundial de Futebol de 2014, que ocorreria dentro de doze meses. A manifestação organizada, de forma proposital, concomitantemente ao evento da SECOPA, teve como propósito expressar oposição à corrupção praticada em Mato Grosso e no Brasil.

Outras manifestações ocorreram na capital e no interior de Mato Grosso, no ano de 2013 e nos meses que antecederam a Copa do Mundo, em 2014. Um fato interessante a se mencionar, é que este momento também marcou a capital mato-grossense, pois, de acordo com a mídia local, a manifestação ocorrida no dia 20 de junho de 2013 entrou para a história da cidade de Cuiabá como o maior protesto já registrado. Cerca de 10%

da população cuiabana e várzea-grandense saíram às ruas (PASSEATA..., 2014) e a pauta das manifestações foi ampliada, da reivindicação da redução das passagens do transporte público à exigência pelo fim da corrupção, palavras de ordem eram pronunciadas e a Copa do Mundo era sempre lembrada nas frases ditas e/ou nos cartazes empunhados durante as passeatas nas ruas de Cuiabá e de tantas outras cidades mato-grossense.

Nesse momento, parecia estar esquecida toda a empolgação, todas as expressões de felicidade que ocuparam a capital de Mato Grosso no dia 31 de maio de 2009, quando foram anunciadas as cidades sede da Copa do Mundo de 2014.

Porém, mesmo que boa parte da população, à época, demonstrasse muita insatisfação com os arranjos que proporcionavam condições para a realização de partidas da Copa do Mundo de 2014 em Cuiabá, chamou a atenção uma pesquisa realizada entre os anos de 2011 e 2012, na capital mato-grossense, que buscou, entre seus objetivos, verificar “as percepções da população cuiabana acerca dos benefícios trazidos pelo Megaevento (Copa do Mundo)”, e que chegou à conclusão de que, na época da investigação, os sujeitos entrevistados expressaram estar bastante motivados e acreditavam que a Copa do Mundo de 2014 deixaria um legado positivo para Cuiabá e para Mato Grosso. (RODRIGUES *et al.*, 2012, p. 188).

Em um primeiro momento, pode-se dizer que até junho de 2013, o que se percebia no comportamento do coletivo social de Cuiabá, é que havia uma adesão com expressivo interesse em sediar a Copa de 2014. É importante destacar que houveram inúmeras estratégias políticas criadas para que Cuiabá se tornasse uma das doze cidades sedes e para que, também, houvesse a aprovação e envolvimento popular para receber o Mundial de Futebol de 2014.

Entre as estratégias criadas, estavam as projeções de imagens de ampla abrangência visual nos locais em que ocorre grande fluxo de circulação da população da cidade, aproveitando os símbolos regionais, nacionais e do esporte futebol. Pretendeu-se, com isso, demonstrar que Cuiabá estava se preparando, para incentivar os cidadãos a se envolverem e apoiarem o evento divulgado localmente como a Copa do Pantanal. E, também, a inserção da “mediaoausagem” teve como propósito “expressar ao comitê da FIFA como somos um povo inserido no imaginário do futebol, o que sugere uma boa recepção da Copa pela população local; projetando a ideopaisagem: nós queremos a Copa em Cuiabá”. (BRANCO, 2015, p. 9).

Crianças das escolas de Mato Grosso participam do concurso “Pintando a Copa”, promovido pela SECOPA que, segundo o assessor especial da referida secretaria, Agripino Bonilha Filho (2010-2011 na AGE COPA, 2012-2014 na SECOPA), esse foi “o primeiro projeto piloto para a sociedade mato-grossense se engajar na Copa de 2014.” O concurso chegou às escolas com a solicitação para que os alunos pintassem a Copa do Mundo da FIFA. (PREFEITURA de Cuiabá..., 2012, não p.).

Essas foram algumas das estratégias para sensibilizar a população cuiabana e mato-grossense a apoiar o evento Copa do Mundo na capital de Mato Grosso.

Dos transtornos com as obras e dos protestos ocorridos em 2013, menciona-se aqui, também a invasão da Arena Pantanal por um grupo composto por cerca de cinquenta pessoas, dentre elas, trabalhadores da rede estadual de ensino e dos Correios, que aproveitaram o dia da inspeção nas obras do novo aparelho esportivo pela comitiva da FIFA e do Comitê Organizador Local – COL, que ocorreu no dia 8 de outubro de 2013, para reivindicar reajustes salariais e melhores condições de trabalho. Na oportunidade, os manifestantes picharam uma das arquibancadas da arena com a frase “Copa pra quê?” e proferiram xingamentos ao secretário geral

da FIFA, Jérôme Valcke (2007-2015), ao diretor da COL, Ricardo Trade (2012-2014) e ao ministro dos esportes, Aldo Rabelo (2011-2015). Por conta das manifestações, os horários de visita às obras foram remarcados, ainda assim alguns manifestantes permaneceram no local e, mesmo em menor quantidade, gritavam expressões contra os gastos com a organização do evento. (MANIFESTANTES..., 2013).

No mesmo mês, mais precisamente dezessete dias após as vistorias ocorridas nas obras do novo estádio, um incêndio de média proporção ocorreu na Arena Pantanal. “De acordo com a Secretaria Extraordinária da Copa do Mundo (Secopa), placas de isopor que estavam armazenadas no subsolo do setor oeste do estádio pegaram fogo, mas ninguém ficou ferido.” O incêndio ocorreu por volta das 15 horas do dia 25 de outubro de 2013 e os bombeiros precisaram utilizar quatro caminhões de água para combater as chamas, levando um tempo de quinze minutos. Contudo, uma nota emitida pela SECOPA garantia que o incidente não atrasaria o andamento das obras, que já tinham sido prorrogadas e confirmadas para serem entregues em fevereiro de 2014. (INCÊNDIO ..., 2013).

Entre os dias 5 e 6 de dezembro do ano de 2013, o gramado da Arena Pantanal foi plantado, em uma ação com duração de 16 horas. A grama veio do interior do estado de São Paulo e transportada por caminhões refrigerados até Cuiabá. O plantio precisou ocorrer no período noturno, momento em que a temperatura na cidade é considerada mais amena, para minimizar o risco da grama morrer nesse processo. (GRAMADO ..., 2013).

Quarenta e cinco dias após o plantio, novamente a comitiva da FIFA e da COL visitou as obras para o Mundial de 2014 e um dos inspetores demonstrou preocupação com o gramado. Foi durante a verificação dos últimos preparativos do aparelho esportivo de Cuiabá, ocorrida na tarde do dia 20 de janeiro de 2014, cerca de quatro meses

para o início da Copa do Mundo de 2014, que o ex-jogador de futebol e membro do conselho do COL, à época (2012-2014), senhor José Roberto Gama de Oliveira, conhecido como Bebeto, posicionou-se com desconfiança às garantias do governador Silval Barbosa, de que tudo estaria pronto até a segunda quinzena do mês de fevereiro daquele ano. Justamente por conta da condição do gramado, que apresentava consideráveis falhas, que o senhor Bebeto declarou à coletiva de imprensa sua incredibilidade na entrega do gramado para o jogo teste, agendado para o dia 20 de fevereiro de 2014 (NA INSPEÇÃO..., 2014).

E o membro do conselho da COL tinha razão. Com a necessidade de transferir inúmeras vezes⁷¹ a data de inauguração, o jogo teste marcado para o dia 20 de fevereiro precisou ser adiado, acontecendo somente no dia 2 de abril daquele ano. A partida ocorreu pela Copa do Brasil e foi disputada entre as equipes do Mixto Esporte Clube e Santos Futebol Clube, que terminaram empatadas e sem gols. Nesse jogo, em que os ingressos foram esgotados e dezessete mil pessoas estiveram presentes, diversas falhas puderam ser observadas na estrutura da Arena Pantanal, como infiltrações, alagamentos, fiações espalhadas e falta de cadeiras. Mas em relação ao gramado, nenhuma queixa foi registrada.

No dia 23 de abril de 2014, em uma nova inspeção da FIFA e da COL ao estádio em Cuiabá, o gramado recebeu muitos elogios. Dessa vez a inspeção foi acompanhada pelo ex-jogador, e à época membro da COL, o senhor Ronaldo Luís Nazário de Lima (2012-2014), conhecido como Ronaldo Fenômeno, que mencionou em entrevista que o gramado da Arena Pantanal estava “padrão FIFA”. (RONALDO Fenômeno... 2014).

No dia seguinte à visita de representantes da FIFA e da COL, foi a vez da Presidente da República Dilma Vana Rousseff (2011-2016), filiada

⁷¹ Na somatória total, a inauguração da Arena Pantanal foi marcada para acontecer seis vezes.

ao Partido dos Trabalhadores – PT, visitar as obras da Arena Pantanal. A passagem da Presidente Dilma Rousseff pela Arena foi rápida e sem nenhuma declaração à imprensa. Contudo, manifestantes aproveitaram a estada da Presidente para reclamar da situação em que a cidade de Cuiabá estava, principalmente sobre o caos da mobilidade urbana por conta dos canteiros de obras espalhados por toda a capital e, também, aproveitaram pra cobrar a entrega do Veículo Leve sobre Trilhos – VLT, que foi eleito como sistema de transporte urbano para a cidade, com vistas à melhoria da mobilidade para a Copa do Mundo de 2014. (VISITA de Dilma..., 2014).

O segundo jogo teste realizado ocorreu entre os times Luverdense Esporte Clube⁷² e o Club de Regatas Vasco da Gama⁷³, pela Série B do Campeonato Brasileiro, no dia 26 de abril de 2014 e, nesta disputa, ocorreu o primeiro gol da história da Arena Pantanal. Reinaldo da Cruz Oliveira Nascimento foi o jogador que inaugurou a rede do novo aparelho esportivo de Cuiabá, aos vinte e um minutos do primeiro tempo. Essa partida, com o público de dezessete mil e oitocentas pessoas pagantes, terminou com o placar de 02 gols a 0, com vitória do time Luverdense.

O terceiro jogo teste aconteceu pela Copa do Brasil, no dia 1 de maio de 2014, entre as equipes Cuiabá Esporte Clube⁷⁴ e o Sport Club Internacional. O jogo terminou empatado, com o placar de 01 gol a 01, e contou com público de vinte e duas mil pessoas, das quais dezessete mil quatrocentos e vinte e uma foram consideradas pagantes.

72 Luverdense Esporte Clube, time de futebol fundado no ano de 2004 e com sede na cidade de Lucas do Rio Verde, município mato-grossense localizado a trezentos e trinta e dois quilômetros da capital Cuiabá.

73 O Clube de Regatas Vasco da Gama é um time de futebol que foi fundado no ano de 1898, na capital do estado do Rio de Janeiro.

74 O Cuiabá Esporte Clube é um time de futebol homônimo à capital de Mato Grosso, com sede na cidade de Cuiabá e fundado no ano 2001, pelo ex-jogador Luiz Carlos Tôffoli.

O quarto e último jogo teste trouxe de volta para Cuiabá o time Santos Futebol Clube, que disputou com o Clube Atlético Mineiro⁷⁵, no dia 18 de maio de 2014, uma partida pela Série A do Campeonato Brasileiro e sofreu uma derrota pelo placar de 02 gol a 01. Nesta disputa, estiveram presentes dezoito mil seiscentos e oitenta e três pessoas na Arena Pantanal, das quais quinze mil e seiscentas foram consideradas pagantes.

Até o último jogo teste, a Arena Pantanal estava com obras inacabadas. Algumas cadeiras ainda não tinham sido instaladas, havia fiações espalhadas, o em torno e o estacionamento do estádio não estavam prontos. A propósito, sobre o atraso na instalação das cadeiras, a justificativa apresentada é que o custo de cada uma delas foi questionado e considerado muito caro e sua compra foi suspensa em setembro de 2013, pelo Ministério Público Estadual – MPE e Ministério Público Federal – MPF. Somente após uma renegociação realizada no mês de outubro do mesmo ano, entre a empresa fornecedora das cadeiras – Kango Brasil Ltda. e a SECOPA – órgão adquirente, que a compra foi autorizada. Nesta renegociação a empresa fornecedora concordou em baixar o preço de R\$ 369,00 (trezentos e sessenta e nove reais) para R\$ 340,00 (trezentos e quarenta reais) a unidade.

Diante de tantos contratemplos e de tantos entusiasmos, aconteceu a pior ocorrência no período de construção do novo aparelho esportivo de Cuiabá, que foi o eletrocuto de um dos operários, no dia 8 de maio de 2014. A descarga elétrica ocorreu durante a instalação de luminárias no corredor de acesso aos camarotes do estádio, e provocou uma parada cardíaca que levou à morte o trabalhador Muhammad Ali Maciel Afonso, na época com trinta e dois anos de idade. Foi um total de nove óbitos⁷⁶

75 O Clube Atlético Mineiro é um time de futebol fundado no ano de 1908, na cidade de Belo Horizonte, estado de Minas Gerais.

76 Outro incidente fatal ocorreu no dia 23 de novembro de 2014, em que a égua de nome Andrômeda, da Polícia Militar do Estado de Mato Grosso, morreu eletrocutada enquanto policiais acompanhavam a saída dos torcedores após a partida entre os times

registrados em obras das arenas multiusos construídas ou reformadas no Brasil para o Mundial de Futebol de 2014.

Seguindo com a questão da finalização das obras da Arena Pantanal, em Cuiabá, o estádio para a Copa somente foi entregue à gestão da FIFA no dia 21 de maio de 2014, a vinte e três dias do primeiro jogo do Mundial de Futebol. Alguns ajustes ainda eram necessários e eles ocorreram até mesmo no dia em que as seleções de Chile e Austrália se enfrentaram na estreia da Arena Pantanal na Copa. Reparos e acabamento na estrutura interna, tratamento especial no gramado, instalações de estruturas complementares e montagem de estandes foram questões a serem resolvidas há poucos dias e horas antes do primeiro jogo oficial.

Contudo, a Arena Pantanal, construída pelo Governo do Estado de Mato Grosso, utilizando recursos próprios e empréstimos do Governo Federal – via Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, entregue dezessete meses depois da primeira data anunciada para a finalização das obras, ultrapassando seu custo inicial em mais de R\$ 200.000.000,00 (duzentos milhões de reais)⁷⁷, sediou a contento os quatro jogos da Copa do Mundo de 2014, para os quais foi, inicialmente, destinada. Tudo ocorreu bem e o público compareceu em grande número. Ingressos esgotados e cadeiras lotadas, esse foi o contexto dos quatro jogos da primeira fase, disputados no novo aparelho esportivo de Cuiabá e que despertou, à época, a esperança de contribuir para a modernização do futebol mato-grossense.

São Paulo Futebol Clube e Santos Futebol Clube. A fatalidade ocorreu na parte externa da Arena Pantanal, momento em que a égua Andrômeda pisou em uma área próxima a um dos postes de iluminação e recebeu uma descarga elétrica de 2.000 volts.

⁷⁷ O custo inicial declarado para a construção da Arena Pantanal foi de R\$ 395.000.000,00 (trezentos e noventa e cinco milhões de reais) e esse aparelho esportivo foi entregue com um custo de R\$ 596.400.000,00 (quinhentos e noventa e seis milhões, quatrocentos mil reais). (MARQUES; ANDRADE, 2015).

Figura 33 – Jogo entre Chile e Austrália em 12 de junho de 2014



Fonte: Olhar Direto. (5 fev. 2019).

Figura 34 – Imagem do jogo entre Nigéria e Bósnia-Herzegovina em 21 de junho de 2014



Fonte: Globo.com. (5 fev. 2019).

Aos trancos e barrancos, a Arena Pantanal foi edificada, mas em nada deixou a desejar nos jogos da Copa do Mundo de 2014. Aqueles que prestigiaram o evento no novo aparelho esportivo de Cuiabá, ficaram impressionados com a estrutura moderna da arena multiuso. Aos olhos daqueles que aqui estiveram durante o Mundial de Futebol, a Arena Pantanal apresentou-se no “padrão FIFA”.

A tempo e considerando a sua importância, é preciso pontuar a ocorrência da troca de nome do aparelho esportivo – de Estádio Governador José Fragelli para Arena Pantanal. Lembrando que o nome do antigo estádio foi atribuído em homenagem ao governador do estado que possibilitou à população local ter um aparato esportivo, à época, da proporção daquele que representou por trinta e quatro anos o maior espaço de jogo do futebol mato-grossense, o Estádio Governador José Fragelli – conhecido por todos como Estádio Verdão. A substituição do nome foi efetivada no dia 26 de fevereiro de 2014, ao se tornar pública a decisão do governador do estado, neste período, o senhor Silval Barbosa, que, durante a visita à Arena Pantanal pelos dirigentes da empresa multinacional Samsung Electronics no Brasil, aproveitou para declarar seu parecer à imprensa (EM DIA de visita..., 2014).

Um dia antes dessa declaração, o senador por Mato Grosso, o senhor Jayme Veríssimo de Campos (2007-2015 e 2019-atual), filiado ao partido político Democratas – DEM, usou a tribuna do Senado para expressar a sua indignação pela troca de nomes do estádio, ao que o senhor Jayme Campos declarou tratar-se de uma injustiça e que a troca de nome deveria ser impedida.

[...] Essas pessoas agora querem retirar o nome do Governador José Fragelli do Estádio Verdão, que foi demolido, derrubado, para ali ser construída a Arena Pantanal. Ou seja, temos a obrigação de lutar no sentido de que continue o nome do Governador José Fragelli, que foi o construtor daquela obra [...].

[...] Por isso, estou aqui fazendo um protesto, num movimento cívico dos mato-grossenses, dos cuiabanos. [...]. Nós temos que fazer aqui justiça e homenagear José Fragelli, fazendo com que continue ali, na marquise daquele prédio, o nome desse grande

Governador [...]. (PRONUNCIAMENTO de Jayme Campos em 25/02/2014).

Para minimizar as polêmicas surgidas a respeito da troca de nomes, o governador Silval Barbosa ainda propôs a junção deles, a Arena Pantanal seria chamada, então, de Estádio José Fragelli/Arena Pantanal. Na prática isso não aconteceu, o que se viu foi a substituição do nome, o novo aparelho esportivo era totalmente outro. Outra estrutura, outro nome.

Até que, no dia 17 de janeiro de 2018, foi publicada no Diário Oficial de Mato Grosso a Lei nº 10.678, de autoria do deputado estadual Wilson Pereira dos Santos (2015-atual), que determinou que a Arena Pantanal, a partir da data de publicação da referida lei, passasse a ser nominada Arena Governador José Fragelli (DOEMT, 17/01/2018). Contudo, passando um ano da publicação da lei, nenhuma alteração na fachada ou nas referências feitas a este espaço esportivo, pode ser verificada.

Seguindo com algumas reflexões atuais a respeito do novo aparelho esportivo de Cuiabá, para o futebol mato-grossense, nada mudou. Cinco anos se passaram desde a inauguração da Arena Pantanal, ou como está previsto na Lei nº 10.678, de 17 de janeiro de 2018, agora Arena Governador José Fragelli e nove anos se passaram desde a demolição do Estádio Governador José Fragelli – Verdão, e o mais comum, desde o último jogo da Copa do Mundo ocorrido no dia 24 de junho de 2014, são cadeiras vazias e uma média de público insignificante. O estádio, que desde sua projeção já se anunciava o óbvio – um gasto desnecessário comparado a pouca expressividade e envolvimento de público do/com o futebol local, verificada desde a década de 1990, o que gera hoje um considerável prejuízo ao estado.

Em uma matéria publicada na revista Época, no dia 1 de agosto de 2016, intitulada “Arena Pantanal, o estádio fantasma”, é noticiado que durante todo o ano de 2015, foram realizados quarenta e oito jogos neste espaço esportivo, mas a média de público presente não justificou

o investimento. Isso, pois, somente 4% da capacidade do estádio foi ocupada e a média de público – mil quinhentos e noventa e oito pagantes, foi a mais baixa, em comparação às demais novas arenas do país. Os números apresentados informam que somente 0,28% da população local compareceram aos jogos, e isso indica que “o cuiabano não mostrou interesse por futebol.” (CAPELO, 2016, não p.).

Por esse quantitativo, a Arena Pantanal representou um prejuízo de R\$ 4.200.000,00 (quatro milhões e duzentos mil reais) no ano de 2015. Sem número de público relevante, nenhuma receita é gerada e, “como o estádio é operado pelo Mato Grosso, por meio da Secretaria de Estado das Cidades (Secid), o dinheiro sai do cofre estadual para pagar despesas como energia elétrica, limpeza e segurança.” (loc. cit.).

Os eventos esportivos que tiveram mais participação de público no ano de 2015, com média acima de dez mil pessoas, foram o jogo entre os times de futebol Clube de Regatas do Flamengo e o Club de Regatas Vasco da Gama, com a participação de dezesseis mil pessoas, a partida disputada entre os times de futebol americano Cuiabá Arsenal⁷⁸ e Coritiba Crocodiles⁷⁹, em que compareceram aproximadamente quinze mil pessoas, a disputa realizada entre o time de futebol Sociedade Esportiva Palmeiras e o time Associação Atlética Ponte Preta⁸⁰, com a participação de quatorze mil pessoas e o jogo amistoso entre a Seleção Brasileira Feminina de Futebol e a Seleção do país Nova Zelândia, com o envolvimento de público com treze mil pessoas. (GOVERNO DE MATO GROSSO, 2015).

78 Cuiabá Arsenal é um time da modalidade esportiva futebol americano fundado no ano de 2006, na cidade de Cuiabá, estado de Mato Grosso.

79 Coritiba Crocodiles é um time da modalidade esportiva futebol americano fundado no ano de 2008 e sediado na cidade de Curitiba, estado do Paraná.

80 A Associação Atlética Ponte Preta foi fundada no ano de 1900, na cidade de Campinas, estado de São Paulo.

No ano de 2016 essa situação foi agravada e o prejuízo aos cofres públicos ficou ainda maior. Sem saber o que fazer para “estancar” as perdas monetárias e qual utilidade atribuir à obra, que já era considerada um “elefante branco”, o Governo do Estado de Mato Grosso precisou “desembolsar” R\$ 8.400.000,00 (oito milhões e quatrocentos mil reais) de manutenção da Arena, desde a sua inauguração. Várias tentativas para a privatização do estádio foram encenadas neste período, mas sem sucesso, pois nenhuma empresa demonstrou interesse pelo negócio. (SEM UTILIDADE..., 2017).

Quanto ao saldo referente à utilidade da Arena Pantanal em 2017: “um presente divino para Cuiabá, se tornou um legítimo elefante branco.” Essa foi a expressão proferida pelo jornalista Cosme Rímoli, na matéria escrita no site de notícias Esportes R7, publicada no dia 6 de fevereiro de 2018. O referido jornalista veio de São Paulo a Cuiabá, como convidado para palestras no 1º Seminário da Crônica Esportiva de Mato Grosso, realizado no dia 6 de fevereiro de 2018 e pôde ver de perto aquilo que os cidadãos observam rotineiramente, “a obra foi uma irresponsabilidade sem tamanho.”

A presença de público no estádio, no ano de 2017, foi pior do que em 2016, “mal chega a 500 pessoas por jogo.” Com futebol pouco atrativo, equipes sem elenco de qualidade, sem sequer um atleta de talento nacional e, ainda, “os atletas para melhorar seus rendimentos chegam a disputar torneios amadores. Entram em campo na manhã por cachê de R\$ 300,00 e depois jogam profissionalmente à tarde. Isso com a condescendência dos clubes.” Essa foi a realidade encontrada e publicada por Rímoli. (2018, não p.).

Nessas condições, a Arena Pantanal seguiu na maioria das disputas realizadas no ano de 2018, com exceção da partida que consagrou o maior público registrado envolvendo um time mato-grossense e quebrou o recorde de público no referido aparelho esportivo.

Superando o recorde de quarenta mil quatrocentos e noventa e nove pessoas, registrado no jogo entre as seleções Nigéria e Bósnia-Herzegovina, pela primeira fase da Copa do Mundo de 2014, o jogo de maior público da Arena Pantanal ocorreu no dia 22 de setembro de 2018 entre os times Cuiabá Esporte Clube e Operário Ferroviário Esporte Clube⁸¹. A disputa ocorreu pela final da Série C do Campeonato Brasileiro e foi historiada a presença de quarenta e um mil trezentos e doze pessoas (OPERÁRIO..., 2018). De contratempo estrutural, neste jogo ocorreu uma instabilidade no sistema elétrico, que provocou a interrupção da partida por aproximadamente 01 hora e 40 minutos por falta de iluminação em toda a Arena.

Duas outras exceções foram registradas neste mesmo ano. No jogo realizado entre as equipes Clube de Regatas do Flamengo e Fluminense Football Club, pelo Campeonato Carioca, com um público de quinze mil oitocentos e oitenta e seis pessoas (PÚBLICO de 2018..., 2018) e no jogo entre os times Cuiabá Esporte Clube e Atlético Acreano⁸², pela Série C do Campeonato Brasileiro, com um total de vinte e quatro mil setecentos e noventa e três pessoas, das quais dezenove mil quatrocentos e vinte e uma foram consideradas pagantes (CUIABÁ EC..., 2018).

Com público ainda pouco expressivo, enfrentamentos decorrentes de arquibancadas praticamente vazias ainda perduram até este momento, novembro de 2019. Visto que, o time mato-grossense Cuiabá Esporte Clube, que atualmente possui maior destaque e tem demonstrado maior potencial de atrair público, apresentou uma média de dois mil oitocentos e cinquenta e seis pessoas pagantes em vinte partidas disputadas na Arena Pantanal, com uma ocupação média de 6% dos lugares disponíveis,

81 Operário Ferroviário Esporte Clube é um time de futebol fundado no ano de 1912 na cidade de Ponta Grossa, estado do Paraná.

82 Atlético Acreano é um time de futebol fundado no ano de 1952 na cidade de Rio Branco, estado do Acre.

aferida até o jogo disputado no dia 11 de novembro de 2019, com preço médio de ingresso calculado em R\$ 17,00 (dezesete reais).

Entre o menor e maior público registrado, estão os jogos disputados entre as equipes Cuiabá Esporte Clube e o Operário Futebol Clube Ltda⁸³, pelo Campeonato Mato-grossense, com média de público pagante de cem pessoas e custo médio de ingresso de R\$ 14,00 (quatorze reais) e a disputa entre as equipes de futebol Cuiabá Esporte Clube e Sport Club do Recife⁸⁴, pela décima rodada da Série B do Campeonato Brasileiro, com média de público pagante de sete mil seiscentos e setenta e seis pessoas e custo médio de ingresso de R\$ 18,00 (dezoito reais) (O PÚBLICO nos estádios do Brasil, 2019).

De registro mais polêmico, o que pôde ser apontado foi o impedimento da realização das festividades dos trezentos anos de Cuiabá. Ocorreu que o prefeito da cidade, o senhor Emanuel Pinheiro (2017-atual), filiado ao partido político Movimento Democrático Brasileiro – MDB, por meio de sua equipe de assessores, solicitou à Secretaria-adjunta de Esporte e Lazer do Governo do Estado, no ano de 2018, a cedência de todo o espaço da Arena Pantanal, por um período de três dias, para a realização do evento “Festival 300 Anos”, que seria realizado no mês de abril do ano de 2019, data de comemorações do aniversário da capital mato-grossense. Este festival seria composto por shows regionais e nacionais, celebração religiosa e desenvolvimento de atividades lúdicas.

Faltando poucos dias para o festival, o Ministério Público Estadual – MPE, por recomendação do promotor de justiça Ezequiel Borges de Campos, solicitou ao governador do estado, o senhor Mauro Mendes Ferreira

83 Agremiação esportiva fundada no ano de 2002, na cidade de Várzea Grande, estado de Mato Grosso.

84 O Sport Club do Recife foi fundado em 1905, na cidade do Recife, estado de Pernambuco.

(2019-atual), filiado ao partido político Democratas – DEM, que vetasse a utilização do espaço interno da Arena Pantanal para esta finalidade.

A justificativa apresentada apontou a possibilidade de danificar o gramado do estádio e prejudicar a competição de futebol, que estava em andamento. Baseado na Lei nº 10.671/2003, disposta no Estatuto de Defesa do Torcedor, estas atividades festivas poderiam comprometer os direitos dos torcedores, visto que a degradação do gramado afeta diretamente a qualidade do jogo.

O alerta a respeito da possibilidade de dano ao gramado foi considerado pela experiência já ocorrida no ano de 2018, com a realização de um evento de rock na Arena Pantanal um dia antes da realização do jogo pela Série C do Campeonato Brasileiro entre os times Cuiabá Esporte Clube e Atlético Acreano. O evento “Rock Arena” aconteceu nos dias 18 e 19 de agosto de 2018 e o jogo aconteceu no dia 20 do mesmo mês. Ainda que os diversos problemas gerados no gramado pelo evento não tivessem atrapalhado o jogo, ocorrido no dia seguinte, puderam ser percebidos pelas duas equipes e pelo público presente.

Coincidindo a data de realização das atividades comemorativas do aniversário de Cuiabá com a fase semifinal do Campeonato Mato-grossense de Futebol, a instituição promotora desse evento esportivo e os dirigentes dos times de futebol local, solicitaram a transferência destas atividades para outro espaço. Essa solicitação foi representada pelo MPE e acatada pelo Governo do Estado, gerando muita insatisfação no prefeito da capital.

Em sua manifestação contra a decisão do MPE e do Governo do Estado, o prefeito Emanuel Pinheiro fez lembrar que a Arena Pantanal foi construída em uma concepção multiuso e que hoje representa um “elefante branco” para o estado e, por fim, decidiu pelo cancelamento do “Festival 300 Anos” (EMANUEL..., 2019), decidindo ainda pela

realização da comemoração em único dia. Desse modo, o evento aconteceu no dia 8 de abril, aniversário da capital, na Praça Alencastro, em frente ao prédio da Prefeitura de Cuiabá.

É nesse aspecto que a condição de utilização da Arena Pantanal, em sua versão multiuso, é considerada e contestada no ano de 2019 pelos Poderes Públicos Municipal e Estadual. No entanto, pesa-se que a Arena Governador José Fragelli, ou a Arena Pantanal – como ainda é chamada e conhecida, está posta uma realidade para o estado de Mato Grosso, para a cidade de Cuiabá e para os times de futebol local, ainda que questionada sobre a sua utilidade, sobre o custo de sua manutenção e sobre sua relevância para o esporte mato-grossense.

CAPÍTULO 5

DO VERDÃO À ARENA PANTANAL: TRAMAS IDENTITÁRIAS NAS OCORRÊNCIAS CULTURAIS E ARQUITETÔNICAS DO FUTEBOL MATO-GROSSENSE

Para responder a questão central desta investigação: qual a influência do espaço de jogo – estádio, na concepção da modalidade esportiva futebol para determinados grupos, a ponto de influenciar a identidade futebolística de uma região?, a pesquisa foi direcionada a alguns agentes esportivos da modalidade de futebol na perspectiva de apreender, junto a eles, informações específicas às ocorrências relativas ao maior equipamento esportivo de outrora e ao maior equipamento esportivo contemporâneo do estado de Mato Grosso.

Durante todo o contato estabelecido com os torcedores/líderes de torcida organizada, ex-jogadores, ex-técnicos, técnicos, ex-dirigentes, dirigentes, ex-comentarista, ex-árbitro e jornalistas, que participaram deste estudo, buscou-se apreender as impressões emitidas por eles, de maneira a alcançar as significações atribuídas ao Estádio Verdão e à Arena Pantanal, como forma de compreender as ocorrências gerais nos principais espaços de jogo do futebol mato-grossense, a fim de estabelecer como os desportistas locais, participantes dessa investigação, relacionam o Estádio Verdão e a Arena Pantanal ao futebol mato-grossense.

E, nesse encaminhamento, a pesquisa foi produzida em consonância com as informações adjuntas às condições experienciais de se estar no espaço de jogo, em uma constante relação de como era antes, no Estádio Verdão, e de como é agora, na Arena Pantanal. Essa constante relação se fez necessária visto que esta última praça esportiva citada, foi edificada

em substituição à primeira praça esportiva mencionada neste parágrafo, justificada por diferentes argumentos, dentre eles as possibilidades de modernizar e alavancar o futebol mato-grossense. Dessas justificativas, ocorreu a demolição do Estádio Verdão para dar espaço à construção da Arena Pantanal.

A apropriação de informações referentes aos espaços de ocorrências de jogos de futebol investigados neste estudo foi amplamente demonstrada pelos agentes esportivos participantes, de tal maneira que, em determinados momentos, os entrevistados mais jovens apresentavam relatos sobre acontecimentos que, por conta da faixa etária, não poderiam ter pessoalmente presenciado os episódios. Quando as informações apresentadas por eles foram comparadas às informações prestadas pelos sujeitos mais velhos, no momento da análise dos dados, foi possível confirmar a real ocorrência dos fatos relatados. Desse modo, é possível considerar a ocorrência de uma memória coletiva, aquela que determinados sujeitos conseguem lembrar ainda que se trate de eventos nos quais não estiveram presentes.

Essa possibilidade é apresentada por Halbwachs (1990, p. 26, 82) quando o autor afirma que “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós.” Essa teia de lembranças é possível entre integrantes de um mesmo grupo que apresentam uma relação, estando repleta de acontecimentos do passado “que está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém.”

Nesta perspectiva, as informações apreendidas no contato direto com os agentes esportivos que participaram de jogos ocorridos nos locais de interesse desse estudo, após terem sido devidamente analisadas, possibilitaram o desvelamento do tema investigado, que está apresentado e discutido na sequência desse texto, por meio de quatro categorias temáticas: 1 – “Do

futebol mato-grossense em franco crescimento nasce o Verdão”, 2 – “Dos tempos de glória à decadência: a trajetória do futebol mato-grossense entre a década de 1970 ao ano de 2018”, 3 – “A Copa do Mundo é nossa! De uma motivação sazonal surge a Arena Pantanal” e 4 – “A estrutura arquitetônica e a relação de familiaridade com o espaço de jogo: O Verdão e a Arena Pantanal constituídos no cenário futebolístico mato-grossense”.

As referidas categorias temáticas foram alcançadas após a elaboração das unidades de significados: Tradição, Modernidade, Mundialização e Identidade que, em decorrência do processo de análise dos dados, foram produzidas quando houve o esgotamento das coligações das categorias de codificação oriundas do significativo volume de informações prestadas pelos informantes deste estudo.

Como estratégia para a apresentação das informações recolhidas por esta pesquisa, os dados estão explanados por meio de fragmentos das falas dos sujeitos entrevistados, escolhidos de acordo com o seu potencial de melhor responder às inquietações que originou este estudo. E o posicionamento visual dos fragmentos das falas dos sujeitos está caracterizado no corpo do texto da seguinte maneira: o formato do texto que expressam as falas dos sujeitos entrevistados encontra-se reunido no centro da página e com espaçamento simples entre linhas.

Desse modo, por ter sido adotado o procedimento de apresentar trechos de determinadas entrevistas, na função de respaldar as verificações realizadas, utilizou-se, como forma de identificar a quem pertence cada um dos trechos apresentados, o sistema de nome-código⁸⁵, na intenção de resguardar a identidade dos sujeitos participantes.

85 Os nomes-códigos foram elaborados para garantir o anonimato dos sujeitos entrevistados, assim como foi garantido a cada um dos agentes esportivos participantes deste estudo.

Os nomes-códigos foram elaborados da seguinte maneira: para cada sujeito, utilizou-se as duas primeiras letras que compõem o seu nome, acompanhadas da idade de cada um. Quando as primeiras letras do nome de um participante apresentaram-se idênticas às primeiras letras do nome de outro participante, para promover uma distinção entre eles, foram utilizadas as duas primeiras letras de seu nome, seguidas de um traço vertical e mais as duas letras de seu segundo nome ou sobrenome.

5.1 Do futebol mato-grossense em franco crescimento nasce o Verdão

Com a grande visibilidade e adesão de público ao futebol mato-grossense na década de 1970 e o desejo da comunidade desportiva da baixada cuiabana, à época, em projetar uma equipe local a uma vaga no Campeonato Nacional, surgiu a demanda pela construção de um estádio com capacidade de abrigar grande público e com estrutura para realizar jogos entre equipes de grande importância nacional.

De acordo com os sujeitos entrevistados, até o ano de 1975 a única praça esportiva configurada como um estádio de futebol na cidade de Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso, era o Eurico Gaspar Dutra, conhecido por Dutrinha. Devido à presença de um grande número de adeptos aos jogos, esse aparelho esportivo já não atendia mais às necessidades do futebol que, na época, estava em ascensão. Sua estrutura foi indicada pelos entrevistados como de dimensões pequenas para um futebol que estava se tornando populoso, os times locais estavam se organizando e contratando jogadores de muita habilidade esportiva, as partidas estavam bem atrativas e o público correspondia com sua volumosa presença.

[...] de 1959 até a inauguração do Verdão eu participei do Dutrinha. O Dutrinha tinha capacidade para sete mil, sete mil e quinhentas pessoas. E tinha dia que tinha nove, dez mil pessoas. O pessoal ficava no telhado do Ginásio Brasil. [...], o pessoal ficava em cima do telhado do Ginásio Brasil, em cima das árvores, ali na rua, então realmente precisava construir um outro estádio. [...] O que eu sei é que houve uma aclamação popular, uma união muito grande dos órgãos públicos, que, naquela época o Mato Grosso ainda não era dividido, o Governador José Fragelli abraçou a causa. [...] Então, depois que ele abraçou a causa, começou a construir e, aí, ele foi endeusado aqui em Cuiabá, o governador Fragelli, tanto é que o estádio tem o nome dele. Tinha o nome dele. [...] A população passou a exigir a construção de um estádio grande, os órgãos governamentais se uniram, a imprensa ajudou, aí partiram para a construção do Verdão. (RU – 76 anos).

O gosto pelo futebol era notável, as disputas locais estavam mais acirradas e as torcidas compareciam em grande número “tudo formando um conjunto que espelhava o quadro exato da importância que o futebol sempre teve para a gente cuiabana. Se o futebol é o ‘esporte das massas’, para o cuiabano ele é festa.” E no crescente do futebol mato-grossense, o Estádio Dutrinha foi construído, contudo, “quanto mais a cidade crescia, quanto mais a vibração aumentava, quanto mais as dificuldades de acomodações se amontoavam, cresceu, aumentou e amontoou a necessidade de se construir um novo estádio para Cuiabá [...]” (O ESTÁDIO vai sair mesmo, 1972, p. 4).

A casa do futebol cuiabano precisava ficar grande também, para acompanhar e abrigar todos os avanços esportivos que estavam acontecendo à época e, assim, potencializar a difusão do futebol local por todo o estado, dar uma maior visibilidade das equipes locais e possibilitar a conquista por um time da capital mato-grossense de uma vaga no maior campeonato de futebol do Brasil.

Neste contexto, surgiu a demanda local por uma praça esportiva maior e mais moderna. A população passou a exigir dos governantes locais do período a construção de um estádio com dimensões para receber grande público e, com isso, aumentar a possibilidade de ficar para um dos times da baixada cuiabana, uma vaga no Campeonato Nacional.

As menções dos sujeitos entrevistados relacionam-se com as manifestações para a construção do Estádio Verdão, frequentemente anunciadas pela imprensa da época que acompanhava os trâmites para a construção de um novo estádio em Cuiabá, exercia cobranças aos governantes locais e noticiava cada progresso do projeto, sob a alegação de falta de uma estrutura compatível com a quantidade de pessoas que frequentavam o Dutrinha.

Como exemplo disso, cita-se a matéria publicada pelo jornal O Estado de Mato Grosso, de 6 de outubro de 1970, com o título “Um novo estádio para Cuiabá”, em que é exaltada a necessidade de um novo aparelho esportivo em regime de urgência.

No último domingo, o Estádio Presidente Dutra foi pequeno para receber o grande público que foi prestigiar a sensacional disputa futebolística entre o Mixto e o Dom Bosco, o famoso clássico do futebol cuiabano. O recorde registrou-se em vários aspectos: em renda, em público e na necessidade imediata de se construir um novo estádio nesta capital.

A ideia não é de agora. De há muito a imprensa local vem chamando a atenção de autoridades locais para este problema e até agora somente se ouviu falar muito em providências preliminares, mas não surgiu ainda uma medida concreta [...].

Há vários anos, talvez uns três, fala-se na necessidade de se construir um novo estádio de futebol em Cuiabá [...].

Mais do que nunca, o governador do Estado precisa levar muito a sério esse problema da construção de um novo estádio de futebol em Cuiabá. O citado problema vai se agravando cada vez mais e já chegou a um ponto tal que não se pode esperar mais. Cuiabá se tornou o grande palco dos grandes embates do futebol do Norte de Mato Grosso [...]. (UM NOVO estádio..., 1970, p. 4).

As constantes exigências dos desportistas e as notificações exercidas pela imprensa local foram contempladas com a construção de um aparelho esportivo de grande porte e, aquilo que foi projetado para o futebol da região norte do estado de Mato Grosso, com a construção de um estádio de futebol capaz de receber um numeroso público, aconteceu. As principais equipes da região puderam disputar partidas na maior competição esportiva do país.

O presidente da FMD, senhor Levy Rodrigues do Prado (1975-1976), informou no dia 10 de abril de 1976, que estava garantida a presença de um time de Cuiabá no Campeonato Nacional daquele ano. A vaga seria assegurada pelo time que vencesse a Chave Norte do Campeonato Estadual. Essa informação foi prestada pelo senhor Levy Prado após a visita do Senhor Heleno Nunes, presidente da CBD, “que reconheceu no ‘Verdão’ um dos melhores estádios do país. [...] ‘O presidente da CBD, depois de assistir ao espetáculo da inauguração do Verdão afirmou que Cuiabá não poderá, em hipótese alguma, ficar ausente do próximo Brasileirão’ [...].” (HELENO Nunes..., 1976, p. 13).

O Mixto Esporte Clube foi o primeiro time a representar Cuiabá no Campeonato Nacional – ou Copa do Brasil, como esta competição também era chamada, com estreia no dia 28 de agosto de 1976, enfrentando o time Goiás Esporte Clube⁸⁶. A disputa ocorreu no

86 O Goiás Esporte Clube é um time de futebol fundado no ano de 1943, na

Estádio Governador José Fragelli, foi assistida por um público de trinta mil setecentos e setenta e quatro pessoas e terminou com empate, tendo cada equipe feito 01 gol. A arrecadação neste jogo foi declarada em Cr\$ 411.130,00 (quatrocentos e onze mil e cento e trinta cruzeiros) e anunciada no jornal O Estado de Mato Grosso, no dia 31 de agosto de 1976, como renda recorde absoluta em Mato Grosso e, também, a terceira maior renda verificada em arrecadações nas rodadas inaugurais desta competição. (EMPATE...,1976, p. 7).

Em 1977, o Clube Esportivo Dom Bosco e, em 1979, o Clube Esportivo Operário Várzea-Grandense estrearam no Campeonato Nacional.

Um estádio de futebol com estrutura vultosa, de potencial para receber uma grande quantidade de público, propiciou que três dos maiores times locais disputassem partidas do Campeonato Nacional, permitindo que jogadores externos à localidade viessem para os times da região e que jogadores internos se projetassem e fossem contratados por equipes de fora do estado e, também, que times de grande importância no cenário brasileiro e seleções de diferentes nações se apresentassem na cidade de Cuiabá.

[...] O Verdão, na época, ele foi muito importante. Que teve grande jogos, entendeu? Aqui veio o Corinthians, veio o São Paulo, veio o Vasco, veio o Santos. Aqui revelou jogador, revelou o Gerson Lopes, que jogou no Flamengo. Vitor que jogou no Flamengo. Elias que jogou no Corinthians, então foi muito bom, naquela época, pra revelar atleta e até pra público. (EZ – 58 anos).

A grande verdade é quando o Verdão foi construído, ele foi construído a nível nacional, não foi só para Mato Grosso. Até porque surgiu uma vaga para o Campeonato Brasileiro de 1976. [...]. E, com esse surgimento, havia a possibilidade de grandes equipes que eram conhecidas somente através dos rádios, porque naquela época nem a televisão acompanhava os jogos dos grandes centros, não traziam essas informações de como eram essas equipes, como eram

cidade de Goiânia, estado de Goiás.

esses grandes jogadores que jogavam nessas equipes. Então era a grande oportunidade de nós termos aqui essas equipes de 1976, com a inauguração do Verdão veio jogar aqui o Corinthians, o Flamengo, o Vasco, o Fluminense, o Palmeiras, seria a grande oportunidade do cuiabano ou do mato-grossense de conhecer esses jogadores de perto. E com essa possibilidade os clubes, como o Dom Bosco, o Mixto e o Operário que eram sérios candidatos ao título, investiram nas suas equipes. Porque até então trabalhavam só com jogadores aqui da região. Foram buscar jogadores nos outros centros. Por exemplo, 1976 eu vim da Ponte Preta, era um jogador super conhecido em São Paulo, acho que no país todo, acho que vieram uma faixa de cinco jogadores da Ponte Preta, todos considerados jogadores titulares da equipe. Tivemos jogador aqui do Corinthians, tivemos jogadores do Palmeiras, o Mixto contratava mais jogadores do setor de Minas Gerais, tipo jogador do Cruzeiro, do Atlético, o investimento foi muito alto pra trazer esses jogadores. O que é que significava trazer esses jogadores, o Campeonato Estadual em um nível melhor e a competição se tornava mais interessante, porque o representante no Campeonato Brasileiro seria o campeão estadual [...]. (CA – 69 anos).

A necessidade de um espaço compatível com o futebol que estava sendo formulado em Mato Grosso apresentou-se condizente às dinâmicas mais gerais do futebol em todos os lugares do mundo. Visto que, uma atividade discreta praticada em lugares mais concisos, à medida que se populariza e se profissionaliza, como ocorrido com o futebol, que também devido ao fato de sua fácil adesão social no Brasil, foi apropriado e introduzido no circuito da mercadoria e da espetacularização, o evento esportivo potencializou, e ainda potencializa a disseminação de estádios vultosos. E esses espaços se tornam equipamentos fundamentais na construção e reprodução de identidades sociais. (MASCARENHAS, 2005).

O surgimento de um novo equipamento esportivo na cidade, com uma arquitetura monumental, não só refletiu em maior aglutinação de pessoas no espaço de jogo, com um acolhimento mais apropriado como, também, possibilitou a formação e a contratação de talentos do futebol

de projeção nacional. Com uma infraestrutura maior e, à época, moderna, novos valores e horizontes para o futebol mato-grossense foram formulados.

As rendas iniciais obtidas com os jogos realizados no Estádio Verdão animaram os dirigentes esportivos da região e, naquele período, foram projetadas para “um rápido e positivo soerguimento do futebol cuiabano, como também dos de Rondonópolis, Poconé e Várzea Grande.” A presença de um time da baixada cuiabana no Campeonato Nacional de 1976 foi divulgada como a prerrogativa para “novas perspectivas para os clubes da região norte do estado, isso sem falar no público, que terá a oportunidade de assistir, com o necessário conforto, as apresentações de grandes times brasileiros.” (HELENO Nunes..., 1976, p. 13).

As demandas locais por um espaço de jogo maior foram atendidas com a construção do Estádio Verdão, também necessária para a projeção do futebol e o acesso de uma equipe de Mato Grosso ao Campeonato Brasileiro de 1976. Assim, tudo o que foi projetado para o futebol local, com a construção do referido estádio, naquela época se materializou.

De acordo com a fala dos sujeitos entrevistados, foi possível formar seleção com os jogadores do estado, também se percebia certames de qualidade aqui, pois disso dependia uma vaga no Campeonato Brasileiro. E, justamente o desempenho dos times tradicionais nas competições regionais, proporcionou a captação de um grande número de público no Estádio Verdão. Para os sujeitos entrevistados, comumente se via o estádio cheio, principalmente nos jogos considerados clássicos do futebol mato-grossense.

No ano da inauguração oficial do Estádio Verdão e da estreia de um time local no maior campeonato da nação, Cuiabá “foi a cidade que obteve o primeiro lugar na média de público nas duas primeiras fases do Campeonato Brasileiro, com 26.113” pessoas pagantes e uma arrecadação média de Cr\$ 351.810,16 (trezentos e cinquenta e um mil e oitocentos e dez cruzeiros e dezesseis centavos), com o ingresso vendido para a

arquibancada descoberta no valor de Cr\$ 5,00 (cinco cruzeiros) e para o setor de cadeira cobertas o valor de Cr\$ 60,00 (sessenta cruzeiros). (COPA do Brasil..., 1976, p. 8).

Em cinco jogos disputados pelo Mixto Exporte Clube, em um único campeonato do ano de 1976, a média de público foi registrada em trinta e três mil pessoas pagantes, com renda estimada em Cr\$ 1.957.730,00 (um milhão novecentos e cinquenta e sete mil e setecentos e trinta cruzeiros). (FALTA..., 1976).

No resumo oficial das atividades esportivas realizadas no Estádio Verdão no ano de 1976, consta que foram realizadas cinquenta e quatro partidas de futebol “que renderam a soma de Cr\$ 5.830.916,00” (cinco milhões oitocentos e trinta mil e novecentos e dezesseis cruzeiros), “com um total de público que chegou a 509 mil e 73 espectadores. A média de renda por partida foi de Cr\$ 107.979,93” (cento e sete mil novecentos e setenta e nove e noventa e três cruzeiros), “com uma média de público que chegou a 9.429,13 espectadores.” (AS ATIVIDADES..., 1977, p. 7).

Nos jogos entre times de grande rivalidade e com número considerável de torcedores – os clássicos do futebol mato-grossense, era comum a obtenção de renda satisfatória, seja em amistosos ou em disputas oficiais, como anunciado nos jornais da época. A título de exemplo, na disputa ocorrida no dia 5 de março de 1978, entre o Mixto Esporte Clube e o Clube Esportivo Operário Várzea-Grandense, valendo a segunda vaga para um time local no Campeonato Brasileiro-78, foram disponibilizados cinquenta e cinco mil ingressos, com a pretensão de que houvesse a arrecadação de Cr\$ 1.000.000,00 (um milhão de cruzeiros). (“VERDÃO” vive hoje a decisão, 1978). Não foram encontradas informações sobre a quantidade de ingressos vendidos para o referido jogo, o que o registro acessado informa é que houve a arrecadação de um valor superior ao pretendido e que a renda líquida, entregue para ser dividida em partes iguais entre os times Mixto e

Operário de Várzea Grande, equivalia a Cr\$ 997.605,00 (novecentos e noventa e sete mil e seiscentos e cinco cruzeiros). (DÉCIO Leal..., 1978).

Das possibilidades de contratação de jogadores de maior habilidade futebolística para reforçar os times locais, viabilizadas pelas arrecadações nas competições realizadas no Estádio Verdão na década de 1970, pode-se citar, como exemplo, “as novas aquisições do Dom Bosco”, ocorridas no ano de 1978, em que o time de futebol cuiabano trouxe para reforçar ainda mais o seu grupo, mais três jogadores de equipes de destaque no cenário esportivo nacional. À época, vieram para Cuiabá, contratados pelo referido time de futebol, o zagueiro Luiz Antônio Neto, do Santos Futebol Clube, o lateral esquerdo do Corinthians Edemir Cláudio Marques “e Laudenir, lateral esquerdo da Ponte Preta⁸⁷.” Na ocasião, além do reforço entre jogadores, foi contratado, também, o ex-jogador do São Paulo Futebol Clube⁸⁸, João Leal Neto, para ser o técnico da equipe. (D. BOSCO..., 1978, p. 8).

Também nesta dinâmica de contratação de jogadores oriundos de equipes de futebol externas ao estado de Mato Grosso, vieram, nos tempos de ascensão do futebol local, três dos doze sujeitos participantes deste estudo, para reforçar times da região. Destes três sujeitos, um deles, antes de ser contratado pelo Mixto Esporte Clube no ano de 1959, jogou no Clube Náutico Capibaribe⁸⁹, Football Club des Girondins de Bordeaux⁹⁰ e na Association Sportive de Mônaco Football Club⁹¹. Outro deles jogou na

87 A Associação Atlética Ponte Preta foi fundada no ano de 1900, na cidade de Campinas, estado de São Paulo.

88 Clube esportivo fundado no ano de 1930, na cidade de São Paulo, do estado homônimo à referida cidade.

Associação esportiva fundada no ano de 1915, na cidade de Natal, estado do Rio Grande do Norte.

89 Clube desportivo fundado em 1901, na cidade de Recife, estado de Pernambuco.

90 Time de futebol fundado em 1881, na cidade de Bordeaux, na França.

91 Time de futebol fundado no ano de 1919, na cidade-estado de Mônaco, na França.

Associação Atlética Ponte Preta, no Figueirense Futebol Clube⁹² e no Sport Club Corinthians Paulista, antes de ser contratado pelo Clube Esportivo Operário Várzea-Grandense, em 1976. O terceiro deles jogou no time do América Futebol Clube⁹³ e depois no Santos Futebol Clube, antes de ter sido contratado pelo time do Mixto Esporte Clube no ano de 1977.

Nesta dinâmica, o futebol local ganhou maior qualidade técnica e ficou mais atrativo. A população respondia com a presença numerosa no estádio e, com isso, a renda dos clubes era ampliada, o que também possibilitava maior investimento em um elenco de potencial futebolístico, o envolvimento da imprensa escrita e falada e, conseqüentemente, uma maior difusão do futebol no estado. Justificando, assim, a construção de um estádio da proporção concebida para o Verdão, à época.

Outra questão apontada pelos entrevistados deste estudo, que sugere a necessidade de um espaço maior para assistir aos jogos, foi a grande presença de público no estádio em decorrência do restrito acesso da população de outrora a aparelhos de televisão e os jogos não eram transmitidos ao vivo. Isso ocasionava a necessidade dos amantes do futebol de estar presente nas partidas ocorridas no Dutrinha.

[...] Antigamente não tinha o televisionamento direto. Muitos anos atrás, [...] e quando começou a ter o jogo televisionado direto e tivesse um jogo aqui importante, era cortado o sinal. (RU – 76 anos).

A primeira emissora televisiva implantada em Cuiabá foi a TV Centro América, no ano de 1969 e representou a segunda⁹⁴ emissora

92 Time de futebol fundado no ano de 1921, na cidade de Florianópolis, estado de Santa Catarina.

93 Time de futebol também conhecido como América Mineiro, fundado no ano de 1912, na cidade de Belo Horizonte, estado de Minas Gerais.

94 A primeira emissora de televisão implantada no estado de Mato Grosso foi a TV Morena, no ano de 1965, na cidade de Campo Grande, atual capital de Mato Gros-

implantada em Mato Grosso pela Rede Mato-grossense de Televisão, quando o estado ainda era uno.

Até meados da década de 1970, a maioria da população mato-grossense ainda não havia experimentado as possibilidades de entretenimento e informação possibilitadas pelas programações televisivas e sequer conhecia um aparelho de TV. Para muitos, a noção sobre o que poderia ser uma programação transmitida ou esse tipo de aparelho, era elaborada a partir das informações prestadas por aqueles que, à época, já haviam tido contato com uma televisão ou pelas propagandas feitas pelas emissoras de rádio e jornais locais. (BARROS, 1998).

Essa restrição de acesso da população local ao aparelho de TV possibilitava que os cuiabanos vivenciassem atividades coletivas, externas a sua residência. As pessoas tinham o costume de fazer visitas, de conversar na calçada⁹⁵, de desenvolver “a sua sociabilidade mediante os bailes de siriri, cururu.” (*Ibid.*, não p.). Ou seja, as pessoas tinham por costume vivenciar as atividades diretamente nos locais em que elas aconteciam.

Geralmente, para que fosse possível assistir a jogos de futebol, era necessário ir ao estádio e, quando em Cuiabá foi inaugurada a primeira transmissão de jogos de futebol pela televisão, isso não acontecia ao vivo e nem no mesmo dia de ocorrência da partida. As transmissões só aconteciam, no mínimo, um dia depois da realização dos jogos, independente da importância da competição. Como exemplo disso, cita-se a Copa do Mundo de 1970, que não foi transmitida ao vivo pela televisão em Cuiabá, assim

so do Sul. A TV Morena – canal 2 e a TV Centro América – canal 4 são de propriedade do mesmo grupo, o Grupo Zahram.

95 Espaço que fica em frente das residências, entre a rua e a entrada das casas, antigamente ocupado pela vizinhança, quando a população ainda se sentia segura em ocupar a rua como um espaço de convivência coletiva. Neste contexto, a rua era ocupada, também, como um espaço e uma forma de lazer.

como aconteceu em várias localidades do país⁹⁶. Somente no dia seguinte, após a ocorrência da disputa, que determinados cidadãos cuiabanos conseguiram assistir alguns dos jogos. Antes disso, apenas pelas emissoras locais de rádio. (CUIABÁ na década de 1970, 2006).

Somente em 13 de junho de 1974 que os cuiabanos puderam assistir ao vivo a um jogo de futebol, o embate foi entre a Seleção Brasileira *versus* a Seleção da Iugoslávia⁹⁷, valendo pela Copa do Mundo de Futebol realizada na Alemanha. A TV Tupi, canal 6, do Rio de Janeiro, foi responsável em conceder as imagens diretas a Mato Grosso e esse jogo entrou para a história esportiva local como o primeiro evento esportivo a ser transmitido ao vivo por uma emissora de televisão. (A TELEVISÃO..., 1974).

Em 1976 a Rede Mato-grossense de Televisão filiou-se à Rede Globo de Televisão e, por essa filiação, a TV Centro América começou a veicular em sua programação conteúdos também relacionados ao esporte. (TV CENTRO..., 2017).

A partir da década de 1980 “o futebol começou a ser explorado como um grande negócio pela televisão brasileira.” Em 1982, “a Rede Globo adquiriu com exclusividade a transmissão da Copa do Mundo” (COMO funcionam..., 2018, não p.) e desde 1987, quando diretores de marketing do recém fundado Clube dos 13 negociaram com a Globo a

96 No dia 01 de julho de 1956 a emissora Record e a TV Rio conseguiram fazer a primeira transmissão interestadual ao vivo de um jogo de futebol. Foi o amistoso entre o Brasil e a Itália, ocorrido no Estádio do Maracanã. A primeira transmissão ao vivo de uma Copa do Mundo de Futebol, ocorreu em 1970 e foi transmitida para todas as cidades brasileiras que já possuíam aparelhos receptores de sinal. (SAVENHAGO, 2011). SAVENHAGO, Igor José Siquieri. Futebol na TV: evolução tecnológica e linguagem de espetáculo. **Verso e Reverso** (Unisinos. Online), São Leopoldo, v. 25, p. 22-31, 2011.

97 A partida finalizou com um empate de 0 gols.

compra da Copa União, essa emissora detém todos os direitos de transmissão dos principais campeonatos de futebol pela TV aberta. (HELAL, 1997).

Considerando a restrição de acesso por parte de muitas pessoas da localidade às programações transmitidas por emissoras de televisão e a própria restrição de programações televisivas em Cuiabá e, ainda, considerando as informações prestadas pelos sujeitos participantes deste estudo, verificou-se que a ausência de transmissão direta de jogos de futebol na cidade, pode ter influenciado a presença de torcedores nos estádios de futebol na década de 1970.

Havia, também, uma demanda de lazer na cidade. Cuiabá carecia de espaços de entretenimento e o Estádio Verdão igualmente possibilitou essa atividade para os cidadãos. Antes de sua construção, as atividades de diversão comunitária de maior atração e com grande captação de público, na cidade de Cuiabá, eram os clubes sociais, cinemas e o Estádio Dutrinha. Na época, na cidade não tinha shopping center. O primeiro de Cuiabá foi o Shopping Goiabeiras, inaugurado no dia 27 de junho de 1989. Então, na época de sua construção, o Estádio Verdão serviu, também, como uma das principais opções de lazer da cidade e, devido a sua dimensão, inaugurou na capital mato-grossense o maior espaço de vivências comunitárias de lazer do estado.

[...] quando só existia o Dutrinha, cabia sete mil pessoas, não existia essa atração de lazer na cidade, não existia muitas opções, o futebol tornou-se um grande atrativo, o futebol tornou-se o carro chefe do lazer e o Dutrinha não conseguiu mais atender o grande público que iam para o estádio. (FA/JO – 33 anos).

Até meados da década 1980, as possibilidades para a população cuiabana de envolvimento em atividades com finalidades de lazer, eram muito restritas. Na época, ir ao estádio de futebol, no caso o Dutrinha, representava a opção de atividade de lazer da maioria dos cidadãos. Com

isso, o único estádio da cidade, com capacidade máxima declarada oficialmente para quatro mil e quinhentas pessoas, frequentemente estava lotado e, em determinados jogos ali disputados, muitas pessoas que iam até o Dutrinha, não conseguiam acessar a sua parte interna.

Essa condição também contribuiu para que os desportistas locais, à época, exigissem a construção de um novo equipamento esportivo. E quando o Estádio Verdão foi construído, a população cuiabana e mato-grossense encontrou “uma de suas formas mais satisfatória de lazer e conagração.” (FILHO, 1980, p. 16).

Da demanda de uma estrutura maior e mais moderna para o esporte futebol à decorrência de uma opção de lazer no espaço urbano da cidade de Cuiabá, é possível compreender que a questão central sobre a construção do Estádio Verdão aponta para o significado de potencializar o futebol mato-grossense. Todos os sujeitos entrevistados, em algum momento de suas explanações, indicam que a grande importância da construção do referido estádio de futebol foi dar suporte ao esporte que estava em ascensão e, cada vez mais, conquistava mais adeptos.

O Verdão para o futebol mato-grossense foi uma alavanca muito grande para que nós nos transformássemos numa das forças do futebol brasileiro. Porque quando da sua construção todos os times de Mato Grosso disputavam palmo a palmo o título. Isso que faz o futebol ser forte, é a rivalidade. Então nós tínhamos rivalidade aqui dentro do Dom Bosco, Mixto, Operário, União, Sorriso, Sinop, equipes que brigavam pelo título. E isso aí fazia com que o torcedor ia pra lá, porque havia rivalidade [...]. Então o Verdão foi muito importante, ele tinha a força de aglutinar os torcedores, de levar a multidão pra lá. O torcedor adorou, foi festa, duas inaugurações teve o Verdão. Você sabe? Duas inaugurações. Aquilo não cabia ninguém, não cabia ninguém. E os nossos clubes lá, voando, com projeção do futebol. (HE – 73 anos).

Tamanha empolgação com o novo aparelho esportivo do estado, com a necessidade saciada e a utilidade encontrada no Estádio José Fragelli – Verdão, à época de sua entrega à população local, que disputas pelo reconhecimento do empenho para a sua efetivação ocorreram e foram noticiadas naquele período.

Afirma o ditado popular que toda criança bonita tem pai. E é verdade. E no caso do “Verdão” é um deus nos acuda em toda a expressão da palavra. Muitos querem ser “donos” da ideia do “Verdão”. E o interessante de tudo é que se fôssemos analisar bem a questão, o próprio “Verdão” seria insuficiente para receber todos os “donos” da monumental obra. O bom senso recomenda que todos entendam que o Estádio José Fragelli foi resultado de um esforço comum, em várias etapas, terminando na sua execução. (O MOMENTO é de somar esforços, 1976, p. 6).

Ao analisar as falas dos agentes esportivos participantes deste estudo e aproximando-as das publicações em jornais da época, que noticiaram desde as solicitações pela construção até a efetiva inauguração do Estádio Verdão, compreendeu-se a importância do referido aparelho esportivo para potencializar o crescimento do futebol mato-grossense e a estreita relação entre a sua arquitetura, considerada no contexto histórico e social do estado de Mato Grosso uma das mais modernas, e o apogeu do futebol local. “Temos que reconhecer nos recordes crescentes nas bilheteria do ‘Verdão’ a confirmação de algo que sempre falou mais alto: a tradição do futebol cuiabano, resultado de entusiasmos que já rompeu várias gerações e que se consagra cada vez mais.” (FUTEBOL: a tradição fala mais alto, 1976, p. 6).

Tanto as informações encontradas nos jornais da época quanto às entrevistas cedidas pelos sujeitos participantes, indicam que a construção do Estádio Verdão atendeu a uma necessidade da baixada cuiabana de um

espaço capaz de acolher o numeroso público que comparecia aos jogos de futebol da região.

Nesse ponto, pode-se compreender que a construção do Estádio Verdão refletiu um significativo ganho para o futebol mato-grossense na medida em que conseguiu promover os times locais ao cenário esportivo nacional e que a mais expressiva das informações relativa à aquisição desse aparelho esportivo para a população do estado, reflete a força que o Verdão tinha de atrair os torcedores para o estádio.

Se for considerado que o brasileiro é um aficionado por futebol e que, no momento da edificação do Estádio Verdão, o futebol apresentado no cenário mato-grossense entusiasmava a população local, não restará dúvida sobre a capacidade desse equipamento esportivo na produção de uma identificação e de uma mobilização coletiva em torno de si.

5.2 Dos tempos de glória à decadência: a trajetória do futebol mato-grossense entre a década de 1970 e o ano de 2018

A década de 1970 marcou a história do futebol mato-grossense com o surgimento do primeiro equipamento esportivo com capacidade de abrigar um público de proporção numérica equivalente ao requisito mínimo obrigatório, estabelecido pela CBD, para que o estado de Mato Grosso pudesse ter um de seus times de futebol disputando jogos no maior campeonato nacional desta modalidade esportiva.

Naquele período, o futebol mato-grossense já se despontava e o público que frequentava o Estádio Dutrinha correspondia quase que o dobro de sua capacidade total. E quando todos que compareciam aos jogos não conseguiam acesso ao interior do estádio, aqueles que ficavam de fora tentavam assistir às disputas como pudessem.

Também por essa situação, a população cuiabana passou a exigir do Governo do Estado a construção de um estádio maior, com capacidade de abrigar a quantidade de pessoas que desejassem assistir aos jogos de futebol disputados na cidade, e o Estádio Verdão surgiu para corresponder a essa demanda.

[...] E teve em 1976 um gol olímpico do Pelezinho [...] foi o gol mais bonito no Verdão. Contra o Vasco [...] teve fatos fantásticos aqui dentro. 04 gols a 02 do Mixto no Cruzeiro, estádio cheio. O operário, o Mosca fez um gol de bicicleta contra o Fluminense, aqui no Verdão. Pô, tem tudo, Mosca, de bicicleta, foi um gol fantástico [...] jogos espetaculares. O povo, os caras iam a pé, daqui do bairro Dom Aquino, o pessoal do bairro Dom Aquino, Praeiro, do Grande Terceiro, iam a pé. Tanta empolgação que era. [...] ali o estacionamento, pra tu encostar o carro, pra ter uma ideia, lotava. O pátio do estacionamento era grandão, lá dentro do Verdão, pátio grandão, lotado. Quando era Mixto e Operário, uma decisão de campeonato, tinha que encostar o carro no cemitério, aqui. Tinha gente que encostava o carro aqui no cemitério porque não tinha jeito de encostar pra lá não. Quarenta mil pessoas lá dentro. (LU – 67 anos).

O futebol mato-grossense vivia seu período de glória e recebia um frequente atendimento da imprensa local. Esse foi, também, um dos fatores importantes para que o futebol regional ganhasse força, a divulgação que a imprensa dava ao referido esporte proporcionava aos jogos o comparecimento maciço de público e dava a característica de espetáculo ao futebol disputado no Estádio Verdão.

É importante destacar também que, de certo modo, a imprensa atuou como um veículo legitimador das necessidades locais por um espaço de jogo maior e mais moderno. Por isso, é preciso igualmente considerar a importância da imprensa local na efetivação de um novo equipamento esportivo para os mato-grossenses. E, associando a atuação da imprensa às menções de Cereto (2003b, não p.), verifica-se que a imprensa foi fundamental para a divulgação do futebol, no Brasil, “e também necessária

para exigir a construção de estádios compatíveis com a crescente demanda da sociedade.” Assim também considera-se, aqui, a atuação da imprensa, que foi significativa para a construção do Estádio Verdão, em Cuiabá.

[...] Havia uma disputa muito grande em audiência, entre A Voz d’Oeste, a Cultura, e eles se digladiavam. Eles traziam locutores de fora, repórteres de fora para fazer parte da equipe. Então, enquanto eles estavam se digladiando, o futebol tinha muita força, era um motivador muito grande para o público ir ao campo devido à rádio. Eles tinham, naquele tempo, tinham os volantes, saia um carro de uma rádio te procurando, te caçando na cidade, onde você estivesse aí dava um flash, estamos aqui em tal lugar falando com o Hélio, falando com Bife, falando com não sei quem. Era assim, as pessoas viviam com o rádio ligado [...] E o futebol era assim também, a rádio anunciava: “o Mixto vai trazer não sei quem”, “tá chegando o Luizinho”, “tá chegando Rivellino”, esses jogadores jogaram aqui, vieram aqui, “Edu, vai participar, pa, pa, pa, pa”, então isso era empolgação. (HE – 73 anos).

A primeira emissora de rádio implantada em Cuiabá foi A Voz d’Oeste e sua primeira transmissão ocorreu no dia 15 de outubro de 1939. Contudo, somente em 12 de dezembro de 1944, quando os pioneiros da implantação da referida emissora de rádio conseguiram cumprir com as exigências legais da época e obtiveram a concessão governamental para o seu funcionamento, foi oficialmente inaugurada a Rádio Sociedade A Voz d’Oeste em Cuiabá. Pelo período de dezesseis anos, essa emissora foi a única da cidade, até que em 1955 surgiu a Rádio Cultura de Cuiabá, segunda emissora criada nesta região. (LÓPES, 2003).

No estado de Mato Grosso, a presença da rádio atuando diretamente na divulgação e na transmissão de jogos de futebol possibilitou, assim como em todo Brasil, uma maior popularização do referido esporte. A divulgação e a transmissão radiofônica do futebol potencializavam a emoção daqueles que acompanhavam as notícias e que não se separavam do aparelho durante os jogos. Era muito comum ver torcedores no estádio

com o seu rádio de pilha portátil, próximo ao ouvido, acompanhando a narração enquanto assistiam a disputa.

O narrador conseguia passar aos ouvintes toda a emoção das jogadas, mesmo que eles não estivessem vendo a partida. E, cada vez mais, o público aderiu às transmissões de jogos de futebol feitas pela rádio. A adesão de ouvintes era tão grande que “as rádios se apropriaram do futebol, fazendo dele, muitas vezes, o carro-chefe de suas programações.” (FERREIRA, 2010 *apud* CAPELLO, 2011, não p.).

Desse modo, enquanto a rádio contribuiu para a popularização do esporte futebol, o esporte futebol contribuiu para a popularização da rádio. “Os fenômenos da popularização do futebol e do rádio caminhavam juntos e alimentavam um ao outro, criando uma forte identidade cultural brasileira.” (*Id. loc. cit.*).

Não foram encontradas neste estudo fontes que indicassem quando ocorreu a primeira transmissão de um jogo de futebol pela rádio em Cuiabá ou em Mato Grosso, tampouco foram encontradas outras referências sobre a influência das propagandas e transmissões dos jogos de futebol em Cuiabá para uma maior frequência de público nos aparelhos esportivos da cidade. O que foi possível relacionar com a divulgação do futebol no estado de Mato Grosso e o numeroso comparecimento de público ao Estádio Verdão, pela análise das falas dos sujeitos entrevistados, é que houve a efetiva contribuição da imprensa falada na participação de público no referido esporte.

Os sujeitos entrevistados e participantes deste estudo indicaram que, tamanho era o comparecimento de pessoas no estádio para assistir o jogo de futebol que era disputado entre as equipes locais, que ações como disponibilizar transporte público para a população acessar o Verdão eram frequentes e, também, contribuíram para que o futebol mato-grossense, à época, ganhasse destaque.

[...] pra você ir no Verdão, [...] como tinha muito interesse no futebol, por exemplo, tinha uma empresa de ônibus, que chama-va Noroeste, que era, aí depois passou a ser Nova Era, essa empresa, ela colocava ônibus em todos os bairros de Cuiabá para ir pro Verdão. Então quando você terminava de assistir os jogos no Verdão, você já tinha lá as direções dos ônibus, todos eles enfileirados lá, trinta, quarenta ônibus lá no Verdão pra levar de novo o povo pra casa. Ele buscava lá nos bairros e depois levava novamente [...]. Eu andei muitas vezes, os ônibus ficavam super lotados. Então você saía do Verdão, aí tinha lá, pros bairros pra onde ia cada um daqueles. Então chegava lotava aqueles ônibus, enfim, tinha todo esse mecanismo, essa estrutura, essa logística também pra se levar público ao Verdão. (ED – 52 anos).

Contudo, o que de fato dinamizava, fortalecia e qualificava o futebol mato-grossense, segundo os sujeitos participantes desta investigação, era a rivalidade entre as equipes locais, na disputa fervorosa por uma vaga no Campeonato Nacional, que na época ainda não era dividido em séries.

Após a construção do Estádio Verdão, com capacidade de acolhimento de público acima de quarenta mil pessoas, exigência procedida pela CDB aos estados que pleiteavam uma representação no maior campeonato de futebol da nação, bastava, então, que uma das equipes conquistasse o título de campeã do Campeonato Estadual, para garantir uma vaga no Campeonato Nacional e participar de disputas junto às maiores equipes de futebol do Brasil. Para esse feito, os times investiam em jogadores de qualidade esportiva, as disputas eram acirradas, o futebol no estado se fortalecia e, para o público mato-grossense, a vantagem de tudo isso era que essas disputas poderiam ser assistidas por ele, dentro do próprio estado/cidade.

O Campeonato Nacional, de que forma que era? O campeão mato-grossense já entrava no Campeonato Nacional. Que era os grandes clubes do futebol brasileiro, os campeões regionais, de cada

estado mais os grandes clubes dos grandes centros que era Rio, São Paulo, Minas, que vinham os quatro grandes que sempre participavam, do Rio, os quatro grandes de São Paulo, os dois de Minas, os dois do Rio Grande do Sul e aí pegava-se os campeões de cada estado e fazia o Campeonato Nacional. Atração era muito grande. Então o Campeonato Estadual nosso aqui, ele era muito importante. Por quê? Você ganhava o campeonato você já ia jogar o Campeonato Nacional contra essas equipes. Eram de grupos de dezesseis clubes, então era o que tem hoje na Série A, que é vinte, no Nacional eram vários, vários grupos de dezesseis, de vinte clubes. Tinha quase sessenta, cinquenta [...]. Por que antigamente se atraía mais? Porque antigamente o Operário jogava com o Botafogo aqui no Verdão. Botafogo do Rio. Jogava contra o Flamengo, Campeonato Nacional. O Mixto ganhou do Vasco da Gama aqui no Verdão [...] com gol do Pelezinho de escanteio, né!? Então, era o clube daqui, o torcedor daqui viu o Mixto jogar contra o Cruzeiro e ganhar do Cruzeiro aqui dentro do Verdão, Campeonato Nacional, de 04 a 01. E eu estava lá, inclusive nesse jogo. Eu estava presente, assistindo [...]. (ED – 52 anos).

Até o ano de 1971 o Brasil não tinha um campeonato de abrangência nacional. “As dimensões continentais do país sempre eram apresentadas como justificativa para a falta de integração nacional que se refletia na ausência de um campeonato de proporções nacionais.” (SANTOS, 2012, p. 30).

O primeiro torneio a reunir times de diferentes estados brasileiros ocorreu efetivamente em 1950⁹⁸, com a participação restrita de clubes de futebol de São Paulo e do Rio de Janeiro. Essa competição era denominada de Torneio Rio–São Paulo e, em 1950, reuniu oito clubes de futebol, quatro do estado de São Paulo: Associação Portuguesa de Desportos⁹⁹, São Paulo Futebol Clube, Sociedade Esportiva Palmeiras e Sport Club Corinthians Paulista (consagrou-se campeão desta competição), e quatro clubes do

98 Esse torneio foi realizado pela primeira vez em 1933, mas não teve continuidade devido às dificuldades financeiras para a sua organização.

99 Clube poliesportivo fundado no ano de 1920, na cidade de São Paulo, do estado homônimo à referida cidade.

Rio de Janeiro: Botafogo de Futebol e Regatas¹⁰⁰, Clube de Regatas do Flamengo, Club de Regatas Vasco da Gama (vice-campeão desta competição) e Fluminense Football Club.

Somente em 1959, quando a Confederação Sul-Americana de Futebol – CONMEBOL anunciou um novo torneio continental para ser disputado a partir do ano de 1960, chamado de Taça Libertadores da América, que no Brasil – interessado em uma vaga nessa competição, foi criada a Taça Brasil – “um torneio reunindo os campeões estaduais em jogos eliminatórios em que os representantes do Rio de Janeiro e São Paulo somente ingressavam na fase semifinal.” (SANTOS, 2012, p. 12-13).

Durante sete anos, a Taça Brasil representou o principal torneio nacional de clubes. Até que em 1967 foi organizada uma nova competição, denominada Torneio Roberto Gomes Pedrosa, em homenagem ao goleiro do São Paulo Futebol Clube, que integrou a Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1934.

Essa competição foi organizada para substituir o Torneio Rio-São Paulo, na intenção de ganhar maior abrangência nacional e, para isso, foram abertas vagas para a participação de mais três estados do país, sendo eles: Minas Gerais – estado representado por dois clubes de futebol, Rio Grande do Sul – também representado por dois clubes e Paraná – com a participação de somente um clube. Esses novos três estados, somando-se aos estados de São Paulo – com a participação de cinco clubes e Rio de Janeiro – também com a participação de cinco clubes, totalizaram cinco estados do Brasil – com disputa de um total de quinze clubes de futebol, geograficamente localizados nas regiões Sul e Sudeste do país.

Somente na segunda edição do Torneio Roberto Gomes Pedrosa, conhecido como Robertão, que passou a ser chamado, também, de Taça

100 Agremiação poliesportiva fundada em 1904, na cidade de Botafogo, estado do Rio de Janeiro.

de Prata, no qual dois clubes de futebol da região Nordeste do país puderam participar desta competição, que serviu de origem para o Campeonato Nacional, sendo um do estado da Bahia e um do estado de Pernambuco.

O primeiro Campeonato Nacional entre times de futebol começou no Brasil no ano de 1971, com a participação de vinte clubes representantes de oito estados brasileiros: Bahia, Ceará, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo.

Sob a influência do período político do país, momento em que a condução militar preocupava-se com a integração nacional e o esporte futebol foi utilizado como ferramenta política, o número de clubes participantes do Campeonato Nacional aumentou consideravelmente de uma edição para a outra. Nesse contexto, de vinte clubes participantes em 1971, passaram para quarenta clubes participantes em 1973, “54 em 1976, 74 em 1978 e inimagináveis 94 clubes em 1979.” (ALVITO, 2006, p. 457).

Somente na edição de 1973 que um time de Mato Grosso, quando o estado ainda era uno, conseguiu participar do Campeonato Nacional de Clubes. E, muito embora dois times da cidade de Cuiabá – Mixto Esporte Clube e Clube Esportivo Dom Bosco, tivessem demonstrado melhor desempenho nas disputas locais, desde o momento em que a CBD autorizou a participação de um clube mato-grossense na referida competição, já se anunciava que o estado seria representado por um time campo-grandense. (INTEGRAÇÃO: um..., 1973).

A alegação foi feita sobre o fato de Campo Grande já ter um estádio de futebol com a capacidade de acolhimento de público estimada em quarenta e cinco mil pessoas e Cuiabá ainda não. Assim, a primeira inclusão de um time de Mato Grosso no Campeonato Nacional ocorreu no ano de 1973, com a participação do Esporte Clube Comercial que,

ao competir com o time Operário Futebol Clube¹⁰¹ de Campo Grande, em uma disputa do maior vencedor em três jogos, demonstrou melhor desempenho e ficou com a vaga.

Após a inauguração oficial do Estádio Verdão, em 1976, um time de Cuiabá conseguiu participar do Campeonato Nacional. O Mixto Esporte Clube representou a capital mato-grossense e teve sua estreia no dia 29 de agosto de 1976, jogando “em casa” contra o time Goiás Esporte Clube, com o placar final do jogo de 01 gol a 01. O segundo jogo foi disputado no dia 1 de setembro de 1976, também no Verdão, contra o Operário Futebol Clube de Campo Grande, com placar final de 01 gol a 01. O terceiro jogo foi contra o Americano Futebol Clube¹⁰², no dia 5 de setembro de 1976, no Estádio Godofredo Cruz, localizado na cidade de Campos dos Goytacazes, estado do Rio de Janeiro, com placar final de 02 gols a 03, com vitória do clube Americano. O quarto jogo foi disputado contra a equipe América Football Club do Rio de Janeiro, no Estádio do Maracanã, com vitória do América pelo placar de 01 gol a 0. O quinto jogo ocorreu contra o time América Futebol Clube de Minas Gerais, no Estádio Verdão, dia 12 de setembro de 1976, com vitória do Mixto por um placar de 03 gols a 0. O sexto jogo ocorreu contra o Club de Regatas Vasco da Gama, no Estádio Verdão, dia 15 de setembro de 1976, com vitória do Mixto pelo placar de 01 gol a 0. Para esta disputa, compareceu ao Estádio Verdão um público de trinta e nove mil quatrocentos e sessenta pagantes e a bilheteria no valor de Cr\$ 512.860,00 (quinhentos e doze mil e oitocentos e sessenta cruzeiros) representou um novo recorde de arrecadação. (COM renda..., 1976).

101 Clube de futebol fundado no ano de 1938, na cidade de Campo Grande que, após 1979, tornou-se capital do então denominado estado Mato Grosso do Sul.

102 Agremiação esportiva fundada no ano de 1914, na cidade de Campos dos Goytacazes, estado do Rio de Janeiro.

A sétima disputa do Mixto Esporte Clube ocorreu no Estádio Verdão contra o Goiânia Esporte Clube¹⁰³, no dia 19 de setembro de 1976, com vitória do time Goiânia pelo placar de 02 gols a 01. Essa sétima disputa pelo Campeonato Nacional representou o penúltimo compromisso da fase classificatória e o último dessa mesma fase do time cuiabano no Estádio Verdão. No jogo do Mixto contra o Goiânia, compareceram ao aparelho esportivo de Cuiabá trinta e dois mil e novecentos e noventa e cinco pessoas pagantes e de bilheteria, a arrecadação foi no valor de Cr\$ 431.005,00 (quatrocentos e trinta e um mil e cinco cruzeiros). Com esse jogo, o Mixto computou cinco partidas no Estádio Verdão pelo Campeonato Nacional e, somadas as arrecadações dos jogos disputados em Cuiabá, obteve-se a importância de Cr\$ 1.957.730,00 (um milhão novecentos e cinquenta e sete mil e setecentos e trinta cruzeiros). (FALTA ..., 1976).

O último compromisso pela fase classificatória e oitavo jogo ocorreu no Estádio Mineirão, localizado na cidade de Belo Horizonte, contra o Clube Atlético Mineiro e o Mixto sofreu derrota pelo placar de 01 gol a 03. Nessa fase, o representante de Cuiabá venceu duas vezes, empatou duas vezes e perdeu quatro vezes, tendo que buscar novas chances de permanecer na competição na etapa de repescagem¹⁰⁴, disputando contra os times Americano Futebol Clube, América Futebol Clube de Minas Gerais, Goiânia Esporte Clube e Club de Regatas Vasco da Gama. Sendo que apenas o jogo contra o Americano foi realizado em Cuiabá, no Estádio Verdão.

103 Clube de futebol fundado no ano de 1938, na cidade de Goiânia, estado de Goiás.

104 Repescagem é um substantivo utilizado no esporte, principalmente no futebol, que tem por significado: etapa da competição esportiva em que os competidores que, não obtendo uma classificação satisfatória na fase inicial, competem entre si para continuar na competição com as demais equipes. DICIONÁRIO Online de Português. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/repescagem/>>. Acesso em: 19 jun. 2019.

O jogo contra o Americano ocorreu no dia 10 de outubro de 1976 e o Mixto obteve vitória pelo placar de 04 gols a 01. O segundo jogo pela repescagem e décimo jogo no total pelo Campeonato Nacional foi disputado contra o time América, no Estádio Mineirão, dia 13 de outubro de 1976 e o Mixto foi vitorioso com o placar de 03 gols a 01. O terceiro jogo pela repescagem foi contra o time Goiânia, no Estádio Serra Dourada, localizado na cidade homônima ao time, no dia 17 de outubro de 1976, no qual Mixto venceu pelo placar de 01 gol a 0. O último jogo do Mixto pelo Campeonato Nacional foi disputado no dia 24 de outubro de 1976, contra o Vasco, que eliminou o representante de Cuiabá pelo placar de 01 gol a 0, no Estádio de São Januário, localizado na cidade do Rio de Janeiro.

Essa foi uma breve descrição da trajetória do primeiro representante da cidade de Cuiabá no maior campeonato do Brasil da modalidade esportiva futebol, ocorrido no ano de 1976, tendo o Mixto Esporte Clube composto o Grupo D e disputado um total de doze jogos, com saldo de cinco vitórias, dois empates e cinco derrotas.

O Clube Esportivo Operário Várzea-grandense foi o último representante de Mato Grosso¹⁰⁵ na Primeira Divisão do Campeonato Nacional de Clubes, isso no ano de 1986. O representante mato-grossense compôs o Grupo C, junto com o Atlético Clube Goianiense¹⁰⁶, Club de Regatas Vasco da Gama, Clube Náutico Capibaribe, Cruzeiro Esporte Clube, Esporte Clube Bahia, Guarani Futebol Clube¹⁰⁷, Piauí Esporte

105 Neste período o estado já estava dividido em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

106 Agremiação esportiva fundada no ano de 1937, na cidade de Goiânia, estado de Goiás.

107 Agremiação esportiva fundada no ano de 1911, na cidade de Campinas, estado de São Paulo.

Clube¹⁰⁸, Rio Branco Atlético Clube, Santos Futebol Clube e Tuna Luso Brasileira.

Até 1986 o acesso a uma vaga na maior competição nacional de futebol era por meio da classificação obtida nos campeonatos estaduais. Assim, os representantes de cada estado do Brasil eram determinados pelo desempenho apresentado pelas equipes na disputa entre os times de sua localidade. “Os seis primeiros de São Paulo, os cinco primeiros do Rio, os dois melhores do Mineiro, do Gaúcho, do Pernambucano, os campeões estaduais dos outros estados se classificavam.” (ENTENDA..., 2016, não p.).

De 1976 a 1986, dois times de Cuiabá e um time da cidade de Várzea Grande representaram Mato Grosso no Campeonato Nacional de Clubes, mas essa fase do futebol mato-grossense não se perpetuou. Depois de pouco mais de uma década da inauguração do Estádio Verdão, com a reformulação da distribuição dos clubes na maior competição do país, os times locais não se mantiveram nos grupos compostos pelos times com maior destaque nacional e o futebol do estado começou a amargar disputas com uma presença de público muito tímida, os clubes passaram a ter dificuldades financeiras e, a partir de então, ocorreu o declínio da qualidade dessa modalidade esportiva em Mato Grosso.

Esse decaimento do futebol do estado é atribuído pelos sujeitos entrevistados à reformulação das condições de participação no Campeonato Nacional. Isso, pois, os participantes desta investigação declaram que, da mesma maneira que a participação no Campeonato Nacional foi a principal responsável por potencializar o futebol mato-grossense, a restrição da vaga ocorrida com a reformatação do acesso a esta competição, é protagonista no declínio desta modalidade esportiva no estado.

108 Clube de futebol fundado no ano de 1948, na cidade de Teresina, estado do Piauí.

[...]. E o que aconteceu pra ter essa decadência? Quando foi no ano de 1987, de 1986 pra 1987 se formou o Clube dos 13. Quando se formou o Clube dos 13 alijou Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Amazônia, Sergipe e vários estados principalmente do Norte e do Nordeste foram alijados da competição. Porque até então os representantes desses estados eram os campeões do Campeonato Estadual. Então se formou o Clube dos 13 com as equipes de São Paulo, as equipes do Rio, equipe de Minas, equipe do Rio Grande do Sul que eram grandes equipes no cenário nacional. E completou, por exemplo, com o Bahia que tinha uma torcida muito grande, com o Santa Cruz que tinha uma torcida muito grande. Se completou o clube dos 20. E os campeonatos estaduais passaram a significar somente o título estadual. Então os clubes pararam de trazer os jogadores de alto nível de fora, já com uma dívida muito grande, que essa dívida até hoje ela ainda assombra Mixto, ela assombra Operário. E o Dom Bosco acho que é o único que ainda conseguiu controlar um pouco mais. E o Campeonato Estadual nosso aqui praticamente não significava nada, nós não temos nem vaga para a Copa do Brasil, nessa época nem existia Copa do Brasil, né!? Ainda não existia. Então se disputava só o Campeonato Estadual. E o Campeonato Estadual aqui, com o problema financeiro que tinha os clubes, eram jogadores que jogavam aqui no amador aqui, e começaram a participar. Então virou-se assim, o que é que o torcedor ia fazer no Verdão? Ver um atleta que ele via lá no CPA [um dos bairros da cidade de Cuiabá]? Que ele via lá nesses bairros aí jogar no amador? Era até uma injustiça com o torcedor pagar uma bilheteria, um ingresso e ver um jogador que ele via normalmente jogando no amador. (CA – 69 anos).

Ocorre que o Campeonato Nacional, entre os anos de 1971 e 1986 foi disputado por muitos clubes das regiões do Brasil. Ignorados explicitamente “alguns critérios para que um time participasse do campeonato” (SANTOS, 2012, p. 14), “obviamente, a qualidade dos jogos e a média de público despencaram de maneira inversamente proporcional à multiplicação dos clubes participantes. Isso causou um

enorme prejuízo para os maiores e mais importantes clubes do futebol brasileiro [...]” (ALVITO, 2006, p. 457-458).

Interesses que ultrapassavam o campo esportivo e abrangiam sobremaneira o campo político, ditaram os rumos tomados pela então CBD, que sob a influência de governantes do Brasil, teve a sua presidência determinada pela renúncia de João Havelange e posse do almirante Heleno Nunes, proposital a sua condição de presidente da Arena Fluminense.

A partir daí os participantes do Campeonato Brasileiro foram sendo indicados por convite da CBD e não por critérios técnicos. Dentro do humor que ainda lhe era permitido, o torcedor cunhou um dito não desprovido de fundamento: “Onde a Arena vai mal, um clube no Nacional...” Isto é, aos estados ou cidades em que o partido do governo estava ameaçado de perder as eleições, o almirante tentava agradar, arrebatar votos, convidando mais de um clube para disputar o Campeonato. Como resultado, a competição chegou a ter mais de 70 participantes, um gigantismo que muito contribuiu para um período de declínio técnico do futebol brasileiro. Com o excesso de jogos, os times já não tinham tempo para treinar, recuperar seus jogadores do desgaste físico, investir como antes nas divisões de base. A renovação de craques, antes um de seus trunfos, fazia-se mais lentamente. Se a Copa do Mundo era mesmo um termômetro (não do país, mas da qualidade do futebol), está explicado por que a seleção brasileira ficaria 24 anos sem ao menos chegar a uma final. (MÁXIMO, 1999, p. 187).

A competição deixou de ser atraente e, portanto, parou de ser rentável. E isso, somado ao excessivo controle do Estado que impedia necessárias inovações, aos “calendários irracionais, federações estaduais controladas pelos mesmos dirigentes há décadas, campeonatos deficitários, violência crescente dentro e ao redor dos estádios”, disparou a grande crise do futebol brasileiro. (ALVITO, 2006, p.458).

As menções de Helal (1997, p. 17) reforçam as informações apresentadas sobre os fatores mais importantes que provocaram a falência dos clubes e o colapso do futebol brasileiro, na década de 1980, quando o autor expressa que a baixa da qualidade dos jogos devido à participação de muitos clubes sem qualidade técnica no Campeonato Nacional, a desorganização das competições, a crise econômica do país, “o excesso de comercialização do espetáculo futebolístico” e as inúmeras vendas dos jogadores considerados ídolos para os times do exterior, representam significativamente o decaimento do futebol nacional.

A partir das constatações dos fatores que desencadearam o declínio do futebol no Brasil, imprensa e dirigentes esportivos, à época, recomendaram determinadas ações que poderiam solucionar a crise iniciada no futebol em meados da década de 1970. Dentre elas, a arrecadação de dinheiro para os clubes via loteria esportiva, campeonatos com menos clubes e mais organizados, administração a partir do modelo futebol empresa, estavam entre as providências mais sugeridas e repetidas durante muito tempo. (*Id. loc. cit.*).

Diante das adversidades estruturais e econômicas pelas quais estava passando o futebol do país, treze importantes clubes de cinco estados brasileiros – Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo, iniciaram um movimento em julho de 1987, “oficialmente registrado como União dos Grandes Clubes Brasileiros”, popularmente conhecido como “Clube dos 13”. Participaram desse movimento os clubes de futebol: Botafogo de Futebol e Regatas, Clube Atlético Mineiro, Clube de Regatas do Flamengo, Club de Regatas Vasco da Gama, Cruzeiro Esporte Clube, Esporte Clube Bahia, Fluminense Football Club, Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, Santos Futebol Clube, São Paulo Futebol Clube, Sociedade Esportiva Palmeiras, Sport Club Corinthians Paulista e Sport Club Internacional. Algumas pessoas, à época, consideraram

esse movimento uma “revolução brasileira” capaz de mudar o que estava acontecendo de errado¹⁰⁹ no país. (HELAL, 1997, p. 84, 86).

Contudo, a CBF e as federações apresentaram resistência às ideias iniciais do Clube dos 13, principalmente aquelas que reivindicaram a “racionalização” e a “modernização” da estrutura organizacional do futebol brasileiro. O ponto de tensão entre a CBF e o Clube dos 13 aumentou quando os integrantes do movimento ameaçaram deixar a maior entidade do futebol nacional.

Helal (1997) apresenta a posição do então presidente do São Paulo Futebol Clube e líder do movimento, senhor Carlos Miguel Gástex Aidar (1984-1988), publicada no *Jornal do Brasil*, no dia 14 de julho de 1987, em que afirma:

Nossa posição está decidida. Só disputamos o Campeonato Brasileiro com 13 clubes... Estamos apresentando nossa desfiliação da Associação Brasileira de Clubes e fundando a União dos Grandes Clubes Brasileiros, o “Clube dos 13”... Chega de estádios vazios, de competições deficitárias, de regulamentos enrolados, de processo na Justiça. Tínhamos que tomar uma providência. Não sei se o nosso movimento é legal em termos jurídico, mas posso garantir que é legítimo. É a única maneira de salvar o já falido futebol brasileiro. (JORNAL DO BRASIL, 1987 *apud* HELAL, 1997, p. 87).

As exigências exposta pelo Clube dos 13 demonstravam a necessidade de uma organização mais autônoma e profissional do futebol brasileiro.

109 “[...] naquele período, o país estava passando por uma atmosfera crescente de desencanto, descrença e desrespeito às instituições nacionais. [...] Além disso, cabe notar que em 1985 um presidente civil tomou o poder, após 21 anos de ditadura militar, e desde 1984 a luta por democracia política, eleições diretas e uma nova constituição espalhou-se pelo país. Logo, essas condições eram bem favoráveis para um movimento que tentava transformar e reestruturar a organização tradicional do futebol, que se mostrava inapta para resolver a crise deste esporte no país.” (HELAL, 1997, p. 86).

Porém, elas também indicavam a reivindicação do controle dessas ocorrências exercido pelos maiores clubes de futebol do Brasil.

Neste contexto, em que de um lado estava a CBF, instituição “apoiada pela legislação”, mas que não podia perder os clubes de futebol mais fortes economicamente, e do outro lado estava o Clube dos 13, compostos pelos maiores clubes brasileiros e com reivindicações “legítimas”, ocorrem diversos impasses que colocaram a CBF sobre a pressão ocasionada pela crise no futebol, colocando os treze clubes na “mira” da FIFA, que “não reconheceria oficialmente esses clubes” caso eles abandonassem a CBF, tornando-os impedidos de participar de campeonatos envolvendo filiados desta entidade e, também, como uma das consequências severas, imputaria à automática liberação do passe dos jogadores desses treze clubes de futebol brasileiro. Assim, “a disputa entre o legal e o legítimo foi a base para o acordo entre a CBF e o Clube dos 13.” (HELAL, 1997, p. 88).

Enquanto não se firmou um acordo, pois o Clube dos 13 não “abria mão” de seus interesses e a CBF estava preocupada com a real possibilidade de desagradar às federações que ficaram de fora do Clube e, com isso, perderia seus importantes aliados no processo eleitoral desta entidade esportiva, os treze maiores clubes de futebol do Brasil organizaram a Copa União, que iniciou no mês de setembro de 1987.

Até que em 4 de setembro de 1987 “foi finalmente noticiado o acordo entre o Clube dos 13 e a CBF.” A Copa União passou a ser denominada de Módulo Verde – uma fase do Campeonato Brasileiro¹¹⁰, com o nome oficial de Troféu João Havelange e contou com a participação de dezesseis clubes, os treze grandes clubes que iniciaram o movimento e mais três que foram determinados pela CBF – o Coritiba Foot Ball Club, o Goiás Esporte Clube e o Santa Cruz Futebol Clube. (HELAL, 1997, p. 90). E, também, foram criados o Módulo Amarelo, uma espécie

110 Na época também denominado de Copa Brasil.

de “fase mais fácil”¹¹¹ do Campeonato Brasileiro – com nome oficial de Troféu Roberto Gomes Pedrosa, composto por clubes de porte menor do que aqueles que disputavam o campeonato pelo Módulo Verde, o Módulo Azul – oficialmente denominado Troféu Heleno Nunes e o Módulo Branco – oficialmente nominado Troféu Rubem Moreira.

À época, mesmo havendo a possibilidade de disputar um campeonato junto a outros times da nação, o público mato-grossense não se mostrou empolgado, pois já não havia o mesmo prestígio da disputa com os times mais estimados nacionalmente.

Para o estado de Mato Grosso, a impossibilidade de disputar partidas contra os times de maior representatividade nacional, restringiu o envolvimento do público nas competições locais, visto que ganhar o Campeonato Mato-grossense de futebol não representava mais o prestígio de estar em um campeonato junto aos melhores times do Brasil.

Com isso, as rendas para os clubes ficaram comprometidas e os times locais deixaram de investir em jogadores. Por sua vez, os jogos não eram mais tão atrativos e, assim como mencionado por Rímoli (2018), os mesmos jogadores que disputavam o campeonato profissional, participavam de torneios amadores para tentar melhorar seus rendimentos.

Em síntese, os treze clubes que apresentavam os melhores desempenhos nas competições e possuíam as maiores torcidas se juntaram,

111 Segundo o site Ranking de Clubes Brasileiros, “É um absurdo dizer que o módulo amarelo representava a segunda divisão. [...], na época não existia segunda divisão e, se existisse, o Botafogo - membro do C13 - também deveria participar dela. Aliás, como poderia o Guarani, vice-campeão nacional de 1986, disputar a segunda divisão em 1987? Além dele, outros clubes que jogaram o módulo amarelo também eram importantes no cenário nacional - inclusive com pontuações maiores no tal “ranking histórico” do que alguns times convidados pelo C13 a participar da Copa União”. (MÓDULO AMARELO: SEGUNDA DIVISÃO? [20--]). MÓDULO amarelo: segunda divisão? **Ranking de Clubes Brasileiros**. Disponível em: <<http://www.rankingdeclubes.com.br/o-campeonato-brasileiro-de-1987.htm>>. Acesso em: 13 jul. 2019.

formaram um grupo e exigiram a mudança no formato do Campeonato Brasileiro. A justificativa que deu início a junção destes treze clubes de futebol foi a dificuldade econômica, administrativa e profissional demonstrada pela Confederação Brasileira de Futebol – CBF¹¹², antiga CDB, para organizar o Campeonato Brasileiro, outrora conhecido como Campeonato Nacional.

A discussão sobre a formulação do Clube dos 13 girou em torno da questão do equilíbrio competitivo e de maior rentabilidade para os clubes participantes. O resultado da junção dos melhores clubes de futebol do Brasil atuando nas principais competições da nação foi uma arrecadação monetária seis vezes maior que a esperada por eles, um significativo aumento de público nos jogos e, esse feito, “pode ser considerado um momento decisivo na modernização do futebol brasileiro, ou melhor, sua inserção definitiva no futebol negócio, dominado pelos empresários.” (KFOURI, 1996; PRONI, 1996; *apud* SANTOS NETO, 2009, p. 47).

Se a reformulação do Campeonato Brasileiro foi muito boa para determinados clubes de futebol brasileiro, coerente com o princípio de equilíbrio competitivo, para os times de futebol restringidos dessa organização, o Clube dos 13 não só criou como ampliou “o ‘abismo’ entre os clubes” ao criar “este ‘apartheid’ futebolístico.” (SANTOS NETO, 2009, p. 51). O que coincide com as explicações feitas pelos sujeitos participantes desta investigação, quando atribuem ao novo formato do Campeonato Brasileiro, que foi determinado pelo agrupamento dos melhores clubes de futebol do país, o declínio do futebol mato-grossense.

Assim, na versão do Campeonato Brasileiro até o ano de 1986, bastava que um time interessado em uma vaga nessa competição tivesse

112 Por exigência da Federação Internacional de Futebol, em 24 de setembro de 1979, a Confederação Brasileira de Desporto passa a ser denominada de Confederação Brasileira de Futebol.

em seu estado um estádio de futebol com capacidade de colhimento de público acima de quarenta mil lugares, para ser convidado pela CBF. E o estado de Mato Grosso – considerando a região norte antes da divisão, participou por onze anos na versão do referido campeonato que hoje equivaleria a Série A.

Já na nova forma de disputa do Campeonato Brasileiro, após o surgimento e as exigências do Clube dos 13 até os dias atuais, foi implantado o sistema de acesso e de rebaixamento. Dessa forma, a partir de 1987, para que um time disputasse essa competição, não bastava mais que o seu estado possuísse um estádio de grandes dimensões. Tornou-se necessário, também, que os times interessados apresentassem competência técnica e tática.

Considerando essa dinâmica de disputa por permanência ou acesso à principal série do referido campeonato, contemporaneamente, é preciso disputar e vencer o principal certame de seu estado, passar pelas séries de acesso até chegar à principal delas. E se o time estiver iniciando no Campeonato Brasileiro de Futebol – outrora nominado de Campeonato Nacional, ele deve passar pela Série D, na fase final desta série, esse time deve estar entre os quatro melhores para conseguir uma vaga na Série C. Ao disputar a Série C, novamente na fase final desta série, esse time deve estar entre os quatro melhores para conseguir uma vaga na Série B. Da mesma forma deve acontecer nessa série, para chegar até a Série A. Para não ocorrer o risco de rebaixamento de uma série para outra, o time de futebol tem que evitar ficar entre os quatro últimos colocados da série em que está participando.

É preciso considerar que tentativas de distribuições em “divisões” do Campeonato Nacional/Campeonato Brasileiro, dos times localizados em diferentes regiões da nação, já ocorriam antes mesmo da criação do Clube dos 13. De 1980 até o ano de 1985, existia a segunda divisão que permitia acesso à primeira, no entanto, não existia rebaixamento da primeira

divisão para a segunda. Somente em 1986 que a CBF promoveu, em um único campeonato, uma “segunda divisão dentro da primeira. Seu objetivo era definir os clubes da primeira e da segunda divisão a partir de 1987, estabelecendo o acesso da segunda à primeira e, finalmente, o rebaixamento da primeira para a segunda.” Devido às confusões ocorridas no campeonato de 1986, que perdurou até o início do ano de 1987, a CBF só conseguiu implementar a dinâmica de acesso e rebaixamento no Campeonato Brasileiro de 1988. (A HISTÓRIA..., 2018, não p.).

Contudo, mesmo com estas distribuições, até 1986 times do estado de Mato Grosso tiveram vaga na “primeira divisão” desta competição, referente ao que seria hoje a Série A. Com isso, os times mato-grossenses mantiveram-se em disputa com times considerados de grande importância nacional, até o ano de 1986.

Outros fatores, não menos importantes, também foram citados pelos entrevistados como causadores do declínio do futebol mato-grossense. Dentre eles, a transmissão ao vivo dos principais jogos de futebol do Brasil e do mundo, em canais abertos e/ou fechado, que significa, segundo os participantes deste estudo, uma concorrência com os estádios, o que ocasiona o seu esvaziamento.

Um ponto que ninguém fala, que acabou com o futebol foi a televisão. Antigamente pra você ver Flamengo ou Vasco jogar, e aqui tem muitos torcedores do Vasco e do Flamengo, você tinha que ir ao estádio, isso era uma vez por ano, duas vezes no ano que eles vinham aqui. Você tinha que ir ao estádio. Hoje, você levanta, toma café, pega o controle, pega a televisão, o que você quer assistir? Superliga, *Champions League*, Campeonato Espanhol, Campeonato Português, Campeonato Brasileiro da Série A, da Série B... Você assiste tudo na televisão. Por que é que você vai sair do conforto da sua casa, pra quem não tem carro, pegar ônibus, pagar ingresso, entrar no estádio, pra assistir esse futebol? Mas esse futebol era bom, ele acabou por causa da televisão. A causa principal foi a televisão. (OR/AN – 73 anos).

Com a implantação da televisão em Cuiabá, diversas mudanças de comportamento cultural da população local puderam ser percebidas já na década de 1970. Segundo Barros (1998, não p.), esse fato alterou o comportamento espontâneo e reeducou a população cuiabana, “[...] a TV trouxe entretenimento, mas acabou com as relações sociais intensas e numerosas, com os tradicionais contadores de histórias, com as brincadeiras nas ruas, nos quintais ao concentrar e enclausurar o lazer entre quatro paredes [...].”

E essa reorganização de hábitos dos cuiabanos pela introdução da televisão também impactou na forma de assistir aos jogos de futebol que, de acordo com os entrevistados participantes desta pesquisa, muitas pessoas que iam ao estádio para assistir os jogos disputados pelas equipes locais, deixaram de estar nas arquibancadas para assistir aos jogos em casa.

É preciso considerar que esse contexto não ficou exclusivo ao estado de Mato Grosso. Segundo Mascarenhas (2018), a década de 1980 representou uma recessão econômica que envolveu todo o país e, também, nesse período, houve o aumento do acesso ao aparelho de televisão pela população brasileira e maior abrangência da transmissão de partidas de futebol por emissoras televisivas. E tudo isso produziu um esvaziamento dos estádios de toda a nação.

Desde 1987, quando o Clube dos 13 vendeu para a Rede Globo o direito de transmitir ao vivo a recém criada Copa União, já havia a preocupação de que “a televisão pudesse tirar o público do estádio.” Esse foi o período inicial da transmissão ao vivo de um campeonato nacional e não era possível antever se isso ocasionaria a queda de público. (HELAL, 1997, p. 94).

Naquele ano, a média de público presente na competição Copa União foi de vinte mil oitocentos e setenta e sete torcedores por partida. Essa média foi inferior ao que havia sido projetado pelos dirigentes do Clube

dos 13 – que intencionou uma média de quarenta mil pessoas por jogo, mas, ao mesmo tempo, representou, à época, a segunda melhor média do Campeonato Brasileiro e, “Levando em consideração a situação crítica do futebol brasileiro antes do surgimento do ‘Clube dos 13’ e o fato de que tivemos pela primeira vez transmissão ao vivo dos jogos pela televisão, essa média pode ser considerada um sucesso [...]” (*Ibid.*, p. 95-96).

Contudo, no ano seguinte, houve um enfraquecimento do Clube dos 13, a média de público nos estádios voltou a cair, “a Rede Globo rompeu o contrato de cinco anos com o Clube dos 13” e os próprios clubes começaram a negociar com a televisão. Mas, de fato, o futebol brasileiro continuou em crise, ganhou um novo problema: “a violência nos estádios” (HELAL, 1997, p. 98) e muitas pessoas passaram a assistir aos jogos pela televisão.

Mesmo que, inicialmente, a transmissão dos jogos não tenha impactado negativamente a presença de público no estádio, é preciso considerar seus efeitos posteriores.

Souza (2004), ao tomar como hipótese para a sua pesquisa os dados de estudos internacionais que concluem que a transmissão dos jogos de futebol pelas emissoras de televisão é um bem substituto aos jogos nos estádios e valendo-se dos dados obtidos no Anuário Placar 2003 e no site da revista Placar, relativos ao Campeonato Brasileiro de 2002, para relacionar os jogos transmitidos pela televisão à queda de presença de público, concluiu que, no Brasil, existe um quadro de diminuição de público nos estádio de futebol, influenciado, principalmente, pelo baixo desempenho das equipes.

Ao analisar a influência da transmissão dos jogos pela TV aberta ou por assinatura, assumindo que o único canal aberto a transmitir os jogos do Campeonato Brasileiro de 2002 foi a Rede Globo de Televisões, mas que essa emissora define suas transmissões de acordo com os jogos

considerados mais atrativos ao público em geral e que muitos jogos não são transmitidos pela TV aberta para a cidade onde são disputados, o que pode descaracterizar a televisão como substituta do jogo no estádio, considerando essa situação, o autor supramencionado verificou que a TV aberta não mostrou-se relevante como substituta do jogo ocorrido no estádio e a TV fechada, tendo sido considerado o canal Sportv, não tende a influenciar significativamente o número de público nos estádios, visto que a transmissão feita por esse canal pago atende à camada da sociedade considerada financeiramente mais abastada (SOUZA, 2004).

Esses dados, apresentados por Souza (2004), informam que no Brasil os jogos transmitidos pela televisão não impactaram na presença de público nos estádios, diferente do que foi verificado por Garcia e Rodrigues (2001 *apud* SOUZA, 2004, p. 30), que realizaram uma pesquisa abrangente às demandas pelos jogos nos estádios de futebol da Espanha e utilizaram, para isso, dados de um mil quinhentas e oitenta observações procedidas nas temporadas de 1992 a 1995 da Liga Nacional de Futebol Profissional, eles verificaram, dentre outras questões, que a transmissão dos jogos pela televisão aberta, tanto quanto pela televisão por assinatura, apresenta-se como substituta do jogo no estádio. Segundo os autores, “jogos transmitidos pela TV aberta causam queda de 36,74% no número de espectadores no estádio, enquanto a transmissão pela TV paga ocasiona queda de 27,62% na frequência.”

Relacionando às informações apresentadas no parágrafo anterior aos dados da pesquisa realizada pela Consultoria IPSOS¹¹³, diferente da análise de Souza (2004) e ainda sobre o esvaziamento dos estádios, explicado pela transmissão dos jogos pelos diversos meios de comunicação, pode-se citar uma matéria intitulada “Torcedor brasileiros prefere Pay-per-view a

113 Empresa especializada em pesquisa de mercado fundada em Paris, na França, no ano de 1975.

ir ao estádio, diz pesquisa”, que traz dados da Consultoria IPSOS e que foi publicada pelo site UOL no dia 19 de julho de 2017, aproveitando a data que a CBF “adotou para comemorar o ‘Dia do Futebol’.” A matéria trouxe informações de um levantamento realizado com o propósito de definir quem é o brasileiro que tem interesse no referido esporte. Para isso, foram consultadas dezesseis milhões e novecentas mil pessoas localizadas em oito regiões metropolitanas, sendo elas: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Brasília, Salvador, Recife e Fortaleza¹¹⁴. Dentre os resultados apresentados pela pesquisa, encontra-se o dado de que somente um entre quatro sujeitos que declaram acompanhar o futebol, vai ao estádio. Segundo a IPSOS, dos sujeitos que declaram acompanhar o esporte futebol, 25% comparece pessoalmente para assistir ao jogo e os demais assistem pela TV paga ou pela internet. (TORCEDOR brasileiro..., 2017, não p.).

Nessa trama de ocorrências com o futebol local, declaradas pelos sujeitos entrevistados, os principais times de Mato Grosso entraram em estado de falência. A falta de capital financeiro ocasionado pela baixa arrecadação de bilheteria dificultou os times tradicionais a continuarem a investir em seu elenco e, por isso, tornaram-se pouco competitivos. Esses times de futebol foram endividados, as disputas ficaram menos atrativas devido à pouca qualidade dos jogos e o futebol mato-grossense sucumbiu às novas dinâmicas do futebol nacional.

E essa situação foi agravada quando determinados ramos empresariais assumiram o custeio de duas equipes contemporâneas no estado – o Cuiabá Esporte Clube e o Luverdense Esporte Clube. Isso deu poder econômico a esses dois times de futebol e criou um desequilíbrio

114 Os requisitos utilizados para a escolha das referidas regiões metropolitanas não foram divulgados na matéria do site UOL de 19 de julho de 2017.

competitivo nas disputas com os outros times, por não terem os mesmos recursos para se organizarem estruturalmente.

[...] uma das causas do declínio do futebol de Cuiabá, vamos falar de Cuiabá, é justamente a falta de recursos financeiros e eu acho até que o Luverdense e o Cuiabá, essas duas equipes, são o motivo também, porque você luta com um poder econômico muito grande. O Cuiabá, por exemplo, é um clube empresa, né!? Que a empresa investe altíssimo no clube, né!? O Luverdense é um time de produtores rurais que eles arrecadam o que eles querem. Quando eles estavam perto de ir para a primeira divisão, foi falado “ah não tem estádio” aí o pessoal se reuniu lá e falou “não, em seis meses nós construímos um estádio aqui”. E construiriam mesmo se fosse necessário, né!? O Cuiabá é um time empresa, tem as formas de injetar recursos. Então o Mixto é um time que não tem dinheiro mas tem uma torcida fabulosa, a torcida, esse é o patrimônio do Mixto. Mas não consegue montar uma boa equipe [...] uma época veio um jogador, Mixto contratou um jogador, se preparando para disputar um campeonato, trouxe um jogador de fora, ofereceu pra ele R\$ 7.000,00 [sete mil reais], por mês, ele veio, aí o Luverdense ofereceu R\$ 20.000,00 [vinte mil reais], ele só fez uma parada aqui e foi pra lá. Ele está certo, o que o Mixto pode pagar, se pode pagar X, o Cuiabá paga três vezes X. Então a competição é muito ruim, não tem como. Eu tive no Mixto, o presidente do Mixto era o senhor Ranufo Paes de Barros, pai do Antero, ele dizia assim: “eu torço pro Operário ser forte, pro Dom Bosco ser forte, pro Palmeirinha ser forte e tal, porque aí o Mixto é forte e o futebol cuiabano é forte”. Então não adianta nada o Cuiabá ser forte, como é forte, o Cuiabá é um time organizado, mas não leva público, não tem torcida, não tem competitividade, não tem adversário, entendeu? Então é muito difícil os clubes que não têm uma empresa por trás, que não tem produtores rurais por trás, competir. É desleal a luta entendeu? E por isso o Mixto é fraco, o Dom Bosco é fraco, porque a concorrência financeira é desleal. (RU – 76 anos).

Os entrevistados destacam que a falta de investimentos nos clubes do estado de Mato Grosso é uma das causas da crise do futebol local, visto que, o futebol espetáculo tornou-se um negócio caro e rentável para alguns setores da indústria esportiva.

Desde o ano de 2000, os times de futebol mato-grossense movimentaram-se no sentido da transformação em clubes empresas, em atenção à Lei número 9.615, instituída em 24 de março de 1998, também conhecida como Lei Pelé ou Lei do Passe Livre, que “‘obriga’ os clubes profissionais até então tratados como entidades sem fins lucrativos a se transformarem em sociedades ou empresas limitadas.” (CLUBES empresa..., 2003, não p.).

O primeiro time local a se organizar com referência em um modelo empresarial foi o Berga Esporte Clube Sociedade Civil¹¹⁵, permanecendo nesta condição por apenas um ano. Visto que, no ano de 2001, com muitas dificuldades financeiras, o Berga pediu licenciamento do profissional junto a FMF e dedicou a sua atuação somente às competições amadoras até o ano de 2005, quando se afastou totalmente das atividades esportivas.

O segundo time de futebol do estado a se registrar como clube empresa foi o Cuiabá Esporte Clube Sociedade Civil Ltda. Depois deles, foi a vez dos times tradicionais de Mato Grosso, como o caso do Clube Esportivo Dom Bosco e do Clube Esportivo Operário Várzea-grandense que, “atolados em dívidas, inviabilizados e dirigidos pelos presidentes como times amadores”, foram reformulados aos poucos, “por novas equipes, pela filosofia da organização e, com o objetivo de visar lucros” começaram a negociações de jogadores. (CLUBES empresa..., 2003, não p.).

Contudo, a questão aqui apontada sugere a existência de empresas e/ou de investidores que assumem diretamente o custeio de determinados clubes de futebol do estado de Mato Grosso, enquanto os outros times, com dificuldades de atrair sociedades empresariais para dar o suporte financeiro necessário para saírem da crise em que se encontram, seguem

115 Clube de futebol fundado no ano de 1983, inicialmente com o nome Treze Esporte Clube, na cidade de Cuiabá, estado de Mato Grosso. No ano de 1999, o clube foi vendido e o novo proprietário atribui outro nome ao referido clube, que passou a ser chamado de Berga Esporte Clube Sociedade Civil.

sem as estruturas adequadas para se fazerem competitivos até mesmo nos eventos esportivos locais.

O que, certamente, representa um desequilíbrio financeiro entre os times de futebol do estado de Mato Grosso. E isso, segundo os sujeitos participantes deste estudo, provoca naqueles de recursos mais modestos dificuldades de administrar os custos básicos do time e impossibilita investimentos em jogadores de maior qualidade, enquanto aqueles que têm maior capital advindo de investimentos, principalmente de patrocínio, conseguem melhor gerir o time, contratar jogadores mais habilidosos e, conseqüentemente, alcançar melhor resultados nas competições.

Para Dantas, Machado e Macedo (2015, p. 114-115), atualmente o desempenho dos clubes não é medido somente pelo quesito esportivo. “Com o advento do conceito de clube-empresa, o lado financeiro do desempenho também se tornou importante, principalmente no tocante a análise de investimentos realizados e o seu impacto nos resultados esportivos [...]”. A importância de estabilidade financeira de um time de futebol pode ser explicada, segundo os autores, pela equação habilidade e desempenho esportivo somado a capital financeiro, que poderá resultar em mais sucesso esportivo e mais sucesso financeiro.

Considerando as menções referidas acima e as informações prestadas pelos sujeitos entrevistados, considera-se que o distanciamento entre os times de futebol mato-grossense tende a crescer. Visto que, o sucesso dos clubes locais com maior investimento financeiro estará, sistematicamente, ascendendo, enquanto o declínio dos times com pouca receita torna-se inevitável.

A dificuldade encontrada pelos times tradicionais para conseguir investimento situa-se, também, na questão de saldar as dívidas. Segundo os entrevistados, para que uma empresa acolha em patrocínio um dos times tradicionais do estado, ela tem que, também, assumir as suas dívidas.

E, enquanto os times tradicionais não encontram patrocínio, eles têm dificuldade em custear jogadores de bom nível de jogo, para que se fidelizem a estes times de futebol.

[...] nós conseguimos, enquanto presidente do Mixto, um patrocínio muito bom da City Lar [antiga loja de móveis e eletrodomésticos em Cuiabá], montamos um puta de um time, tínhamos sido campeões da Copa Governador, vice campeão do estado, Copa Brasil Série D. Mas nós tínhamos um patrocínio. E que infelizmente por consequência do passado, dívidas trabalhistas, alguém entrou com uma ação e prenderam o dinheiro do Mixto. O Mixto não pegou mais o dinheiro desse patrocínio. Aí o Mixto ficou sem o patrocínio e com compromisso pra pagar. [...] o Mixto, o Dom Bosco, o Operário precisam de alguém que tenha muito dinheiro, [...] que consiga quitar as dívidas do passado, ele vai montar um puta de um time com o dinheiro dele, que depois que ele pagar as suas dívidas, suas dívidas que está no Mixto, daí o time volte a ser uma vitrine[...] eu tive praticamente fechado com a Umbro, praticamente fechado com a Nike, eu tive fechado com o Ronaldo, o Fenômeno, pra bancar o Mixto pra gente, mas eles queriam que o Mixto pagasse primeiro as suas dívidas. Eu queria que eles viessem pagar as dívidas, não o caminho inverso. Eu queria que eles viessem pagar, eles queriam que eu pagasse pra vir pra cá. Não tinha jeito, não tinha como. Então perdemos, perdemos por isso. Não tinha condições. (HE – 73 anos).

Com dívidas trabalhistas contraídas entre os anos de 2005 a 2017, reclamadas por ex-atletas e ex-funcionários, que renderam trinta e nove processos com valor somado em R\$ 2.850.790,44 (dois milhões oitocentos e cinquenta mil setecentos e noventa reais e quarenta e quatro centavos) (MIXTO... 2019) e constantes bloqueios judiciais de conta bancária, o Mixto Esporte Clube, time reconhecido com uma das maiores torcidas do estado, não consegue atrair investidores. (CLUBE coloca..., 2018).

Na tentativa de negociação em audiência, ocorrida no início do ano de 2019, foram arrolados dois prêmios recebidos pelo Mixto e entregues pela CBF, “um pela participação na primeira fase e outro pelo

avanço à segunda fase da Copa do Brasil” de 2019. Também foi colocada à disposição da negociação a renda recebida pelo time de um jogo organizado pelo banco Caixa Econômica Federal, chamado de Timemania, que consiste em uma loteria que contribui mensalmente com os clubes de futebol brasileiro. As apostas ajudam os times assinalados pelos torcedores¹¹⁶ que escolhem dez entre oitenta números disponibilizados “e também escolhe o time do coração¹¹⁷.” Quanto mais um determinado time de futebol for assinalado como “time do coração”, maior será o valor que ele receberá mensalmente. (MIXTO... 2019, não p.). Contudo, até o momento da escrita deste texto, o Mixto Esporte Clube ainda permanecia buscando meios de resolver os processos, pagar todas as dívidas e criar condições para continuar atuando.

Dificuldades financeiras também assolam outros times tradicionais do estado de Mato Grosso. O Clube Esportivo Dom Bosco passou por mais de dez anos, e permaneceu assim até o ano de 2013, somente pagando dívidas amontoadas durante “uma crise que não parecia ter fim.” O que repercutiu no licenciamento solicitado à FMF (DOM BOSCO..., 2013, não p.) e que durou um período de seis anos, com retorno do referido time aos campeonatos oficiais em 2014.

Porém, de acordo com uma entrevista cedida por um assíduo torcedor à Gazeta Digital, publicada no dia 14 de janeiro de 2019 e intitulada “Antigo ponto de encontro da cuiabania, Clube Dom Bosco está abandonado”, a crise financeira do tradicional time de futebol local ainda persiste. Na entrevista, o torcedor lamenta a atual situação e declara que se sente “muito mal quando cogitam a possibilidade do time se licenciar novamente. A gente sabe da realidade financeira. O Dom Bosco é o único

116 Os aficionados por futebol podem apostar em um clube e, caso esse clube de futebol seja sorteado, o apostador recebe uma determinada quantia em dinheiro.

117 A expressão “time do coração” será adotada no texto todas as vezes que for referida a preferência dos torcedores por um time específico.

time que se mantém graças aos torcedores e o aporte financeiro dos torcedores’.” (ANTIGO..., 2019, não p.).

Devido ao acúmulo de dívidas, o Clube Esportivo Operário Várzea-grandense se licenciou da FMF no ano de 2002 e vendeu a sua marca para um empresário, que criou o Operário Futebol Clube Ltda. Um clube empresa que até o ano de 2013 administrou o time de futebol mais antigo da cidade de Várzea Grande. Até que, neste mesmo ano o Clube Operário Várzea-grandense retomou a sua razão social e as atividades no futebol mato-grossense. (CLUBE de futebol..., 2017). Porém, mesmo com a sua reativação, o time várzea-grandense ainda encontra dificuldades financeiras para atuar.

Quanto aos times tradicionais do interior do estado de Mato Grosso, “sem torcida, pouco apoio de patrocinadores, e com as dívidas só crescendo, aos poucos os times foram sentindo o golpe.” (ANTES COM... 2016, não p.).

E, como consequência desse enfrentamento, o futebol local, pelo menos como acontece com a maioria dos times do estado, apresenta um aspecto similar ao semiprofissionalismo. Em que, no quesito desenvolvimento, assim como indica Pereira (2003), não há um planejamento consistente e os times mantêm-se em um nível operacional com projeções de curto prazo. Na questão orçamentária a distribuição de recursos não apresenta um critério claro e consistente e a gestão atua com uma implementação parcial.

A falta de investimento e os acúmulos de dívidas tornaram o desempenho em campo aquém das expectativas dos torcedores e o atual cenário do futebol local depreciado.

Os jogadores, por não conseguirem uma remuneração adequada para suprir as suas necessidades, disputam competições “amadoras”¹¹⁸ como forma de suplementar a renda mensal. E, esses mesmos jogadores, disputam as competições profissionais¹¹⁹ da região. Neste contexto, os atuais jogadores dos times tradicionais não satisfazem as expectativas dos torcedores, razão pela qual muito deles abandonaram os jogos de seus times no estádio.

E, ainda, sem condições de manter exclusividade entre jogador e o time de futebol, dificuldade de contratação de atletas de considerável habilidade, enfim, sem condições de fazer os necessários investimentos, os times tradicionais de futebol do estado passaram a disputar somente as competições internas, aquelas organizadas no circuito estadual, perderam em desempenho e, portanto, em popularidade. O que implica em um retrocesso do futebol local.

Sendo o comércio de imagem uma das principais fontes de receita do futebol (DAMO, 2005), principalmente aquela refletida pela figura dos jogadores, que foi transformada em produto de muito valor no mercado esportivo, e a maioria absoluta dos times locais não consegue se estabelecer nesse quesito, o desequilíbrio econômico entre os times de futebol mato-grossense perdurará.

Em síntese, a partir das dificuldades financeiras sofridas pelos times tradicionais do estado de Mato Grosso, que podem ser entendidas como

118 Essas competições, para serem consideradas amadoras, deveriam ser disputadas por jogadores que não recebem qualquer tipo de remuneração. Ocorrências diferentes à atuação sem remuneração foram nominadas por alguns autores de “amadorismo marrom” ou “profissionalismo marrom”. Para mais e melhores informações, sugerimos a leitura do livro “A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade”, de Hilário Franco Júnior e a tese de doutorado “Do dom a profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França”, de Arlei Sander Damo.

119 A Lei número 9.615/98, em seu capítulo V, em parágrafo único do Art. 26, considera “competição profissional para os efeitos desta Lei aquela promovida para obter renda e disputada por atletas profissionais cuja remuneração decorra de contrato de trabalho desportivo”.

uma consequência do declínio do futebol local, ocorreu, e em alguns casos ainda ocorre, a ausência de determinados times tradicionais do estado nas competições regionais. Alguns desses times, devido a sua atual condição financeira que impede o investimento em uma melhor estrutura de equipe, pediram licenciamento junto a FMF e, por consequência, estavam, alguns ainda estão, fora das competições.

O que, segundo os sujeitos participantes dessa investigação, tem desmotivado os torcedores mais antigos a irem para o estádio, como, por exemplo, aconteceu com os torcedores das equipes Mixto e Operário, que são indicadas pelos participantes desta investigação como as equipes de Mato Grosso com maiores torcidas.

Essa afirmação pode estar baseada nas ocorrências de jogos lotados no Estádio Verdão, em que três times tradicionais do estado de Mato Grosso conseguiam levar grande número de torcedores. Assim como relata um dos participantes desse estudo.

Peguei um jogo em 2005, final da Copa Mato Grosso, Mixto e Operário, que tinha seguramente mais de trinta mil pessoas no Verdão. Foi um jogo que ninguém acreditava que ia ter aquela quantidade de pessoas, o Mixto se licenciou no campeonato, então eu lembro que ele passou um período disputando só a Copa Gazeta, campeonatos amadores, campeonato máster, se licenciou do profissional, ele volta, se não me falha memória, em 2004, [...] em 2005, inclusive com o Riva¹²⁰ organizando com um fundo político, mas é o Riva que traz o Mixto do licenciamento. E aí, então havia toda aquela expectativa do retorno do Mixto depois de um período de licenciamento, aí o Mixto faz uma campanha, começa com uma campanha humilde e consegue chegar à final. (FA/BR – 33 anos).

Nesse contexto, pode-se considerar que o futebol tem como motor fundamental a paixão dos torcedores pelos seus times e que os

120 José Geraldo Riva, filiado ao Partido Social Democrático – PSD atuou como Deputado Estadual por Mato Grosso entre os anos de 1995 e 2015.

times de grande tradição local, obviamente por já agregarem maior número de torcedores, levam um grande público ao estádio.

Entende-se por torcedor “aqueles que impõem ao futebol ‘a circularidade das emoções’, importando-se, sobretudo, com a capitação simbólica do desfecho dos rituais agonísticos.” (TOLEDO, 2002, p. 16-17 *apud* DAMO, 2005, p. 39). E, também, constitui um torcedor a frequência com que acompanha o time em jogos nos estádios ou pelos meios de comunicação, “a intensidade com que ele não gosta dos maiores rivais do time e a frequência com que ele exibe o nome ou símbolo do time em suas roupas e ambientes de convívio.” (WACHELKE, *et al.*, 2008, p. 102).

Mas quando esse torcedor não encontra mais motivos para acompanhar as disputas, quando ele não sente mais orgulho de seu time, pode ocorrer um desinteresse de estar presente nos jogos de futebol. Parece ser esse o caso do torcedor dos times tradicionais do futebol mato-grossense que, diante de um cenário de descrédito, distanciou-se das partidas disputadas nos estádios locais.

Considerando que a “criação” de torcedores – público fiel dos estádios, foi e é um projeto de captação de dinheiro, visto que, assim como referido por Riviti (2016, p. 24), “a existência de uma torcida significava possibilidade de renda aos clubes e é pista da profissionalização que se anunciaria nos idos de 1930”, pode-se afirmar que quanto mais distante o torcedor estiver de seu time ou quanto menos torcedor um time dispor, obviamente menor será a sua receita.

Sabe-se que um time de futebol sobrevive de rendas obtidas de fontes diversificadas, que vão desde o comércio de produtos com a marca do time até a venda de ingressos para os jogos. Desse modo, é preciso que um time consiga agregar uma grande quantidade de torcedores para que ele seja, de fato, rentável.

Mas, para que um time consiga agregar torcedores, é preciso demonstrar desempenho satisfatório em campo e, para que isso seja possível, é necessário investir em estrutura física e em jogadores habilidosos. Sem conseguir praticar essa dinâmica, a permanência de um time atuando nas competições de futebol é inviabilizada, principalmente nas mais importantes, seja na esfera local, como no caso das competições estaduais, ou na esfera nacional.

Sucumbidos em uma crise financeira, conseqüentemente, os times de futebol mais antigos do estado de Mato Grosso atravessam uma duradoura dificuldade de formar um elenco de qualidade, de maneira que, dentre ele possa surgir uma grande personalidade do futebol que desperte o interesse do público em acompanhar as competições e, desse modo, os times tradicionais não conseguem apresentar uma disputa atrativa aos torcedores e a maioria deles ficam incapacitados de participar dos campeonatos mais representativos do estado.

Quando um time tradicional do estado fica fora das principais competições locais, evidentemente seus torcedores tendem a não comparecerem em jogos de outros times, assim como pôde ser verificado nas considerações de alguns dos sujeitos entrevistados, quando indicam que caso o time de sua torcida não esteja participando de determinada competição, eles não encontram motivos para irem ao estádio. Nesse caso, os entrevistados mencionam, também, que o estádio é composto por paixão pelos times de futebol e a presença desses times nas competições tem o potencial de levar público aos estádios.

[...] nós temos quatro clubes aqui interessantes, quatro não, cinco. Os outros também são, todos são, aliás. Mas assim, que chama, que deu mais popularidade ao futebol, que deu mais é, como diz assim, mais rivalidade, Mixto e Operário, por ser os dois que tem maior número de torcedor. O Dom Bosco é um time tradicional, mas toda vida o Dom Bosco não teve muito torcedor, teve mui-

to pouco. Eu joguei lá, eu sei disso. [...] Então antigamente brigava, sempre ia dar Mixto e Operário. Tanto é que o Mixto tem vinte e três títulos estaduais e o Operário tem quatorze, no Verdão. Então se pegar os dois maiores vencedores do estado de Mato Grosso é Mixto e Operário. [...] E Mixto e Operário sempre foram os dois maiores. E nós temos hoje os dois mais organizados, mas os dois antipatizados pela população, são antipáticos, os dois, Cuiabá e Luverdense. São dois clubes organizados, o Luverdense chegou à Série B, fez grande campanha no Campeonato Brasileiro da Série B, da Copa do Brasil, mas não conseguiu ser um clube atraente nem na cidade deles. [...] tanto é que não atrai público nenhum. Muito pouco. E o Cuiabá a mesma coisa, Cuiabá vem sendo campeão constantemente. Você vai no campo, é o povo que gosta de ir, não é torcedor do Cuiabá, [...] Eles queriam ver Mixto e Operário. [...] Isso aí eu falo pra você porque eu ando. Dentro do futebol profissional, amador, vou, conheço [...] pra você ter uma ideia, pra falar uma questão de público, a um mês atrás teve um campeonato sub 23 aqui em Várzea Grande. E o Cuiabá estava jogando no mesmo dia, na Arena Pantanal, onde você acha que tinha mais público? É no sub 23 aqui na Várzea Grande, estava lotado. (ED – 52 anos).

Esse é, segundo Weber (1958 *apud* HELAL, 1997, p. 34), o contrassenso do futebol brasileiro, em que “os jogos tradicionais provocavam um alto grau de interesse e presença de público, enquanto que a versão modernizada – porém incompleta – do esporte tem falhado em manter níveis satisfatórios de interesse e presença de público.”

Deseja-se aqui destacar a importância dos times tradicionais do estado de Mato Grosso devido a sua representação na construção do esporte local, além de seu potencial em atrair público para os estádios e, principalmente, à rivalidade histórica que existia entre as equipes no futebol mato-grossense de outrora, que alimentava a paixão dos torcedores pelos times locais.

Para Damo (2014, p. 26), a estrutura da disputa do jogo, aquela definida entre “um eu (ou nós) e um outro (ou outros)” contribui para a formação da identificação e da diferenciação, cuja diligência impõe uma

cisão entre vencedores e vencidos. É na trama dos papéis ocupados pelo eu (ou nós) e pelo outro (ou outros), estruturalmente designados, que o jogo ganha sentido, “adversários de um jogo são, sob este ponto de vista, parceiros de um evento. Afinal, o jogo suscita a presença de um outro contra quem, mas também com quem, se joga.”

É certo afirmar que quanto maior for a rivalidade entre os times de futebol, maior será a expectativa e a demanda pelo jogo. Souza (2004, p. 50), ao analisar os fatores que influenciam a demanda pelos jogos nos estádios apresenta, entre as suas discussões, que os torcedores são afetados pela qualidade e pela rivalidade existente entre as equipes em disputa. “Além disso, o desempenho passado e a tradição são fatores para o aumento da frequência aos estádios, sendo o sucesso passado o mais importante deles.”

A rivalidade entre equipes, de acordo com o autor supracitado, tende a ser maior quanto menor for a distância geográfica entre elas. “Jogos entre equipes rivais de uma mesma cidade também geram interesse especial, tanto pela rivalidade histórica quanto pela possibilidade que os fãs de ambos os times têm de ir ao estádio.” (*Ibid.*, p. 85).

Siegfried e Hinshaw (1979 *apud* SOUZA, 2004), ao pesquisarem a desistência de torcedores que compraram antecipadamente ingressos de uma determinada competição por projetarem a presença de determinados times em uma de suas fases, mas que no dia de ocorrência do jogo não compareceram ao estádio, identificaram que o “*no-show*” é praticado quando a disputa a ocorrer não correspondeu às expectativas desses torcedores. Os autores concluíram que a qualidade, rivalidade e equilíbrio entre os adversários ampliam a demanda pelo jogo.

Não estabelecidos esses pontos, ou seja, os torcedores não verificando nas disputas equilíbrio, rivalidade, qualidade entre os times, ou até mesmo não encontrando o seu time preferido na disputa, é bem

provável que ocorra a evasão do estádio. “Portanto, é mais plausível supor que um determinado torcedor demande os jogos de seu clube preferido, e não as partidas do campeonato como um todo.” (SOUZA, 2004, p. 17).

Ainda no pretexto de explicar com maior profundidade a relevância da paixão por um time de futebol para atrair a presença de público no espaço de jogo, destaca-se, logo abaixo, a fala de um dos sujeitos entrevistados. Sabe-se que esse trecho da entrevista do sujeito (FA/BR – 33 anos) não explicita de forma direta o potencial de um time tradicional de levar um grande número de pessoas ao estádio, contudo, considera-se que essa informação revela, indiretamente, que o sentimento nutrido por uma equipe pode agregar um quantitativo maior de público no estádio.

[...] a torcida mixtense, ela nunca se sentiu como espectadora, ela sempre se sentiu como parte do jogo. Inclusive ela se culpava, ela se culpava, era corriqueiro, vários momentos eu me lembro, assim, o Mixto perdendo todo mundo começava a gritar e falava “pessoal, nós precisamos [breve interrupção da entrevista no momento em que o entrevistado chora] é, é, nós precisamos cantar pessoal, está todo mundo parado, não, nós temos que cantar. Se a gente não cantar o Mixto não vai ganhar”. Tinha essas coisas. E às vezes o Mixto perdia, tipo, começou ganhando, levava uma virada, a torcida ficava baqueada. Todo mundo ficava quieto, não cantava, e tinha discussões entre a torcida, depois, a torcida se culpando, tipo, às vezes tinha briga, resolvia entre nós, tinham brigas também, e um brigava com o outro [...], culpava jogadores, claro, mas se culpava também, tipo, “pô, nós paramos de cantar, levamos gol e todo mundo ficou sentado, não conseguimos empurrar o time”, [choro do entrevistado], então, assim, ela se sentia parte do jogo. (FA/BR – 33 anos).

Para Damo (1998, p. 8), a paixão por um clube de futebol “transcende o próprio futebol”. É uma clara devoção, é um sentimento que “‘irmana estranhos, os faz comungarem ideais, objetivos e sonhos’, possuem forte apelo popular, a ponto de muitas vezes subverter os códigos e valores cotidianos.” (SEVCENKO, 1994, p. 35 *apud* DAMO, 1998, p. 10).

Seja pela paixão ao clube e/ou pela rivalidade com os outros, os torcedores se motivam, se empenham com muita obstinação para que ocorram conquistas satisfatórias de seu “time do coração” e, sobretudo, acompanham seu time nos jogos/estádios. Para Damo (1998, p. 11), “torcer por um clube de futebol é, antes de mais nada, participar ativamente da vida social.” Isso requer acompanhar, estar presente, é preciso criar uma identidade, fazer do “time do coração” também a sua família e do estádio a sua casa. É, portanto, chegar em casa e encontrar a sua família ali.

As questões aqui apontadas pretenderam identificar, apresentar e associar as ocorrências do esvaziamento dos estádios mato-grossense ao desencantamento com o futebol local. Por todos esses encaminhamentos, foi possível estabelecer, ainda que de forma sucinta, alguns pontos de reflexão sobre o período e as circunstâncias em que o futebol mato-grossense se deslocou de uma posição de prestígio para um estado de crise, de forma que contribuisse para o entendimento dos motivos que encaminharam a “demolição do passado” para a “construção do futuro” do esporte futebol local – assunto discutido em seguida.

Assim, a reflexão aqui apresentada possibilitou a definição de alguns motes de compreensão sobre os acontecimentos no trajeto de aproximadamente quarenta e três anos, com a modalidade esportiva futebol, entre a década de 1970 até o ano de 2018, considerando que em 2018 ocorreram as entrevistas com os sujeitos participantes desta investigação, os quais apresentaram informações que, pela análise, possibilitaram a verificação de alguns fatores que podem indicar os avanços e os percalços ocorridos com o futebol do estado de Mato Grosso no período traçado neste texto.

Deste ponto, pode-se considerar que enquanto determinados times de futebol da nação brasileira ganhavam destaque, ampliavam

seu poder econômico e seu potencial de jogo, os times mato-grossenses tradicionais colapsaram.

5.3 A Copa do Mundo é nossa! De uma motivação sazonal surge a Arena Pantanal

Motivada pela condição de sediar algumas das partidas da Copa do Mundo de 2014, a população da baixada cuiabana começou a assistir bem de perto todos os arranjos necessários para a realização de um megaevento. Obras foram espalhadas por toda a cidade e impactaram, direta ou indiretamente, a todos os residentes e aqueles que transitavam pelas vias da cidade, para acessar alguma localidade de seu entorno.

A cidade ficou imersa em um grande canteiro de obras, a paisagem urbana foi modificada, Cuiabá já não era e não voltaria a ser a mesma. A FIFA determinou arranjos estruturais que foram assumidos pelos gestores políticos e dirigentes do esporte futebol do estado e da cidade, à época. Da paisagem cuiabana, um de seus grandes símbolos da arquitetura urbana foi apagado. Os requisitos necessários para realizar um megaevento da proporção de uma Copa do Mundo, extinguíram a estrutura do principal estádio de futebol de Mato Grosso. Naquele período, não houve questionamentos plausíveis que, sequer, colocassem em dúvida a necessidade da demolição do Estádio Verdão e/ou que perspectivasse apontar reformas para a adequação do estádio às exigências da FIFA.

Para os sujeitos entrevistados, a construção de um estádio mais moderno em Cuiabá foi propagada como uma necessidade e, também, foi divulgado que a reforma do Verdão não daria conta das projeções exigidas pela FIFA aos espaços de jogo do Mundial de 2014. Isso também foi reforçado na ocasião da proposta para um novo aparelho esportivo, que não estava restrita ao campo de futebol, já que outras demandas de entretenimento

foram consideradas no projeto da arena multiuso, que estava para ser instalada na cidade de Cuiabá. Assim como podem ser percebidas nas explicações de um de nossos entrevistados, apresentadas abaixo.

Não era possível. Aí não tinha como, era, ou você construía outro estádio, porque os padrões da FIFA é outro tipo, tanto que eles não chamam de estádio, né? Eles chamam de arenas, arenas multifuncionais, outro tipo de padrão, onde debaixo das arquibancadas precisam ter lojas, precisam ter shopping centers, você precisa ter comercializações ali dentro. É um espaço que é criado pra ter grandes eventos, simpósios, coisas do tipo. E isso jamais era possível de se fazer no Verdão, que era um estádio que não tinha nem subterrâneo. Era construído em cima da terra. Então como você ia instalar no Verdão uma loja, um evento, coisas do tipo? Agora, é claro, isso é uma discussão técnica, não sou técnico. Mas pelos acessos de coisas que eu tive, já chegamos de questionar, eu lembro, na época, o presidente [...], quem presidia era o Eder Moraes e ele tinha uma certa relação com o Mixto, era acessível pra gente, e nós chegamos de questionar, porque não transformar, não modernizar o Verdão. E o tipo de resposta que foi dada pra gente, que tecnicamente não era possível, por causa desses padrões que eu falei, não dava pra construir nada debaixo da arquibancada do Verdão. Mas é outra coisa que não aconteceu, né? É o que não aconteceu, mas se fosse acontecer, tem toda uma estrutura pra uma série de eventos, né? (FA/BR – 33 anos).

Os espaços considerados para compor a estrutura da praça esportiva pretensa a receber jogos do Mundial de 2014 foram apresentados no projeto como necessários às cidades sedes. Estabelecidos para proporcionar uma estrutura adequada às recomendações e requisitos da FIFA para os estádios, as adequações dos espaços tornaram-se requisitos imperativos e entonaram os discursos favoráveis à demolição do Estádio Verdão.

Para dar suporte às considerações sobre a necessidade de um estádio adequado para receber os jogos da Copa do Mundo, a partir do que é recomendado pela FIFA, o próprio caderno de recomendações e requisitos disponibilizados pela referida entidade esportiva, condicionam

as decisões estratégicas na fase da elaboração do projeto de reforma ou construção do estádio de futebol pró-Copa.

De início, já é sugerido que o tamanho e o nível de conforto do aparelho esportivo devem estar de acordo com os recursos financeiros disponíveis, porém, não se deve perder de vista que a estrutura física seja “aceitável a um mercado cada vez mais exigente.” Para tanto, são indicados os seguintes requisitos para a Copa do Mundo: estádios compostos por áreas com assentos e boa visibilidade para todos os torcedores, tribunas com assentos e assentos prêmios com acesso e serviços próximos para o público, telões para a transmissão dos jogos, cobertura para paredes externas, para áreas adjacentes, para os assentos dos espectadores e, de preferência, cobertura retrátil que cubra todo o estádio, ar condicionado em recinto fechado e, acima de tudo, o aspecto do estádio e os serviços ali prestados devem ser atraentes aos consumidores “VIPS” – aqueles “dispostos a pagar muito mais que o preço regular dos ingressos” e que são considerados como o público essencial “para o sucesso financeiro do estádio moderno.” (FIFA, 2011, p. 30).

Obviamente o Estádio Verdão não apresentava essas características, construído na década de 1970, o maior estádio de Mato Grosso possuía atributos mais rudimentares, havia “pontos cegos” em determinados lugares das arquibancadas, as quais não possuíam assentos e nem cobertura. Do jeito que estava, sem que ao menos houvesse uma abrangente reforma, não seria possível receber jogos da Copa do Mundo e isso estava evidente. O que parece não ter ficado bem esclarecida é a razão que levou à demolição do Verdão, até porque os requisitos estruturais necessários, assim como foi indicado no caderno de encargos da FIFA, não foram totalmente efetivados e, nem por isso, os jogos da Copa do Mundo de Futebol de 2014 deixaram de ser disputados na cidade de Cuiabá. Dito isso, pois até o

momento da escrita deste texto, as obras da Arena Pantanal não estavam totalmente concluídas.

Seguida da tendência estrutural dos novos espaços internacionais de jogos de futebol, outra justificativa apontada pelos governantes e dirigentes envolvidos na construção da Arena Pantanal, foi a possibilidade de alavancar o futebol local, viabilizada por uma estrutura do espaço de jogo mais moderna e confortável. Posto isso, visto que a Arena Pantanal surgiu no cenário esportivo de Mato Grosso com o futebol local em decadência e o eminente desejo dos desportistas em agregar novamente milhares de torcedores no estádio.

Para determinados participantes deste estudo, essa situação do referido esporte pode ter sido aproveitada pelos políticos e dirigentes esportivos do futebol, à época, para gerar uma expectativa nos cidadãos de melhoria e tomada de avanço do esporte futebol a partir da edificação de um aparelho esportivo mais moderno.

Neste sentido, para alguns entrevistados, os desportistas locais foram ludibriados pela propaganda em torno da construção da Arena Pantanal, o que, naquele momento, deu sentido à substituição do Estádio Verdão por uma nova estrutura do espaço de jogo.

Essa explanação, referida pelos sujeitos deste estudo, é apresentada, também, via reflexão e avaliação de que a Arena Pantanal não contribuiu para que o futebol mato-grossense entrasse na modernidade, diferente do que foi propagado nas mídias locais, em referência às falas de determinados representantes do meio político e esportivo de Mato Grosso.

O que de fato houve foi a expectativa frustrada de crescimento do futebol do estado com a construção da Arena Pantanal, pois, segundo os participantes desta investigação, as questões inerentes ao futebol mato-grossense continuam as mesmas. A Arena, por si só, não ocasionou o

tão esperado aumento do comparecimento de público, ou seja, o novo aparelho esportivo não conseguiu, ainda, atrair público para assistir os jogos ali disputados, o que, de acordo com os entrevistados, poderia favorecer a retomada da “força” do futebol local.

[...] a motivação da construção do Verdão foi uma demanda do futebol, assim como o surgimento do Dutrinha é uma demanda do futebol regional que precisava de estádio maior, acho que isso meio que se repete na construção do Verdão. A Arena Pantanal, esse fato se repete como uma farsa. Porque não era uma demanda do futebol local. Apesar de que tentou se forçar uma narrativa de que a Arena Pantanal iria resgatar o futebol mato-grossense, ia colocar o futebol mato-grossense na modernidade do futebol, tentaram empurrar esse discurso goela abaixo, mas eu acho que o que motivou a construção foram os fatores econômicos e políticos. Mais políticos do que econômicos. [...], não tinha uma demanda de público de futebol mato-grossense pra construir a Arena Pantanal. Então eu acho que esse discurso se repete como farsa. Eu acho que, de fato tentou colocar essa narrativa que a Arena Pantanal ia representar a modernização do futebol mato-grossense e eu acho que os fatos mostraram que não. Hoje é só olhar o que é o futebol mato-grossense, não pode dizer piorou mas de fato não entrou na modernidade, o futebol mato-grossense, com a Arena Pantanal não. É, além de ser um grande monumento, um postal bonito, moderno, [...], tem uma arquitetura extraordinária, que pensa em ventilação, além disso, para o futebol mato-grossense eu não vejo quase significado nenhum, pro futebol mato-grossense [...]. (FA/BR – 33 anos).

A demanda do futebol local, referida pelo sujeito (FA/BR – 33 anos) faz alusão ao tamanho da população da baixada cuiabana, que comparecia às partidas de futebol ocorridas entre a década de 1950 e 1980, período em que as arquibancadas dos estádios da cidade de Cuiabá ficavam lotadas. Desse universo de público, ocorreu a exigência da população cuiabana pela construção do Estádio Presidente Gaspar Dutra – o Dutrinha e, também, a construção do Estádio Governador José Fragelli – o Verdão.

Quanto às expectativas geradas pelo poder público na ocasião da decisão pela demolição do Estádio Verdão para a construção da Arena Pantanal, que afixou à população local uma possibilidade de modernizar e resgatar os momentos de glória do futebol mato-grossense e, contudo, considerando que a situação da maioria dos times do estado indica que, até agora, nada mudou, a construção da Arena Pantanal, até este momento, parece mais um oportunismo político do que um farol ao obscurantismo do futebol local.

Nenhuma política pública foi pensada para dar incentivo ao futebol do estado. O único time que está em destaque, e isso por suas próprias condições, é o Cuiabá Esporte Clube. Os times tradicionais de Mato Grosso têm buscado alternativas para continuarem na ativa, mas sem qualquer incentivo financeiro de ordem pública. Conseqüentemente, diante das dificuldades financeiras dos times tradicionais do estado, que implicam, também, na dificuldade de formar o grupo com jogadores de qualidade, a disputa torna-se pouco interessante e o comparecimento de público é quase inexistente.

É fato que o atrativo para o comparecimento de público no estádio é a qualidade da disputa. Dito isso, considerando que a média de pessoas presentes nas partidas disputadas na Arena Pantanal no ano de 2019 foi considerada insignificante. Exemplo disso, é possível citar o jogo entre Operário Futebol Clube Ltda. e Sinop Futebol Clube¹²¹, pela Copa FME, que aconteceu no dia 26 de agosto de 2019. Nesse jogo, segundo o Boletim Financeiro Nº 163 da FME, compareceram somente dezesseis torcedores, dos quais doze pagaram ingresso – sendo que um foi vendido pelo valor de R\$ 20,00 (vinte reais) – considerado preço inteiro e onze ingressos foram vendidos por R\$ 10,00 (dez reais) – considerado

121 Time de futebol fundado no ano de 1977, na cidade de Sinop, estado de Mato Grosso.

metade do preço (“meia entrada”). Por esse quantitativo de vendas de ingresso, que representou um valor total de arrecadação em R\$ 130,00 (cento e trinta reais), quando colocado em paralelo ao total de despesas para a realização da partida, que foi de R\$ 2.590,72 (dois mil quinhentos e noventa reais e setenta e dois centavos), verifica-se que houve um prejuízo declarado em R\$ 2.460,72 (dois mil quatrocentos e sessenta reais e setenta e dois centavos), arcado pelo time com mando de jogo, nesse caso, o Operário Futebol Clube Ltda. (BOLETIM Financeiro Nº 163, 2019).

Mesmo no jogo que envolveu dois times de grande tradição no estado, o Mixto esporte Clube *versus* Clube Esportivo Dom Bosco, também pela Copa FMF, que ocorreu no dia 4 de setembro de 2019, o público que compareceu ao estádio foi de número muito pequeno e a renda irrisória. Para esse jogo, compareceram duzentas e quatorze pessoas, das quais somente cento e setenta pagaram ingresso. Com as vendas dos ingressos foi arrecadado um valor total de R\$ 2.420,00 (dois mil quatrocentos e vinte reais) e os custos para a realização da partida foi de R\$ 4.742,68 (quatro mil setecentos e quarenta e dois reais e sessenta e oito centavos). Como o mando de jogo foi do Mixto Esporte Clube, esse time teve que assumir o prejuízo de R\$ 2.322,68 (dois mil trezentos e vinte e dois reais e sessenta e oito centavos). (BOLETIM Financeiro Nº 173, 2019).

Diante das dificuldades financeiras apresentadas pelos times de futebol, arcar com as despesas sem que haja lucro com os jogos só resulta em acúmulos de dívidas e aumento do déficit financeiro. Os números apresentados nos boletins financeiros disponibilizados pela FMF indicam que a Arena Pantanal, somente por sua estrutura, não está sendo o suficiente para atrair público.

O interesse e o desinteresse da população da baixada cuiabana por comparecer nos estádios locais foram justificados pelos entrevistados como

uma consequência do tipo de futebol apresentado pelas equipes de todo o estado de Mato Grosso.

Sobre a qualidade dos jogos encenados pelas equipes locais, as entrevistas revelam que a Arena Pantanal, hoje, representa muita estrutura para pouca qualidade no futebol. Assim como pode ser percebido, como exemplo, na declaração de um dos entrevistados.

[...] digamos que um campeonato hoje, Campeonato Estadual, em quarenta e cinco jogos, somando o público total, quarenta e cinco jogos, não dá pra encher a Arena, que é onde tem mais jogos hoje [...]. Com certeza eu te digo, hoje a média de público é bem menor do que quando era na época do Verdão. Hoje é. [...] Então a Arena é um lugar muito bonito, [...] só que é muito, é muita estrutura pro futebol que tem hoje em Mato Grosso. Mas, é tipo, você tem palco mas não tem ator [...]. Mas eu acreditei que a Arena Pantanal ela viria pra dar uma nova esperança. Só que já se foram quatro anos, que eu falo o legado, né!? O legado que ficou ainda não ajudou a erguer o futebol pra fazer o público ter um novo interesse em estar participando dos jogos na Arena. Mas se for comparar o Verdão ou a Arena, quando foi construído o Verdão teve a fase de ouro do Verdão, mas desde que foi construída a Arena, não teve a fase de outro da Arena. (SE – 42 anos).

As análises feitas até aqui ajudam a compreender que não é sem razão que as arquibancadas da Arena Pantanal estão vazias. Ocorre que o futebol mato-grossense, desde o final da década de 1980, passou por graves depauperações e, com isso, vem sofrendo com a dificuldade de manter o interesse do público pelos atuais jogos de futebol apresentados no estado.

De modo geral, existem vários fatores que influenciam a ida dos torcedores ao estádio, dentre eles estão “a performance das equipes, qualidade do estádio, preço do ingresso”, sendo estes um dos requisitos mais importantes na tomada de decisão do público “em comparecer ou não a um evento esportivo.” (HANSEN; GAUTHIER, 1989 *apud* SILVEIRA, 2015, p. 20). Sendo assim, é preciso levar a ponto os elementos que

encantam, ou encantaram, o público atraindo-o para o estádio de futebol, ao estabelecer as discussões que abordem o esvaziamento desses espaços.

Diante da atual conjuntura do futebol mato-grossense, os sujeitos entrevistados acreditam não haver interesse do público em assistir aos campeonatos regionais, assim como ocorria no tempo áureo do Estádio Verdão. É sabido que o interesse do público por uma partida de futebol passa por diferentes critérios – que vão desde a excelência performática dos jogadores até a qualidade dos serviços prestados nos estádios e, quando as partidas de futebol deixaram de ser interessantes ao público mato-grossense, ocorreu o esvaziamento dos aparelhos esportivos locais.

É preciso ter a aspiração de olhar para as arquibancadas. Se “nem toda prática de futebol é considerada interessante (ou absorvente) pelo público”, e isso interfere diretamente na frequência aos estádios, a atração do público para comparecerem aos jogos “deve ser pensada com a mesma ordem de complexidade que se pensa o fluxo aos cinemas ou aos teatros, desde que respeitadas às especificidades, obviamente.” (DAMO, 2005, p. 40).

É de amplo conhecimento que o futebol é “o esporte mais apreciado em escala planetária.” (DAMO, 2014, p. 32). Porém, talvez seja necessário responder à questão: “o que fez o futebol se tornar o esporte mais apreciado em escala planetária?”

Já foram apresentas neste texto as indicações de Cereto (2003a) que contribuem com algumas respostas acerca dos aspectos que tornaram o futebol um esporte popular no Brasil, referentes à facilidade de compreensão das regras e baixo custo dos equipamentos necessários para a sua prática – que ampliou o número de jogadores, de times e, conseqüentemente, a quantidade de interessados em assistir aos jogos. O aumento do público criou, também, a necessidade de construção de estádios e, depois, a necessidade de estádios maiores.

Quando o sujeito (SE – 42 anos), por comparação, indica que houve o momento de grande sucesso do futebol local encenado no Estádio Verdão e esse sucesso ainda não aconteceu na Arena Pantanal, ele informa que o novo aparelho esportivo ainda não conseguiu envolver uma participação numerosa de público e, com isso, pode-se aqui verificar que o novo aparelho esportivo da cidade não conseguiu fornecer uma ligação entre os torcedores e as equipes e seus jogadores, assim como, segundo as menções de Rocco Júnior, Mazzei e Oliveira (2015), é esperado para os locais adequados para a ocorrência dos jogos de futebol.

Não diferente de outros aparelhos esportivos brasileiros, que em atendimento às expectativas de modernização do espaço para melhoria da qualidade do jogo e pela possibilidade de uma experiência de entretenimento mais completa para o público, a remodelação do maior estádio de futebol de Mato Grosso em arena multiuso não resolveu o baixo nível técnico das partidas e o desinteresse da torcida em frequentar o estádio.

Ao contrário disso, o caso da Arena Pantanal assemelha-se às considerações de Oliveira (2015, p.45-46) que, ao investigar o processo de modernização do futebol brasileiro a partir das reformas recentes das praças esportivas, com atenção maior voltada para o Estádio do Maracanã, concluiu que “o saldo de tantos problemas são arquibancadas cada vez mais vazias, clubes cada vez mais empobrecidos e endividados e campeonatos cada vez mais fracos.” Para o autor, a situação atual do futebol brasileiro enquadra-se em um processo contínuo de uma “modernização pela metade”, que não conseguiu obter os resultados “virtuosos da modernização completa experimentada no futebol inglês”, que serviu de modelo e que o Brasil tentou copiar.

Nas menções de Oliveira (2015, p.15), a modernização do futebol inglês é tratada como sendo completa por ter obtido resultados satisfatórios na esfera financeira – os times de futebol conseguiram significativas rendas,

na qualidade técnica dos jogos e na “lotação esgotadas nas arquibancadas.” No Brasil, a modernização é tratada “pela metade” devido à manutenção de velhas práticas conectadas a medidas modernizadoras deslocadas, que estão presentes em todas as esferas da organização e do agenciamento do futebol brasileiro.

Os poucos serviços de promoção à segurança e um conforto bem restrito, prestados aos torcedores nos estádios e, também, o aumento do preço dos ingressos – com impacto direto no poder de compra de muitos daqueles que costumavam frequentar os estádios, fazem parte dessa confusão pró-modernização, que ocasionou “efeitos nocivos sobre a cultura torcedora do país e a presença de público nos estádios, deixando a taxa de ocupação do Campeonato Brasileiro muito abaixo da média mundial e atrás de países com pouca ou nenhuma tradição em futebol.” O processo de modernização do futebol brasileiro, analisado pelo prisma da remodelação dos aparelhos esportivos do país, “tem como consequência principal os esvaziamentos dos estádios e a perda de interesse do público torcedor pelo futebol jogado em nosso país.” (*Ibid.*, p. 19).

Voltando a atenção para a modernização do aparelho esportivo de Mato Grosso, no presente aspecto, do projeto inicial até a fase em que a Arena Pantanal se encontra, sua estrutura ainda não está pronta e nem justificada. A composição arquitetônica prometida não foi entregue à população e o público, que já não era suficiente para preencher o número de lugares disponíveis num estádio menor que a Arena, não aumentou. Essas observações foram, também, ponderadas nas falas dos entrevistados, assim como, por exemplo, é notório na seguinte menção:

[...] no princípio, tinha uma ideia de que a Arena seria um estádio, um local multiuso. Teria shopping, teria área de lazer, teria academias, etc e tal. A ideia era essa né!? Até que seria, se tivesse sido entregue. E tinha também, um dos primeiros projetos era de construir uma arquibancada móvel que depois da Copa que ela fosse retira-

da. Vamos supor, a Arena é para quarenta mil pessoas, com a retirada, ficaria pra vinte, vinte e cinco mil. Aí seria mais ou menos viável né!? Se bem que para o futebol mato-grossense até o Durrinha hoje seria grande, seria grande porque hoje uma partida decisiva do Campeonato Mato-grossense não vai três mil pessoas, quatro mil pessoas [...]. (RU – 76 anos).

No ano de 2016, a empresa Mendes Junior Engenharia S.A., responsável pela construção da Arena Pantanal, foi notificada pela Secretaria de Estado de Cidades que procedeu com exigência do reinício e total conclusão das obras do referido aparelho esportivo. Contudo, a empresa não atendeu à notificação e o estado de Mato Grosso decidiu acioná-la na justiça. As obras, que deveriam ter sido concluídas no ano de 2014, quando aconteceu a Copa do Mundo no Brasil, além de inconclusas apontam inúmeras deficiências e foram criticadas pela Confederação Brasileira de Futebol. (ESTADO, 2016).

Com isso, na avaliação envolvendo cento e cinquenta e cinco estádios em todo o Brasil, feita em janeiro de 2016 pelo Ministério do Esporte, por meio do Sistema Brasileiro de Classificação de Estádios – SIBRACE, a Arena Pantanal foi o único aparelho esportivo construído para a Copa do Mundo de 2014 que não recebeu nota máxima. O método verificou conforto, segurança, acessibilidade e condições sanitárias e de higiene no uso das instalações dos estádios em uma escala de um a cinco. No resultado final da avaliação, vinte e nove estádios ficaram com a nota mínima e quatorze obtiveram a nota máxima. A Arena Pantanal, com somente dois anos de sua inauguração e com um custo de construção muito expressivo, obteve nota quatro na avaliação. (ESTÁDIOS de Corinthians..., 2016).

Até o momento, “uma Copa do Mundo depois”, o impasse judicial entre o governo de Mato Grosso e a empresa Mendes Júnior perdura e a Arena Pantanal segue em uso, mesmo com as obras inacabadas. Enquanto

isso, a estrutura do referido aparelho esportivo apresenta algumas rachaduras nas paredes, buracos, infiltrações no forro, algumas cadeiras quebradas, além das catracas eletrônicas com problemas de funcionamento e a gestão local encontra dificuldades em proceder com alguns reparos, devido à judicialização em trâmite.

No quesito rentabilidade, para que um estádio de futebol possa ser viável, ele precisa ter um número considerável de público pagante, que gere uma receita suficiente para, pelo menos, custear os gastos gerados durante os jogos. E, considerando que a Arena Pantanal ainda não cumpriu uma das suas principais função, que é a de potencializar o futebol mato-grossense, assim como foi propagado pelos governantes e gestores da época de sua construção, pode-se compreender que, seguindo a análise das entrevistas, no caso do novo espaço de jogo da cidade de Cuiabá, a Copa do Mundo de Futebol pode até ter causado uma motivação, mas esse sentimento foi temporário e a Arena Pantanal pode ser moderna e confortável, mas o que realmente tem a condição de atrair público para o estádio “é a paixão pelos times de futebol.” (HE – 73 anos). Porém, para que os times consigam atrair um grande público para os jogos, eles precisam apresentar um futebol de qualidade, expresso na ação técnica e tática dos jogadores.

A Copa do Mundo passou, a Arena Pantanal se fez realidade e o futebol mato-grossense continuou pouco expressivo. Mesmo quando uma das equipes da capital mato-grossense conseguiu despontar na Série C do Campeonato Brasileiro, o número de espectadores presente nos jogos foi muito baixo. Isso, na compreensão dos entrevistados, traz à Arena Pantanal a condição de ser um espaço de altíssimo custo para o estado e pouco útil para o esporte local.

[...] E aí, essa Arena é besteira, não precisava fazer tudo isso. Ah, ela não tem propósito nenhum. Ela não tem propósito nenhum. Não deveria ter feito, a Copa nem deveria ter sido realizada aqui.

[...] então ela não tem propósito, nem é multiuso. Hoje ela não sobrevive, ela dá uma despesa de R\$ 300.000,00 [trezentos mil reais] por mês, barato, se estiver dando só R\$ 300.000,00 [trezentos mil reais] de despesa por mês pro governo de estado. E o governo não terceiriza. Porque o governo, pra se ver livre de um elefante branco desse, tem que terceirizar. [...] Pro nosso futebol a Arena não acrescenta nada. [...] o governo está tentando utilizar a Arena pra fazer uma escola. [...] Ela não tem propósito. Mas tem que usar porque gastaram um bilhão, né!? E tem que trazer jogos. Tem que fazer promoção, fazer rodeio como fizeram. Fizeram um show de rock, queimaram a grama e não sei o que. Aí depois, aluga pra fazer um show lá e depois se gasta o dobro pra recuperar o estrago que fizeram. Então não tem propósito nenhum a Arena. (OR/AN – 73 anos).

Após três anos da realização da Copa do Mundo de Futebol de 2014, o site BBC Brasil publicou uma matéria cujo título fez referência às arenas multiuso do país como “elefantes brancos” que “servem até de escola para reduzir prejuízo.” Sobre a forma de utilização dos novos espaços esportivos, a matéria indica que “todos os dias, centenas de crianças atravessam os portões da Arena Pantanal em Cuiabá. Mas elas não estão indo a um jogo de futebol – estão indo para a escola.” Isso porque o estádio que foi construído para receber quatro partidas do Mundial, desde o ano de 2017 também está funcionando como um dos colégios da rede estadual de ensino e recebe trezentos alunos com faixa etária de doze a dezessete anos. (TRÊS ANOS..., 2017, não p.). Essa foi a forma que o governador do estado, à época, encontrou para dar utilidade ao referido aparelho esportivo (FERNANDES, 2017), que até este momento não conseguiu atrair um numeroso público para a sua essencial finalidade – abrigar partidas de futebol.

Por esta razão, a principal renda destinada a cobrir os custos da Arena Pantanal vem do governo estadual que, por mês, destina cerca de R\$ 700.000,00 (setecentos mil reais) para a sua sustentação. E essa

situação não se restringe ao estádio de Cuiabá, atualmente, cinco aparelhos esportivos brasileiros designados a atender a Copa do Mundo de Futebol “sofrem para preencher as cadeiras e conseguir cobrir os altos gastos de manutenção.” Dentre as doze cidades-sedes, Brasília, Cuiabá, Manaus, Natal e Recife representam os locais que receberam jogos do Mundial de 2014, mas que o público presente não consegue encher os estádios. Os estádios dessas cidades são considerados “os ‘elefantes brancos’ por serem, de longe, os mais vazios e com mais desafios para eliminar os prejuízos.” (TRÊS ANOS..., 2017, não p.).

No caso de Brasília, Cuiabá, Manaus e Natal, os times de futebol e o comparecimento de público nos estádios locais já apresentavam pouca expressividade antes da reforma ou construção das arenas multiuso. Considerando as cinco cidades-sedes com o menor número de comparecimento de público nos aparelhos esportivos edificados para a Copa de 2014, Recife é a única delas que, à época, justificava a construção de um novo espaço esportivo, por ter “três clubes fortes e tradicionais, mas a Arena Pernambuco, construída em um local afastado da capital, não tem atraído torcedores como se esperava e agora também sofre para fechar as contas.” (*Id. loc. cit.*).

Na contramão do caminho que poderia contribuir para restaurar o futebol local, estão as despesas para a ocorrência de jogos na Arena Pantanal. Devido aos altos custos dos requisitos necessários para a realização de um evento esportivo neste espaço de jogo, que são assumidos pelos times de futebol, jogar na Arena Pantanal significa demasiados gastos e dificulta uma estruturação financeira dos times locais.

Hoje pra se jogar na Arena Pantanal tem um custo muito alto. Você precisa pagar segurança. Por quê? Por conta do profissionalismo que o futebol chegou. O Estatuto do Torcedor hoje é extremante rígido. Você precisa ter uma quantidade de segurança por pessoas que entrar na Arena. Você precisa ter as pessoas que vão higien-

zar os banheiros, que precisam estar extremamente limpos. Tem que ter papel higiênico, sabão. Você tem que pagar a taxa da polícia, você tem que ter ambulância com médico, socorrista. Você tem uma série de coisa que você precisa pagar pra jogar na Arena. Sem contar os outros custos que o governo não nos cobra, que teoricamente deveria cobrar, por exemplo, a energia ele não cobra, manutenção da Arena ele não cobra, porque existe uma depreciação, existe um desgaste que deveria ser cobrado. Só que os clubes, os times daqui não tem condição financeira de pagar nem essas estruturas básicas, hoje, sem pagar a taxa de manutenção ou algo assim, um jogo na Arena Pantanal sai por aproximadamente R\$ 6.000,00 [seis mil reais]. Entendeu? Pra você ter, quando dá bom público, quinhentas pessoas pagando R\$ 20,00 [vinte reais]. Então é complicado hoje, pra fazer futebol. Aí vira uma bola de neve. Uma série de dificuldades e problemas que vão se somando até virar um problemão. (FA/JO – 33 anos).

O Estatuto de Defesa do Torcedor, representado pela Lei nº 10.671 de 15 de maio de 2003 – sancionada pelo então presidente do Brasil, o senhor Luiz Inácio Lula da Silva, dispõe sobre os direitos a conforto e segurança ao público que frequenta os espaços de eventos esportivos, voltados principalmente aos estádios de futebol brasileiros. Dentre os parâmetros descritos no referido Estatuto, está o direito à segurança no local de jogos, descrito no Artigo 13 e direito à higiene e à qualidade das instalações físicas, com um número suficiente de sanitários limpos e em pleno funcionamento, previsto no Artigo 28. (BRASIL, 2003).

Esperou-se, a partir da Lei nº 10.671/2003, melhorias no tratamento do torcedor partícipe e, com a sua aprovação, ficou evidente “a ação por parte do governo, imprensa e dirigentes no sentido de aumentar o número de pessoas nos estádios e proporcionar uma opção de segurança de entretenimento para a sociedade.” (SOUZA, 2004, p. 4).

Contudo, em uma matéria propositiva aos dez anos da implantação do Estatuto do Torcedor, publicada no site UOL Esportes, no dia 15 de maio de 2013, é mencionado que, em sua função principal, o referido

Estatuto não foi efetivo. Na época da publicação da matéria, questões referentes ao direito de acessar o lugar marcado e informado no ingresso e segurança nos estádios foram pontos discutidos como não eficazes em sua primeira década de vigência. Segundo o que é divulgado, somente nos setores mais caros e de jogos mais importantes os lugares marcados são respeitados. Na quase absoluta oferta de eventos esportivos relacionados ao futebol, “[...] Você ganha o ingresso numerado, mas só escolhe o setor. O lugar é aleatório [...] o número no ingresso é mera formalidade.” (ESTATUTO..., 2013, não p.). E isso compromete a efetiva promoção do conceito conforto nos estádios.

Outra ocorrência que tem comprometido o quesito conforto nos estádios de futebol brasileiro é o tempo de espera em longas filas, seja para comprar o ingresso, passar pela revista ao entrar nos estádios e/ou para comprar alimentos e bebidas no momento do intervalo. E isso ocorre mesmo em jogos com pouco público, visto que neles é diminuída a quantidade de bilheteria, portarias e guichês da praça de alimentação.

Quanto ao quesito segurança, “em dez anos, brigas entre torcedores só aumentaram”, e, mesmo com a alteração no texto da Lei nº 10.671/2003, ocorrida no ano de 2010, que tratam como criminosas as condutas violentas ocorridas em eventos esportivos e prevê multa e dois anos de detenção ao torcedor que adotar conduta violenta por atitude, xingamentos ou uso de determinadas músicas, o ano de 2012 foi considerado o período da história com mais mortes relacionadas ao esporte futebol. (ESTATUTO..., 2013, não p.).

Diante das formalizações para garantir o binômio conforto e segurança nos estádios do país, que sustentaram os entonados discursos que clamavam pela modernização do futebol brasileiro, os ajustes estruturais foram impostos para determinados aparelhos esportivos, mas não garantiram a efetiva prestação desses serviços. Isso, pois, “o binômio conforto-

segurança, pilares da modernização do esporte em todo o mundo, não foram, até o momento, alcançados com sucesso nas arenas brasileiras [...]. Este é o grande gargalo da modernização do futebol brasileiro.” (OLIVEIRA, 2015, p. 23).

Contudo, mesmo não conseguindo alcançar as medidas necessárias para que o público dos estádios brasileiros vivesse experiências relacionadas ao conforto e segurança, às partidas de futebol foram agregados altos custos, elevando os preços de ingressos, tanto para os novos quanto para os antigos aparelhos esportivos do país, o que tem contribuído para espantar o público dos estádios.

Aumentados os custos financeiros na organização das partidas, mas diminuído o público em consequência desses valores, os times de futebol começaram a encontrar muito mais dificuldades em continuar funcionando.

Relacionando essas ocorrências ao futebol mato-grossense, a respeito dos custos financeiros gerados pelas disputas ocorridas na Arena Pantanal, os borderôs informaram que em todos os jogos da Copa FMF de 2019, as despesas foram superiores às rendas obtidas.

Porém, os custos totais para jogar na Arena Pantanal não se mostram superiores em todos os momentos, em relação aos custos totais gerados nos demais estádios utilizados para as disputas. Como exemplo disso, das duas semifinais – jogo de ida e jogo de volta, ocorridas entre os times Mixto Esporte Clube e Luverdense Esporte Clube, a disputa realizada no Estádio Passo das Emas teve uma despesa maior do que a disputa ocorrida na Arena Pantanal. Quanto à primeira disputa da semifinal, realizada na Arena Pantanal, o total de despesas foi de R\$ 3.536,12 (três mil quinhentos e trinta e seis reais e doze centavos), enquanto a segunda disputa, realizada no Estádio Passo das Emas, as despesas totais foram de R\$ 3.947,68 (três mil novecentos e quarenta e sete reais e sessenta e oito centavos). Essa diferença ocorreu mesmo não havendo custos de aluguel

do campo no Estádio Passo das Emas, enquanto na Arena Pantanal foi registrado o custo do aluguel em R\$ 260,80 (duzentos e sessenta reais e oitenta centavos). Assim, considera-se que a estrutura da Arena Pantanal não onera os jogos para os times de futebol local, o que tem, de fato, encarecido as partidas de futebol, são os projetos mal desenvolvidos de modernização do futebol brasileiro, dos quais os “superestádios” recém inseridos no Brasil fazem parte.

Seguindo no sentido contrário do que poderia contribuir para a retomada de crescimento do futebol mato-grossense, da prerrogativa de atrair maior quantidade de público ao estádio, foram identificados os valores praticados na venda de ingressos e de outros itens de consumo, vendidos no interior da Arena Pantanal, o que pode dificultar a adesão de público nos jogos disputados no referido aparelho esportivo. Neste ponto, a compreensão dos sujeitos entrevistados sugere que os custos para assistir a uma partida de futebol elitizou o acesso e contribuiu para o afastamento do público do novo espaço de jogos da cidade de Cuiabá.

Hoje tem tribuna de honra, tem camarote e tem os espaços que é área um, área dois. São bem mais caro, entendeu? Então eu acho que isso aí também afugenta um pouco o torcedor do estádio. Até porque tudo no Brasil sobe, o único que não sobe é só o salário mínimo. [...] se paga entrada, seu filho quer um cachorro quente, um suco, se gasta R\$ 100,00 [cem reais]. Entendeu? E R\$ 100,00 [cem reais] você vai no mercado e faz uma comprinha e você dura uma semana com ela, comendo e bebendo. Então, é por isso que eu falo, também contribuiu, depois da Arena, agora, também contribuiu pro público afugentar do estádio, é o preço que é muito caro. [...] No Verdão era bem mais barato. E eu acho que o custo de vida na época era bem melhor que hoje, também. Hoje também está muito caro. [...] Então você vê que mudou muito no Brasil e mudou muito no nosso estado. E da Arena pro Verdão. (EZ – 58 anos).

De alguma maneira, transformações no futebol brasileiro necessitavam acontecer e as receitas dos clubes precisavam ser ampliadas.

Assim, o aumento do preço dos ingressos para assistir aos jogos foi uma das políticas previstas para acrescer o ganho financeiro dos clubes. Porém, existia a dificuldade em potencializar os ganhos por essa via em decorrência do tipo de “espetáculo” que estava sendo oferecido. A “falta de infraestrutura dos estádios: a precariedade das instalações, a falta de conforto, de segurança, de estacionamento e de praças de alimentação”, eram os itens mais queixados entre as classes média e alta, que não se sentiam atraídas para frequentar os estádios. Em atenção a esse público, era preciso transformar o torcedor em cliente para que, assim, fosse possível “cobrar melhor preço pelo ingresso.” (AIDAR, 2010, p. 32).

E a Copa do Mundo de 2014 foi pensada como uma grande oportunidade para que alguns dos estádios fossem reformados com uma estrutura ideal para atender às demandas das classes média e alta e, também, o Mundial, “seria uma janela de oportunidades para solucionar problemas de segurança e transporte.” (*Ibid.*, p. 33).

Esse processo de encarecimento dos ingressos nos estádios brasileiros, em parte por decorrência da “arenização”, insere-se no processo mais amplo de elitização e foi procedido de forma consciente por parte de todos os gestores do futebol do país.

O perfil econômico exigido nos novos padrões dos estádios brasileiros recruta o torcedor que possui melhor renda,

No lugar de apaixonados das classes mais pobres que se submetiam a tudo para acompanhar seu time de coração, a nova cara dos estádios brasileiros deveria ser um público de classe média, disposto a gastar muito para obter uma experiência de entretenimento completa, que envolva toda a família em torno da partida de futebol e de outras opções de lazer à disposição no mesmo espaço físico em que se desenrola o jogo. Para dar conta das novas demandas dos espectadores (e garantir lucro máximo aos clu-

bes e parceiros), surge o conceito de arena multiuso, que substitui o velho estádio de futebol. (OLIVEIRA, 2015, p. 45).

O efeito colateral dessas reformulações resulta em torcedores que se sentiram acuados economicamente e foram se distanciando dos estádios, o que é possível ser verificado nos aparelhos esportivos de muitas localidades, as arquibancadas continuaram vazias. Se antes por causa da falta de estrutura física dos estádios, hoje, também, por conta dos custos elevados para assistir ao vivo uma partida de futebol.

Por conta disso, as arrecadações de muitos clubes continuam baixas, principalmente aqueles que estão fora do circuito central do futebol brasileiro, como é o caso da maioria dos times de futebol do estado de Mato Grosso.

Desse modo, a reestruturação dos estádios brasileiros e a mudança do público-alvo, principalmente em decorrência do vigoroso aumento dos preços dos ingressos, destinou ao Brasil o título de país com os bilhetes “mais caros do mundo e impediu a presença maciça e regular de pobres nas novas arenas.” (OLIVEIRA, 2015, p. 45).

Levando em conta, também que a manutenção dos estádios depende, em parte, da arrecadação dos jogos e, no caso da Arena Pantanal, essa arrecadação, taxada em aluguel do campo, é em média de 8%, a baixa frequência de público nos estádios impacta igualmente na conservação dos aparelhos esportivos brasileiros.

Comparando a baixa arrecadação de aluguel do campo e os custos de manutenção da Arena Pantanal, arcados pelo Governo do Estado, pode-se afirmar que, atualmente, esse aparelho esportivo representa um prejuízo aos cofres públicos do estado de Mato Grosso.

É preciso ponderar aqui, que as dificuldades no futebol mato-grossense antes da construção da Arena Pantanal já eram diversas e significativas. Os times de futebol local já estavam em grave crise financeira, as arquibancadas do Estádio Verdão já apresentavam baixa ocupação. Diante dos fatos, pode-se considerar que não havia uma demanda local pela construção da Arena Pantanal. Porém, expectativas foram criadas quando se afixou à população que ocorreria o crescimento do futebol mato-grossense com a construção do novo aparelho esportivo no estado.

Na entrevista cedida no dia 17 de maio de 2013, para o site Globo Esporte, o então secretário da SECOPA, senhor Maurício Guimarães, garantiu que a Arena Pantanal seria um empreendimento rentável, capaz de atrair público para os espaços projetados: shopping centers, restaurantes, espaços de lazer, hotel, “entre outros atrativos.” Ao ser questionado sobre a baixa média de público no estádio, o senhor Maurício respondeu “Sabemos que a média de público não é muito alta, mas estamos tranquilos quanto a isso. A arena foi pensada para receber não só partidas de futebol, mas shows, eventos, convenções. Além disso, a população ganhará lojas, opções de lazer em seu entorno, hotel. [...]” Sobre a baixa média de público apresentada na principal competição do estado, que por si só contrastou com a construção do novo aparelho esportivo, visto que somente quando somadas as setenta e oito partidas do Campeonato Mato-grossense daquele ano, que totalizou um público de quarenta e quatro mil novecentos e vinte e seis pagantes, daria para ocupar todo o espaço da Arena Pantanal, ao discorrer sobre o assunto, o secretário fez projeções para um crescimento de público e de renda dos times locais após a Copa de 2014. Segundo ele, em 2013, após o mundial, os clubes de Mato Grosso tenderiam “a aumentar suas receitas e chamar mais público com um espaço como a arena, já que ela por si só é um atrativo para o torcedor.” (SOMA DE PÚBLICO..., 2013, não p.).

Contudo, ao verificar os documentos disponibilizados pela FMF, é possível concluir que, até novembro de 2019, a média de ocupação da Arena Pantanal é muito baixa, os times locais amontoam prejuízos e o futebol local continua com sérias dificuldades de continuar existindo.

Dos percalços vividos pelo futebol mato-grossense às dúvidas sobre a relevância de uma estrutura como a Arena Pantanal, segue a depreciação da atual maior estrutura esportiva mato-grossense. Os usos inadequados e as irrisórias manutenções têm provocado o entendimento de que a precariedade por falta de custeamento, a não conclusão das obras e os valores dos ingressos, afastam o público da Arena Pantanal.

5.4 A estrutura arquitetônica e a relação de familiaridade com o espaço de jogo: o Verdão e a Arena Pantanal constituídos no cenário futebolístico mato-grossense

Quando um local tem o potencial de representar um tipo de produção cultural a uma significativa parcela da população e contribui para construir e descrever a história de uma cidade, ele passa, também, a significar um importante patrimônio arquitetônico e cultural que precisa ser valorizado e preservado.

Por patrimônio entende-se, assim como Londres (2001), tudo aquilo que as pessoas criam, atribuem valor e que desejam preservar, podendo ser monumentos e obras de arte – que são entendidos como patrimônios materiais, ou festas músicas e danças – que são entendidos como patrimônios imateriais.

Motivo a mais para uma população zelar por um determinado patrimônio é o caso dela já ter vivido a perda de uma importante estrutura arquitetônica urbana, como aconteceu na capital mato-grossense quando ocorreu a demolição da Catedral Metropolitana Basílica do Senhor de

Bom Jesus de Cuiabá, na data de 14 de agosto de 1968, determinada pelo pensamento modernizante instalado no estado de Mato Grosso, na década de 1960.

Brandão (1997, p. 292), ao mencionar a demolição da outrora Catedral cuiabana e o seu impacto negativo sobre os cidadãos, indica a possibilidade do surgimento, a partir daí, de um movimento preservacionista com potencial de impedir que outras estruturas arquitetônicas tão representativas à cidade, poderiam ser evitadas. Na menção da autora, a “primeira grande perda” gera uma força simbólica capaz de coligar a memória coletiva de uma população, a ponto de produzir um “estado de alerta” e possibilita uma mobilização de setores da sociedade civil em defesa de seu patrimônio, tão logo seja ele novamente ameaçado ou atingido. É o acionamento dessa memória que impele a ação.”

No entanto, não foi esse o comportamento desencadeado na população cuiabana quando os setores públicos anunciaram que o Estádio Verdão seria demolido para a construção de uma nova praça esportiva em seu lugar, em atenção à Copa do Mundo de 2014. Ao contrário disso, tímidas oposições foram manifestadas, mas nenhum ato foi suficientemente significativo a ponto de impedir que o antigo maior aparelho esportivo de Mato Grosso fosse demolido.

E, no ano de 2010, o Estádio Verdão foi completamente apagado do cenário arquitetônico da capital mato-grossense sob causa, aparentemente, mais ligadas aos efeitos produzidos pela nova estrutura predial em si do que pelo seu desígnio. Assim, a demolição foi afirmada como a melhor opção àqueles que, impressionados e encantados com a beleza do novo edifício esportivo, mostraram-se convencidos da necessidade de uma versão mais moderna do maior espaço local de ocorrência do esporte futebol.

O último jogo disputado no gramado do Verdão correspondeu à partida final da Copa Mato Grosso de Futebol, que ocorreu no dia

7 de dezembro de 2009, entre os times Sociedade Esportiva Vila Aurora *versus* Cuiabá Esporte Clube, valendo, nessa disputa, uma vaga para a Série D do Campeonato Brasileiro de Futebol. Essa competição encerrou as atividades do estádio, construído a partir da aclamação popular e que abrigou os maiores jogos da história do futebol mato-grossense.

Daquele que representou a oportunidade do futebol de Mato Grosso alcançar patamares inéditos ao esporte local, resta os fragmentos registrados na memória¹²² dos desportistas que, de certa maneira, constituem, também, a história do Estádio Governador José Fragelli – Verdão.

Certos da importância do registro textual das lembranças do que foi vivido no aparelho esportivo, outrora mais importante do estado, e do que está sendo construído no imaginário dos agentes esportivos que participaram deste estudo, a partir da estruturação da mais jovem e maior praça esportiva do estado de Mato Grosso, apresentam-se, aqui, as representações explicitadas pelos doze sujeitos entrevistados que, devido ao compartilhamento de parte de suas memórias futebolísticas, viabilizaram o estabelecimento da relação de familiaridade entre a estrutura arquitetônica do Estádio Verdão e da Arena Pantanal. Deste ponto, procura-se, também, compreender como essas relações contribuem para a formação da identidade futebolística de determinados sujeitos atuantes no futebol mato-grossense.

Para tanto, foram buscadas informações sobre os contatos iniciais com o Estádio Verdão e com a Arena Pantanal, para que fosse possível apreender o máximo de informações a respeito do primórdio das relações de afeto – importantes na constituição do sentimento de pertencimento

122 Neste texto, a memória é tratada de acordo com a perspectiva de Teixeira (2003, p. 36), que indica que a memória apresenta-se como elemento fundamental “cuja articulação dá sentido à própria identidade”. Neste sentido, a autora, citando Velho (1994, p. 101), refere que a memória está constituída de “visões retrospectivas e prospectivas que situam o indivíduo, suas motivações e o significado de suas ações, dentro de uma conjuntura de vida, na sucessão das etapas de sua trajetória”.

e formação de identidade, estabelecidas com esses dois espaços de jogo de futebol.

Obedecendo à ordem cronológica em que essas relações puderam ser estabelecidas, apresenta-se, inicialmente, o que representou para o futebol local o Estádio Verdão e, na sequência, é abordado o significado atribuído à Arena Pantanal pelos sujeitos participantes dessa investigação.

Sobre a apresentação do Estádio Governador José Fragelli – Verdão à sociedade mato-grossense, na consideração de um dos entrevistados que esteve presente na primeira inauguração, ocorrida no dia 12 de março de 1975, esse evento significou um marco muito importante na transição do futebol mato-grossense e, principalmente, proporcionou a ele – sujeito entrevistado, o ingresso na história desse aparelho esportivo e, também, possibilitou ver o sonho dos desportistas locais ser realizado.

[...] a gente faz parte da história né!? Isso aí, eu acho que eu fiz parte da história da inauguração. Então é uma sensação grande, o estádio dentro das possibilidades estava lotado né!? Da área que foi oferecida estava lotada, né!? E então a gente estava acostumado no Dutrinha, tudo, torcida pouca, né!? De repente eu estava jogando num, eu não lembro, parece que nesse dia, uma avaliação aproximada de umas vinte mil pessoas mais ou menos, entre a geral e a arquibancada. Nessa pré-inauguração, entendeu? Então é muito emocionante, né!? Você sair de um estádio pequeno como o Dutrinha e ir para um estádio que seria a nossa próxima casa, igual você sair de uma casa pequena e ir para uma mansão, certo? Então a sensação é muito boa, é um sonho nosso se realizando, é muito legal. E assim, também, depois da inauguração, nós passamos aí uns dez anos ainda, o futebol bom, rendas boas. Dez mil, doze mil, vinte mil pessoas no Verdão, né!? (RU – 76 anos).

A participação ativa dos desportistas locais, desde as manifestações para a construção de um novo aparelho esportivo em Cuiabá até a participação na cerimônia de inauguração e de muitas partidas ocorridas no Estádio Verdão, despertou neles o sentimento de pertencimento que,

segundo Bauman (2005), é tão necessário para a constituição da identidade que, por sua vez, dispõem valores, ações, concepções, preferências. E isso só é possível quando as pessoas são sensibilizadas, quando elas são e estão envolvidas efetivamente nas dinâmicas sociais que movimentam a sua comunidade.

Participar dos primeiros atos de apresentação ao público do estádio, que possibilitou a projeção do futebol local a um patamar inédito, assistido por um grande número de cidadãos, com a conquista de uma vaga para a região no campeonato de abrangência nacional, despertou nos sujeitos que vivenciaram esse momento o sentimento de pertencer e de contribuir para as alterações mais significativas da história do futebol mato-grossense. Essas alterações foram efetivamente produzidas por toda a sociedade esportiva do estado, quando procederam com incisivas solicitações por um estádio que desse suporte ao crescimento do futebol, além daquele que já estava acontecendo na cidade e em seu entorno, à época.

Reconhece-se, em cada ganho de espaço para as disputas de jogos de futebol na cidade de Cuiabá, desde quando esse esporte era disputado no Campo D'Ourique, como alterações efetivas na história da modalidade de futebol desta região. Contudo, a ênfase dada às alterações ocorridas com a inauguração do Estádio Verdão, quando é anunciada neste estudo como mais significativas, se sustenta pelo número de times que estavam em evidência nesta localidade, em que o futebol era disputado, internamente, com maior equilíbrio e rivalidade entre as equipes, de maneira que, no período do surgimento do Estádio Verdão, diferentes times e torcidas existentes no estado foram beneficiadas e a história do futebol local começou a ser delineada junto a alguns clubes de grande prestígio nacional, mesmo que por aproximadamente uma década.

É verificado, assim, que as restrições de espaço de grande envolvimento de público no estado de Mato Grosso, na década de 1970, contribuíram

para que o Estádio Verdão aparecesse aos mato-grossenses como um monumento com potencial empreendedor às atividades de lazer e para o desenvolvimento do esporte local. Neste ponto, percebe-se, tal como Assumpção (2004, p. 144), que “o estádio de futebol é uma representação coletiva inserida em uma dinâmica social estrategicamente abrangente.”

O estádio, que por muitos anos representou uma arquitetura magnífica na cidade de Cuiabá, ainda não foi substituído no quesito espaço de jogo mais representativo ao futebol mato-grossense. Eternizado na lembrança dos desportistas participantes desse estudo, graças aos lances memoráveis e à expressiva participação de público, o Estádio Verdão atua sobre o presente, servindo de referência do que era antes para relatar como o futebol mato-grossense é agora.

Pelas lembranças suscitadas no decorrer das entrevistas foi possível verificar e entender o significado do Estádio Verdão para o futebol mato-grossense, sendo eleito como seu melhor representante, quando os participantes desse estudo associam o referido aparelho esportivo ao auge do futebol local.

Olha, o Verdão representou, assim, o momento mais marcante do futebol mato-grossense. O momento mais marcante do futebol mato-grossense pras pessoas da baixada cuiabana. Pra baixada cuiabana. É porque foi aquele momento de saída do Dutra, do Estádio Presidente Dutra pro Verdão. Aquela coisa assim que marcou a história do futebol mato-grossense. Principalmente de Mixto e Operário de Várzea Grande, que são os dois maiores times que tem de potencial de torcida aqui no estado [...]. (ED – 52 anos).

Cabe aqui frisar que o apogeu do Estádio Verdão coincide, em grande parte, com o momento de glórias e de domínio dos times tradicionais de Cuiabá e Várzea Grande, a saber: Clube Esportivo Operário Várzea-grandense, Dom Bosco Esporte Clube e Mixto Esporte Clube.

Assim, a relação de identidade dos torcedores com o Estádio Verdão, segundo os entrevistados, é mais forte entre os torcedores dos times tradicionais do estado, principalmente do Mixto e do Operário.

A afinidade entre o espaço de jogo anterior e o futebol local, informada nas menções apresentadas acima, abriga um código entre um espaço habitual e os times tradicionais. Para Bauman (2005), aquilo que já está conhecido, sentido, identificado, produz efeitos de pertencimento incontroversos que contrapõem-se aos modelos globalizantes, que tornam comum, em nível planetário, os problemas, os desejos e as necessidades.

Desse modo, pode-se considerar que a relação dos times tradicionais com o Estádio Verdão, marcada pela apropriação desse lugar e pelas emoções ali experimentadas, principalmente em seus momentos de glória, proporcionou a territorialização do maior espaço de jogo cuiabano de outrora. Dito isso, em consideração às menções de Raffestin (1993), nas quais indica que a territorialização do espaço resulta da apropriação do local a partir do domínio ali estabelecido. É via construção de valores e atitudes, proporcionadores das relações de pertencimento ao lugar e da constituição da identidade cultural e política, que os atores sociais tornam o espaço um território. Assim, pode-se considerar que o território é um produto dos atores sociais, que pode ser consumido ou vivenciado por eles a partir da sua atuação como meio.

Essa relação do sujeito com o espaço também define a concepção sociológica de lugar – necessariamente histórico que, segundo Augé (1994, p. 36), é tomado de significado e tradição – “aquela de cultura localizada no tempo e no espaço.” Sendo assim, o espaço se constitui como um lugar a partir do momento em que se torna possível conjugar, ali, identidades e relações.

Em uma perspectiva de verificação comparativa entre o Estádio Verdão e a Arena Pantanal, na função de pontuar como as vivências esportivas

foram e são configuradas nos maiores espaços de jogo de futebol do estado de Mato Grosso e, assim, compreender as atribuições de significados ao futebol mato-grossense, emitidas pelos sujeitos investigados, constatou-se significativas diferenças nas possibilidades de estar e manifestar atitudes de torcedores, entre os dois aparelhos esportivos citados.

Uma questão que foi recorrente nas falas dos entrevistados, quando distinguiam as possibilidades de ocupação pelas torcidas nos dois aparelhos esportivos de interesse desse estudo, reflete a identificação da localização de cada uma delas. Segundo os sujeitos entrevistados, quando da existência do Estádio Verdão para o futebol mato-grossense, as torcidas dos times tradicionais tinham um lugar cativo nas arquibancadas, que já estava bem demarcado e registrado pelos frequentadores do referido estádio. Isso refletia a ocupação do Estádio Verdão pelas torcidas dos times tradicionais locais e proporcionava a elas uma identificação com o estádio.

[...] no Verdão, ele teve localização de torcida. [...] havia uma identificação pelas torcidas. Então metade do estádio do Verdão era do Mixto, do lado de quem chegava, do lado esquerdo era todo do Mixto. Do lado esquerdo do Operário, da direita do Dom Bosco. Então a localização já estava bem definida. Então iam com suas bandeiras, com suas faixas, o povo ia, naquele tempo, levava fanfarra, batuque, fogos, tudo isso podia. (HE – 73 anos).

Na elocução de um dos entrevistados, o padrão de ocupação do espaço de arquibancada ainda acontece na Arena Pantanal, o que está diferente, atualmente, é o time que tem prioridade no espaço.

[...] no Verdão e no Dutrinha, tinha um padrão de ocupação do espaço por parte da torcida. E o padrão persiste até hoje, nós temos a área leste, que é nossa, é da Fúria [torcida organizada do time de futebol Cuiabá Esporte Clube]. A área oeste que é da Raça, o Peixe [outra torcida organizada do time de futebol Cuiabá Esporte Clube] e as outras menores podem escolher e ficar do lado de cá. Nós temos um padrão de ocupação, que é nosso, nós

somos a torcida mais organizada, que tem mais faixa, então a gente fica na frente da câmera. E as outras torcidas, elas vão ocupar outros espaços. (DA – 44 anos).

A divisão dos estádios em setores e a ocupação específica de cada um deles define, também, o território das torcidas. As torcidas possuem determinados espaços no estádio que, por ocupação recorrente, tornam-se parte da produção identitária de cada uma delas. A forma de ocupação das torcidas, principalmente as organizadas, reflete a organização da distribuição, de certo modo muito intencional, do público que assiste aos jogos no estádio, de acordo com a sua preferência clubística.

Não foram identificadas referências técnicas que especificam os critérios que determinam onde cada torcida deve se posicionar. O que foi verificado, nas informações apresentadas pelos sujeitos entrevistados, é que há uma prática de zoneamento definida pelo poder¹²³ exercido por cada time de futebol. O time que tem maior prestígio futebolístico, maior torcida atuante, maior número de partidas disputadas, é posicionado em um setor privilegiado do estádio, geralmente aquele que é apresentado nas transmissões da TV.

Isso acontece em consideração de que, segundo Hansen e Gauthier (1989 *apud* SILVEIRA, 2015), as equipes de futebol que apresentam melhor desempenho, tem o potencial de atrair maior número de público para os estádios.

123 A concepção de poder apresentada associa-se às ideias de poder simbólico, indicado por Bourdieu (1989, p. 9-10) como sendo “um poder de construção da realidade de que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica*: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo que Durkheim chama *conformismo lógico*, quer dizer, ‘uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências’. Durkheim – ou, depois dele, Radcliffi-Brown, que faz assentar a ‘solidariedade social’ no fato de participar de um sistema simbólico – tem o mérito de designar explicitamente a *função social*”. BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil. S.A., 1989.

Assim, é possível entender os critérios subjetivos que criam as prioridades de alocação das torcidas em cada setor, ainda mais pelo fato da Arena Pantanal, assim como era o Estádio Verdão, ser um aparelho esportivo gerido pelo Governo do Estado de Mato Grosso, portanto, é a “casa” de todos os times locais. E, não pertencendo exclusivamente a somente um time, as demarcações dos espaços nos maiores aparelhos esportivos do estado de Mato Grosso, o de outrora e do atual, foram adotadas tradicionalmente como território daqueles que apresentam, ou apresentaram, maior representatividade no futebol local.

Na referência à localização da torcida dos times tradicionais mato-grossenses no estádio de outrora, feita por um dos entrevistados cuja identificação está estabelecida com esses times e, na referência à localização da torcida do time contemporâneo no atual aparelho esportivo de Cuiabá, apresentada por um dos entrevistados que se relaciona com o referido time, pode-se verificar como se processa a afinidade com o lugar, a partir da conjugação da relação identitária ali estabelecida, definida por Augé (1994) na estabilidade mínima com o espaço e que, segundo Certeau (1998), é conquistada pela vivência cotidiana.

A partir dessa reflexão, é possível considerar que havia maior familiaridade e apropriação do Estádio Verdão pelas torcidas dos times tradicionais, que tiveram seus momentos de glória registrados no gramado do referido aparelho esportivo e, conseqüentemente, suas respectivas torcidas ocupavam grande parte das arquibancadas e registraram dali as melhores experiências com o seu “time do coração”. O mesmo percebe-se acontecendo com a torcida do time contemporâneo, como a inauguração da Arena Pantanal coincidiu com o período de ascensão do Cuiabá Esporte Clube, a sua torcida está estabelecendo uma relação de afetividade com o novo aparelho esportivo da cidade, determinante para o sentimento de pertencimento e formação de identidade, que podem ser

compreendidos pelas referências de Bauman (2005), em sua apresentação dos mecanismos sociais inerentes ao interesse e o desinteresse dos indivíduos e suas consequências nas práticas e costumes de uma comunidade, que inferem sobre a perspectiva histórica, política, sociocultural e psicossocial.

É possível, então, compreender, a partir das ideias de Raffestin (1993), que a torcida do time contemporâneo da cidade de Cuiabá, está se apropriando e transformando o espaço da Arena Pantanal em seu território e manifestam a sua relação de poder traduzida na forma como consomem ou vivenciam suas experiências de torcedores. Desse modo, a partir de uma realidade empírica, o novo aparelho esportivo da cidade de Cuiabá está sendo representado por um público que, mesmo não tendo participado de sua elaboração, tomaram-no por territorialidade.

Por essa questão, entende-se, aqui, que o pertencimento clubístico contribui para a criação de vínculo com o estádio de futebol e é pela intensidade das experiências positivas vivida em cada um dos aparelhos esportivos, o de outrora e o atual, que se constituiu e se constitui o engajamento emocional do torcedor local com o Estádio Verdão e com a Arena Pantanal.

Quanto aos hábitos de torcer, um aspecto referido pelos agentes esportivos participantes desta investigação, no Estádio Verdão alguns costumes dos torcedores eram estimulados devido à distância entre o campo de jogo e a arquibancada. Isso, de acordo com os sujeitos entrevistados, criou nos torcedores o hábito de assistir aos jogos utilizando um radinho de pilha, como recurso para acompanhar cada lance do jogo.

Eu lembro que parte dos torcedores da geral, eles usavam um radinho, uns radinhos, acompanhavam o jogo ouvindo o radinho, era muito comum isso no Verdão, acompanhar o jogo ouvindo num radinho a narração. E tinha um negócio bacana que era o seguinte, eu lembro muito bem dessas imagens, negócio engraçado, que era a gente da torcida organizada, ficava lá pulando e cantando, e esse

pessoal da geral, eles acompanhavam os jogadores, então assim, o jogador estava no meio de campo com a bola, aí ele vem conduzindo a bola, o cara do radinho ele ia, ele corria junto, então, a bola vem pra cá o cara vinha pra cá, a bola ia pra lá, o cara ia pra lá. Você tinha mobilidade ali. Entendeu? Você tinha mobilidade. Esse tipo de coisa você não consegue fazer na Arena Pantanal, você está engessado ali, nas cadeiras. (FA/BR – 33 anos).

Pela interpretação das novas regras estabelecidas para adentrar ao espaço de jogo, que proíbe o porte de qualquer objeto que possa ser arremessado no interior do recinto esportivo, o rádio de pilha, tão usado nos jogos ocorridos no Estádio Verdão, foi abolido para os torcedores que frequentam a Arena Pantanal.

Com todas as mudanças decorrentes da reestruturação do aparelho esportivo mato-grossense, assistir uma partida de futebol, atualmente, requer do antigo torcedor uma reestruturação de seu comportamento. Ainda há a transmissão dos jogos pelas emissoras de rádio do estado, porém, pelas novas regras impostas no Estatuto do Torcedor, não é mais possível usufruir desse recurso utilizando o aparelho de rádio dentro dos estádios.

Esse assunto ainda gera muito estranhamento e polêmica em vários lugares do país. Ainda não ficou bem esclarecido se a proibição da utilização do tradicional rádio de pilha está respaldada pelo Estatuto do Torcedor. Por isso, alguns torcedores são surpreendidos quando são obrigados a se desfazer desse objeto nas áreas de revista, como ocorreu, por exemplo, no jogo do time América Futebol Clube contra o ABC Futebol Clube, que foi disputado no dia 27 de janeiro de 2018 pelo Campeonato Potiguar. Neste jogo, a Polícia Militar do Rio Grande do Norte apreendeu os radinhos de pilha dos torcedores logo na entrada da Arena das Dunas, “inclusive o de um cego.” Os policiais alegaram que receberam ordem para impedir a entrada de torcedores organizados “com

objetos que pudessem ser atirados no gramado ou usados como arma.” Esse caso foi noticiado em tom de crítica e considerado pela imprensa escrita uma atitude abusiva e de total desconhecimento da real utilidade desse objeto no estádio. Segundo a matéria intitulada “Som de rádio no estádio, não há nada igual, nem haverá tão cedo”, publicada no dia 2 de fevereiro de 2018 no site Carta Capital, em sua página Chuteira F. C., é indicado que o objetivo primordial de quem leva o rádio ao estádio é acompanhar com mais precisão cada lance do jogo, inclusive descobrir de imediato quem fez o último gol. Nessa mesma matéria, é indicado que “[...] a emoção de ouvir o jogo no radinho segue inigualável, sem o maldito *delay* e, no caso dos cegos, insubstituível; e que, salvo num momento de descontrole absoluto, raramente um deles vai parar dentro do gramado [...]” (SOM DE RÁDIO..., 2018, não p.).

Outra ocorrência de apreensão dos rádios de pilha aconteceu no jogo entre Sport Club Internacional e Club Atlético River Plate¹²⁴, disputado no dia 3 de abril de 2019, pela competição Libertadores da América, em que torcedores do time Internacional, ao serem revistados na entrada do Estádio Beira-Rio, precisaram descartar em lixos os seus rádios de pilha. (PROIBIÇÃO de rádios de pilha..., 2019).

Por fim, seguindo essa restrição, no aparelho esportivo mato-grossense a entrada com o rádio de pilha também é proibida e as movimentações espontâneas, aquelas que eram incitadas pelas informações complementares dos lances ouvidos pelo rádio, foram inibidas pela nova estrutura das acomodações dos torcedores.

O cerceamento das emoções causadas pela informação imediata de cada lance da partida, ouvida pelo rádio de pilha, somada à estruturação arquitetônica do novo espaço de jogo, é referido pelo sujeito (FA/BR – 33 anos) como sendo responsável por limitar as movimentações espontâneas

124 Clube de futebol fundado no ano de 1901, em Buenos Aires, na Argentina.

dos torcedores. O que já estava previsto desde o projeto da Arena Pantanal, assim como em todas as arenas multiuso implantadas no Brasil, que foram executadas de acordo com o modelo de estádio inglês, foi justamente a imposição de um novo padrão de comportamento justificado, principalmente, no combate à violência nos estádios.

Contudo, o que de fato ocorreu foi o ferimento da cultura torcedora do país ocasionada, principalmente, pelo “combate às torcidas organizadas (e não à minoria de torcedores violentos presentes nesses grupos).” (OLIVEIRA, 2015, p. 45).

Válido se faz considerar que, mesmo que haja a proibição de entrada do torcedor portando o rádio de pilha nas arenas, existe a possibilidade dele – o torcedor, escutar o jogo utilizando aplicativos do aparelho celular. Mesmo com essa possibilidade, ao analisar as informações cedidas pelos sujeitos participantes deste estudo, verificou-se que os hábitos de ouvir o jogo pelo aparelho de rádio e de movimentações pela arquibancada, que poderiam ser encenados no Estádio Verdão e que não são possíveis de serem praticados na Arena Pantanal, fazem com que um espaço de jogo não se assemelhe em nada com o outro. Pelo menos do ponto de vista relacionado à cultura de torcer, tangente às possibilidades de movimentar-se. Isso pode, também, ter refletido no gosto dos sujeitos entrevistados de estar em cada um desses dois locais de jogo.

Essa questão também é apresentada como a formação de um novo padrão de torcedor, mais contido e passivo, que é apontado como diferente das características dos torcedores corriqueiros no continente latino americano, cujos costumes são descritos por um dos sujeitos entrevistados, como mais eufórico, dinâmico e apaixonado. Nesse contexto, o torcedor que tem por hábito ser mais ativo, pela estrutura da Arena Pantana, seria transformado em um torcedor mais refreado em

suas gestualidades, de manifestações corporais menos impetuosas diante de lances de jogo mais incitantes.

No Verdão era como, assim, quando tinha gol, as pessoas saiam se abraçando, tropeçando um no outro, beijando o outro. As pessoas nunca me viram na vida, me beijava, sabe? Coisas do tipo assim? Por exemplo, na Arena Pantanal isso não acontece. Não sei se são as cadeiras, cada um tem que ficar comportado no seu lugar. Mas era um negócio meio assim, você tinha muita mobilidade na arquibancada, então as pessoas corriam pro lado do outro e tal. E uma coisa legal, interessante, embora não tinha cadeira naquela arquibancada, e isso vale também tanto pro Dutrinha quanto pro Verdão, em todos os jogos cada um tinha o seu lugar. Tipo, se eu pegar uma imagem aqui de um jogo lá no Verdão, eu sei exatamente onde era o lugar de cada um. Mesma coisa no Dutrinha, no Dutrinha não tem cadeira, mas eu sei ali no Dutrinha onde o [nome de um torcedor do Mixto] senta, onde o [nome de um torcedor do Mixto] senta, onde o [nome de um torcedor do Mixto] senta, onde o [nome de um torcedor do Mixto] senta, onde o [nome de um torcedor do Mixto] senta, eu sei onde cada um senta. E não tem cadeira aquilo. É como se fosse um, a pessoa cria raiz, assim, é aqui, porque tem muita questão mística também, tipo, “oh, o nosso lugar é aqui, se a gente não sentar aqui o Mixto não vai ganhar”, entendeu? Tem esses negócios, assim, de fé, de rezar. Me lembro muito desses momentos, de abraçar, essas questões eu me lembro muito. Então, tipo assim, quando um sofria todo mundo sofria. Quando tinha gol era uma comemoração generalizada, quando tinha alguma reclamação, uma revolta, era uma revolta generalizada, todo mundo se revoltava, as coisas aconteciam muito em sintonia entre as pessoas que estavam ali. Particularmente no meio onde eu vivia, que era na torcida organizada e a geral, onde estavam os trabalhadores no geral. Me lembro muito dessa questão no Verdão. [...]. Eu tenho certeza que a Arena forma um outro tipo de torcedor. É um outro tipo de torcedor. Um torcedor que tem que assistir sentado. Eu me lembro que nos primeiros jogos da Arena Pantanal, lembro de vários conflitos que a Boca Suja chegou de ter com os steward, que são aqueles seguranças que ficam lá, os seguranças ficavam mandando sentar, e imagina, desde quando a torcida senta? Desde quando ela se entende por torcedor, ela sempre assistiu os jogos em pé, aí do nada tem um monte de segurança mandando

assistir o jogo sentado. Então, assim, é uma outra concepção de torcer. Onde você tem que assistir sentado, como se fosse assistir um espetáculo, você levanta, bate palma e senta de novo. Então é um outro tipo de concepção de torcida. [...] ela [referindo-se a Arena Pantanal] foi construída pra um perfil de torcedor, que seria a Copa do Mundo. Ela não foi construída para o perfil do torcedor latino americano. Você pega o Dutrinha, por exemplo, os jogos no Dutrinha, os torcedores vão para o alambrado e em momentos decisivos, quando está finalizando um jogo, precisa segurar um resultado, precisa fazer um gol, os torcedores saem da arquibancada, vão todos para o alambrado, seguram no alambrado, vibram no alambrado, entendeu? Eles se movimentam nesse sentido. Parece que na Arena Pantanal você fica ali, engessado, não tem essa mobilidade. Sinto isso, é uma outra concepção né, diferente. (FA/BR – 33 anos).

As determinações para garantir a segurança nos espaços de jogo de futebol, descritas no Estatuto do Torcedor, são apresentadas como normas que ocasionam muitas restrições para estar no estádio, principalmente quando ocorreram as edificações das arenas multiuso.

Dos fatos narrados, pode-se considerar que, da mesma forma que a Inglaterra implementou os desportos como forma de possibilitar o acesso dos seres humanos à atividades coletivas, suprimindo os riscos de desordens e atritos socialmente intoleráveis (ELIAS; DUNNING, 1992), a FIFA adotou o estilo de arquibancadas dispostas nas arenas multiuso para o mesmo fim.

As consideráveis alterações nos aparelhos esportivos brasileiros seguiram um padrão observado nas recomendações da FIFA. O “padrão FIFA”, sempre “imposto como condições de viabilidade e sucesso mercadológico da Copa”, assombra determinadas tradições, contrapõe concepções assimiladas de como manifestar a paixão pelo futebol e se coloca como um processo mais distante das demandas locais, que valorizam a emoção esportiva a partir de suas próprias formas. Com

isso, a entidade atua “tencionando identidades locais, regionais, com a propalada identidade nacional.” (CAMPOS; TOLEDO, 2013, p. 127).

Os códigos de comportamento impostos pelo Estatuto do Torcedor e materializados no atendimento dos padrões de estruturação dos estádios capitaneados pela FIFA, são conspicuamente apresentados para uma confortável sensação de segurança a ser transmitida pelas novas arenas. Com isso, as remodelações dos estádios brasileiros, justificadas nos ensejos de projetar os times de futebol brasileiros “no rol das grandes potências internacionais”, na intenção de combater veementemente a violência nos estádios e na promessa de melhorar as receitas dos clubes (OLIVEIRA, 2015, p. 45), extraiu o que havia de mais marcante nos torcedores brasileiros, a sua espontaneidade, criatividade, vivacidade, alegria no ato de torcer, de incentivar, de comemorar.

No lugar de apaixonados, as novas arenas de futebol requerem espectadores. A abrangência da contenção do estilo mais frenético de torcer, que alterou diretamente a cultura sociocorporal dos torcedores, principalmente dos integrantes das torcidas organizadas, interferiu no nível de satisfação e de emoção do público, causando uma ruptura no ritual tão estimado pelos apaixonados por futebol, de caráter único e peculiar nos estádios brasileiros de outrora.

A padronização da experiência do torcedor no estádio, objetivada para educá-lo nos moldes do torcedor europeu, que assistem aos jogos sentados e não invade o gramado, reflete uma suposta preocupação de causar uma vivência positiva no público presente nos estádios de futebol do Brasil, que foi abordada pelo arquiteto Carlos de La Corte, consultor técnico da FIFA para a Copa do Mundo de 2014, como uma lacuna muito grande que precisava ser resolvida. E, mesmo tendo reconhecido que o estádio é para o torcedor uma extensão de seu corpo e de sua casa (VILELA, 2011), a cultura do torcedor brasileiro foi desconsiderada em atenção aos padrões

internacionais da FIFA que, irrestritamente, produzem uma tipologia de estádio geralmente alheio à cultura da localidade em que se instala.

Nas novas arenas espalhadas pelo Brasil, o torcedor foi dissuadido a sentir o jogo com o próprio corpo, ele foi coibido da experiência absoluta no estádio de futebol. Talvez esse seja o maior legado deixado pela Copa do Mundo de 2014 para o torcedor brasileiro – a arquitetura das arenas multiuso que servem como formas para a produção de um público mais espectador e menos torcedor, mais passivo e menos ativo.

Em razão disso, considera-se que “os estádios vêm se tornando espaços cada vez mais disciplinares” (GAFFNEY; MASCARENHAS, 2014, p. 131) e regem um tipo específico de comportamento imposto pelos novos aparatos normativos que, fundamentalmente, visam

eliminar ou subjugar práticas e usos populares, em favor de comportamentos mecânicos e dirigidos, voltados para o consumo passivo. Toda a nova arquitetura dos estádios aposta nesse princípio do controle dos corpos, condicionando a circulação dos frequentadores e reduzindo seu comportamento à passividade, distanciando-os do tradicional protagonismo festivo das massas ruidosas e, por vezes, imprevisíveis. (MASCARENHAS, 2013, p. 145).

Dessa produção de um novo público nos novos aparelhos esportivos brasileiros, é possível verificar, principalmente a partir das falas dos entrevistados neste estudo, que as experiências nos estádios estão sendo constituídas de maneira muito diferente daquelas que ocorriam anteriormente. Se no Verdão as experiências foram retratadas a partir de uma gama de significados emocionais, tecidos nas diversas possibilidades de manifestações coletivas, na Arena Pantanal as experiências são anunciadas pelos entrevistados como estranhas e muito caracterizadas pela quantidade de restrições.

Ocorre que as cobranças pelo cumprimento das regras para a segurança dos frequentadores desses espaços, ficaram mais rígidas pós Copa do Mundo de 2014 e deram o tom de diferença de como era estar no Estádio Verdão e de como é, agora, estar na Arena Pantanal.

[...] Pra você ver, quando a gente entrava pra jogar, tinha a torcida do Mixto ali do lado das duas torres, porque dividia, por exemplo, Mixto e Operário são clássico, Mixto e Dom Bosco. Na época ali, quando a gente entrava ficava tudo branco. De tanta fumaça de fogos. Era muito bonito mesmo, muito bonito. [...] Era um espetáculo aquela época, a torcida, entendeu? Você vê aqui na foto [mostra fotos da época], o anel tá fechado, tá fechado. Então, qualquer joguinho que tinha ali eram trinta mil pessoas. Hoje, dá pena, dá pena. [...] Primeiro que não tem público, entendeu? E também tem o Estatuto do Torcedor, eles proíbem muita coisa. Por exemplo, o Dutrinha tá interditado por falta de norma técnica, normas técnicas do governo. Aí a Arena Pantanal, a bandinha do Dom Bosco, que eles vão lá, tocando charanga e tudo, foi proibido de entrar, aí foi liminar, vai liminar, vem liminar, aí juiz autoriza, outro manda ir, outro não vai. Então isso aí enfraquece o futebol. Eu acho que o futebol tem que ter banda, futebol tem que ter música, futebol tem que ter gritaria, futebol tem que ter [...] banda, bandeira, eu acho que tem que voltar tudinho. Porque só isso daí que deixa o futebol bonito. [...] no Verdão nunca teve proibição de fogos, nunca teve. Tinha, não podia entrar com fogos, mas a turma entrava escondido, entendeu? Mas charanga, banda, aqui tem a bandinha do Dom Bosco, fala bandinha do Dom Bosco, até hoje tem a banda. Quando o Dom Bosco joga, a turma vai, a bandinha vai, vai impedido de ir, mas depois a juíza liberou. [...] Isso aí que dá alegria no futebol. Antigamente não tinha essas coisas não. (EZ – 58 anos).

Nas informações prestadas pelos sujeitos entrevistados, verificou-se que, na época do Estádio Verdão, o espetáculo não ficava restrito ao gramado. O jogo ocorria no campo e a festa na arquibancada. A multidão presente no estádio, os sons que ecoavam das torcidas e que contagiavam as equipes, os utensílios musicais, as diferentes formas de comemorar, enfim, todas as possibilidades que foram anuladas pelos novos instrumentos reguladores

são saudosas aos torcedores tradicionais do estado de Mato Grosso. A experiência esportiva adquirida pelo ato de torcer, o fascínio existente na torcida em movimento, as expressivas demonstrações pela paixão ao time de futebol “do coração”, estão sendo rivalizadas pelas novas exigências impostas nas arenas e pelo Estatuto do Torcedor.

Segundo os entrevistados, alguma medida era necessária, principalmente a proibição do uso de fogos de artifício no interior do estádio. Contudo, o que aparece recorrentemente nas menções dos sujeitos participantes desse estudo, são as excessivas restrições que estão sendo impostas a partir da inauguração da Arena Pantanal. Isso, pois, mesmo que o Estatuto do Torcedor tenha sido homologado no dia 15 de maio de 2003, ele só foi realmente praticado em Cuiabá após o surgimento do novo espaço de jogo pró-Copa 2014. Por essa razão, acredita-se que ocorreram as associações do surgimento do novo estádio com as normas que não são tão novas quanto, se considerado o ano de sua criação.

A proibição de bandeiras, faixas e das charangas nos jogos disputados nesse novo ambiente esportivo mato-grossense seguiram, de maneira geral, as normas de condutas que estão regendo os novos aparelhos esportivos que, também, apresentam uma diferente concepção de público no estádio.

Toda essa proibição assenta-se na perspectiva de combater a violência nos estádios de futebol. Sobre isso, Dijair Brilhantes (2013, não p.), no texto intitulado de “Acabem logo com a alegria do futebol”, publicado na Coluna Além das Quatro Linhas do site Estratégia e Análise, refere que a proibição desses objetos indica que “ao invés de prender os baderneiros, opta-se por proibir as faixas e instrumentos, como se estes fossem os culpados.”

No contexto em que Brilhantes (2013) expressa a sua oposição à proibição do uso faixas e instrumentos musicais nos estádios de futebol

brasileiros, está relacionado um exemplo da ocorrência de um ato de violência em que esses objetos foram utilizados “como armas.” Também por essa questão, no intuito de coibir a violência nos estádios, surgiram as leis que restringem e reorganizam os hábitos dos torcedores e inauguram novas formas de consumo do futebol.

Barros e Afuni (2013, não p.), ao exporem as análises de Christopher Gaffney – apresentado no texto como geógrafo da Universidade Federal Fluminense (UFF) e membro da Associação Nacional de Torcedores (ANT), sobre os novos modelos de estádios implantados no Brasil, indicam que devido às significativas mudanças estruturais que alteram o comportamento do torcedor, esses estádios perdem suas características de “espaços públicos de convivência e confraternização.” O torcedor passa a ser visto como consumidor e, nessa trama que rege uma atitude mais passiva, ocorre “uma domesticação da experiência pública.”

Pelas informações prestadas em entrevista, verificou-se que o novo aparelho esportivo do estado de Mato Grosso produz outros hábitos de torcer, pela diminuição das possibilidades de interações corporais que eram expressas por acentuados movimentos, típicos das torcidas locais, principalmente das torcidas organizadas.

Nesta perspectiva, nas tramas arquitetônicas da Arena Pantanal, é tecido um tipo específico de torcedor, moldado pelas arrumações das arquibancadas, cuja “forma” está representada pelas cadeiras. Assim como é possível perceber na elocução de um dos sujeitos entrevistados, que associa as cadeiras das arquibancadas da Arena Pantanal a uma camisa de força, o que gera nos torcedores um sentimento de impotência, principalmente quando eles necessitam atuar por meio de suas vibrações, cantigas, movimentos, na expectativa de contribuir para um bom resultado de suas equipes.

[...] você está engessado ali, nas cadeiras. Você não consegue pular, você não consegue sair abraçando as pessoas, porque a cadei-

ra engessa você. É uma sensação que você está engessado, assim, numa camisa de força. [...] na Arena Pantanal, a sensação que a gente tem como torcedor do Mixto, é uma sensação de impotência. Um dia a gente até conversou isso na torcida, entre o pessoal da Boca Suja, a gente sempre se reúne, a gente tem uma sensação, um sentimento de impotência ali. Que é um sentimento que a gente não tinha no Verdão e nem no Dutrinha. Porque, no Verdão e no Dutrinha, a gente acreditava que a gente podia influenciar no resultado, se a gente cantar. Eu lembro que nos jogos decisivos, no Verdão, quando tinha Mixto e Operário, por exemplo, mesmo o jogo sendo à tarde, tipo lá pelas 16 horas da tarde, 17 horas da tarde, o processo pro jogo iniciava 07 horas da manhã, 08 horas da manhã, estava todo mundo pronto. Às vezes um dia antes nos reuníamos para buscar bambu, pra buscar bandeira, pra buscar faixa, porque a gente acreditava que essa era nossa missão pra ajudar o time ganhar. Na Arena Pantanal, a gente se vê impotente, porque na Arena Pantanal você não pode nada disso. Você não pode ter bandeira na Arena Pantanal. Com muita luta a gente conseguiu entrar com instrumentos musicais, agora nos últimos jogos. Uma burocracia extraordinária pra você entrar com instrumento musical ali. Então você não pode levar nenhum tipo de artefato, faixa enormes, até, é tudo muito limitado ali. Então, nosso poder de influenciar que a gente acreditava ter, a gente sente muito menor hoje na Arena Pantanal do que a gente tinha no Dutrinha e no Verdão. No Dutrinha e no Verdão a gente sentia na missão de fazer aquilo. “Se a gente não fazer esse processo de mobilização, nós não vamos cumprir a nossa parte e os jogadores não vão cumprir a parte deles em campo e nós vamos perder o jogo.” Era assim que a gente dizia, que era a relação da torcida organizada, nós temos nossa tarefa. [...] Eu lembro que nos jogos, na Arena Pantanal, acabou aquele negócio, se o jogo é a tarde, começa de manhã, todo mundo concentrado, todo mundo almoça junto, um churrasco coletivo e vai. Na Arena Pantanal todo mundo já chega meia hora antes do jogo, já entra lá, porque não tem nada pra preparar antes. Porque não pode fazer nada lá, no estádio. Não pode mais nada. Muita dificuldade voltou a cerveja, na Arena Pantanal, naquela época não tinha regulamentação desse tipo, pessoas bebiam cerveja, se confraternizavam, era um ambiente de muito mais confraternização. Na Are-

na Pantanal a sensação é que você vai só pra assistir alguma coisa, você não vai pra participar de um evento [...]. (FA/BR – 33 anos).

Nas declarações do sujeito (FA/BR – 33 anos) verifica-se que a ritualidade do ato de torcer, tão representativa às torcidas organizadas, foi banida recentemente das arenas “padrão FIFA”. Isso representa o principal fator de alteração e readequação de comportamento num jogo de futebol e está interferindo na força mística que a torcida acredita desempenhar. Aqui é possível perceber que o jogo de futebol não é somente considerado a partir dos elementos técnicos e táticos dos jogadores e o placar não é definido entre as quatro linhas. Mas, também, nas crenças manifestadas pelas torcidas, assim como narrado pelo sujeito acima.

O som ecoado das arquibancadas e sentido no gramado, a emoção, a alegria, a crença de portar a condição de influenciar no resultado da disputa, são elementos marcantes das torcidas que geram, ao mesmo tempo em que traduzem, o sentimento de pertencimento somente possível de ser efetivamente visto e vivido no estádio. Contudo, a motivação, o engajamento esportivo, a socialização entre torcedores, estão sendo substituídos por outros significados que forjam um tipo de público rejeitado pelos tradicionais torcedores mato-grossenses, assim como verificado nas entrevistas realizadas para este estudo.

Na representação de que a torcida pode influenciar no jogo, em todas as tomadas de comportamento que o entrevistado (FA/BR – 33 anos) acredita ser relevante para ampliar o desempenho da equipe de sua “devoção”, é possível associar às menções de Elias e Dunning (1992), quando referem que, para determinados grupos da sociedade contemporânea, o esporte aparece como uma atividade similar à religiosa. Posto isso, considerando que a excitação coletiva percebida nas cerimônias religiosas pode, também, ser verificada em uma competição esportiva que, analisada por diferentes pontos e para algumas pessoas, “se tornou uma das principais, senão a

principal, fonte de identificação, significado e gratificação das suas vidas.” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 229).

As novas estruturas organizadas intencionalmente para produzir um efeito menos estimulante e mais tranquilizante, sustentadas em um código de conduta que define os comportamentos que são aceitáveis, coagiram os hábitos culturais das torcidas organizadas mais tradicionais do estado de Mato Grosso. A interferência foi abrangente e impactou a festa popular no futebol.

A festa acabou! Dos novos padrões surgidos com a Copa do Mundo de 2014, o fenômeno da aculturação com seu efeito homeostato foi o mais impactante. A fórmula implantada suprimiu das arquibancadas os rituais praticados pelas torcidas organizadas, que manifestavam a crença de suprir aquilo que o treinamento técnico e tático por si só não daria conta e atuavam com a intenção de ampliar a possibilidade de seu time lograr êxito nas disputas esportivas.

Diante desses novos padrões, direta ou indiretamente determinados na e pela nova estrutura arquitetônica do esporte futebol, situada em Mato Grosso, os agentes esportivos participantes desse estudo declaram que, atualmente, existe uma extrema diferença de ser torcedor devido à quantidade de restrições sobre o ato de torcer encontrada na Arena Pantanal e que se sentiam mais livre para se manifestarem no Estádio Verdão. Como consequência desse novo processo, os sujeitos entrevistados declaram que os torcedores mais antigos não se sentem acolhidos na Arena Pantanal e que, no Verdão, eles se sentiam em casa.

[...] o Verdão ele era frequentado por famílias cuiabanas, era um local que tinha até cadeiras cativas, tinha gente que tinha a sua cadeira cativa, família ia, participava, então era realmente um estádio que havia uma identificação muito grande do povo cuiabano com o Verdão. Sem dúvida nenhuma. E isso não aconteceu com a Arena Pantanal. [...] o cuiabano abraçou o Verdão como

era, foi uma conquista, uma luta muito grande né!? Então, o cuiabano se sentia em casa né!? No Verdão. E na Arena já é um estádio mais, assim, americanizado ou europeizado, sei lá como que fala essa expressão. [...] por exemplo a torcida do Mixto é exatamente isso. Ela se identifica muito com o Verdão porque ela tinha um espaço próprio lá no Verdão. Agora lá na Arena ela não conseguiu ainda se localizar. A onde é o lugar da torcida “Boca Suja”? A torcida “Boca Suja” ela é muito grande, muito vibrante. A torcida ajudava, então ela se identificava muito com o Verdão e com a equipe do Mixto, né!? E hoje as duas coisas, ela não se sente bem, na minha opinião, lá na Arena e também porque o clube não está respondendo aquele apelo da torcida, torcida que já chegou até cantar hino de louvor pro, “segura na mão de Deus e vai”, né!? Muita, já ajudou muito o Mixto no Verdão, no Dutrinha principalmente. Agora na Arena Pantanal ela não se identificou não. Por esse aspecto que eu te falei. (RU – 76 anos).

A interferência das novas arenas de futebol na identidade do torcedor que, segundo Gaffney (2013 *apud* BARROS; AFIUNI, 2013, não p.) “usa ou usava o estádio como lugar de solidariedade social”, produziu uma diferença atenuada no comportamento apresentado no atual aparelho esportivo mato-grossense.

O sentimento de liberdade de ação, que permitia aos torcedores mais antigos do estado sentirem-se à vontade no Estádio Verdão e as restrições percebidas na Arena Pantanal, que ainda causam neles estranhamento e, portanto, desconforto, interferem na formação de identidade dos frequentadores do antigo estádio com a nova praça esportiva de Mato Grosso. Essa questão pode ser explicada nas menções de Bauman (2005), quando o autor indica que a relação de pertencimento do sujeito com um determinado local – comunidade, está condicionada pelas características específicas determinadas pela própria comunidade, desde que o sujeito consiga se apropriar de todas as possibilidades de interação inscritas por ela. É a partir dessa apropriação que os sujeitos se familiarizam, constituem identidade e, de fato, se tornam inseridos com o e no espaço.

As diferenças estruturais e regimentais instituídas no novo espaço de jogo de futebol, quando postas em comparação ao espaço de antigamente, são consideradas estranhas à população mato-grossense. Desse modo, é declarado que o Estádio Verdão se assemelha mais com os cidadãos locais e que eles ainda não se identificaram com a Arena Pantanal. Essa afirmação pode ser estendida às torcidas dos times tradicionais, que ainda não conseguiram criar vínculo com a nova praça esportiva e, por isso, conservam maior afeição, identificação e preferência pelo Estádio Verdão.

As experiências ocorridas no Estádio Verdão, a trajetória dos times tradicionais e o envolvimento das torcidas com o futebol que foi possível ser praticado e assistido naquele aparelho esportivo, teve um significado relevante nos registros da memória dos sujeitos entrevistados. As referências ao que foi vivido no Estádio Verdão definiu a relação de pertencimento da maioria dos agentes esportivos participantes desse estudo com o lugar do futebol mato-grossense de outrora.

Para Leite (2012, p. 2), o lugar pode ser qualificado pela experiência humana que lhe confere significado, identidade e atribui noção de pertencimento ao indivíduo. Contudo, a noção de pertencimento requerem ações objetivadas e indicam que “o indivíduo não é passivo nem tampouco alheio às circunstâncias. Ele age e reage de um modo efetivo e intencional. Significa uma tomada de consciência sobre sua própria história, na perspectiva de sua participação.”

O momento mais sensível das entrevistas decorreu dos pronunciamentos sobre a demolição do Estádio Verdão, em que os participantes desse estudo definiram a importância do referido aparelho esportivo por ser representativo da melhor época do futebol mato-grossense. Neste ponto, a demolição do Verdão foi unanimemente pautada como um grande equívoco do poder público, que trouxe como consequência o

apagamento de boa parte da história do futebol mato-grossense, como pode ser verificado, por exemplo, na fala de um dos sujeitos entrevistados.

[...] Aí, um outro erro gravíssimo, na nossa opinião, foi a demolição do Verdão. Se alguém perguntar: “o que você acha?” eu chorei, não vou esconder, estou chorando aqui só de lembrar [neste momento houve uma breve parada na entrevista, o entrevistado se emociona e chora], [...] Derrubou, matou uma parte de nossa história, matou. Não vem falar, “ah! fez a Arena”, é outra história, outro momento, né!? [novamente houve uma breve parada na entrevista, o entrevistado se emociona e chora] E o Verdão [o entrevistado fala em meio ao choro], com a sua demolição, com a demolição, né!? Matou a melhor parte da história. A melhor parte da história do futebol. Um ponto de encontro, palco de grandes jogos, Seleção Brasileira veio aqui. Isso tudo foi por água a baixo. [...] Os únicos, os verdadeiros torcedores, aqueles que são apaixonados pelos seus clubes, aqui de Mato Grosso, não teve uma única pessoa que eu conheça que foi favorável a demolição do Verdão. A indignação era muito grande, na época, assim como eu chorei, [breve interrupção da entrevista devido ao choro do entrevistado] teve muitas pessoas que choraram. Que a cada bomba, a cada derrubada, cada trator que saía era um desespero. Nós ainda não somos politizados, porque se nós vivêssemos em um país realmente politizado [...], acho que dificilmente o Verdão seria demolido. E o pessoal tomaria a frente. Vai se fazer a Arena? Vai, em outro local. Temos outros locais aí. Mas nós perdemos boa parte da história, perdemos um local que era um verdadeiro culto, um lugar de cultuação dos clubes. E deu no que deu. Né!? [...]. (HE – 73 anos).

Implicações políticas interferiram diretamente na decisão pela demolição do Estádio Verdão para a construção da Arena Pantanal. A importância excessiva atribuída aos jogos da Copa do Mundo que ocorreram em Cuiabá, ao mesmo tempo em que serviu de argumento para a construção de um novo aparelho esportivo, serviu de mecanismo para forjar a necessidade da demolição do antigo estádio.

Todas as declarações indicam que a reforma do Estádio Verdão teria sido a melhor decisão, já que era fato a realização de alguns jogos da

Copa do Mundo de 2014 em Cuiabá. Adequar o estádio às exigências da FIFA e não derrubá-lo ou preservá-lo e construir em outro local o espaço de jogo mais adequados aos padrões dessa entidade foi a prerrogativa apresentada como forma de preservação do aparelho esportivo, citado por alguns dos entrevistados como patrimônio da população cuiabana.

Verificou-se nas declarações dos sujeitos entrevistados que preservar o Estádio Governador José Fragelli – Verdão significaria conservar viva a memória do futebol mato-grossense. Já a sua demolição, representou para os participantes a desvalorização dessa memória e impressionou pela rapidez em que foi tomada a decisão pela substituição desse aparelho esportivo. Nesse ponto, a permanência do Estádio Verdão no cenário arquitetônico do estado seria uma forma de reminiscência dos grandes momentos do futebol mato-grossense.

Mesmo considerando que parte significativa da memória futebolística mato-grossense foi construída no Estádio Verdão, cabe destacar que havia a necessidade de muitas modificações no referido estádio, caso a decisão fosse pela reforma e não pela demolição. E, talvez, a quantidade de adaptações pudesse inviabilizar uma possível adequação do Estádio Verdão para sediar jogos da Copa do Mundo 2014. Não foram encontradas informações precisas de órgãos especializados sobre essa questão, mas determinados sujeitos participantes deste estudo mencionam que obtiveram informações sobre as condições do Estádio Verdão, à época, e o padrão arquitetônico e sua estrutura física não suportariam tal reforma. Contudo, pelas análises procedidas nas elocuições dos sujeitos entrevistados, verificou-se que poderia ter construído a Arena Pantanal em outro local da cidade e, com isso, ter preservado o Estádio Verdão.

As ponderações apresentadas pelos sujeitos entrevistados permitem afirmar, assim como Assumpção (2004, p. 143-144), que:

Cada estádio e cada campo possui sua história, suas lembranças, seus mitos, seus “fantasmas” e guardam os gritos, as lágrimas, os sorrisos esculpídos nos gramados ou na poeira da ação. As partidas inesquecíveis, a emoção, a ansiedade, a alegria e a tristeza fascinavam os torcedores de ontem e de hoje. Os momentos dramáticos ficaram impregnados no concreto, nas arquibancadas. A memória coletiva está presente nas pedras. O grito da vitória e o choro da derrota ecoam em cada lembrança [...].

Também foi possível observar a propriedade afetiva demonstrada pelos agentes esportivos ao Estádio Verdão, quando relataram o sentimento de tristeza sentido na ocasião da demolição e, também, naqueles momentos que, enquanto narravam o significado desse ato para o futebol mato-grossense, fizeram isso em meio ao choro.

É certo que as conquistas celebradas em um determinado estádio intensificam a identificação do público com o espaço de jogo. Das experiências vividas nesses espaços, pode-se dizer que ocorre um processo de integração social e é deflagrada a construção identitária de um povo com o edifício esportivo. Daí começam os registros na memória que são cristalizados, também, em cada estádio. Forma-se “um acervo de lembranças, de memórias, de reminiscências, de sonhos de conquista.” (ASSUMPÇÃO, 2004, p. 151).

Com isso, pode-se constatar que o Estádio Verdão foi muito representativo para o esporte local, principalmente para os times tradicionais, pois, próximas às explanações a respeito da demolição, sempre apareciam referências ao referido estádio como casa dos times clássico, principalmente do Mixto Esporte Clube. Consideração que ainda não foi transferida para o novo espaço de jogo, mas que vem sendo construída pelo time contemporâneo Cuiabá Esporte Clube. Posto isso, pode-se afirmar que a história dos times tradicionais de Mato Grosso está ligada ao espaço físico

do Verdão, visto que todas as grandes conquistas desses times foram efetivadas neste estádio e, até o momento, nenhum grande feito foi experienciado por eles na Arena Pantanal.

O Mixto é muito identificado com o Verdão, fez, construiu toda a sua história lá. O Mixto parece um corpo estranho na Arena. Não sou só eu que sinto isso, o CEOV [Clube Esportivo Operário Várzea-grandense] também parece um corpo estranho. Eu acho que o único time que tem a cara da Arena é o Cuiabá. Eu não estou falando isso por ser torcedor. Eu estou falando isso por vivência. Você percebe, parece que eles não estão à vontade e o Cuiabá fica muito à vontade lá. Tanto o time quanto a torcida. (DA – 44 anos).

O estádio, para além do espaço onde o jogo de futebol acontece, significa a “casa” de alguns times e, portanto, de seus torcedores. É espaço de confraternização, de experimentar alegrias e tristezas, de realizações e de frustrações. Para muitos torcedores, o estádio pode representar o lugar que aproxima o “apaixonado” de sua “paixão”.

Como já mencionado anteriormente, o Estádio Verdão, por ter sido um espaço de ocorrências de jogos de futebol, implantado e mantido pelo poder público, não pertenceu oficialmente a um time em específico, esse aparelho esportivo serviu e representou o campo de todos os times de futebol da baixada cuiabana até a sua demolição e, atualmente, essa mesma situação acontece com a Arena Pantanal.

O que fica explícito como elemento que pôde contribuir com a referência de “casa” para determinados times de futebol local, constituidor de identificação, de laços afetivos, de familiaridade com os referidos aparelhos esportivos, foram/são os acúmulos de resultados positivos obtidos pelos times mato-grossenses em cada um dos aparelhos esportivos local.

Em todo o estado de Mato Grosso foram relacionados pela CBF, no ano de 2016, um total de dezessete estádios de futebol oficialmente

cadastrados, todos eles com administração procedida pelo poder público, dezesseis deles sob administração municipal e somente um administrado pelo poder público estadual. Dentre os estádios catalogados, somente quatro possuem capacidade de acolhimento de público igual ou superior a dez mil lugares. (CBF, 2016).

Cada um desses estádios narra a trajetória dos times de futebol mato-grossenses. Neles, os times locais representam e escrevem a sua história. É o ponto fixo da elocução, o local de encontro dos torcedores de um mesmo time, onde ocorrem as possibilidades de aproximação do torcedor com o seu “time do coração”. Nesses espaços é possível registrar os acontecimentos que se traduzem em experiências esportivas e que constituem e refletem uma espécie de cultura do torcedor.

Fagundes (2013, p. 154), ao analisar os motivos que levam os torcedores brasileiros a frequentarem jogos de futebol nos estádios, encontrou fatores associados aos aspectos emocionais e de relações sociais, inerentes à lealdade ao time, emoções positivas e socialização dos torcedores, que foram propositivos às conclusões de que há a preferência em assistir às partidas do “time do coração”, considerado a relevância da partida – “que inclui o desempenho do time de preferência no campeonato ao qual pertence o jogo.” Os torcedores apreciam os encontros sociais nos diferentes momentos do evento esportivo, a acessibilidade ao ingresso e a garantia de segurança, sendo esses pontos relevantes para eles.

Para Rocco Júnior, Mazzei e Oliveira (2015), o espetáculo do futebol só existe porque existe um local adequado para a sua realização. Por esse aspecto, o estádio de futebol deve ser dedicado às condições necessárias para a realização dos jogos, para o acolhimento e a participação do público, capaz de proporcionar uma ligação entre os torcedores e os times.

Naturalmente, os torcedores tradicionais do estado de Mato Grosso, quando não encontraram essas motivações para irem ao estádio,

se distanciaram dele. E, assim como foi mencionado por Galvão (2015), a estruturação do estádio com referência aos padrões modernos alheios às culturas locais, contribuíram para esfacelar a memória afetiva dos torcedores.

Analisando as falas dos entrevistados, foi possível verificar que os vínculos criados graças às experiências vividas no Estádio Verdão formularam uma forte identificação com o aparelho esportivo de outrora e, pela imposição das novas regras de comportamento, que violaram a tradicional forma de torcer dos cuiabanos/mato-grossenses, ocorreram determinadas barreiras socioculturais com a Arena Pantanal.

Desse modo, quando o estádio de futebol inibe as possibilidades de extravasamento coletivo das emoções provocadas por cada lance do jogo, o significado de ser torcedor que comparece ao estádio é alterado. Outros significados passam a ser elaborados e os torcedores que estiverem dispostos às novas formas de estar no espaço de jogo, podem até começar a conferir outros significados a sua trajetória no estádio de futebol.

Assim, pode ocorrer com o torcedor àquilo que é sugerido por Velho (1994 *apud* TEIXEIRA 2003, p. 36), quando explana sobre as dinâmicas alterações pelas quais os sujeitos sociais são submetidos. Segundo o autor, quando os sujeitos sociais são submetidos à reelaboração de suas formas de atuação, ocorre com eles uma reorganização da memória através de “novos sentidos e significados que, por sua vez, provocam repercussões em sua identidade, tornando-a sujeita a revisões e reinterpretações.”

No compasso do processo de modernização dos espaços de jogo e do próprio futebol, as novas gerações receberam com mais despreendimento determinadas mudanças. Pelo menos foi o que pôde ser observado nas entrevistas com os agentes esportivos participantes desse estudo, quando associaram as características de um time contemporâneo, principalmente a sua torcida, à nova praça esportiva mato-grossense.

[...] quando existe uma identificação do clube, como o Cuiabá, a torcida do Cuiabá se identifica com o Cuiabá, mas é uma torcida muito pequena, é uma torcida que também é muito elitizada, elitizada, entendeu? Mas ela se identifica, ela tem o lugarzinho dela lá, ela vai lá na Arena, por menor que ela seja, por mais elitizada que ela seja, [...] Mas é uma torcida que se identifica tanto com o clube quanto com o local, com a Arena Pantanal, né?! Com o local. Tem lá o lugarzinho deles, etc. e tal. Então depende muito do clube. (RU – 76 anos).

É, a Arena é a nossa casa, é engraçado, ela não foi oferecida, ela foi tomada, nós tomamos a Arena pra nós, e eu digo assim, não tomado de forma rude, não foi uma guerra, [...], mas o Cuiabá ele emprestou uma cara pra Arena e a Arena emprestou uma cara pro Cuiabá. Então hoje nós estamos vivendo essa simbiose. [...] Ah, eu acredito que é o traço de modernidade do Cuiabá. O Cuiabá é o tipo de um time moderno, organizado, é uma nova cara do esporte. É uma empresa clube, é uma empresa organizada, que paga em dia, é um clube extremamente racional, apesar de ser uma empresa família, isso chega ser até estranho, né? Mas é tocado como uma empresa. E isso vai de encontro a essa necessidade desse novo futebol, desse novo espaço, que também é mais moderno, entendeu? [...]. (DA – 44 anos).

É possível afirmar que os desportistas locais que têm maior identificação com os times tradicionais do estado de Mato Grosso, apresentam maior identificação com o Estádio Verdão, até mesmo em consideração à trajetória desses times nas décadas de 1970 e 1980, que foi retratada pelos sujeitos entrevistados como a época em que ocorreu o apogeu do futebol mato-grossense. O mesmo ocorre em relação aos desportistas locais com afeto pelo time contemporâneo, que tem apresentado melhor desempenho nas competições e é o único time do estado de Mato Grosso que está participando do Campeonato Brasileiro Série B.

Assim, verifica-se por meio do nível de experiência com o espaço de jogo, o lugar de cada time mato-grossense no cenário futebolístico local.

A relação de pertencimento com o espaço produz a estabilidade e os sentidos que designam o lugar, da mesma forma que a instabilidade dos interlacos de vivências, tempo e espaço define os não lugares, tal como é sugerido por Augé (1994).

Ao analisar as declarações da maioria dos entrevistados deste estudo, principalmente a respeito das restrições que impactam a cultura do torcedor, foi possível verificar, inclusive, que, assim como acontece em diversos locais do país, o processo de “arenização” é responsável por grande parte do fracasso atual do futebol no Brasil. E isso passa pela venda da ilusão de “que a transformação dos estádios em arenas multiuso, impulsionada pelos megaeventos, selecionaria um público mais ‘civilizado’ e melhoraria a organização e financiamento de cada jogo e do futebol brasileiro como um todo.” Nesses moldes, o estádio de futebol foi transformado em um instrumento disciplinador próprio de uma sociedade de controle. “Os fanáticos foram transformados em fãs como forma de dissipar suas emoções mais intensas.” (PERINA, 2019, não p.).

Tentando complementar as ideias de Perina (2019), acrescenta-se que o efeito mais abrangente dessa forma de controle das emoções dos torcedores foi o esvaziamento de significados em assistir ao jogo de futebol nas novas arenas, principalmente para os torcedores mais tradicionais, aqueles mais assíduos, mais apaixonados por futebol. Houve também o processo de elitização desse espaço, pelo encarecimento dos ingressos e demais itens de consumo no interior dos aparelhos esportivos, e tudo isso também reflete no esvaziamento das arquibancadas e, conseqüentemente, representa a dificuldade de melhorar as receitas dos times de futebol. Diante disso, os times de futebol dificilmente conseguirão atingir os tão esperados níveis de modernização.

É possível também verificar que o processo de esvaziamento de significado da cultura torcedora, representa, igualmente, o esvaziamento da identidade futebolística local.

Sabe-se que, assim como é indicado por Bauman (2005, p. 17, 18), “[...] o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis.” A decisão tomada por cada indivíduo, o caminho que ele escolhe seguir, “a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’.” Contudo, a identidade só será formulada quando for estabelecida uma relação de pertencimento. E isso só será possível pela habituação com o local ou com a tarefa repetida por várias e várias vezes, “sem conta, e não de uma só tacada.”

Se as perdas dos patrimônios arquitetônicos forem sempre justificadas pela busca constante de uma estrutura mais moderna, mais confortável, que atenda às necessidades do sujeito contemporâneo, a sensação de pertencimento e de identidade, fundamentais à formulação dos lugares, ficarão cada vez mais fragilizadas e transitórias. E, talvez, essas relações não venham mais a existir.

Reportando essa ocorrência aos dispositivos que interferem na identificação dos times de futebol com o estádio, que é uma preocupação e que responde à hipótese deste estudo, de que a substituição do Estádio Verdão pela Arena Pantanal, justificada pela necessidade de um espaço de jogo mais moderno, interferiu no sentimento de pertencimento dos frequentadores desse ambiente, considera-se, assim como Perina (2019, não p.), que os processos que alteraram drasticamente os aparelhos esportivos brasileiros decorrem da concepção de que “qualquer tradição como a identificação do clube a seu estádio pode ser descartada” e, assim, é possível transferir a partida para qualquer lugar e de forma aleatória.

Na contramão da concepção apresentada acima, as informações prestadas pelos sujeitos entrevistados possibilitaram a verificação de que os estádios de futebol são lugares que “narram” histórias, que contribuem para a construção das experiências vividas pelos times, que estruturam e dão espaço para as manifestações da paixão pelo “time do coração”. E tudo isso pode contribuir para a conotação de espaço sagrado aos estádios de futebol. Desse modo, a essas estruturas arquitetônicas é possível atribuir a condição de lugares da memória. Visto que, segundo Pollack (1989, p.3), mesmo já não existindo na paisagem de uma determinada localidade, essas estruturas, como alguns outros elementos da cotidianidade social, ainda podem representar um patrimônio que “nos acompanha por toda a nossa vida.”

Servindo de indicadores de memória coletiva, os estádios representam uma das possibilidades de formação de identidade social histórica. Porém, assim como Fagundes (2013, p. 27) alerta, “é importante entender que não basta construir um estádio imaginando que somente por isso os espectadores aparecerão.”

É preciso considerar, assim como é indicado por Vieira (2016), que os estádios de futebol constituem parte da cultura do país e representam um lugar em que milhares de pessoas estão inseridas para acompanhar uma determinada atividade que só é possível de ser consolidada neste espaço. Sendo assim, é preciso preservar os aspectos de identificação do torcedor com o espaço de ocorrência de jogos.

Apesar disso, na ocasião das construções e/ou adequações dos novos aparelhos esportivos – em 2013, cerca de vinte estádios de futebol estavam em construção ou em reforma no Brasil, o país viveu “um contexto de mudanças sem paralelos na sua história.” Os novos espaços de disputa do esporte futebol foram arquitetados em uma estrutura bem diferente “de seus antepassados, refletindo uma mudança da própria ideia do papel

deste equipamento. Vêm aí novos significados, novos públicos, novos gestores e novas racionalidades.” (GAFFNEY; MASCARENHAS, 2014, p. 130).

Pelo tempo de existências desses novos formatos arquitetônicos expostos no cenário do esporte futebol brasileiro, ainda não foi possível compreender, de forma abrangente, quais são os novos significados, públicos, gestores, racionalidades. Sabe-se, no caso específico da Arena Pantanal, que esse novo equipamento esportivo da cidade de Cuiabá apresenta baixo índice de ocupação, mesmo com um time de futebol presente na Série B do Campeonato Brasileiro de 2019 e que, pelas menções dos sujeitos participantes deste estudo, ainda não foi criado um vínculo entre torcedores e estádio. Portanto, a formação de identidade futebolística a partir das ocorrências culturais e arquitetônicas do futebol mato-grossense passa por um estado de crise, permanecendo carente de referências significativas e de uma direção.

As informações cedidas pelos agentes esportivos participantes desta investigação mostraram-se habilidosas no esboçar das relações estabelecidas entre o Estádio Verdão e a Arena Pantanal para o futebol mato-grossense, o que permitiu estabelecer os seguintes pontos: 1 – o jogo de futebol local, hoje, representa menos do que representava antigamente; 2 – os torcedores, de ativos, agora se sentem meros espectadores; 3 – ainda há uma relação afetiva muito intensa com o Estádio José Fragelli – Verdão, extremamente atuante sobre a memória dos sujeitos entrevistados e 4 – muito embora os times de futebol de Mato Grosso não demonstrem condições de agregar público no novo equipamento esportivo do estado, a Arena Pantanal tem relação de identidade com um dos times da atualidade, devido às experiências positivas que ele já está conseguindo desempenhar nela.

Mas o que, de fato, é preciso considerar, é que o público em geral, até o presente momento, não conseguiu criar identificação com a Arena Pantanal e o futebol local ainda não foi de todo beneficiado por esse novo

aparelho esportivo. Desse modo, compreendeu-se na demolição do Estádio Governador José Fragelli – Verdão, que ocorreu para ceder espaço à Arena Pantanal, o rompimento com um identificador tradicional para o surgimento de um ideal modernizante.

Por tais verificações, e considerando que alguns jogos da Copa do Mundo de 2014 foram disputados na cidade de Cuiabá, pode-se afirmar que havia a necessidade de um estádio para atender os padrões da FIFA, mas não havia a necessidade de demolir o Estádio Governador José Fragelli – o Verdão. O que de fato nos faz considerar que a população mato-grossense perdeu um de seus maiores patrimônios arquitetônicos em decorrência de um imperativo do momento.

CONCLUSÕES

Essa pesquisa se propôs verificar as significações atribuídas por agentes esportivos da modalidade de futebol ao Estádio Governador José Fragelli – Verdão e a Arena Pantanal, de maneira que fosse possível o alcance da compreensão das ocorrências gerais nos principais espaços de jogo que podem influenciar na formação da identidade futebolística local, sob a hipótese de que a substituição do Estádio Verdão pela Arena Pantanal, justificada pela necessidade de um espaço de jogo mais moderno, seguro e confortável para a realização de partidas da Copa do Mundo de 2014, interferiu no sentimento de pertencimento dos frequentadores desse espaço de jogo de futebol mato-grossense, opondo-se aos elementos identitários, históricos e relacionais já estabelecidos com o aparelho esportivo de outrora.

Na função de apreender informações relevantes à resposta para a questão central que motivou a realização desta pesquisa, a saber: Qual a influência do espaço de jogo – estádio, na concepção da modalidade esportiva futebol para determinados grupos, a ponto de influenciar a identidade futebolística de uma região?, considerou-se as elocuições de doze agentes esportivos da modalidade de futebol que apresentaram informações sobre a demolição de um de seus patrimônios arquitetônicos com o propósito de abrir espaço para a construção de um novo equipamento esportivo na cidade de Cuiabá.

Tentar compreender como a transição arquitetônica de um estádio pode influenciar na formação da identidade futebolística de uma localidade, a partir das significações atribuídas por determinados agentes esportivos ao antigo e ao novo maior espaço de ocorrências de jogos de futebol mato-grossense, proporcionou reflexões sobre as interações ocorridas no e com o local de jogo e como elas repercutem em memórias afetivas e demonstram as relações vinculadas a cada um dos estádios aqui investigados, que foram fundamentais para o cumprimento do que se propôs este estudo.

Compreensivo ao que foi investigado, relativo à busca pela constatação da transcurso e das demandas da/para a construção do Estádio Verdão, foi possível verificar que o referido aparelho esportivo foi construído para suprir a necessidade de um espaço de jogo maior, compatível às proporções do futebol apresentado no estado de Mato Grosso na década de 1970. Na época, uma quantidade expressiva de torcedores comparecia ao Estádio Dutrinha e suas arquibancadas oficialmente¹²⁵ não comportavam mais do que quatro mil e quinhentas pessoas. Com isso, nos dias em que aconteciam disputas de grande rivalidade envolvendo times locais ou em dias que times de renome nacional se apresentavam na cidade de Cuiabá, muitas pessoas que compareciam ao Dutrinha não conseguiam acesso à área interna do estádio e, ficando do lado de fora, criavam as suas estratégias para assistir aos jogos, que iam desde permanecer no topo das árvores ou no telhado de um prédio, dispostos no entorno do referido estádio.

Considerando a relação estabelecida entre a condição de outrora do futebol mato-grossense e o Estádio Verdão, conclui-se que, com o futebol em ascensão, os times locais investiram na organização e na ampliação do grupo de atletas, o que refletia em crescente qualidade do jogo que, por sua vez, ficava mais atrativo ao público, que comparecia em grande número.

As exigências da população pela construção de um novo equipamento esportivo na cidade de Cuiabá, justificada pela aglomeração maciça de pessoas afetas ao futebol no Estádio Dutrinha, foi ampliada pelo desejo de ver um dos times locais inserido no Campeonato Nacional. Isso, pois, havia o requisito estipulado pela CBD, à época, CBF atualmente, que determinava que o estado participante desta competição nacional tivesse um estádio com capacidade de recebimento de público de no

125 Nos jogos de grande interesse dos desportistas locais, comumente esse número era ultrapassado, chegando a quase dobrar o número de pessoas.

mínimo quarenta mil pessoas. E, naquele momento, o único estádio de Mato Grosso – ainda uno, a ter essa capacidade localizava-se em Campo Grande, cidade a setecentos e setenta e um quilômetros de distância de Cuiabá, o que impedia que um time da baixada cuiabana participasse dessa competição.

O atendimento prestado pelo então governador José Fragelli à solicitação popular, mais incisivamente feita pelos desportistas locais da época, com a construção do Estádio Verdão, proporcionou que dois times oriundos de Cuiabá e um time de Várzea Grande participassem da maior competição nacional, junto aos maiores times de futebol do Brasil. A primeira participação aconteceu no ano de 1976 – com a atuação do Mixto Esporte Clube, de Cuiabá, e a última vez foi no ano de 1986 – com a participação do Clube Esportivo Operário Várzea-Grandense.

Após esse período, devido à divisão desta competição em séries, nenhum time mato-grossense voltou a disputar essa competição enfrentando times de grande importância nacional. Outras participações ocorreram entre as Séries B e C, mas com disputas pouco atrativas à população local.

A divisão em séries do Campeonato Nacional, atualmente mais conhecido como Campeonato Brasileiro, impactou diretamente o futebol mato-grossense. Após a divisão, times do estado de Mato Grosso não conseguiram disputar a Série A, que ficou particularizada aos melhores times do Brasil e, pela impossibilidade de confronto com times de grande relevância, a divisão do Campeonato Nacional em séries foi apontada pelos participantes desse estudo como um dos principais fatores que desacelerou o crescimento do futebol local e levou à falência os times tradicionais do estado.

Contudo, as quase duas primeiras décadas após a inauguração do Estádio Verdão representaram aos mato-grossenses, além da conquista de uma vaga para a participação no Campeonato Nacional, também a possibilidade de assistir de perto disputas de jogos da Seleção Brasileira

ocorridos na cidade de Cuiabá e, pelas atrações ali ocorridas, o referido equipamento esportivo configurou-se como um dos principais espaços de lazer dos cidadãos.

A partir das análises feitas sobre o significado da construção do Estádio Verdão para o futebol mato-grossense, verificou-se que esse esporte, à época já com potencial de atrair público e com ascensão no estado, recebeu maior investimento dos times locais que, pelas possibilidades de certames nacionais, ampliaram seu elenco com atletas de muita habilidade de jogo, o que possibilitou disputas acirradas e o Campeonato Mato-grossense ganhou muita qualidade. Assim, conclui-se que a construção do Estádio Verdão partiu de uma demanda local espontânea e repercutiu na qualificação do futebol local. Devido aos eventos esportivos que puderam ser realizados na cidade de Cuiabá, graças ao novo estádio, considera-se, também, que as projeções feitas para o Verdão foram efetivadas.

Apesar do declínio sofrido pelo futebol local protagonizado pela reformulação do Campeonato Nacional, os momentos vividos no Estádio Verdão, aqueles que foram narrados em entrevistas cedidas pelos agentes esportivos participantes deste estudo, habitam as lembranças e são significados como o período mais importante do futebol mato-grossense. Assim, para a maioria dos sujeitos entrevistados, o Estádio Verdão melhor representa o futebol de Mato Grosso e, segundo eles, os torcedores mais antigos e os times tradicionais têm nesse equipamento esportivo parte da sua construção de identidade com o futebol local.

Pela análise da transcurso e das demandas da/para a construção da Arena Pantanal, conclui-se que, se a ascensão do futebol mato-grossense motivou a construção do Estádio Verdão, a sua crise foi utilizada como um dos argumentos para justificar a necessidade da edificação de um equipamento esportivo mais moderno e, por fim, para convencer aqueles que, de certa forma, se posicionaram contra o fato de que a substituição

do Verdão pela Arena Pantanal refletiria positivamente para a retomada do desenvolvimento desse esporte no estado.

A condição de cidade-sede da Copa do Mundo de 2014 trouxe a Cuiabá exigências de estruturações das mais diversas ordens. Melhoria da mobilidade urbana, construção de centros de treinamentos, organização de um espaço alternativo para a reunião de numeroso público com finalidade de assistir aos jogos e demais atividades culturais – conhecidos como FIFA Fan Fest e, fundamentalmente, a estruturação de um estádio de futebol dentro dos parâmetros de conforto, variedade de entretenimento e segurança, estipulados pela FIFA.

Na aspiração por atender o quesito estádio “padrão FIFA”, foi efetivada a decisão de demolir o Estádio Governador José Fragelli – o Verdão e, para alguns dos sujeitos entrevistados nesta pesquisa, determinados políticos e dirigentes esportivos do futebol, à época, se aproveitaram do estado decadente do futebol mato-grossense para criar expectativa de melhorias ao referido esporte, com a construção da Arena Pantanal.

Contudo, na análise da relação estabelecida entre o estado atual do futebol mato-grossense e a Arena Pantanal, conclui-se que, transcorrido pouco mais de cinco anos desde a inauguração da arena multiuso, aparelho esportivo mais moderno e de padrões internacionais, os times tradicionais do estado continuam na bancarrota, contrariando as projeções estabelecidas para o novo aparelho esportivo implantado em Cuiabá.

Num panorama atual, o que pode-se considerar de prerrogativa à Arena Pantanal é a experiência positiva vivenciada na ascensão de um time contemporâneo mato-grossense – o Cuiabá Esporte Clube, à Série B do Campeonato Brasileiro, no ano de 2019. O que pode contribuir para que haja um maior vínculo dos torcedores do referido time com o novo aparelho esportivo da cidade, visto que as melhores recordações advindas das maiores conquistas começam a ser delineadas neste espaço de jogo.

Neste contexto, a realização dessa pesquisa proporcionou a consideração de que existe uma maior identificação de um dos times contemporâneos mato-grossense com a Arena Pantanal, portanto, nesse equipamento esportivo há mais possibilidade de produção de futebol relacionado e atrativo aos torcedores mais jovens.

Sobre as manifestações dos torcedores no Estádio Verdão e na Arena Pantanal, conclui-se que as possibilidades são diferentes visto que, no aparelho esportivo de outrora os hábitos de torcer eram mais impetuosos, espontâneos e dinâmicos. Na Arena Pantanal, a gestualidade do torcedor é contida, principalmente da torcida organizada, e o comportamento é mais passivo devido às diminuições do espaço de interações corporais e às regras impostas para a permanência do público, que deve ser sentado na cadeira que atualmente configura o espaço de arquibancada. E, assim, as novas configurações arquitetônicas do principal aparelho esportivo de Mato Grosso, reorganizam o perfil do torcedor local, transformam o torcedor em espectador e as suas frenéticas atuações em ações de contemplação.

Nas tramas das relações de identidade estabelecidas pelos usos e ocupações que os sujeitos fazem do espaço, conclusivamente o que de mais relevante foi revelado pelos sujeitos entrevistados neste estudo, indica que a construção do Estádio Governador José Fragelli – Verdão significou a construção das referências de identidade de um futebol mais moderno, organizado, potente no estado de Mato grosso e que a Arena Pantanal alterou o perfil e o comportamento do público, configurou um espaço de jogo elitizado e de contenção e, conseqüentemente, requer uma nova identidade futebolística mato-grossense.

Isso, pois, a Arena Pantanal ainda não conseguiu se estabelecer como um lugar identitário para a maioria absoluta dos desportistas do estado, principalmente devido à crise dos times tradicionais, que têm maiores torcidas e, também, devido a sua estrutura arquitetônica interna

e às novas regras que regulam o comportamento dos torcedores. Cabe aqui considerar, igualmente, o fator temporal, ou seja, é possível que a Arena Pantanal, por ser um equipamento esportivo muito novo, com pouco mais de cinco anos de existência, ainda não tenha estabelecido uma relação identitária como um lugar aos torcedores locais.

Por todas as verificações possibilitadas pela análise das informações prestadas pelos sujeitos participantes deste estudo, e aproximando-as da hipótese que “lançou luz” a essa investigação, conclui-se que a substituição do Estádio Verdão pela Arena Pantanal causou uma cisão no sentimento de pertencimento dos torcedores tradicionais do estado quando pela modernização do espaço de ocorrências de jogo de futebol em Mato Grosso, houve, também, a imposição de uma nova cultura torcedora que acompanhou a introdução da Arena Pantanal.

Neste ponto, verifica-se a hipótese deste estudo ser confirmada na estereotipia do antigo torcedor local que atualmente está posicionado na requisição de um espectador/consumidor de manifestações mais contidas, diferente das referências relacionais e históricas registradas no estádio de outrora, diferente daquela experiência festiva que possível de ser reconhecida no Estádio Verdão.

Por fim, na representação dos aspectos mais remotos do futebol mato-grossense, aparecem elementos com potencial de comunicar a forma antiga de interações no estádio em contraponto com o que é contemporâneo e isso é, como indica Augé (1994, p. 29), uma possibilidade de demonstrar como as coisas agora são a partir do que elas não são mais. E, assim, aparece “no espetáculo dessa diferença o brilho súbito de uma identidade inencontrável.”

REFERÊNCIAS

A FARSA do Verdão. **Jornal Equipe**. Cuiabá 7 de fevereiro de 1973, p. 3. Depositado na Superintendência de Arquivo Público de Mato Grosso.

A HISTÓRIA dos rebaixamentos do campeonato brasileiro de futebol: de 1971 a 2018. **História dos Esportes**. Disponível em: <<https://historiadoresdosportes.com/2018/03/13/a-historia-dos-rebaixamentos-do-campeonato-brasileiro-de-futebol-de-1971-a-2018/>>. Acesso em: 15 jun. 2019.

A INEXPLICÁVEL ausência de Mato Grosso. **O Estado de Mato Grosso**. Cuiabá 23 de março de 1975, p. 3. Arquivo da Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=pelas%20informa%C3%A7%C3%B5es%20que%20dispomos,%20cuiab%C3%A1%20n%C3%A3o>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

A TELEVISÃO e a Copa 74. **O Estado de Mato Grosso**. Cuiabá 30 de junho de 1974, p. 4. Arquivo da Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pasta=ano%20197&Pesq=A%20TELEVIS%20E%20A%20COPA>>. Acesso em: 13 ago. 2019.

ADEUS, GERAL. Direção: Gustavo Altman, Martina Alzugaray, Matheus Bosco, Pedro Arakaki, Pedro Junqueira. Brasil. 2016. 1 vídeo (42min28seg) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9dzo-pgoKLw>>. Acesso em: 5 out. 2018.

AIDAR, Antônio Carlos Kfourir. O torcedor como cliente: uma solução para aumentar a receita dos clubes brasileiros. **FGV Projetos**, Rio de Janeiro, ano 5, n. 13, p. 30-38, 2010.

ALTA prioridade. **O Estado de Mato Grosso**. Cuiabá 24 de janeiro de 1974, p. 2. Arquivo da Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=Verd%C3%A3o%20em%20janeiro>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

ALVITO, Marcos. A parte que te cabe neste latifúndio: o futebol brasileiro e a globalização. **Revista Análise Social**, Lisboa, v. 41, n. 179, p. 451-474, 2006.

AMBIENTE Energia. Disponível em: <<https://www.ambienteenergia.com.br/wp-content/uploads/2014/07/estadio-mineirao-solar.jpg>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

ANTIGO ponto de encontro da cuiabania, Clube Dom Bosco está abandonado. **Gazeta Digital**. Cuiabá 14 de janeiro de 2019. Disponível em: <<https://www.gazetadigital.com.br/editorias/cidades/antigo-ponto-de-encontro-da-cuiabania-clube-dom-bosco-esta-abandonado/563504>>. Acesso em: 14 jul. 2019.

ANTES com três times competitivos, Rondonópolis vê queda no futebol. **Globo Esporte**. 19 de dezembro de 2016. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/mt/noticia/2016/12/antes-com-tres-times-competitivos-rondonopolis-ve-queda-no-futebol.html>>. Acesso em 14 jul. 2019.

AS ATIVIDADES esportivas no “Verdão” em 1976. **O Estado de Mato Grosso**. Cuiabá 5 de janeiro de 1977, p. 7. Arquivo da Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pasta=ano%20197&Pesq=Verd%c3%a3o%20em%201976>>. Acesso em: 5 ago. 2019.

ASSUMPÇÃO, Luís Otávio Teles. **O temp(l)o das gerais**: a nova ordem do futebol brasileiro. Montes Claros: Ed. Unimontes, 2004. 235 p.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994. (Coleção Travessia do Século). 109 p.

AUTOSSUSTENTÁVEL plataforma online. Disponível em: <<http://autossustentavel.com/2014/06/arena-da-amazonia-legados-e-perspectivas.html>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

BARROS, Adriana Azevedo Paes de. A Implantação da Televisão em Cuiabá: O Impacto Real e Virtual. In: IV Congresso da Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación – ALAIC, 1998, Recife. **Anais** [...]. Recife: UNICAPE, 1998. p. 126-139.

BARROS, Ciro; AFIUNI, Giulia. Estádio só pra rico?. **Ludopédio**. 4 de setembro de 2013. Não paginado. Disponível em: <<https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/estadio-so-pra-rico/>>. Acesso em: 15 set. 2019.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar. 2005. 112 p.

BET365. Disponível em: <<https://www.fussballzz.de/foto.php?id=3102l>> Acesso em: 12 fev. 2018.

BOLETIM Financeiro Nº 173. **Federação Mato-grossense de Futebol**. Cuiabá 4 de setembro de 2019. Disponível em: <<https://fmfmt.com.br/applications/default/views/uploads/files/blog/2019-09/2b5766b35aa7bb69616b09d803672126.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2019.

BOLETIM Financeiro Nº 163. **Federação Mato-grossense de Futebol**. Cuiabá 26 de agosto de 2019. Disponível em: <<https://fmfmt.com.br/applications/default/views/uploads/files/blog/2019-08/dbaf3eb2b76cdcf95aa9255e16b2b5ee.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2019.

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, Renato. (org). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p. 46-81.

BRANCO, Ramachandra Das dos Santos. Copa do Pantanal. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. IN: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2015, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2015. p. 1-15.

BRANDÃO, Ludmila de Lima. **A catedral e a cidade: uma abordagem da educação como pratica Social**. Cuiabá: Ed. da UFMT, 1997. 116 p.

BRASIL. Lei nº 10.671, de 15 de maio de 2003. Dispõe sobre o Estatuto de Defesa do Torcedor e dá outras providências. **Portal da Legislação**, Brasília, DF, 15 maio 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.671.htm>. Acesso em: 13 ago. 2018.

BRILHANTES, Dijair. Acabem logo com a alegria do futebol. **Estratégia e Análise**. 2013. Disponível em: <<http://estrategiaeanalise.com.br/coluna-alem-das-quatro-linhas/acabem-logo-com-a-alegria-do-futebol,4d1a104906a48e16297d9f67dd4ebcb8+01.html>>. Acesso em: 25 ago. 2019.

CAMPOS, Flávio de; TOLEDO, Luiz Henrique de. O Brasil na arquibancada: notas sobre a sociabilidade torcedoras. **Revista USP**, São Paulo, n. 99, p. 123-138, 9 nov. 2013.

CAMPOS, Manoel Soares. **Reminiscência do futebol cuiabano**. Comércio Esporte Clube suas realizações e participação nas decisões pelo engrandecimento do esporte em Cuiabá. Cuiabá: [s.n.] 1983. 59 p.

CAPELLO, Guilherme Henrique. Um encontro (histórico) entre o rádio e futebol na constituição cultural brasileira. In: VIII Encontro Nacional de História da Mídia, 8. 2011, Guarapuava. **Anais [...]**. Guarapuava: Unicentro, 2011. p. 1-9.

CAPELO, Rodrigo. Arena Pantanal, o estádio-fantasma. Revista online **Época**. 1 de agosto de 2016. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/vida/esporte/noticia/2016/08/arena-pantanal-o-estadio-fantasma.html>>. Acesso em: 16 fev. 2019.

CAPELO, Rodrigo; Giovana, TARAKDJIAN. A elitização do futebol: ingresso brasileiro é o mais inacessível do mundo. Revista online **Época**. 28 de agosto de 2015. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/vida/esporte/noticia/2015/08/elitizacao-do-futebol-ingresso-brasileiro-e-o-mais-inacessivel-do-mundo.html>>. Acesso em: 5 out. 2018.

CAPRARO, André Mendes. O estádio Joaquim Américo – a “Arena da Baixada” – e a identidade clubística do torcedor do Clube Atlético Paranaense. **Revista Campos** (UFPR). Curitiba, v. 05, n.01, p. 131-149, 2004.

CASTILHO, Denis. Os sentidos da modernização - DOI 10.5216/bgg.V30i2.13285. **Boletim Goiano de Geografia**, [S.l.], v. 30, n. 2, p. 125-140, abr. 2011. ISSN 1984-8501. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/bgg/article/view/13802>>. Acesso em: 13 ago. 2018.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. A questão da tradição: Algumas considerações preliminares para se investigar o saber-fazer tradicional. **Fórum Patrimônio: Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável** (UFMG. Online), v. 7, p. 1-14, 2014.

CBF. **Cadastro Nacional de Estádios de Futebol** – CNEF. 18 de janeiro de 2016. Disponível em: <https://conteudo.cbf.com.br/cdn/201601/20160122182359_0.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2019.

CERETO, Marcos Paulo. A copa da Amazônia: uma copa verde? In: X Seminário Internacional - NUTAU 2014 - Megaeventos e Sustentabilidade - Legados tecnológicos na Arquitetura, Urbanismo e Design, 10., 2014, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo, SP: USP, 2014. p. 1-30.

CERETO, Marcos Paulo. **Arquitetura de massas**: O caso dos estádios brasileiros. 322 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003a.

CERETO, Marcos Paulo. Estádios Brasileiros de Futebol: uma Reflexão Modernista?, In: V Seminário DocoMomo Brasil, 5., 2003, São Carlos. **Anais** [...]. São Carlos: Edusp, 2003b. p. 1-15.

CERIMÔNIA confirma hoje capital de MT como sede. **Gazeta Digital**. 31 de maio de 2009. Disponível em: [http://www.gazetadigital.com.br/conteudo/show/secao/21/og/1/materia/211861/t/cerimonia-confirma-hoje-capital-de-mt-como-sede->](http://www.gazetadigital.com.br/conteudo/show/secao/21/og/1/materia/211861/t/cerimonia-confirma-hoje-capital-de-mt-como-sede-). Acesso em: 14 jan. 2018.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998. 351 p.

CLUBES empresa são a bola da vez em MT. **Gazeta Digital**. Cuiabá 25 de agosto de 2003. Disponível em: <https://www.gazetadigital.com.br/editorias/esporte/clubes-empresa-sao-a-bola-da-vez-em-mt/11024>>. Acesso em: Acesso em: 29 jul. 2019.

CLUBE de futebol em MT é vendido em rede social: “se não anunciar, não vende!”. **Globo Esporte**. 8 de novembro de 2017. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/mt/noticia/clube-de-futebol-em-mt-e-vendido-em-rede-social-se-nao-anunciar-nao-vende.ghtml>>. Acesso em: 29 jul. 2019.

CLUBE coloca Mato Grosso no mapa do futebol e atrai até torcidas rivais. **Folha de São Paulo**. São Paulo 16 de setembro de 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2018/09/clube-coloca-mato-grosso-no-mapa-do-futebol-e-atrai-ate-torcidas-rivais.shtml>>. Acesso em: 26 set. 2019.

COM renda recorde: Mixto vence e quebra invencibilidade do Vasco no Nacional. **O Estado de Mato Grosso**. Cuiabá 16 de setembro de 1976, p. 9. Arquivo da Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pasta=ano%20197&Pesq=COM%20renda%20recorde:%20Mixto%20vence%20e%20quebra>>. Acesso em 19 de jul. 2019.

COMO funcionam os direitos de transmissão do futebol brasileiro e o impacto disso para o torcedor. **Ludopédio**. 2 de fevereiro de 2018. Não paginado. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/direitos-de-transmissao/>>. Acesso em: 15 jul. 2019.

COMOVIDAMENTE Cuiabá disse: “Adeus Ranulpho”. **O Estado de Mato Grosso**. Cuiabá, 4 de fevereiro de 1975, p. 8. Arquivo da Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=Comovidamente%20cuiab%C3%A>>. Acesso em: 1 maio 2018.

COPA do Brasil: Cuiabá melhor na média de público. **O Estado de Mato Grosso**. Cuiabá 7 de novembro de 1976, p. 8. Arquivo da Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader>.

aspx?bib=098086&Pasta=ano%20197&Pesq=Copa%20do%20Brasil:%20Cuiab%c3%a1%20melhor%20na%20m%c3%a9dia%20de%20p%c3%ablico>. Acesso em: 2 ago. 2019.

CUIABÁ EC fica com R\$141 mil de renda líquida. **Olhar Esportivo**. 22 de agosto de 2018. Disponível em: <<http://olharesportivo.com.br/noticia/cuiabac-fica-com-r141-mil-de-renda-liquida/10032>>. Acesso em: 19 fev. 2019.

CUIABÁ na década de 1970. **Gazeta Digital**, 9 de abril de 2006. Disponível em: <<http://www.gazetadigital.com.br/editorias/opiniaocuiaba-na-decada-de-1970/107264>>. Acesso em: 15 jul. 2019.

DAMO, Arlei Sander. O espetáculo das identidades e das alteridades: as lutas pelo reconhecimento no espectro do clubismo brasileiro. In: CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela (org.). **Futebol objeto das ciências humanas**. São Paulo: Leya, 2014. 384 p.

DAMO, Arlei Sander. O desejo, o direito e o dever: a trama que trouxe a Copa ao Brasil. **Movimento**, v. 18, n. 2, p. 41-81, 2012.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DAMO, Arlei Sander. **Para o que der e vier**: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores. 247 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

DANTAS, Marke Geise da Silva; MACHADO, Márcio André Veras; MACEDO, Marcelo Alvaro da Silva. Fatores determinantes da eficiência dos clubes de futebol do Brasil. **ASAA**. Advances in Scientific and Applied Accounting, v. 8, p. 113-132, São Paulo, jan./abr. 2015.

DECIDIDA a participação de MT no “Brasileirão”. **O Estado de Mato Grosso**. Cuiabá 19 de abril de 1975, p. 7. Arquivo da Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=uma%20vez%20decidido%20que%20o%20comercial>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

DÉCIO LEAL quer contrato para continuar no Mixto EC. **O Estado de Mato Grosso**. Cuiabá 7 de março de 1978, p. 6. Arquivo da Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pasta=ano%20197&Pesq=d%c3%a9cio%20leal%20quer%20contrato>>. Acesso em: 5 maio 2019.

DO RICO ao Pobre – site de comunicação do futebol curitibano. Disponível em: <<http://www.doricoapobre.com.br/2013/06/ha-14-anos-o-brasil-conhecia-o-novo.html>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

DOEMT – Diário Oficial do Estado de Mato Grosso. 17 de janeiro de 2018. Disponível em: <<http://www.iomat.mt.gov.br/>>. Acesso em: 10 mar. 2019.

D. BOSCO consegue mais três reforços. **O Estado de Mato Grosso**. Cuiabá 5 de março de 1978, p. 8. Arquivo da Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=D.%20bosco%20consegue%20mais%20tr%C3%AAs&pasta=ano%20197>>. Acesso em: 5 maio 2019.

DOM BOSCO zera dívidas e começa recuperar a sede social. **Hipernotícias**. Cuiabá 01 de dezembro de 2013. Disponível em: <<https://www.hipernoticias.com.br/cuiabania/dom-bosco-zera-dividas-e-comeca-recuperar-a-sede-social/31053>>. Acesso em: 29 jul. 2019.

DORILEU, Benedito Pedro. **Folhas Evocativas**. Cuiabá: Entrelinhas, 2018. 528 p.

EDER fala sobre andamento das obras para Copa. **Gazeta Digital**. 14 de setembro de 2011. Disponível em: <<http://www.gazetadigital.com.br/editorias/cidades/eder-fala-sobre-andamento-das-obras-para-copa/292827>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

ELIAS, Nobert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992. 421 p.

EM CUIABÁ, terceiro turno é adotado em obras do VLT e da Arena, 2013. **Mobilize**. 11 de janeiro de 2013. Disponível em: <<https://www.mobilize.org.br/noticias/3364/em-cuiaba-terceiro-turno-e-adotado-em-obras-do-vlt-e-da-arena.html>>. Acesso em: 16 abr. 2017.

EM DIA DE VISITA do presidente da Samsung, Silval Barbosa define nome da Arena Pantanal. **Olhar Direto**. 26 de fevereiro de 2014. Disponível em: <https://www.olhardireto.com.br/copa/noticias/exibir.asp?noticia=Em_dia_de_visita_do_presidente_da_Samsung_Silval_Barbosa_define_nome_da_Arena_Pantanal&cid=7708>. Acesso em: 14 dez. 2018.

EMANUEL chama Arena de ‘elefante branco’ e anuncia nova festa dos 300 anos: “tive que trocar a roda do carro com ele andando”. **Olhar Direto**. 28 de março de 2019. Disponível em: <<https://www.olhardireto.com.br/conceito/noticias/exibir.asp?id=17278¬icia=emanuel-chama-arena-de-elefante>>

branco-e-anuncia-nova-festa-dos-300-anos-tive-que-trocar-a-roda-do-carro-com-ele-andando>. Acesso em: 19 fev. 2019.

EMPATE com o Goiás maraca estreia do Mixto. **O Estado de Mato Grosso**. Cuiabá 31 de agosto de 1976, p. 7. Arquivo da Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pasta=ano%20197&Pesq=empate%20com%20o%20goi%3%a1s>>. Acesso em: 3 jun. 2019.

ENTENDA ou relembre o que aconteceu no Brasileirão de 1987. **UOL**, 15 de março de 2016. Disponível em: <<https://pvc.blogosfera.uol.com.br/2016/03/15/entenda-ou-relembre-o-que-aconteceu-no-brasileirao-de-1987/>>. Acesso em 3 jun. 2019.

ENTRE os dois clubes de foot-ball. **O Debate**. Cuiabá 15 de novembro de 1913, p. 1. Arquivo da Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=765660&pasta=ano%20191&pesq=anunciado%20torneio%20no%20Campo%20D%E2%80%99Ourique>>. Acesso em: 23 fev. 2018.

ESTÁDIO de Cuiabá: Fragelli desapropria área. **O Estado de Mato Grosso**. Cuiabá 1 de março de 1972, p. 1, 6. Arquivo da Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=decreto%2037>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

ESTÁDIOS de Corinthians e Palmeiras estão entre os melhores em ranking. **Fox Sports**. 28 de janeiro de 2016. Disponível em: <<https://www.foxsports.com.br/news/237494-estadios-de-corinthians-e-palmeiras-estao-entre-os-melhores-em-ranking>>. Acesso em: 24 ago. 2019.

ESTÁDIOS de futebol se transformam em arenas multiuso. **Revista Business Chief**. Online. 11 de fevereiro de 2014. Disponível em: <<https://brazil.businesschief.com/assuntodedinheiro/1033/Estaacutedios-de-futebol-se-transformam-em-arenas-multiuso#>>. Acesso em: 17 out. 2017.

ESTADO deve processar empresas por 2 obras da Copa paradas em Cuiabá. **G1**. 24 de fevereiro de 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2016/02/estado-deve-processar-empresas-por-2-obras-da-copa-paradas-em-cuiaba.html>>. Acesso em: 20 ago. 2019.

ESTATUTO do Torcedor faz dez anos sem cumprir objetivo principal. **UOL Esporte**. 15 de maio de 2013. Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimasnoticias/2013/05/15/estatuto-do-torcedor-faz-dez-anos-sem-cumprir-objetivo-principal.htm>>. Acesso em 12 jun. 2019.

ERNESTO Vargas confirma: Verdão em janeiro. **O Estado de Mato Grosso**. Cuiabá 24 de janeiro de 1974, p. 10. Arquivo da Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=Verd%C3%A3o%20em%20janeiro>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

FAGUNDES, André Francisco Alcântara. **Um modelo dos fatores que influenciam a satisfação dos torcedores na ida aos estádios de futebol no Brasil e sua intenção de retorno**. 201 f. Tese (Doutorado em Administração) – Centro de Pós Graduação e Pesquisa em Administração, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

FALTA de humildade leva Mixto à derrota. **O Estado de Mato Grosso**. Cuiabá 21 de setembro de 1976, p. 9. Arquivo da Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pasta=ano%201976&Pesq=FALTA%20de%20humildade%20leva%20Mixto%20%c3%a0%20derrota>> Acesso em: 19 jul. 2019.

FERNANDES, Eduarda. 1º estádio-escola do país já funciona na Arena; Taques promete expandir. **RD News**. Cuiabá 4 maio 2017. Disponível em: <<http://www.rdnews.com.br/executivo/1-estadio-escola-do-pais-e-inaugurado-na-arena-pantanal-taques-quer-expandir-projeto/84446>>. Acesso em 12 jan. 2018.

FIFA. **Estádios de futebol: recomendações e requisitos técnicos**. 5. ed. 2011. Disponível em: <http://pt.fifa.com/mm/document/tournament/competition/01/37/17/76/p_sb2010_stadiumbook_ganz.pdf>. Acesso em: 5 maio 2018.

FILHO, Macedo. **Quatro anos de Verdão**. Cuiabá: [s.n.], 1980. 92 p.

FOI TAPETÃO e politicagem, diz Puccineli sobre derrota. **Primeira Hora**. 2 de junho de 2009. Disponível em: <<http://www.primeirahora.com.br/noticia/12717/foi-tapetao-e-politicagem-diz-puccineli-sobre-derrota>>. Acesso em 14 jan. 2018.

FOOT-BALL. **O Debate**. Cuiabá 18 de novembro de 1913, p. 2. Arquivo da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=765660&pasta=ano%201913&pesq=o%20interesse%20em%20que%20se%20achava>> Acesso em: 2 jun. 2018.

FOLHA de São Paulo Digital. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/asmais/2016/07/1793602-saiba-quanto-o-corinthians-ainda-deve-pelo-seu-estadio-como-pretende-pagar-e-quais-riscos-se-ficar-inadimplente.shtml>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

FORTES, Rafael. O Mundial de 2014 no Imaginário Popular Brasileiro. In: MARQUES, José Carlot (org.). **A Copa das Copas?** Reflexões sobre o Mundial de Futebol de 2014 no Brasil. E-book. São Paulo: Edições Ludens, 2015. cap. 3, p. 39-56.

FRAGELLI e esposa serão homenageados: estádio. **O Estado de Mato Grosso**. Cuiabá 6 de setembro de 1972, p. 7. Arquivo da Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=Fragelli%20e%20esposa%20ser%C3%A3o>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses:** futebol, cultura e sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 433 p.

FRANZINI, Fábio. Futebol, identidade e cidadania no Brasil dos anos 30. In: XIX Simpósio da ANPUH, Belo Horizonte, 19., 1997. **Caderno de Resumos...** Belo Horizonte: ANPUH, 1997. Disponível em: <https://anpuh.org.br/uploads/ANPUH_S19.R.pdf>. Acesso em: 3 jan. 2019.

FUTEBOL: a tradição fala mais alto. **O Estado de Mato Grosso**. Cuiabá 17 de setembro de 1976, p. 6. Arquivo da Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pasta=ano%20197&Pesq=recordes%20crescentes%20nas%20bilheterias>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

FUTEBOL Nacional. Disponível em: <https://futebolnacional.com.br/infobol/stadiumdetails.jsp?code=46510ACAE5E33FFC3EE8C9F72E569D84&lang=pt_br>. Acesso em: 12 fev. 2018.

FUTEBOL no Estádio. Disponível em: <<http://futebol.noestadio.blogspot.com.br/2011/02/localizando-estadios-01-estadio-do.html>>. Acesso em 14 maio 2018.

GAFFNEY, Christopher. Arenas de Conflito: os processos conflituosos durante a preparação para a Copa do Mundo no Brasil. In: SANTOS JÚNIOR, Orlando Alves dos; GAFFNEY, Christopher; RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. **Brasil:** os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas. Rio de Janeiro: E-papers, 2015. cap. 8, 185-202.

GAFFNEY, Christopher; MASCARENHAS, Gilmar. O estádio de futebol como espaço disciplinar. In: Bernardo Buarque de Hollanda, Luiz Guillerme Burfarmaqui. (org.). **Desvendando o jogo**: nova luz sobre o futebol. Niterói: Editora da UFF, 2014. cap. 4, p. 85-106.

GALVÃO, Pedro. Relembre 14 coisas que só quem foi ao Mineirão antigo sabe como era – Na semana dos 50 anos do Gigante, o saudosismo fala mais alto. 2 de setembro de 2015. **Super Esportes**. Disponível em: <<https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/especiais/mineirao-50-anos/noticias/2015/09/02/noticia-mineirao50anos,318457/relembre-14-coisas-que-so-quem-foi-ao-mineirao-antigo-sabe-como-era.shtml>>. Acesso em: 12 maio 2018.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991. 156 p.

GLOBO Esporte. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/mt/noticia/2014/04/arena-pantanal-e-sua-linha-do-tempo-da-construcao-inauguracao.html>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

GLOBO.com. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/mt/copadomundo/noticia/2014/06/arena-pantanal-bate-recorde-de-publico-em-jogo-sem-apelo.html>>. Acesso em: 5 fev. 2019.

GOOGLE Maps. Disponível em: <<https://www.google.com/maps/place/Est%C3%A1dio+do+Com%C3%A9rcio/@15.5924933,1022387,359m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x939db19042ce5413:0x31e5eb7952374ab4!8m2!3d-15.592719!4d-56.1010068?hl=pt-BR>>. Acesso em: 8 ago. 2019a.

GOOGLE Maps Disponível em: <<https://www.google.com/maps/place/Est%C3%A1dio+Eurico+Gaspar+Dutra++Dutrinha/@-15.6074638,-56.1050048,214m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x939db1f228c92d8b:0x87efac11f607886b!8m2!3d-15.6070545!4d-56.1052672?hl=pt-BR>>. Acesso em: 8 ago. 2019b.

GOVERNO Brasileiro Sobre a Copa do Mundo. Disponível em: <http://copa2014.gov.br/pt-br/dinamic/galeria_imagem/14961>. Acesso em: 27 maio 2018.

GOVERNO de Mato Grosso. 22 de dezembro de 2015. Disponível em <<http://www.mt.gov.br/-/mais-de-250-mil-pessoas-passaram-pela-arena-pantanal-este-ano>>. Acesso em: 5 jul. 2019.

GOVERNO do Estado chama população para torcer por Cuiabá. **SEFAZ-MT**. 28 de maio de 2009. Disponível em: <<http://www5.sefaz.mt.gov.br/-/governo-do-estado-chama-populacao-para-torcer-por-cuiaba>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

GRAMADO da Arena Pantanal já está plantado. **Portal da Copa**. 6 de dezembro de 2013. Disponível em: <<http://www.copa2014.gov.br/pt-br/noticia/gramado-da-arena-pantanal-ja-esta-plantado>>. Acesso em: 23 abr. 2017.

GP LABOMIDIA/UFSC. **O Brasil na Copa, a Copa no Brasil**: registros de agendamento para 2014 na cobertura da midiática da Copa da África do Sul. Giovanni De Lorenzi Pires (org.). – Florianópolis: Tribo da Ilha, 2011. p. 200.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990. 133 p.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós Modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 102 p.

HELAL, Ronaldo. **Passes e impasses**: futebol e cultura de massa no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. 136 p.

HELENO Nunes confirma: Cuiabá no Brasileirão. **O Estado de Mato Grosso**. Cuiabá 10 de abril de 1976, p. 13. Arquivo da Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pasta=ano%20197&Pesq=HELENO%20Nunes%20confirma:%20Cuiab%3a1%20no%20Brasileir%3a3o>>. Acesso em: 9 jul. 2019.

HOBSBAWM, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). **A invenção das tradições**. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. 16ª ed.. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008. p. 9-24.

HOJE, a esperada inauguração do “Verdão”. **O Estado de Mato Grosso**. Cuiabá 8 de abril de 1976, p. 9. Arquivo da Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=HOJE,%20a%20esperada%20inaugura%C3%A7%C3%A3o%20do%20%E2%80%9CVerd%C3%A3o%E2%80%9D>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

HOJE o “chute inicial” das obras do Verdão. **O Estado de Mato Grosso**. Cuiabá 9 de setembro de 1972, p. 1. Arquivo da Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=HOJE%20o%20%E2%80%9Cchute%E2%80%9D>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

IBGE. Situação demográfica, população estimada. 1976. Disponível em: <[https://seculoxx .ibge.gov.br/images/seculoxx/arquivos_download/populacao/1976/populacao_m_1976aeb_033_a_060.pdf](https://seculoxx.ibge.gov.br/images/seculoxx/arquivos_download/populacao/1976/populacao_m_1976aeb_033_a_060.pdf)>. Acesso em: 3 jul. 2019.

INAUGURAÇÃO do “Verdão” com renda Record. **O Estado de Mato Grosso**. Cuiabá 13 de março de 1975, p. 1. Arquivo da Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <[http://memoria .bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=a%20capital%20de%20mato%20grosso%20parou%20na%20tarde%20de%20ontem](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=a%20capital%20de%20mato%20grosso%20parou%20na%20tarde%20de%20ontem)>. Acesso em: 23 fev. 2018.

INCÊNDIO atinge área interna da Arena Pantanal. **Veja Online**. 25 de outubro de 2013. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/esporte/incendio-atinge-area-interna-da-arena-pantanal/>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

INTEGRAÇÃO: um troféu entre Mixto e Dom Bosco. **O Estado de Mato Grosso**. Cuiabá 24 de abril de 1973, p. 1. Arquivo da Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&PagFis=1786_2&Pesq=mato%20grosso%20no%20campeonato%20nacional>. Acesso em: 3 mar. 2019.

JORDÃO, Angela; OLIVEIRA, Otmar. Dutrinha é patrimônio do município de Cuiabá. **Prefeitura de Cuiabá, Secretaria de Comunicação**. Cuiabá, 30 de setembro de 2011. Disponível em: <[http://www.cuiaba.mt.gov.br/esporte-cidadania-e-juventude/ dutrinha-e-patrimonio-do-municipio-de-cuiaba/3541](http://www.cuiaba.mt.gov.br/esporte-cidadania-e-juventude/dutrinha-e-patrimonio-do-municipio-de-cuiaba/3541)>. Acesso em: 12 fev. 2018.

JORNAL Folha de Brasília. Disponível em: <[https://folhadebrasil .com/2015/07/08/o-valor-de-r-2-bilhoes-que-ja-e-tido-como-o-gasto-oficial-na-construcao-do-ma ne-garrincha-pode-ser-muito-maior/](https://folhadebrasil.com/2015/07/08/o-valor-de-r-2-bilhoes-que-ja-e-tido-como-o-gasto-oficial-na-construcao-do-ma-ne-garrincha-pode-ser-muito-maior/)>. Acesso em: 07 mar. 2017.

JORNAL Tribuna do Norte. Disponível em: <<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/sejel-prepara-eventos-para-despedida-do-estadio-machadao/179626>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

KACHANI, Morris. Veja as diferenças entre estádios e arenas. **Uol Folha de São Paulo**, 31 de julho de 2014. Disponível em: <<https://m.folha.uol.com.br/esporte/2014/07/1493603-veja-as-diferencas-entre-estadios-e-arenas.shtml>>. Acesso em 20 jul. 2018.

KUMAR, Krishan. **Da Sociedade Pós-Industrial à Pós-Moderna**: Novas teorias sobre o mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. 304 p.

LECHNER, Norbert. A modernidade e a modernização são compatíveis?: O desafio da democracia latino-americana. **Lua Nova**, São Paulo, n. 21, p. 73-86, Out. 1990. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010264451990000100005 &lng=en&nrn=iso>. Acesso em: 10 mar. 2018.

LEITE, Cristina Maria Costa. **O Lugar e a Construção da Identidade**: os significados construídos por professores de Geografia do Ensino Fundamental. 239 f. Tese. (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

LIMA, Fabiana Cristina de; BENITEZ, Allan Kardec Pinto Acosta; RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. Manhã esportiva de lazer na Câmara Municipal de Cuiabá: refletindo outros modos de se estar e viver na cidade. In: AZEVEDO, Maria Thereza (org.). **Cidade Possível**: 100Em1Dia Cuiabá. Curitiba: CRV, 2017. cap. 14, p. 151-164.

LONDRES, Cecília. Patrimônio Imaterial. **Revista Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro. n. 147, p.69-78, out./dez. de 2001.

LÓPES, Mariângela Sólla. A Crônica das doze e cinco de Alves de Oliveira. In: CUNHA, Mágda Rodrigues da Cunha; HAUSSEN, Doris Fagundes (org.). **Rádio Brasileiro**: episódios e personagens. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. cap. 18, p. 269-282.

LUDOPÉDIO. Disponível em: <<https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/um-brasil-que-se-foi-o-pais-dos-estadios-gigantes/>>. Acesso em: 28 ago. de 2018.

LUDOPÉDIO. Disponível em: <<https://www.ludopedio.com.br/futebol-arte/arena-pernambuco/>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

MACEDO, Daniel Almeida de. **Mato Grosso**: Governo, política e sociedade (1977-2010). 252 f. Tese. (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

MANIFESTANTES invadem Arena Pantanal durante visita da FIFA. **Gazeta do Povo**. 8 de outubro de 2013. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/esportes/copa/2014/dados-das-edes/cuiaba/manifestantes-invadem-arena-pantanal-durante-visita-da-fifa-3sdibudyq28u32n0kg08tsx1q/>>. Acesso em: 16 abr. 2017.

MARQUES, Alline; ANDRADE, Thiago. Viabilidade da Arena em xeque. **Diário de Cuiabá**, Jan. 2015. Disponível em: <<http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=464540&cedicao=14100&anterior=1>>. Acesso em 12 jan. 2018.

MASCARENHAS, Gilmar. Um Brasil que se foi: o país dos estádios gigantes. **Ludopédio**. 27 de agosto de 2018. Não paginado. Disponível em: <<https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/um-brasil-que-se-foi-o-pais-dos-estadios-gigantes/>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

MASCARENHAS, Gilmar. Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol. **Cidades**, v.10, n. 17, p. 142-170, 2013.

MASCARENHAS, Gilmar. A mutante dimensão espacial do futebol: forma simbólica e identidade. **Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro: UERJ. n. 19-20, p. 61-70, Jan./Dez. de 2005.

MÁXIMO, João. Memórias do futebol brasileiro. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 13, n. 37, p. 179-188, 1999.

MINISTÉRIO do Esporte e FGV monitoram obras. **Gazeta Digital**. 12 de maio de 2011. Disponível em: <<http://www.gazetadigital.com.br/editorias/cidades/ministerio-do-esporte-e-fgv-monitoram-obras/274748>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

MIXTO mais perto de conciliar dívidas por Ato Trabalhista. **Cidade nos Esportes**. Cuiabá 16 de fevereiro de 2019. Disponível em: <<http://www.cidadenosesportes.com.br/mixto-mais-perto-de-conciliar-dividas-por-ato-trabalhista/>>. Acesso em: 12 ago. 2019

MIXTONET.com. disponível em: <<http://www.mixtonet.com/2008/03/estdio-dutrinha.html>>. Acesso em: 14 maio 2018.

MIXTONET.com. Disponível em: <<http://www.mixtonet.com/2008/03/estdio-verdo.html>>. Acesso em: 8 mar. 2018.

MUSSE, Ricardo. O debate marxista sobre a pós-modernidade. **Revista Z Cultural**, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro, número V. ano VII, p. 7, 2012. Disponível em: <<http://revistazcultural.pacc.ufjf.br/o-debate-marxista-sobre-a-pos-modernidade-de-ricardo-musse/>>. Acesso em: 3 mar. 2018.

NA INSPEÇÃO da Fifa à Arena Pantanal, Bebeto alerta sobre o gramado. **Olhar Copa**. 20 de janeiro de 2014. Disponível em: <https://www.olhardireto.com.br/copa/noticias/exibir.asp?noticia=Na_inspecao_da_Fifa_a_Arena_Pantanal_Bebeto_alerta_sobre_o_gramado_Veja_como_foi_a_visita_&id=6862#!prettyPhoto>. Acesso em: 19 maio 2017.

NASCIMENTO, Cristiano; BARRETO, Túlio Velho. 'Habitús' dos torcedores brasileiros e adoção do 'padrão Fifa' nos estádios da Copa do Mundo de futebol 2014. **Estudos de Sociologia - ISSN: 2317-5427**, [S.l.], v. 2, n. 19, abr. 2013. ISSN 2317-5427. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/1235573/28531>>. Acesso em: 5 out. 2018.

O ESTÁDIO vai sair mesmo. **O Estado de Mato Grosso**. Cuiabá 2 de março de 1972, p. 4. Arquivo da Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pasta=ano%20197&Pesq=02%20de%20mar%3%a7o%20de%201972>>. Acesso em: 9 jul. 2019.

O MOMENTO é de somar esforços. **O Estado de Mato Grosso**. Cuiabá 14 de abril de 1976, p. 6. Arquivo da Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pasta=ano%20197&Pesq=o%20momento%20c3%a9%20de%20somar%20esfor%3%a7os>>. Acesso em: 23 jul. 2019.

O PÚBLICO nos estádios do Brasil. **Globo Esporte**. 25 de julho de 2019. Disponível em: <<http://app.globoesporte.globo.com/futebol/publico-no-brasil/time/cuiaba/index.html>>. Acesso em: 3 out. 2019.

O VERDÃO e o CPA. **O Estado de Mato Grosso**. Cuiabá 29 de junho de 1973, p. 2. Arquivo da Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=TODO%20OS%20PROBLEMAS%20T%C3%89CNICOS%20QUE%20ESTAVAM>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

OBRAS estão atrasadas e população teme saída de Cuiabá. **Gazeta Digital**. 29 de maio de 2011. Disponível em: <<http://www.gazetadigital.com.br/editorias/cidades/obras-estao-atrasadas-e-populacao-teme-saida-de-cuiaba/277077>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

OLHAR Direto. Disponível em: <[https://www.olhardireto.com.br/copa/noticias/exibir.asp?noticia=Em_jogo_historico_Chile_vence_a_Australia_por_3_a_1_na_Arena_Pantanal_veja_como_foi&id=10183#!prettyPhoto\[galeria\]/120/>](https://www.olhardireto.com.br/copa/noticias/exibir.asp?noticia=Em_jogo_historico_Chile_vence_a_Australia_por_3_a_1_na_Arena_Pantanal_veja_como_foi&id=10183#!prettyPhoto[galeria]/120/>)>. Acesso em: 5 fev. 2019.

OLIVEIRA, Pedro Muxfeldt. **A modernização pela metade do futebol brasileiro**: gentrificação e ataque à cultura torcedora. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Escola de Comunicação, Bacharel em Comunicação Social: Jornalismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

OLIVEIRA JUNIOR. História do estádio que seria a cópia do Maracanã pode virar livro. **Jornal Gazeta Digital**. Cuiabá, 16 de março de 2007. Disponível em: <<http://www.gazetadigital.com.br/conteudo/show/secao/21/materia/137738>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

OPERÁRIO de Ponta Grossa vence o Cuiabá e conquista a Série C. **Veja**. 23 de setembro de 2018. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/placar/operario-de-ponta-grossa-vence-o-cuiaba-e-conquista-a-serie-c/>>. Acesso em 3 jun. 2019.

PALANQUE para políticos domina festas da vitória por sede de 2014. **UOL Esporte**. 1 de junho de 2009. Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas.noticias/2009/06/01/ult59u198696.jhtm>>. Acesso em 12 jan. 2018.

PASSEATA dos 50 mil foi maior protesto da história em Cuiabá. **Mídia News**. 2 de janeiro de 2014. Disponível em: <<https://www.midianews.com.br/cotidiano/passeata-dos-50-mil-foi-maior-protesto-da-historia-em-cuiaba/181754>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

PEREIRA, Jovino Alberto Oliveira. **Futebol, de esporte amador a negócio de entretenimento e lazer em uma sociedade midiaticizada**. 283 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Escola de Administração, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

PEREIRA, Rodrigo Pinheiro Tóffano. **Sustentabilidade em estádios de futebol**: o caso da Arena Pantanal em Cuiabá-MT. 306 f. Dissertação (Mestre em Engenharia de Edificações e Ambiental) – Faculdade de Arquitetura, Engenharia e Tecnologia, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2013.

PERINA, Fábio. Futebol pós-moderno e de controle. **Ludopédio**. 23 de maio de 2019. Não paginado. Disponível em: <<https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/futebol-pos-moderno-e-de-controle/>>. Acesso em: 10 out. 2019.

PERSPECTIVA Online. Disponível em <<https://perspectivaonline.com.br/2018/02/28/onde-assistir-ao-jogo-internacional-x-cianorte-copa-do-brasil-2018/>>. Acesso em: 27 maio 2018.

PLATAFORMA Show do Esporte. Disponível em: <<http://www.showdoesporte.com.br/noticias/futebol/111927/>>. Acesso em: 7 mar. 2017.

PLENO News. Disponível em: <<https://pleno.news/brasil/cidades/pf-investigacao-irregularidades-na-arena-fonte-nova.html>>. Acesso em: 27 maio 2018.

POLLACK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Tradução de Dora Rocha Flaksman. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PORTAL do SUDERJ. Disponível em: <<http://www.suderj.rj.gov.br/maracana.asp>>. Acesso em: 27 maio 2018.

PÓVOAS, Lenine de Campos. **Cuiabá de Outrora**: testemunho ocular de uma época. Cuiabá: Editora Resenha Tributária, 1983. 208 p.

PREFEITURA de Cuiabá é parceira do Projeto “Pintando A Copa”. **Olhar Direto**. 9 de março de 2012. Disponível em: <<http://www.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?id=242245&edt=25¬icia=prefeitura-de-cuiaba-e-parceira-do-projeto-pintando-a-copa>>. Acesso em 12 jan. 2018.

PROIBIÇÃO de rádios de pilha surpreende torcedores na entrada do Beira-Rio. **Gauchazh Colorado**. Porto Alegre 3 de abril de 2019. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/inter/noticia/2019/04/proibicao-de-radios-de-pilha-surpreende-torcedores-na-entrada-do-beira-rio-cju1r113d00m601nvanbuw8wz.html>>. Acesso em: 3 ago. 2019.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**. 275 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

PRONUNCIAMENTO de Jayme Campos em 25 de fevereiro de 2014. **Senado Federal**. Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/pronunciamentos/-/p/texto/406105>>. Acesso em: 14 dez. 2018

PÚBLICO de 2018 não ocupa nem metade da Arena Pantanal. **Circuito Mato Grosso**. 18 de março de 2018. Disponível em: <<http://circuitomt.com.br/editorias/esportes/127164-publico-de-2018-nao-ocupa-nem-metade-da-arena-pantanal-.html>>. Acesso em: 19 fev. 2019.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Editora Ática S.A, 1993. 269 p.

RESULTADO do julgamento das propostas concorrência nº 017/2009. **DOEMT** – Diário Oficial de Mato Grosso. Edição de 24 de março de 2010, p. 35. Disponível em: <<http://www.iomat.mt.gov.br/>>. Acesso em: 13 jun. 2017.

REVISTA Época. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI185322-15223,00-FINANCIAMENTO+DE+ESTATAL+PARA+CONSTRUIR+ESTADIO+DA+COPA+EM+BRASILIA+PODE+CH.htm>>. Acesso em: 07 mar. 2017.

REVISTA Única. Disponível em: <<http://www.unicanews.com.br/politica/justica-suspende-liminar-que-brigava-mendes-junior-a-concluir-arena-pantanal/5885>>. Acesso em: 07 mar. 2017

RÍMOLI, Cosme. Por dentro de um elefante branco abandonado. A Arena Pantanal. **Esportes R7**. 8 de fevereiro de 2018. Disponível em: <<https://esportes.r7.com/prisma/cosme-rimoli/por-dentro-de-um-elefante-branco-abandonado-arena-pantanal-07022018>>. Acesso em: 19 fev. 2019.

RIVITI, Thiago Garcia. **Futebol brasileiro na atualidade: história, cultura e profissionalização**. 95 f. Dissertação (Mestre em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual de São Paulo, Assis, 2016.

ROCCO JÚNIOR, Ary José; MAZZEI, Leandro Carlos; OLIVEIRA, Luciana Rocco. Os Novos Estádios e Arenas do Futebol Brasileiro e a Comunicação: o esporte como entretenimento e a cidade como negócio. In: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 38., 2015, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2015 - v. 1. p. 1-15.

RODRIGUES, Francisco Xavier; FONSECA, Christiany Regina; VIANA, Amanda Mota; RODRIGUES, Francisca Janaina Freire, BROPONEPÁ, Neuzinho Uapodonepá; RUSSO, Franceline Silva. A Copa no Pantanal: percepções dos cuiabanos sobre a Copa do Mundo de Futebol de 2014 Cuiabá/MT. **Revista Motrivivência** Ano XXIV, n. 38, p. 187-201 Jun. 2012.

ROMÃO, Wagner de Melo. #naovaitercopa: manifestações, Copa do Mundo e as eleições de 2014. **Revista Agenda Política**, v. 1, p. 152-167-167, 2014.

RONALDO Fenômeno diz que gramado da Arena tem 'padrão Fifa'. **Circuito Mato Grosso**. 23 de abril de 2014. Disponível em: <<http://circuitomt.com.br/editorias/copa-2014/42479-ronaldo-fenomeno-diz-que-gramado-da-arena-tem-padrao-fifa.html>>. Acesso em: 19 maio 2017.

SÁ, Teresa. Lugares e não lugares em Marc Augé. **Tempo Social**, Revista de Sociologia da Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 209-229, 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/97978/96778>> Acesso em: 30 abr. 2017.

SANT'ANA JÚNIOR, Horácio Antunes de. Modernidade e tradição: aspectos de um debate sociológico sempre retomado. **Revista Políticas Públicas**, v. 9, n. 2, p.19-39, jul./dez. 2005.

SANTOS, Daniel de Araujo dos. **Futebol e política: a criação do Campeonato Nacional de Clubes de Futebol**. 148 f. Dissertação (Mestrado em História Política e Bens Culturais) – Programa de Pós-Graduação em História Política e Bens Culturais, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Rio de Janeiro, 2012.

SANTOS NETO, Antônio Alberto Matheus Dos. **A estrutura organizacional do futebol profissional no Brasil e o Clube dos 13**: análise comparativa entre os modelos de organização do futebol brasileiro, europeu e das ligas nos EUA. 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Econômicas) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SCHERER-WARREN, Ilse. Manifestações de rua no Brasil 2013: encontros e desencontros na política. **Caderno CRH** (UFBA. Impresso), v. 27, p. 417-429, 2014.

SEIS CONSÓRCIOS entregam proposta para licitação do novo Verdão. SEFAZ-MT. 21 de janeiro de 2010. Disponível em: <<http://www5.sefaz.mt.gov.br/-/seis-consorcios-entregam-proposta-para-licitacao-do-novo-verdao>>. Acesso em 20 abr. 2018.

SEM UTILIDADE, Arena Pantanal custa R\$ 8,4 milhões por ano ao Estado. **Repórter MT**. 24 de janeiro de 2017. Disponível em: <<http://www.reportermt.com.br/geral/geral/sem-utilidade-arena-pantanal-custa-r-8-4-milhoes-por-ano-ao-estado/63585>>. Acesso em: 19 fev. 2019.

SILVEIRA, Marcelo Paciello da. **O comportamento do consumidor esportivo**: um estudo sobre os fatores que influenciam o comparecimento do público aos estádios e arenas no Brasil. 107 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Administração e Gestão do Esporte) – Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2015.

SOM De RÁDIO no estádio, não há nada igual, nem haverá tão cedo. **Carta Capital – Chuteira F.C.**. Natal 2 de fevereiro de 2018. Disponível em: <<https://chuteirafc.cartacapital.com.br/eduardo-castr-opinioao-radio-para-ouvir-no-estadio-nao-ha-nada-igual-nem-havera-tao-cedo/>>. Acesso em: 2 ago. 2019.

SOMA DE PÚBLICO no estadual de MT quase não encheria a Arena Pantanal. **Globo Esporte**. Cuiabá 17 de maio de 2013. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/mt/noticia/2013/05/soma-de-publico-no-estadual-de-mt-quase-nao-enche-arena-pantanal.html>>. Acesso em: 12 set. 2019.

SOUZA, Fábio Augusto Pera de. Um estudo sobre a demanda por jogos de futebol nos estádios brasileiros. 109 f. Dissertação (Mestre em Administração) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

SURGE o “Verdão”: tratores em ação. **O Estado de Mato Grosso**. Cuiabá 11 de janeiro de 1972, p. 1. Arquivo da Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&Pasta=ano%20197&Pesq=surge%20o%20%22verd%C3%A3o%22>>. Acesso em: 23 fev. 2018.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão**: visitando jovens torcidas cariocas. São Paulo: Annablume, 2003. 188 p.

TORCEDOR brasileiro prefere Pay-per-view a ir ao estádio, diz pesquisa. **UOL Esporte**. 19 de julho de 2017. Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimasnoticias/2017/07/19/brasileiro-prefere-pay-per-view-a-ir-ao-estadio-diz-pesquisa.htm>>. Acesso em 18 jun. 2019.

TRÊS ANOS após início da Copa, ‘elefantes brancos’ servem até de escola para reduzir prejuízo. **BBC Brasil**. São Paulo 12 de junho de 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-40226673>>. Acesso em: 20 ago. 2019.

TRIBUNAL de Justiça Esportiva. **O Estado de Mato Grosso**. Cuiabá 26 de maio de 1959, p. 3. Arquivo da Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=tribunal%20de%20justi%C3%A7a%20esportiva&pasta=ano%201959>>. Acesso em: 13 jul. 2019.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983. 250 p.

TV CENTRO América: uma história que começou há 45 anos; conheça. 9 de março de 2017. **Globo.com**. Disponível em: <<https://redeglobo.globo.com/tvcentroamerica/noticia/tv-centro-america-uma-historia-que-comecou-ha-45-anos-conheca.ghtml>>. Acesso em: 5 jun. 2019.

UM NOVO estádio para Cuiabá. **O Estado de Mato Grosso**. Cuiabá 6 de outubro de 1970, p. 4. Arquivo da Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?bib=098086&pesq=O%20citado%20problema%20vai>>. Acesso em: 20 maio 2019.

UOL Esporte. Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/futebol/copa-2014/ultimas-noticias/2010/10/15/inter-analisa-garantias-financeiras-e-descarta-risco-do-beira-rio-na-copa.jhtm>>. Acesso em: 27 maio 2018a.

UOL Esporte. Disponível em: <<http://tribunadoceara.uol.com.br/esportes/futebol/ingressos-bilheteria-do-castelao-sera-aberta-ao-meio-dia/>>. Acesso em: 27 maio 2018b.

VERDÃO 30 anos. A história de um gigante imortal. **SAEL MT**. 21 de abril de 2006. Disponível em: <<http://www.esportes.mt.gov.br/-/verdao-30-anos-a-historia-de-um-gigante-imortal>>. Acesso em: 3 maio 2018.

“VERDÃO” do sonho à realidade. **O Estado de Mato Grosso**. Cuiabá, 28 de março de 1976, p. 1. Arquivo da Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader>>.



9 786555 880885

